

LUSOPRESS



UNINDO OS PORTUGUESES

Publicação mensal
Director: Lídia Sales

15º Ano · Nº 100

15 dez/15 jan 2021

Distribuição gratuita

100

Edições

Quinze anos unindo os Portugueses
A história da Lusopress



ALFYMA

À VOTRE SERVICE DEPUIS 1974

Sede social

ZAC du Prieuré

17 avenue Christian Doppler | 77700 Bailly-Romainvilliers - France

Tél. : 01 60 04 21 28 · Fax : 01 60 04 14 25 · E-mail : contact.bailly@alfy.ma.fr

Agence Amiens-Croixrault
Somme - tél. +33 (0) 3 2 89 19 01

Agence Alençon - Argentan
Orne - tél. +33 (0) 2 33 67 80 60

Agence Bordeaux - Coutras
Gironde - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Chartres - Le Coudray
Eure-et-Loire - tél. +33 (0) 2 37 26 50 13

Agence Cholet - La Tassoualle
Maine-et-Loire - tél. +33 (0) 2 41 56 45 47

Agence Compiègne - Verberie
Oise - tél. +33 (0) 3 44 40 99 56

Agence Concarneau - Rédéne
Finistère - tél. +33 (0) 2 98 96 39 39

Agence Dijon - Orville
Côte d'or - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Epinal - Chavelot
Vosges - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Lyon
Rhône - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Mantes-la-Jolie
Yvelines - tél. +33 (0) 1 30 94 35 62

Agence Marne-la-Vallée - Val d'Europe
Seine-et-Marne - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

Agence Nantes - Vigneux de Bretagne
Loire-Atlantique - tél. +33 (0) 2 40 92 16 00

Agence Nice
Alpes-Maritimes - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Nîmes - Saint-Ambroix
Gard - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Orléans - Marcilly-en-Villette
Loiret - tél. +33 (0) 2 38 56 02 46

Agence Rennes - Doumloup
Ille-et-Vilaine - tél. +33 (0) 2 99 37 58 50

Agence Sens - Saint-Clément
Yonne - tél. +33 (0) 3 86 83 33 09

Agence Toulouse - Saint-Gaudens
Haute-Garonne - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Versailles - Plaisir
Yvelines - tél. +33 (0) 1 30 54 23 61

Agence Lisbonne
Portugal - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

Agence Tunis
Tunisie - tél. +33 (0) 1 60 04 21 28

→ www.alfy.ma.fr

INSTALLATION ET REMPLACEMENT
DE BANDES TRANSPORTEUSES
SPÉCIALISTE DES SYSTÈMES
DE CONVOYAGE
SERVICE 24h/24

La garantie
de votre productivité



CONCESSIONAIRE/CONCESSIONÁRIA

Éxito Régie Publicitaire
19, avenue James de Rothschild
77164 FERRIÈRES EN BRIE
França

ASSOCIADOS

Armindo Freire
Fernando Amorim
Joaquim Filipe
José Gomes de Sá
Lídia Sales

PROPRIÉTAIRE/ PROPRIETÁRIO

JOSÉ GOMES DE SÁ
CONT. Nº 128 275 863
Rua do Sino, nº9
3640-050 CUNHA SERNANCELHE - Portugal

REDACTION / REDAÇÃO

Rua do Sino, nº9
3640-050 CUNHA SERNANCELHE
Portugal
19, avenue James de Rothschild
77164 FERRIÈRES EN BRIE - França

DIRECTION ÉDITORIALE

DIREÇÃO EDITORIAL
Lídia Sales | +33 611 853677
lidiasales@lusopress.tv

REDACTION / REDAÇÃO

Isabel Oliveira | +33 699 669 662
isabeloliveira@lusopress.tv
Wilkerson Alves | +33 624191 665
wilkersonalves@lusopress.tv

COLLABORATEURS / COLABORADORES

Daniel Bastos
Joaquim Alberto
Nuno Cabeleira
Reitor Nuno Aurélio
Victor Ferreira

DESIGNER ET PAGINATION

João Cazenave
joaocazenave@lusopress.tv

DIRECTION COMMERCIAL

DIREÇÃO COMERCIAL
José Gomes de Sá | +33 618 447 455
gomesdesa50@gmail.com

SERVICE FINANCIER / SERVIÇO FINANCEIRO

Amparo Conseil

IMPRESSION / IMPRESSÃO

Multiponto, SA
Rua da Fábrica, 260 - 4585-013 Baltar

STATUT ÉDITORIAL / ESTATUTO EDITORIAL

www.lusopress.tv/magazine

ISSN: 1968-6366

I.N.P.I. Nº NATIONAL 08/3550245

ERC 126147

lusopress@gmail.com

www.lusopress.tv



crónica da direcção

100

Esta é a centésima edição da Lusopress Magazine, e aqui fazemos uma retrospectiva das 99 edições. Entrevistámos políticos, empresários, artistas, fizemos reportagens desportivas, de festas populares, de iniciativas solidárias.

Com a base em França, atravessámos fronteiras e partimos para a Bélgica, Inglaterra, Canadá, Estados Unidos, sem esquecer o nosso pequeno grande país: Portugal.

100 é um número especial para nós, chegados ao fim de 2020 que não nos deixa boas recordações, acreditamos que esta edição será o começo duma etapa positiva, para todos. Se conseguimos chegar a este número, devemos-lo ao nosso trabalho e dos nossos colaboradores, aos leitores e a todos que acreditam em nós e nos apoiam sem esquecer os novos associados.

Conseguimos ao longo dos anos estar em todo o lado com uma pequena equipa. O esforço e dedicação não têm limites, queremos mais e melhor, e sempre a Unir os Portugueses.

Um Feliz Natal e um Novo Ano 2021 com saúde.

Lídia Sales — lidiasales@gmail.com

01 crónica da direcção

03 mensagens de Natal

20 entrevista

LUSOPRESS unindo os portugueses há 15 anos

21 retrospectiva

Retrospectiva de alguns momentos que foram notícia na Lusopress Magazine

Revistas 1 a 10

Revistas 11 a 20

Revistas 21 a 30

Revistas 31 a 40

Revistas 41 a 50

Revistas 51 a 60

Revistas 61 a 70

Revistas 71 a 80

Revistas 81 a 90

Revistas 91 a 99

246 Portugueses de Valor

Lista dos nomeados para Portugueses de Valor 2021

248 crónica

Pimenta, pimentinha e pimentão

252 reportagem

Nacional 2: uma aventura, descobertas e uma viagem pelo interior de Portugal

256 empresas e empresários

Conheça as novas instalações da PrimLand de Romainville: um espaço maior e mais acessível

266 sociedade

Município de Sernancelhe é território de oportunidades

272 “A nossa boa e rica cozinha portuguesa”

2 278 horóscopo



O Presidente da República



MENSAGEM DE NATAL DE SUA EXCELÊNCIA O PRESIDENTE DA REPÚBLICA
REVISTA *Lusopress*

Caros Compatriotas e Amigos,

Uma vez mais, neste mês de Dezembro, dirijo-me a Vós através da *Lusopress*, uma publicação feita por Portugueses, para Portugueses, mas com vocação Universal, traço que nos distingue enquanto Comunidade.

E essa Comunidade mais vasta tem, nestes últimos meses, no espaço físico de Portugal ou fora das suas fronteiras, vivido e combatido um dos maiores desafios coletivos de sempre, enfrentando a Covid-19 e as suas consequências. Consequências que não afetam todos os Portugueses da mesma maneira, independentemente do local que escolheram para viver e trabalhar. As desigualdades têm efeitos transversais, não conhecem fronteiras.

O Natal é o período da família e todos nós somos parte da mesma família. A grande família portuguesa, que se espalha por todo o mundo, levando com ela os valores que nos são próprios. Valores de fraternidade, de solidariedade, de amizade e respeito pelo próximo. Que este ano devem ser afirmados com maior empenho, praticados no nosso dia a dia, vividos de forma ainda mais intensa.

Sei que esses são os valores que praticam e defendem nas sociedades onde se integram, porque pertencem a uma Família de emigrantes há quase cento e cinquenta anos e porque conheço as Comunidades Portuguesas de perto. As pessoas e as suas associações, os seus locais de trabalho, de lazer, os seus espaços de intervenção cívica e social. Todos os espaços que constituem as redes de Portugalidade, que fazem de Portugal um país maior e um país mais forte. É por isso que acredito que Portugal e os Portugueses sabem revelar-se na sua resposta aos mais desafiantes problemas e obstáculos, como acontece no momento presente. Revelam aquilo que nos faz Portugueses, a nossa solidariedade, força e determinação. É por isso que acredito no futuro, agradecendo à *Lusopress* a oportunidade de, através das suas páginas, Vos transmitir votos de um Feliz Natal e de um Ano Novo pleno de esperança.

A handwritten signature in blue ink, which appears to read 'Marcelo Rebelo de Sousa'. The signature is fluid and stylized, with a large loop at the beginning and several smaller loops and strokes towards the end.

MARCELO REBELO DE SOUSA

Caros compatriotas em França, leitores da Lusopress

O ano de 2020 que agora se encerra foi muito atípico e exigente, fruto da pandemia de covid-19, que veio impor importantes sacrifícios a todos nós, com restrições à circulação, ao trabalho e prejuízos económicos significativos para muitos, para não falar nos que foram afetados em termos da sua própria saúde.

Ante este cenário, o Estado português mobilizou-se para responder, o melhor possível, às necessidades e anseios da comunidade portuguesa lusodescendente em França.

Procurámos manter os serviços consulares abertos o máximo possível, dentro dos constrangimentos ditados pelo ordenamento jurídico francês, o que obrigou a uma importante reorganização do seu modo de funcionamento para assegurar o principal: um serviço adequado que não pusesse em causa a saúde nem de utentes nem dos funcionários.

Tentámos ainda carrear, eficazmente e em tempo real, toda a informação sobre regras aplicadas às viagens entre França e Portugal em tempos de pandemia, actualizando, sempre que se justificou, os conselhos aos viajantes e procurando responder com clareza às inúmeras perguntas que, por várias vias, sobre este assunto nos foram colocadas.

Coordenei-me sempre muito estreitamente com os responsáveis pelos postos consulares em França a fim garantir que se ouvisse uma só voz da parte da rede diplomático-consular portuguesa neste país e terão talvez notado que as mensagens que se revelava importante divulgar junto dos utentes foram as mesmas em Paris como em Bordéus, em Toulouse como em Lyon, em Estrasburgo como em Marselha, e tornadas públicas simultaneamente.

Apoiámos também os órgãos de comunicação da diáspora através dum programa delineado pelo Governo português com impacto nas suas receitas publicitárias, assim como foi feito um esforço semelhante junto de algumas associações, nomeadamente, as que ensinam ou promovem o ensino do português.

Aproveito para saudar aqui os professores de português destacados nas instituições de ensino francesas e junto de associações que também souberam adaptar-se ao confinamento, continuando a ministrar as aulas através da internet aos seus alunos, permitindo que o ano letivo não tivesse sido perdido.

Neste tempo tão particular, não deixámos de celebrar o Dia de Camões e das Comunidades portuguesas, com a dignidade que a data impõe, embora tendo de recorrer sobretudo às plataformas digitais.

Aproveito para sublinhar o quanto estes instrumentos digitais se revelaram essenciais, em tantas dimensões das nossas vidas, para enfrentar os constrangimentos colocados pelo covid-19, e a certeza que farão parte importante de um futuro sustentável que estamos já a construir. A “transition numérique” já começou!

Para este futuro contribuirá fortemente o plano de relançamento económico da União Europeia, que, ao manifestar a forte solidariedade entre europeus, com recurso a instrumentos poderosos e inovadores, no combate unido a este desafio e identificando como prioridades a transição ecológica e digital e a defesa do modelo social europeu, configura um novo passo rumo a uma Europa cada vez mais habilitada a corresponder aos anseios e expectativas dos cidadãos europeus.

Compete-nos, como já saberão, a partir de 1 de Janeiro, a Presidência do Conselho da União Europeia, que muda rotativamente todos os seis meses. Seremos assim “Presidência Portuguesa da União Europeia” no primeiro semestre de 2021. Procuraremos durante esse período da “PPUE21” contribuir para a construção de uma Europa mais resiliente, mais solidária no plano social, mais verde, mais digital e inovadora, e jogando em pleno um papel activo no mundo. Tentarei manter a comunidade lusodescendente em França informada e implicada nesta importante tarefa, que tanto contribuirá para dignificar o nosso país.

O início da nossa presidência, temos fortes motivos para o esperar, marcará também o começo de um novo ciclo de acção da UE, com um ano de 2021 menos penalizador para todos e repleto de motivos de esperança de superação desta grave crise pandémica, em particular pelo recurso massivo à vacinação que permitirá que venhamos a conseguir o alto grau de imunização contra o covid-19 pretendido. Se tudo correr bem, teremos um Verão na nossa terra com tudo a que nos tínhamos habituado, no que toca à confraternização com os nossos familiares e ao pleno disfrute dos momentos de lazer.

Face a este quadro, desejo-vos a todos um muito feliz Natal — com todos os cuidados ainda necessários, em particular para proteger os nossos entes queridos mais vulneráveis — e um ótimo 2021 que seja de facto, com esperança e alegria (e lembrando a canção) - o primeiro ano do resto das nossas vidas!



Jorge Torres-Pereira
Embaixador de Portugal em Paris



- SAUDADE -
LE PLUS LUXUEUX
ET PERFORMANT VOILIER
DE LISBONNE



VENEZ VIVRE UNE EXPÉRIENCE INOUBLIABLE
À BORD DE NOTRE VOILIER DE RÊVE

LOCATION À LISBONNE, CAISCAIS, TROIA, ALGARVE...

Nuit à bord

Journée

Week end

Promenade

Évènements privés

Et plus encore...

NOS BATEAUX MOTEUR AVEC OU SANS SKIPPER

Princess 45



Jeanneau 650



RÉSERVATION

Lady Lisboa

(+33) 6 32 98 28 34

(+351) 926 409 780

contact@lady-lisboa.com



WWW.LADY-LISBOA.COM



Carlos Oliveira
Cônsul Geral de Portugal em Paris

Mensagem Natal do Cônsul-geral de Portugal em Paris

É com muito gosto que me dirijo aos leitores do Lusopress neste final do ano e, deste modo, à Comunidade Portuguesa.

O ano que agora caminha para o seu termo acabou por ser um ano diferente, que nos reclamou acrescidos sacrifícios e nos trouxe estranhos constrangimentos, aos quais nos tivemos que ir habituando. As circunstâncias que enfrentamos nos últimos meses são sem precedentes e exigiram de nós novas responsabilidades, uma redobrada preocupação com o outro, uma maior solidariedade.

Nestes tempos especialmente incertos, que tão duramente estarão a afetar muitos de nós, quero começar por deixar aqui uma palavra de conforto para todos aqueles que sofrem ou sofreram mais diretamente da pandemia, mas também uma outra de esperança, nos dias melhores que virão, sabendo-se que a ciência acabará por dar resposta à altura a esse mal que nos aflige.

Apesar das dificuldades conhecidas, espero e desejo a todos que possam ter umas Festas felizes e um ótimo 2021, na convicção de que o novo ano será marcado por um progressivo regresso à normalidade, capaz de evidenciar, ainda mais, a vitalidade, o espírito de iniciativa, mas também de interajuda, aspetos que tão bem caracterizam a presença portuguesa em França.

SPAP
DEPUIS 1954
Industriel au service des professionnels
du bâtiment et travaux publics

Fabricant produits en béton
Blocs, Hourdis
Poutrelles, poutres, prédalles
Bureau d' Études Intégré

51 Route de l'île st-julien,
94380 Bonneuil-sur-Marne, France
T: +33 1 43 77 06 06 | F: +33 1 43 77 89 51
spapbet@gmail.com | plateformespap@gmail.com

Boas Festas

Feliz 2021



O Natal é uma das mais belas datas do nosso calendário que, pelo seu simbolismo, desperta em todos nós sentimentos de reflexão, de união e de partilha.

Este ano, atendendo às circunstâncias, o Natal será necessariamente diferente, pois condiciona a celebração em conjunto, em família, como era tradição. Contudo, acreditamos que o espírito natalício prevalecerá, e que estes tempos de incerteza darão lugar a um tempo de esperança e de crença no futuro.

No Natal redobra a saudade de todos vós. Principalmente de tantos concidadãos que passam o Natal nos países onde estão emigrados. A todos envio um abraço forte, de grande amizade, estima e saudade.

Nesta quadra natalícia, que a todos inspira sentimentos de paz e espírito solidário, em nome do Município de Sernancelhe, desejo a V. Exa. e Família votos sinceros de um Natal feliz e um próspero Ano Novo.

O Presidente da Câmara
Carlos Silva Santiago

unindo os portugueses há 15 anos

Segundo o Observatório da Emigração, Portugal tem emigrantes em 140 dos 190 países do mundo, sendo a França a nação que concentra mais portugueses.

É para responder a esta “comunidade dispersa” que existe a Lusopress. Há 15 anos que se afirma como um órgão de comunicação que une os portugueses.

É um espaço dedicado a Portugal e às suas comunidades, um espaço onde os portugueses residentes no estrangeiro podem partilhar as suas vivências.

A Lusopress é hoje um projeto que atravessa fronteiras e que tem como fundadores e percursos o casal José Gomes de Sá e Lídia Sales.

Atravessar graves dificuldades financeiras em Portugal, o casal decidiu aventurar-se em terras de Sua Majestade. “Eu já tinha tentado uma aproximação à emigração que não resultou, mas como a situação continuou a complicar-se, decidimos vir para Inglaterra”, contou Gomes de Sá.

A Lusopress começa assim em Inglaterra, mas o mercado em termos de rentabilidade e de quantidade empresarial era diminuto comparado com a França. Havia, na altura, em França, um jornal que teve um problema e teve de encerrar e “houve alguém que me alertou de que estaria na altura de editar a Lusopress em França”. O primeiro jornal saiu em Londres, apesar de já ter alguns assuntos relacionados com França, mas pouco tempo depois a Lusopress chega a França. O projeto Lusopress começa com jornal, tendo depois evoluído para revista e canal online. “O jornal e a revista eram dois projetos que se complementavam, mas acabamos por deixar o jornal e ficamos com a revista, que ainda hoje produzimos mensalmente. Posteriormente começámos a Lusopress Tv e foi a partir daí que se desenvolveram outros projetos da Lusopress: Portugueses de Valor, 10 Nomes 10 Histórias e Miss Portuguesa França”.

Os projetos Lusopress

O projeto Portugueses de Valor foi o primeiro a sair do forno, em 2011. Esta iniciati-

va premeia, anualmente, dez portugueses, que se destacam pelo seu percurso profissional, pessoal ou associativo, de entre 100 nomeados. Depois da iniciativa se realizar por duas vezes em Paris, saltou fronteiras e instalou-se em Portugal, realizando-se nas cidades de Tróia, Viana do Castelo, Açores, Leiria, Boticas, Figueira da Foz e Faro. Em 2020, ano da décima edição dos Portugueses de Valor, o evento teria lugar em Bragança, mas por força da pandemia de Covid-19 foi adiado para Maio de 2021. Esta iniciativa trata, acima de tudo, de valorizar os portugueses que se destacaram no empresariado, na ação social e em outras áreas com ganho de prestígio e notoriedade para o nosso país. São pessoas que contribuem para o engrandecimento de Portugal no mundo.

Depois dos Portugueses de Valor, a Lusopress continuou a inovar com o livro “10 Nomes 10 Histórias”. Esta ideia foi lançada por Marcelo Rebelo de Sousa, aquando de uma visita à comunidade portuguesa em Paris, ainda antes de se tornar Presidente da República. José Gomes de Sá rapidamente correspondeu, estando neste momento o projeto na sua 5ª edição. O livro conta, em cada edição, a história e percurso de vida de dez portugueses.

Para colmatar o facto dos jovens não marcarem uma presença assídua nos eventos da Lusopress, seguiu-se a realização do projeto Miss Portuguesa França. Em 2021 terá lugar a 5ª edição do concurso, que irá eleger a



Capa da revista Lusopress magazine n.º 1

nova Miss Portuguesa França, depois de Vanessa Oliveira em 2016, Marlene Gonçalves em 2017, Laura Cunha em 2018 e Lidy Alves em 2019. Em 2020, por força da pandemia de Covid-19 o evento não se realizou. O concurso Miss Portuguesa França elege, anualmente, uma candidata da comunidade portuguesa de França para representação no concurso Miss Portuguesa. O concurso é da responsabilidade da Lusopress, que detém os seus direitos, e realiza-se desde 2016. Em França, as regras do concurso ditam que seja eleita uma candidata portuguesa que



resida em França e seja de origem portuguesa. O concurso promove e dinamiza a beleza das jovens dentro da comunidade portuguesa, dando-lhes ainda a possibilidade de também representarem Portugal, o país das suas origens.

Nunca deixando de estar atento à realidade que a rodeia, a Lusopress prepara-se para lançar o seu novo projeto: Lusopress Book. Trata-se de um livro de alta qualidade gráfica, que dará a conhecer 20 Municípios portugueses.

15 anos de trabalho

Na hora do balanço, José Gomes de Sá não tem dúvidas: “todo este percurso não foi fácil, mas contamos com os nossos colaboradores. Somos poucos, mas valem por muitos, porque somos altamente eficazes. Cada um de nós vale por dez. Somos uma empresa com quatro elementos, mas em termos de contributo de trabalho e rentabilidade representamos muitos”. Gomes de Sá esteve sempre ligado à área comercial, mas a Lusopress é o grande projeto da sua vida. “É um projeto que serve única e exclusivamente para unir os portugueses. Não somos um órgão de comunicação por excelência, não somos um órgão noticioso, somos um órgão para unir os portugueses que estejam no mundo inteiro”. Com tempo, paciência e trabalho a Lusopress tem vindo a afirmar-se cada vez no seio da diáspora portuguesa. As dificuldades fo-

ram sendo geridas e ultrapassadas, o que fica são os bons e saudosos momentos. “Para mim, o momento mais marcante foi o reconhecimento por parte das entidades, nomeadamente do antigo Secretário de Estado das Comunidades, José Luís Carneiro e o facto de sermos recebidos pelo Presidente da República em algumas edições dos Portugueses de Valor. Recentemente fiz 70 anos e também fui surpreendido por vários amigos, e isso são coisas que não se esquecem”.

Também Lídia Sales destaca, para si, os momentos mais marcantes. “Tenho especial carinho pela iniciativa Portugueses de Valor porque me envolvo muito. É um projeto que marca junto das pessoas. Marcou-me em especial o da Figueira da Foz, porque fomos homenageados pelo Governo português”. Lídia Sales acompanha José Gomes de Sá desde o início do projeto e faz um balanço positivo do projeto. “No início, há 15 anos, tive algum receio porque não sou muito aventureira como o meu marido, mas achei que tinha pernas para andar, apesar de sermos desconhecidos na comunidade, mas foi com fé e trabalho que a Lusopress andou para a frente. Nunca pensei que atingisse o patamar atual, mas acreditava que tivesse futuro. A Lusopress é como diz o slogan: unindo os portugueses. Conseguimos contactar portugueses em diferentes pontos do mundo e isso deu mais confiança para acreditar que a Lusopress ia finalmente conseguir afirmar-se com o seu

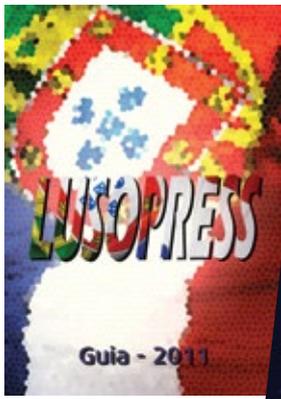
LUSOPRESS
MAGAZINE UNINDO OS PORTUGUESES

LUSOPRESS TV

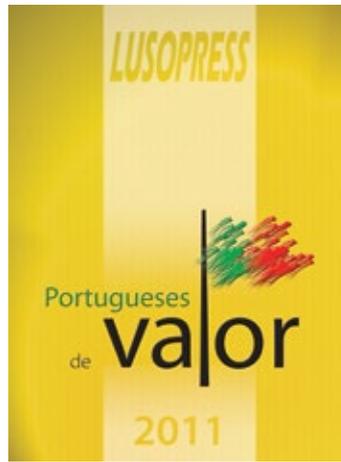
Portugueses
de **valor**

10 Nomes
Histórias

Miss Portuguesa
França



Guias Lusopress



Capa do primeiro livro Portugueses de Valor de 2011



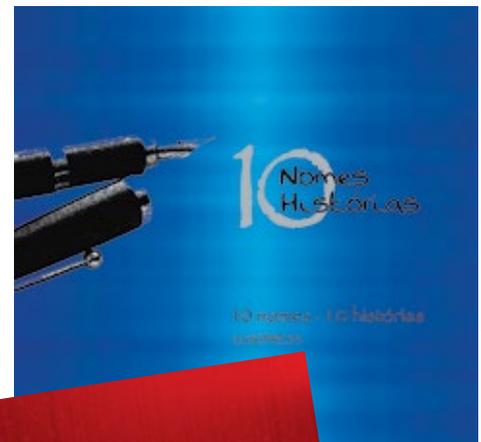
slogan. Começamos em Londres e quando viemos para França, notávamos que as pessoas não acreditam muito no projeto porque existiram outras publicações que rapidamente desapareciam. Foi a persistência que acabou por prevalecer. Contribuí também o desenvolvimento e amizade que criámos com os clientes que continuam a acreditar em nós. Hoje são mais amigos que clientes”.

Entrada de novos sócios

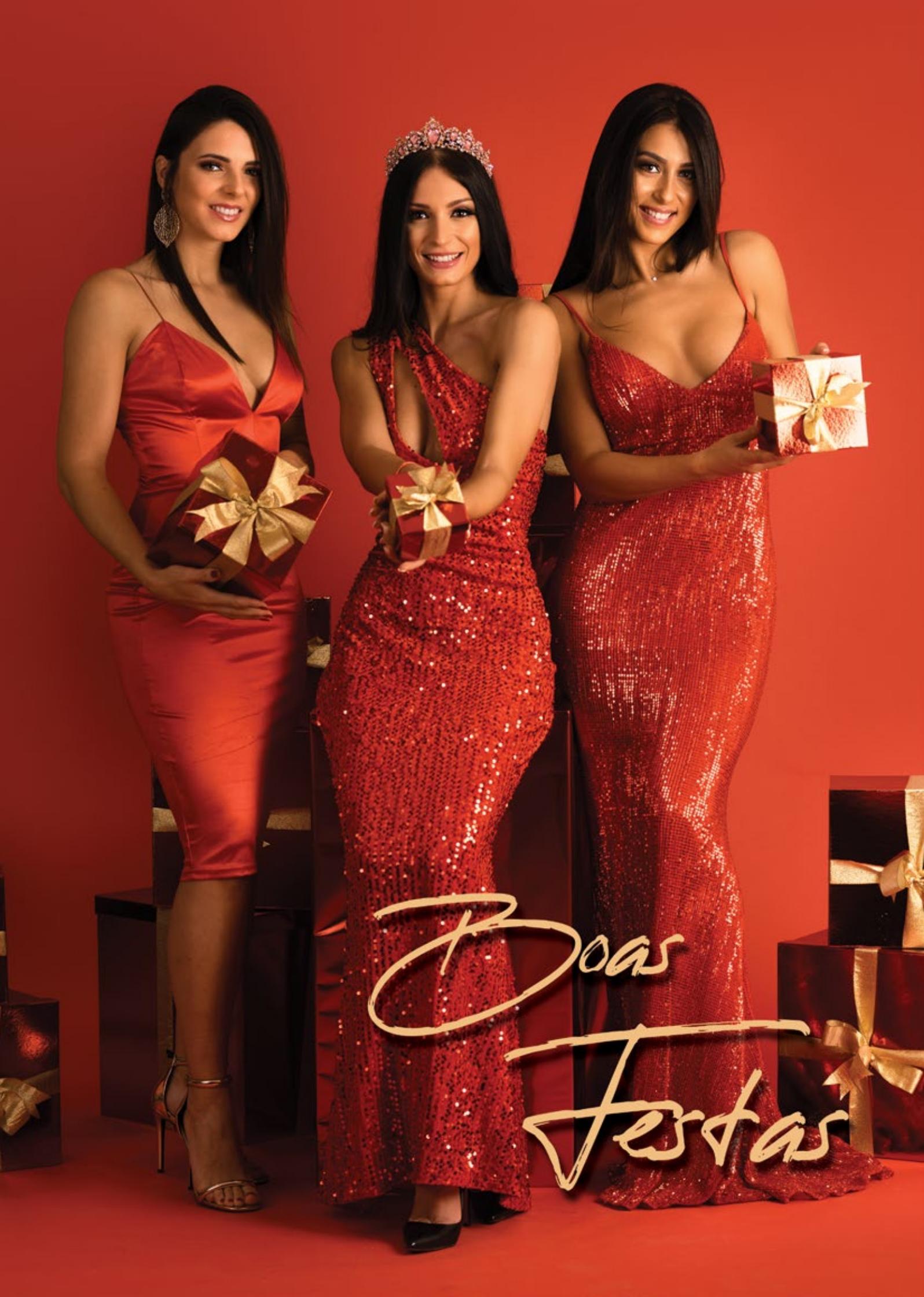
Armindo Freire, Fernando Amorim e Joaquim Filipe são os novos sócios da Lusopress. O primeiro contacto que tiveram com o pro-



Armindo Freire



jecto foi na qualidade de clientes e amigos, mas rapidamente perceberam a importância que a Lusopress tem para a portugalidade. “A Lusopress dá um espaço de comunicação e visibilidade a um número significativo de portugueses que de outra forma não teriam esse espaço, quer para se darem a conhecer, quer para darem a conhecer os seus negócios, para partilharem as suas histórias de vida, as suas experiências e os seus sucessos. A Lusopress tem uma presença relevante no panorama da comunicação porque dá voz a uma portugalidade que vive em silêncio e nós, cá, nem sequer conhecemos. Não temos noção da dimensão que os nossos irmãos portugueses têm por esse mundo fora. Por outro lado, parece relevante na revista dizer que a sua missão é unir os portugueses. É um veículo muito eficaz para potenciar as relações que há entre os portugueses, da mesma forma que é uma plataforma para nos conhecermos melhor e estreitar relações culturais, comerciais, desportivas, da afirmação da nossa portugalidade e da nossa terra por esse mundo fora”, expressou Fernando Amorim. Fernando Amorim, gestor e professor universitário em Portugal, acredita



*Boas
Festas*



Fernando Amorim



Joaquim Filipe

também que como perspectiva para o futuro, os próximos desafios da Lusopress passam por “garantir que as novas gerações vivem da mesma forma que os seus pais e avós a portugalidade. Esta é uma das principais áreas de atuação, com um modelo mais híbrido, mantendo a sua edição física que é muito visual, mas que com a sua dimensão digital alcance os nativos digitais”. Deste ponto de vista, Fernando Amorim decidiu que devia “apostar e investir tempo, recursos e conhecimento a ajudar a potenciar a Lusopress. Esse primeiro sentimento surgiu nas primeiras viagens que fiz e fui conhecendo os portugueses lá fora, em que o meu estado de iliteracia e ignorância em relação a tamanhos desempenhos e histórias de vida era imenso. Se eu tinha, outros terão. Por isso, é minha obrigação pensar que quanto mais eu puder fazer para unir os portugueses, assim o devo fazer. Eu acredito muito que as organizações têm de ser ambídestras, executar e inovar. A Lusopress já executa bem, mas para chegar a novos mercados tem de lançar mão de uma nova abordagem, naquilo que pode ser um reposicionamento da estratégia, seja no seu público-alvo ou nos seus produtos. Que não haja uma portugalidade global só em agosto, mas sim em todos os meses do ano. A minha visão é clara: ser o órgão de comunicação de referência nas comunidades portuguesas no mundo, com a missão maior de unir todos os portugueses”.

A Fernando Amorim, junta-se também Armindo Freire e Joaquim Filipe, ambos emigrantes em França. Armindo Freire deixou Portugal e viajou bastante antes de se instalar definitivamente em França em 1995. Rapidamente comprou a empresa que era do antigo patrão e passado dois anos, em 1997, criou a sua própria empresa, na qual hoje 90% dos funcionários são portugueses.

Nunca andou atrás de sucessos, mas sempre tentou ir para a frente e aventurar-se porque pensa que o sucesso é uma questão de ambição e que em qualquer parte do mundo se pode trabalhar e ganhar a vida. Armindo Freire acha que os portugueses são corajosos, mas pouco unidos, e que são mais patriotas no estrangeiro do que em Portugal. Por isso, vê na Lusopress o projeto capaz de unir todos os portugueses, independentemente da sua localização geográfica.

Joaquim Filipe foi para França em 1963 e trabalhou sempre nas obras públicas. Dirigiu uma empresa durante 33 anos cuja atividade terminou em 2011, e criou a seguir a empresa que dirige atualmente, especializada em trabalhos de demolição, terraplanagem e espaços verdes. Define-se como uma pessoa dinâmica que gosta de trabalhar, com espírito de empreendedorismo, gosto pelas relações humanas e pensa que essas são as razões do sucesso do seu percurso. Diz que os “portugueses de França” são muito trabalhadores, mas lamenta que sejam individualistas. Acha que se fossem mais unidos, teriam uma força muito maior. “Sempre vi o trabalho da Lusopress de forma positiva, pela maneira como une os portugueses e faz evidenciar a nossa comunidade. Todas as iniciativas que levou a cabo até agora são de valor e aumentam o reconhecimento da comunidade, por isso espero ajudar para que a Lusopress seja ainda mais reconhecida. Quando vim para França, cortei um pouco as relações com Portugal, mas são projetos como a Lusopress que me fazem estar mais envolvido com o meu país e com a portugalidade.

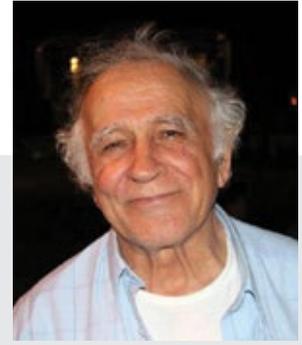
José Gomes de Sá e Lúcia Sales esperam que, para além dos novos sócios apostarem na Lusopress, que ajudem o projeto a crescer com novas ideias. **L■**



Canelas deseja a todos um santo e feliz natal

www.canelas.fr





Joaquim Alberto

Pensar dá muito trabalho – nascemos para viver

Agostinho da Silva dizia que nós nascemos para viver. A escola educa-nos para o trabalho, não nos educa para viver. Mas nós nascemos foi para viver, não foi para trabalhar.

Penso que Agostinho da Silva, quando falava de trabalho, se referia ao trabalho remunerado, com horário, com rendimento para o patrão, aquele trabalho que na Bíblia se diz que “ganharás o pão com o suor do teu rosto”, trabalho que serve para enriquecer muitos que nunca suaram mas que vivem à custa do trabalho dos outros. Este tipo de trabalho também faz parte da vida, mas viver é muito mais do que trabalhar com horário e com salário durante muitos anos, até à reforma ou até ter capacidade física.

Basta ver o que fazem quase todas as mulheres. Limpeza e arrumação da casa, comida para toda a família, cuidar da roupa de todos, e quando há crianças tratar delas de noite e de dia. Quase ninguém chama trabalho a isto, creio que por não ser remunerado e ser feito fora do horário normal de trabalho. Mas é trabalho e sem ele a vida seria muito difícil. Os homens podem e devem colaborar, se não colaborarem, vivem à custa do trabalho das mulheres.

Mas, se nós nascemos para viver, o que é viver?

Trabalhar faz parte da vida, mas a vida é muito mais do que trabalhar.

Nunca somos velhos para viver, mas podemos ser velhos para trabalhar, principalmente trabalho remunerado para dar rendimento.

Então viver o que é?

Viver é criar Utopia, é pensar, como diz o Alípio de Freitas. É ajudar a construir “cidades sem muros nem ameias, com gente igual por dentro, gente igual por fora. Cidade do homem, não

do lobo mas irmão. Capital da alegria”. Como canta o Zeca Afonso.

Viver é tentar, mesmo sem conseguir. Viver é SER melhor todos os dias, não é ter sempre mais.

Viver é construir pontes e destruir muros. Viver é ser feliz. Viver é amar o próximo como a si mesmo.

Viver é colaborar, não é competir. Quando se entra em competição, viver é ganhar no campo, não é ganhar na secretaria.

Viver é saber de onde viemos e é sermos suficientemente livres até à morte para escolher para onde queremos ir.

Viver, também é trabalhar com o suor do seu rosto, mas nunca à custa do suor dos outros.

Podemos ser velhos para trabalhar, mas nunca somos velhos para viver.

Viver é cuidar da mãe terra. Não é destruir a terra, é cuidar dela.

Viver é poesia, é ver o belo de todas as coisas.

Viver é contribuir para o desenvolvimento e o progresso humano. Nunca é contribuir para a poluição e a destruição do meio ambiente. Viver é construir a paz. Viver é ter consciência que um dia havemos de morrer. O trabalho e a morte também fazem parte da vida.

Creio que um dos grandes problemas que existe nas nossas sociedades tem a ver com as chefias, políticas e económicas. Até agora as escolhas têm a ver muito mais com os diplomas do que com a experiência de vida.

Creio que educar para viver é o mesmo que educar para a colaboração e educar para trabalhar é o mesmo que educar para a competição.

Também creio que é mais fácil lutar contra o coronavirus num país onde haja mais colaboração do que competição. Num país onde alguns governantes saí-

bam o que é ganhar o pão com o suor do rosto e não tenham passado toda a sua vida atrás de uma secretária.

Espero que a pandemia traga algumas lições, e que mesmo os campeões individuais consigam perceber que nem eles são campeões sozinhos. São campeões porque têm uma grande equipa de colaboradores. Por isso, nem a grande competição dispensa a colaboração. Ninguém sabia nada deste coronavirus porque ele nunca tinha existido. Agora, alguns já sabem alguma coisa embora pouco. Mas se houver mais competição do que colaboração, será muito mais difícil vencer a pandemia.

Fico espantado com o conhecimento que alguns dizem ter do coronavirus. Sabem tudo e não têm dúvidas nenhuma. Sempre ouvi dizer que quem sabe tudo não pode aprender mais nada.

Um dos grandes problemas que havia antes da pandemia era a desigualdade. Entre países, entre empresas, entre pessoas. Infelizmente a pandemia veio agravar muito as desigualdades e não vejo nem os governos nem as sociedades suficientemente preocupados com isso.

A julgar pelo que dizem as pessoas que não estão nos governos, tivemos azar com a data da pandemia. Se a pandemia viesse quando aqueles que agora estão na oposição estivessem no poder, tudo se resolveria sem problemas. Mas assim, além dos problemas da pandemia, ainda temos aqueles que são criados pelos próprios governos. Um mal nunca vem só.

Depois do 25 de Abril, a pessoa que esteve mais tempo em altos cargos de chefia em Portugal foi o senhor Cavaco Silva. Nunca tinha dúvidas e raramente se enganava, segundo ele dizia. Creio que não ganhámos muito em tê-lo como governante. ■■



DOSOL
supermercados

*Les saveurs,
les prix...
le service en plus !*



TOUTES LES SAVEURS DU PORTUGAL



Retrouvez dans nos 6 magasins une sélection de produits portugais

Soisy sous Montmorency

14, avenue Voltaire
Tel : 01 39 89 12 63

Le Kremlin Bicêtre

34, avenue de Fontainebleau
Tel : 01 46 71 72 84

Dammarie les lys

ZAC des Chamlys - avenue Ampère
Tel : 01 64 79 13 87

Morangis

33, rue Ferdinand De Lesseps
Tel : 01 69 09 89 66

Rosny sous-bois

14, avenue du Président Kennedy
Tel : 01 45 28 65 92

Pontault Combault

6, route de Paris
Tel : 01 60 29 09 04

L'ABUS D'ALCOOL EST DANGEREUX POUR LA SANTÉ. À CONSOMMER AVEC MODÉRATION.

SERIP GROUPE

PROMOTION IMMOBILIERE GOLFE DE SAINT-TROPEZ

Serip Groupe est une holding spécialisée dans la construction et la promotion de villas de luxe dans le Golfe de Saint-Tropez dirigée par Joaquim Pirès depuis 35 ans avec plus de 600 réalisations !



Serip Groupe met tout en œuvre afin de vous offrir ce qu'il se fait de mieux, et de proposer des demeures personnalisées, au travers des couleurs, du mobilier, des aménagements intérieurs ou des jardins paysagés. Villas d'inspiration modernes ou plus classiques, lignes futuristes, tant qu'il y a de l'imagination, les possibilités sont infinies...





C'est en interne, dans le bureau d'étude et dans le cabinet d'architecte intégrés du groupe, que toute la partie conception se passe.

Forte de sa longue expérience professionnelle, Serip Groupe sait associer efficacité et savoir-faire avec créativité et caractère.



Chefs d'entreprise, sportifs de haut niveau, célébrités tous ont fait confiance à Serip Groupe. Tout est conçu dans le respect des règles de l'art et dans le choix de matériaux de grandes qualités.

**INVESTISSEMENT IMMOBILIER AU PORTUGAL
UN ACCOMPAGNEMENT PERSONNALISÉ**

SERIP GROUPE
Promotion immobilière
Real Estate Development
2, avenue de la Liberté
83120 Sainte-Maxime
+33 4 94 43 89 15
www.seripgroupe.com



VOTRE DISTRIBUTEUR DE MATERIEL ELECTRIQUE

EURELEC

DISTRIBUTION



contact@eurelecdistribution.com



[@EurelecDistribution](https://www.facebook.com/EurelecDistribution)



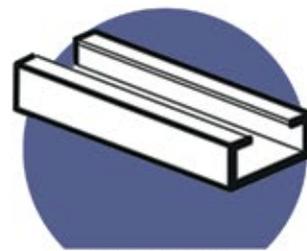
Chauffage



Sécurité & Communication



Appareillages



Conduit & Cheminement



Réseau Informatique & VDI



Eclairage



Fils & Câbles



Appareillages Industriel & Tertiaire



Noirot
EATON



ACOVA
:hager



EFAPEL

legrand

atlantic
CHAUFFAGE ÉLECTRIQUE ET CHAUFFE-EAU

Schneider Electric

LEDVANCE

S&S Schlemmer
Industry & Building Paris

Demiris

Depuis 1997, des partenariats avec les plus grandes marques

NOS AGENCES

Croissy-Beaubourg

9 Rue Ambroise Croizat
77183 Croissy-Beaubourg
Tél: 01 82 35 00 64

Noisy le Grand

3 Rue Sancho Pança
93160 Noisy-le-Grand
Tél: 01 82 38 00 99

St Maur - La Varenne

58 Bvd de la Marne
94210 La Varenne-Saint-Hilaire
Tél: 01 55 97 26 26

Carrières sur Seine

44 Rue Charles François Daubigny
78420 Carrières-sur-Seine
Tél: 01 82 38 00 76

Bondy

203 Avenue Gallieni
93140 Bondy
Tél: 01 82 38 00 93

Plaisir

8 Rue des Frères Lumière
78370 Plaisir
Tél: 01 30 81 65 51

Montesson

46 Ter Avenue Gabriel Péri
78360 Montesson
Tél: 01 34 80 60 84

Viroflay

122 Avenue du Général Leclerc
78220 Viroflay
Tél: 01 30 24 24 00

Paris 14^e

100 Rue de l'Ouest
75014 Paris
Tél: 01 53 90 19 97

Boa Vista - Leiria

Rua Nova 40 IC2 KM 129
2420-399 Boa Vista, Portugal
Tél: +351 244 720 520



Croissy-Beaubourg

9 Rue Ambroise Croizat
77183 Croissy-Beaubourg
Tél: 01 82 38 00 30

Padre Nuno Aurélio
Reitor do Santuário de Nossa Senhora de Fátima
Paris



Advento: esperança e (é) acção

Começamos o Advento e o novo ano litúrgico com o habitual chamamento à esperança, mas com a marca da tristeza. Aos muitos males que afligem a humanidade, juntou-se esta pandemia com muitas consequências físicas, psicológicas e espirituais: sofrimento, morte, inquietação, medo e angústia, paranoia, cansaço e desespero, agressividade, pobreza e desemprego, maior solidão, desconfiança social... Nos opostos situam-se os que vivem descrentes e descuidados acerca da gravidade da situação sanitária e os que vivem bloqueados pelo receio. As tensões aumentam, os comportamentos extremam-se, a dificuldade no diálogo e no respeito mútuo agravam-se.

Se há coincidências, uma das leituras para a missa, tirada do Profeta Isaías – poeta e profeta da esperança e da reconstrução – fazia-nos perguntar hoje: «Porque nos deixais, Senhor, desviar dos vossos caminhos e endurecer o nosso coração, para que não Vos tema? Voltai, por amor dos vossos servos» (Is. 63, 17).

O crente questiona-se sempre: e Deus no meio de tudo isto? Os não-crentes, podem responder que é fruto do desrespeito da natureza e o justo equilíbrio da relação entre ela e os humanos, das condições sanitárias de vida, etc. Para nós, é possível e legítimo perguntar: esta experiência, à escala global, é castigo ou uma correcção de Deus pela nossa falta de coragem e de confiança n'Ele? É fruto de tantos atentados à vida, banalizando a morte e acomodando-nos sem reacção ao sofrimento de milhões? Será tudo isto a consequência da infidelidade de uma multidão imensa de baptizados que voltaram costas a Deus e caíram na indiferença, abandonando a oração, os sacramentos e até ao amor ao próximo, no perdão e no auxílio aos pobres? Na Bíblia,

as dificuldades sociais, os acontecimentos político-militares e os desastres naturais tinham uma leitura teológica, à luz da relação de Israel com o Senhor Yahweh: fomos ou não fiéis à Aliança?

E, de facto, o mesmo profeta denuncia e alerta: «Estais irritado contra nós, porque pecámos e há muito que somos rebeldes. Éramos todos como um ser impuro... Todos nós caímos como folhas secas, as nossas faltas nos levavam como o vento. Ninguém invocava o Vosso nome, ninguém se levantava para se apoiar em Vós...» (cf. Is 64, 4-5)

Sendo ou não castigo e/ou correcção de Deus, vivemos sobretudo uma oportunidade de ouro: o que podemos e devemos aprender?

Em 1º lugar, que somos infinitamente amados, apesar de tudo: «Nunca os ouvidos escutaram, nem os olhos viram que um deus, além de Vós, fizesse tanto em favor dos que n'Ele esperam.» (Is 64, 3). E apesar dos nossos pecados, falhas e erros, em todos os domínios da vida, a palavra de Deus diz-nos: «mas seremos salvos» (Is 64, 4b).

Em 2º lugar, o Advento chama-nos à esperança e pretende despertar-nos do sono, da preguiça, da frieza de coração, da indiferença: «Vais ao encontro daquele que pratica o bem com alegria, e se recorda de Ti seguindo os Teus caminhos.» (Is 64, 4a). Aconteça o que acontecer, façamos nós o que fizermos contra Deus, contra nós mesmos e o nosso próximo, o Senhor não desiste de nos amar, não se cansa de esperar por nós e até de vir ao nosso encontro, para nos acolher e reconciliar.

Por isso, Ele nos chama a estarmos vigilantes e atentos, como pede Jesus a todos: «Vigiai, porque não sabeis quando virá o

dono da casa (...) e não se dê o caso que, vindo inesperadamente, vos encontre a dormir» (cf. Mc 13, 35), isto é, adormecidos pela falta de ânimo, pelo medo, pela apatia e pela desistência.

Em 3º lugar, conclui Isaías: «Sois nosso Pai, e nós o barro de que sois o Oleiro; somos todos obra das vossas mãos» (Is 64,7). Aconteça o que acontecer, façamos nós o que fizermos, somos obra das mãos de Deus, como o barro nas mãos do oleiro, ternamente trabalhado.

Eu sei que o Senhor, como o oleiro, nos pode refazer e modelar de novo em nós, a confiança, a tolerância, a obediência às leis humanas — que sejam justas, proporcionais e equitativas — no respeito da liberdade individual, da dignidade humana universal e na construção do bem comum.

Eu sei que o Senhor, como o oleiro, pode modelar de novo o nosso coração para ser manso, humilde, pacífico e feliz.

Eu sei que o Senhor, como o oleiro que refaz a sua obra, pode restaurar a comunhão da Igreja, agora enfraquecida, a fraternidade humana, agora ferida e a confiança interpessoal, agora tão perturbada.

Podemos voltar, não ao que éramos antes, mas àquele projecto original e intemporal de Deus para a vida justa e digna do Homem!

Vigiar é um programa de vida e uma atitude ousada de esperança. Viver estes confinamentos e sair deles, como marcam a nossa vida de Fé e em sociedade? Sou hoje mais forte ou mais fraco? Que mudanças estou disposto a realizar em mim e no mundo, se «já não nos falta nenhum dom da graça» de Deus (cf 1 Cor 1,7a). Temos 4 semanas para o tornar possível! 



LUSOPRESS

2

A HERANÇA DA DIPLOMACIA JOÃO TEOTÓNIO PEREIRA

LUSOPRESS

O Dr. João Teotónio Pereira é o Cônsul-Geral de Paris e tal como o seu tio-avô Embaixador de Portugal em Madrid, Londres, Rio de Janeiro e Washington seguiu a carreira diplomática.

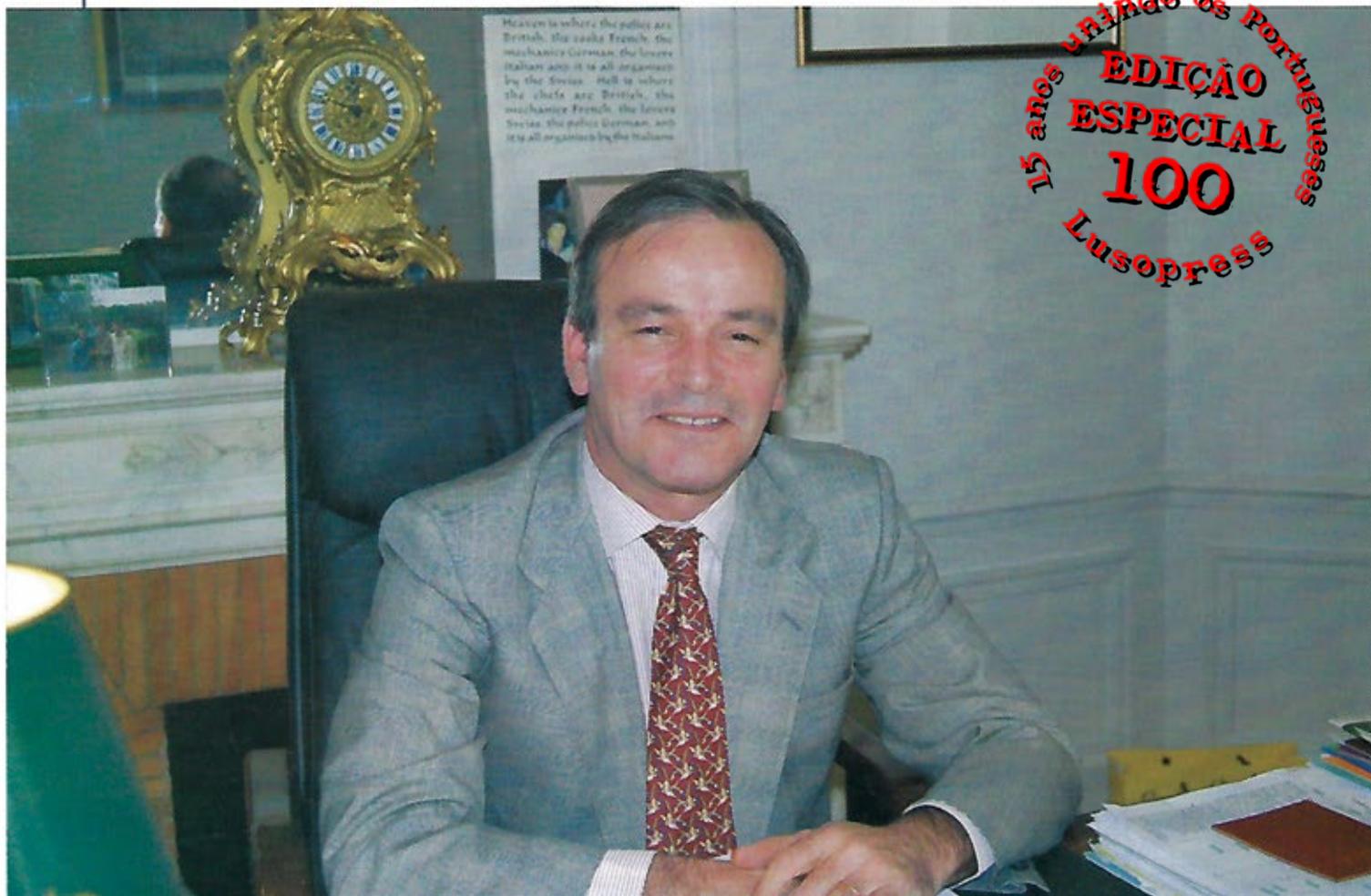


Porque decidiu enveredar pela carreira diplomática? Influência do seu tio-avô ou uma vocação?

Toda a minha vida quis ser diplomata. Sempre me interessei pela Relações In-

ternacionais desde muito jovem. Antes de ingressar na carreira diplomática fui jornalista durante 7 anos na Rádio Renascença, em Lisboa, ligado às questões de política internacional, e tinha colabo-

rações com jornais, nomeadamente o "Primeiro de Janeiro", mas logo que tive oportunidade ingressei na carreira diplomática que tinha sido sempre a minha ambição.



15 anos unindo os Portugueses
EDICÃO
ESPECIAL
100
Lusopress

Onde foi a sua primeira colocação?

O meu primeiro posto foi na Embaixada em Roma durante cinco anos, parti depois para Belgrado onde desempenhei as funções de Encarregado de Negócios durante quase dois anos, em plena crise do Kosovo. Em seguida fui Adjunto Diplomático de cinco Ministros de Defesa de Portugal e em Fevereiro de 2004 fui nomeado Cônsul-Geral em Paris onde estou desde então.

O desempenho, o de jornalista e o de Cônsul tem alguma semelhança?

Complementam-se e permite ver a realidade com uma visão mais abrangente. Como Cônsul tenho de oferecer aos portugueses que vivem em França e concretamente na zona de jurisdição de Paris a mesma qualidade de serviços que têm em Portugal. O Consulado é também uma extensão dos serviços públicos existentes no nosso país.

A reestruturação consular apesar de alguns temerem complicar a vida dos utentes desenrolou-se naturalmente e pudemos verificar que os serviços decorrem sem problema com a mais valia dos espaços vazios que foram aproveitados no Consulado de Paris.

É verdade, o processo da reestruturação consular aqui em Paris começou há cerca de um ano. Havia uma área de cerca 700 m² que não estava aproveitada, o que implicou um conjunto importante de obras que ficaram concluídas em Dezembro do ano passado. A partir daí o encerramento dos Consulados foi feito de forma faseada para não perturbar o atendimento público. A 15 de Janeiro encerraram os Consulados em Orléans e Tours, a 14 de Fevereiro o de Versalhes e a 17 de Março o de Nogent-sur-Marne. Toda essa fase preparatória permitiu uma adaptação suave ao número crescente de utentes. Desde 1 de Abril de 2008, o Consulado-Geral passou a funcionar ininterruptamente das 8 da manhã às 8 da noite. Verificase que a actividade do Consulado aumentou 150%. Atendemos actualmente cerca de 400 pessoas/dia, (500, às 2.^{as} e 4.^{as} feiras).

Alguns dos utentes que vêm ao Consulado poderiam resolver alguns dos assuntos através da internet?

Neste momento ainda é um pouco difícil, porque tudo o que é bilhete de identidade, passaportes, registos, tem de ser feito pessoalmente. O Consulado tem

vindo a funcionar muito bem. O tempo médio de espera tem sido à volta de 15 minutos e o tempo de atendimento à volta de 20, 25 minutos.

A contestação não tinha razão de ser?

Como disse o Ministro dos Negócios Estrangeiros, todas as reformas provocam contestação, mas a mim não me compete opinar sobre o assunto mas sim executar o melhor que sei as decisões do governo. Não quero falar pelas

peças mas penso que maioritariamente estão satisfeitas. O que compete ao Consulado é servir os utentes melhor maneira possível, com dedicação e educação. Falou há pouco na internet, é muito útil para as pessoas se informarem da documentação que é necessária para os diferentes actos consulares e isso fazem-no através do nosso site (www.consuladoporlugalparis.com), o que permite que venham cá munidas da papelada necessária. Por outro lado, uma das coisas que contribui muito para





o bom funcionamento diário foi a instalação de um “call center” (central telefónica) que atende cerca de 700 telefonemas por dia. O “call center” tem todas as capacidades humanas e de informática para dar toda a informação que as pessoas precisam. Os utentes têm apenas de marcar o número geral do Consulado (01 56 33 81 00).

Com a reestruturação onde foram colocadas as pessoas que trabalha-

vam nos Consulados que encerraram?

Foram aqui integradas, tínhamos um quadro de quarenta funcionários que passou para o dobro. É um número compatível com as exigências do novo horário de funcionamento.

Como é que foram resolvidos os problemas de transporte e habitação das pessoas que trabalhavam nos outros Consulados e tiveram que vir para Paris?

Eu acho que o mundo mudou muito nos últimos anos. Paris mudou muito nos últimos anos e o que antes era um trajeto que demorava muito tempo percorrer hoje em dia é mais rápido. Os grandes Consulados que efectivamente encerraram situavam-se no “grande Paris” com os transportes e acessibilidades facilitadas. Complicação foi para a meia dúzia de funcionários que trabalhavam nos Consulados de Orléans e Tours. Esses usufruem ho-

MEUBLES Elmo
L'ART DU BEAU
MOBILIER DESIGN
Depuis 1987

Créateur de Mobilier Design depuis 1987

PARKING
GRATUIT

164 Av Gallieni
93140 BONDY
Sur N3 Face à Bricorama
Tél: 01 46 07 30 03
Accès: Arrêt BIUS:
Pasteur Hôpital Jean Verdier
Ligne N41-N45-147-334-347-146

14 rue Fernand Léger D14
95480 Patte d'Oie d'Herblay
à Pierrelaye
Tél: 01 47 99 21 98
A15 Sortie N°5.1-SNCF
Montigny Beauchamp

CONCEPTION & FABRICATION Vente en détaxe à l'exportation



meubles-elmo.fr



Au service du BTP

Nous mettons à votre disposition notre savoir-faire et notre expérience pour vous équiper en véhicules.



Plusieurs marques :



 Appelez-nous

01 64 26 11 11

infos@lesdauphins.fr

de um horário de trabalho que permite minorar os efeitos negativos.

Há consonância entre o Consulado e a Secretaria de Estado?

Só pode haver, o Consulado depende do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Qual a sua opinião sobre a comunicação social em França.

A comunicação social portuguesa em França é um sector que tem vindo a evoluir de uma forma muito positiva. Acompanha a evolução da comunidade e permite que todos tenhamos conhecimento das coisas excelentes que os portugueses aqui fazem.

Vemo-lo frequentemente nos jantares mensais da Academia do Bacalhau, qual a sua opinião acerca

das acções promovidas pela Academia?

Tenho muita honra em participar nos jantares da Academia do Bacalhau de Paris onde o convívio entre as pessoas é muito saudável e descontraído. Tem também objectivos de beneficência. Sabia que a Academia do Bacalhau da África do Sul foi das primeiras associações a ajudar os moçambicanos que recentemente tiveram problemas naquele país?

A Câmara de Comércio e Indústria Franco-Portuguesa é já uma aposta ganha?

A CCIFFP é fundamental para fomentar a aproximação e o intercâmbio comercial e industrial entre Portugal e França e a sua criação deve-se ao dinamismo e impulso do Embaixador António Monteiro e também do Dr. Carlos Vinhas Pereira. O que era bizarro num país com tantos

portugueses, era não haver nenhuma Câmara de Comércio e Indústria.

Para terminar e antes de lhe pedir para dirigir umas palavras aos leitores gostaria de saber algo mais sobre os seus hobbies e preferência gastronómica

O meu hobby é a leitura e neste momento estou a ler a biografia da Mao Tsé Tung. Gastronomicamente gosto de tudo. Sou muito "bom garfo".

Para os leitores gostaria de dizer três coisas: espero que tenham tido, ou estejam a ter, umas boas férias; o Consulado está aberto a todas as sugestões construtivas que contribuam para a constante melhoria do serviço público que presta; e, tendo em conta as eleições previstas para 2009 (europeias e portuguesas), que se recenseiem e participem nestes importantes actos eleitorais.





Que nos continuemos a ligar uns aos outros.

Que se continue a encomendar o jantar na churrascaria do nosso bairro, a planear o jantar a dois naquele restaurante especial.

Que se queira comer cada vez melhor e sentir o verdadeiro sabor do que se come.

Que continuemos a inovar e que a tecnologia sirva o mundo em que vivemos, tornando-o sustentável para todos.

Que continuemos todos juntos!



Inovação em Grelhadores



Lisboa

+351 219 628 120 |

Porto

+351 229 829 947/8 |

mail

gresilva@gresilva.pt | gresilvagrills



www.gresilva.pt

Lisb@20²⁰



O Embaixador Francisco Seixas da Costa chegou no passado mês de Fevereiro à Embaixada de Paris e aqui recebeu a equipa da Lusopress Magazine no gabinete, que apesar de pequenas reformas, mantém a mesma estrutura, faltando uns objectos que darão um cunho pessoal não tencionando fazer grandes alterações pois entende que "o serviço do Estado deve-se pautar pela continuidade e menos pelas reformas, apenas o toque pessoal é o elemento fundamental", começou por nos dizer o Embaixador Seixas da Costa.

Embaixador Seixas da Costa

A experiência ao serviço da comunidade

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress

O Embaixador Francisco Seixas da Costa quando falava com Gomes de Sá, da Lusopress Magazine



A família, os seus quadros e livros são indispensáveis na sua vida ?

Evidentemente que sim, não passo sem alguns objectos pessoais e a minha mulher acompanha-me sempre e está muito entusiasmada com esta nona mudança de casa.

Como é que o Sr. Embaixador e a família encaram estas mudanças?

Já estamos habituados a esta constante rotação e faz parte da nossa vida, embora tenha tido um aspecto negativo na vida profissional da minha mulher; as pessoas não se dão conta que a vida diplomática parece muito glamorosa mas tem como efeito colateral a circunstância das mulheres terem de abandonar o exercício da sua profissão em pleno e tenham de prescindir da carreira e acompanhar o marido onde quer que seja colocado.

E numa situação inversa, quando é a mulher a Embaixadora?

Em Portugal só se começou a pôr essa questão recentemente, foi em 1975 que as primeiras mulheres entraram para a carreira diplomática porque o antigo regime não permitia. Foi um decreto de 1974 enquanto o Dr. Mário Soares era Ministro dos Negócios Estrangeiros que abriu a carreira diplomática às mulheres. Há cada vez mais mulheres na carreira e tam-

bém, uma coisa curiosa, com mais sucesso na entrada para a carreira que os homens, isso verifica-se nos concursos para o Ministério; às mulheres que chegam a Embaixadoras e mesmo as que estão numa fase prévia anterior da carreira coloca-se-lhes o problema da profissão do marido, às vezes consegue-se compatibilizar a profissão de ambos, outras isso não é possível, é uma situação delicada quase que poderíamos dizer que no passado, no caso de carreira diplomática tinha-se muito a ideia de que as mulheres eram donas de casa e não tinham carreira profissional, o mundo de hoje é diferente, traz novas tensões e novos desafios aos casais diplomáticos.

No seu percurso diplomático e de negociador de tratados internacionais o que pensa do Tratado de Lisboa não ter sido referendado em todos os países, o que é que isso pode trazer para a Europa em termos de união, dada a situação que estamos a viver, já se sente um pouco de proteccionismo dos países, dos próprios governantes, como o nosso Primeiro-Ministro que aconselhou a preferência de produtos portugueses, está-se a perder o espírito da Europa unida?

Os tratados europeus que durante muito tempo foram negociados no segredo das chan-



celarias e que não passavam por nenhuma referenda pública e apenas eram aprovados numa forma discreta nos parlamentos, a partir do momento em que passaram a abordar matérias que se ligam àquilo que é quase o cerne da soberania, (a moeda e a segurança), todas as dimensões que no passado eram muito ligadas à soberania dos estados, começaram a ser escrutinados pela opinião pública, o primeiro momento é o Tratado de Maastricht, e depois disso o Tratado de Amesterdão, o Tratado de Nice pelos seus avanços, porque sempre que há mais avanços a Europa entra mais naquilo

...“a ideia é que as pessoas possam ter a percepção que o Embaixador não é apenas um nome ou um cartão, é também uma pessoa”.



que eram tradicionalmente as áreas da competência dos Estados; por outro lado, também temos que perceber que estando a Europa a alargar-se em termos de países, a diversidade da cultura política dos países que integram a Europa é maior, eu diria que passou algum tempo do optimismo europeu, a certa altura os Tratados europeus eram uma ideia marcada de um grande grau de optimismo, no sentido de dizer: este é o caminho para o desenvolvimento, para a formação de modelos de liberdade, etc; hoje em dia, tendo em atenção que não há uma opinião pública europeia mas sim 27, muitas delas com culturas e percursos históricos diferenciados nos últimos anos; lembro-me dos países que estiveram sobre a tutela da soberania soviética, países que têm preocupações de segurança diferenciadas como a Grécia, Malta ou Chipre; estamos a falar duma Europa que se alargou e que tem uma heterogeneidade e uma diferenciação que faz com que muitos países já não se revejam naquilo que eram as preocupações do que era a Europa tradicional. o grande desafio que se coloca aos dirigentes europeus e que eles não conseguiram ainda resolver é que quando as opiniões públicas são confrontadas com esta ideia que é preciso mais Europa,

que é preciso alargar mais e aprofundar a Europa, os dirigentes têm de se convencer que a Europa já existe, que é útil para os cidadãos, e há um fenómeno novo na Europa que é: os governos não têm a mesma capacidade de afirmação perante as suas opiniões públicas e perante os seus eleitores, vivem com fragilidades diferenciadas, esta possibilidade de fazer uma simultaneidade de 27 governos estarem preparados exactamente na mesma altura para conseguirem convencer as suas opiniões públicas num salto qualificativo, é cada vez mais complicado e será mais difícil para referendar tratados europeus.

Chegado recentemente do Brasil, um país do tamanho da Europa, que comparação faz entre estes dois exemplos?

O Brasil tem 27 Estados mas a opinião pública é uniforme com problemas diferenciados, vou dar um exemplo interessante que tem a ver com os países de leste que fazem parte deste novo alargamento da União Europeia: tiveram durante muito tempo a sua soberania como que raptada pela tutela soviética, reganharam depois alguma autonomia, às opiniões públicas desses países é-lhes muito difícil depois

de terem ganho a soberania irem partilhar com a União Europeia e perdê-la outra vez, parece-lhes que estão a sair duma tutela e entrar noutra.

O Comunismo acabou, o capitalismo está a ruir, qual acha que é a nova ordem mundial?

Ninguém têm resposta a isso, nem mesmo aqueles que têm o futuro à frente como é o caso do Presidente Obama, a questão é que para já temos de encontrar soluções de natureza europeia que permitam enfrentar esta crise. Implica da parte dos dirigentes europeus a preservação naquilo que é o contrato europeu e que reside no trabalho futuro, por exemplo, esta questão a que se assistiu no Reino Unido em que os trabalhadores se manifestaram e disseram: “empregos britânicos para empregados britânicos”, é muito natural que um trabalhador desempregado numa determinada zona no Reino Unido que vê chegar trabalhadores italianos e portugueses se choque pontualmente com isso, a responsabilidade dos governos é não aprofundar de forma demagógica e populista e explicar aos seus cidadãos que a Europa é uma balança, perde-se dum lado ganha-se do outro, os cidadãos portugueses hoje podem ocupar

GARAGE RIC'AUTO

PASSAGE AU MARBE
CARROSSERIE
MÉCANIQUE
PEINTURE



REPRISE - VENTE TOUTES MARQUES

E.A.E des Tuileries · 34, rue de l'Ormeteau · 77500 CHELLES · fax: 01 60 08 62 29 · ric-auto@wanadoo.fr · www.ric-auto.fr

01.60.20.70.25

lugar numa fábrica britânica e os produtos britânicos podem estar em qualquer prateleira dum supermercado português, os financeiros britânicos podem comprar empresas em Portugal.

A filosofia do Brasil é diferente da de França, acha que se vai enquadrar bem com os portugueses?

Não tenho a mais leve dúvida, tenho 34 anos de experiência diplomática, vivi em vários países, e além disso tenho uma experiência específica, sou de Vila Real, assisti durante toda a minha vida ao que foi o exílio forçado das pessoas para virem encontrar novo destino, tenho imensa gente amiga que teve de sair e tenho um grande respeito pelos portugueses que vivem aqui em França, acho que têm mais coragem do que os que ficam em Portugal, por isso não tenho qualquer problema pois é uma realidade que não me é desconhecida.

O Sr. Embaixador acredita nas novas tecnologias, por isso mesmo criou um blog, tem tido retorno?

O blog foi divulgado e no terceiro dia já tinha 1100 visitantes, era uma coisa que já tinha feito na Embaixada em Brasília onde tinha cerca de 1000 visitantes diários, é algo que me parece útil, tem um espaço de comentário, permite às pessoas fazer um momento de interacção com o Embaixador, uma maneira de colocar o Embaixador fora da torre de marfim, a ideia é que as pessoas possam ter a percepção que o Embaixador não é apenas um nome ou um cartão, é também uma pessoa.

Vai ter a Embaixada aberta como tinha o seu antecessor?

Sim, o mais possível, vou contactar com os portugueses e apoiá-los sem qualquer limite; sou um grande amigo e admirador do Embaixador António Monteiro e acho que fez um trabalho notável em França, que toda a gente reconhece e que a carreira diplomática agradece; nós na carreira diplomática temos personalidades diferentes e maneiras diferentes de estar na vida, há interesses comuns e do Estado e das pessoas, que têm de ser preservados e que aos altos diplomatas compete seguir; a melhor prova é o melhor testemunho quanto à minha actuação são os últimos quatro anos que estive no Brasil.

O Sr. Embaixador está de alguma forma ligado a um partido?

Enquanto diplomata não tenho qualquer actividade política e não tenciono ter, sou representante do Estado, na minha actividade diplomática não tenho partido, a minha posição é a do Governo português; já trabalhei com 19 Ministros dos Negócios Estrangeiros e a minha posição aqui em França é a do Governo Socialista enquanto estiver legitimamente no poder.



Obama e Lula da Silva, que opinião sobre estas duas personalidades? Acha que o Presidente Lula foi prejudicado politicamente com a questão do mensalão?

São duas personalidades a quem é possível ligar a palavra esperança, no caso do Lula essa esperança foi concretizada e foi muito interessante apercebermo-nos que o Brasil não só teve uma grande afirmação internacional mais até do que aquela que já tinha tido com o Presidente Fernando Henrique Cardoso, mas que foi possível concretizar o Brasil com a política serena e equilibrada, com formas de recuperação e com uma maior igualdade. Quanto ao mensalão digo que o Presidente Lula hoje em dia tem 80 % da opinião pública, e essa questão que tem os seus contornos que ainda não foram expressos não prejudicou em absoluto o que é o sucesso do Presidente Lula e aquilo que é manifestamente que o Presidente continua a ter junto da opinião pública brasileira.

Acha que os portugueses devem apostar nos países lusófonos?

Neste momento Angola é um dos países com quem Portugal tem maior número de negó-

cios, há um grande interesse português por Angola e da parte dos angolanos um altíssimo interesse em ter Portugal como parceiro fundamental na sua economia. Acho que nas relações internacionais e com algumas excepções que o mundo conhece bem, as relações comerciais, económicas e de investimento não podem ficar sistematicamente condicionadas a determinantes de natureza política ou de avaliação de vários regimes excepto casos limite. Hoje em dia quase todos os países europeus têm relações com Angola e todos consideram que a evolução política em Angola pode não ter sido tão rápida como desejaríamos, está-se a fazer na progressividade da abertura da sociedade angolana.

O Presidente Sarkozy tem tomado as medidas certas para França?

Isso competirá aos franceses decidirem, mas o papel do Presidente Sarkozy foi extremamente importante para a Europa; para efeitos daquilo que foi a visibilidade da Europa perante duas situações de crise como o caso

do Cáucaso na questão da Geórgia e depois a própria crise internacional, a circunstância do Presidente Sarkozy estar à frente da União Europeia deu uma visibilidade; esse debate na Europa é muito complicado e polémico e sobre o qual deve ser mantida em toda a Europa uma grande pressão com base nos princípios, isto é, a Europa não pode ser um espaço de liberdade se não se comportar como um espaço de acolhimento relativamente ao que vêm de fora, não pode ter os emigrantes só nos momentos bons mas tem de ter a capacidade de compreender também quando corre mesmo menos bem os emigrantes têm de continuar a ter um papel na sociedade. Se eu pudesse definir o que é a Europa hoje em dia diria que é o desafio da convivência dentro da Europa, essa é para mim a grande questão. Aqui há 10 anos olhávamos para a Europa e para as políticas europeias, a época era de não recessão, e parecia-nos que os princípios fundamentais da convivência europeia estavam adquiridos, passaram dez anos e tudo isto é posto em causa dum dia para o outro, vem o protecçãoismo e o nacionalismo, e se a Europa envereda por uma deriva de nacionalismo, arriscamos fortemente a dar cabo da União Europeia.

“É um grande prazer e privilégio servir como Embaixador aqui em França”

França tem uma cultura, uma imagem tradicional perante o mundo. Nós portugueses devemos ter uma grande gratidão para este país que nos acolheu, quer por questões económicas quer por questões políticas, foi um espaço de acolhimento muito grande, mas os portugueses também retribuíram, vieram trabalhar leal e abertamente, integrando-se na sociedade francesa onde não criaram problemas e sendo um dos belos exemplos de boa integração e de capacidade de interacção sem dificuldades que da parte dos franceses é reconhecido; as novas gerações lusodescendentes começam a dar provas ao sublinharem a sua dimensão portuguesa sem deixarem de ser leais franceses, costumam dizer, (dizia isto no Brasil) *“a melhor maneira de ser português no Brasil é ser um leal brasileiro”*, eu diria que para os portugueses o melhor é terem a total lealdade para com os países que os acolhem.

O Sr. Embaixador está a escrever algum livro?

Neste momento não tenho tempo para escrever, e aos meus escritos não chamaria livros, os meus livros são antes colectâneas de textos que vou publicando aqui e ali, costumam mais chamar-lhes volumes que livros; escrevi no Brasil um pequeno texto sobre o 25 de Abril *“AS VÉSPERAS E ALVORADAS DE ABRIL”* para contar o que era Lisboa e o que era Portugal antes do 25 de Abril até essa noite, e que é documentado com fotografias; essa é uma data que me toca muito porque era militar na altura e tenho grande orgulho de ter feito parte do grupo que

ocupou a Escola Prática de Administração Militar, e da ocupação da televisão; fui adjunto da Junta de Salvação Nacional.

Porque é que associam o 25 de Abril ao comunismo?

Porque a seguir ao 25 de Abril houve dentro do MFA e do movimento político associado ao 25 de Abril uma drida de autoritarismo esquerdista que marcou e alienou muito fortemente algumas pessoas e o próprio espírito do 25 de Abril, depois disso houve um período muito complicado que é o do próprio desmantelamento militar que se associou ao prolongamento do Conselho da Revolução a uma tentativa mais autoritária; eu diria que alguns partidos políticos portugueses ao fazerem essa civilização do regime acabaram por ter de fazer como que um ataque ao que foi o período mais radical da revolução que acabou por marcar essa imagem, continuo a pensar que o 25 de Abril foi uma aventura magnífica e da qual os portugueses devem estar orgulhosos.

Gostaria que transmitisse aqui os seus gostos quanto a gastronomia, música, etc.

Eu sou autor de guias de restaurante em Portugal e no Brasil e fiz parte do júri das revistas brasileiras Gula e da Veja. Estar à mesa é um dos momentos mais agradáveis da vida. Quanto a música tenho discos de toda a espécie e uma colecção invejável de música contemporânea, sou grande fã de Sérgio Godinho, Jorge Palma, Fausto e Pedro Barroso. Também gosto de cinema.

Para terminarmos, que palavras quer deixar aqui aos nossos leitores?

É um grande prazer e privilégio servir como Embaixador aqui em França que foi destino de alguma tragédia portuguesa, (considero a emigração de certo modo uma tragédia porque o destino das pessoas é realizarem-se no seu próprio país, a menos que haja uma vontade específica, em casos particulares), que no próprio país não conseguiu reunir condições e como digo, a França é um país a que estamos ligados, já o estávamos por laços históricos e culturais profundíssimos; tive durante muitos anos a França como destino, cheguei aqui pela primeira vez à boleia vindo de Lisboa, da Rotunda do Relógio, frequentei os lugares tradicionais da Rive Gauche e por isso a França está-me no sangue e ter o privilégio de estar aqui numa outra França, num outro momento da presença portuguesa a nível da emigração e das novas gerações ligadas a Portugal, é um momento interessante para acabar a carreira já que este é o meu último posto diplomático. Quero também aqui deixar claro que os portugueses podem contar com o Embaixador e com a Embaixada para tudo, para se queixarem no caso de terem problemas, sei que há alguns com o sistema público, nenhum pedido de informação ficará sem resposta, serei na medida do possível um provedor dos interesses dos portugueses quer junto do governo português quer do francês, naquilo em que forem os seus legítimos interesses afectados.

Gomes de Sá

Distributeur officiel
de MEO SATELLITE
ZON TV CABO



**TELEVISION
HIFI VIDEO
MENAGER**

**Télé
GARE**
F.DA SILVA
01 42 83 48 46
Depuis 1968

**SATELLITE
ANTENNES
DEPANNAGES**

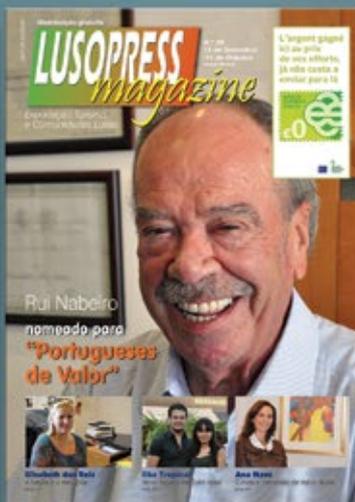
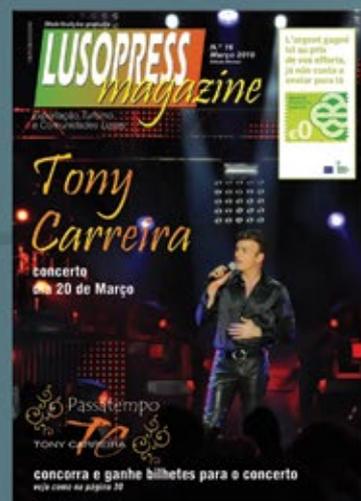
www.telegare.fr
www.artysat.com
www.tv.cabo.fr
Distributeur installateur agréé

VOCÊ ESCOLHE! NÓS INSTALAMOS
1º INSTALADOR EM FRANÇA
UM TÉCNICO AO VOSSO SERVIÇO:
06 14 35 17 28

TV, LCD et PLASMA des GRANDES MARQUES à PRIX-BAS

01 42 83 48 46

113 bd de Champigny 94100 Saint Maur
Près gare RER de Champigny & RN4





Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress



O Embaixador Francisco Seixas da Costa e esposa receberam no dia 10 de Junho, DIA DE PORTUGAL, cerca de 500 convidados na Embaixada de Portugal. Membros da comunidade portuguesa em França, representantes diplomáticos e alguns amigos confraternizaram na recepção e comemoraram este dia tão significativo para os portugueses

"Portugal tem muitos amigos pelo mundo e em França criou muitos devido ao trabalho importante que a comunidade aqui desenvolveu e que prestigiou muito o país e a imagem de Portugal" afirmou o Embaixador Seixas da Costa ao Lusopress.

Mensagem do Presidente da República dirigida às Comunidades Portuguesas por ocasião do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas

Portugueses e luso-descendentes,

Neste Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas, saúdo os Portugueses que vivem ou trabalham fora do seu País, bem como os luso-descendentes que, nas sete partidas do mundo, mantêm acesa a chama da portugalidade.

«Quanto mais longe vou, mais perto fico», foram palavras que Miguel Torga nos legou, num inesquecível poema. Torga conheceu e viveu a realidade da diáspora, sabia do que falava.

É essencial sabermos do que falamos, quando falamos da diáspora portuguesa. Por isso me tenho esforçado para contactar de perto as comunidades portuguesas dispersas pelo mundo.

Sempre que me desloco em visitas oficiais ao estrangeiro – como sucedeu este ano, na viagem que fiz à Alemanha –, procuro que o programa oficial inclua momentos de diálogo directo com as comunidades da diáspora.

É fundamental conhecermos a realidade concreta dos Portugueses que emigraram. Só assim estaremos a par dos seus anseios, das suas necessidades, do seu amor à Pátria, do seu profundo e comovente desejo de preservar os

laços que os unem a Portugal. Mas estes laços têm de ser materializados em acções concretas. Não bastam meras palavras de apreço nem simples discursos de ocasião.

Não é possível construir uma relação autêntica com as comunidades tendo por base apenas proclamações retóricas sobre os afectos ou os sentimentos.

Deve garantir-se que os Portugueses da diáspora mantenham laços efectivos com o Portugal de onde partiram. Entre eles, avulta, naturalmente, o vínculo da cidadania. Por isso, defendi, através de actos concretos, que o exercício dos direitos cívicos pelos emigrantes fosse assegurado de forma plena.

Não esqueçamos que, como disse o escritor Mia Couto, a identidade dos emigrantes é uma «identidade fugidia».

É imprescindível que a identidade dos nossos emigrantes não seja fugidia e que, com o passar dos anos, não se percam os elementos essenciais que ligam as comunidades da diáspora à terra de onde vieram. Porque essa terra tem um nome: Portugal.

E, como Portugueses que todos somos, temos um dever colectivo e patriótico: tornar real o que pode ser fugidio, construir uma identida-

de própria, capaz de superar as distâncias e as saudades.

No século XXI, em que as distâncias diminuem num mundo global, as questões relacionadas com a diáspora não podem continuar a ser tratadas através do tradicional discurso saudosista e passadista, em que se enaltecem os afectos mas se esquecem as realizações concretas.

Não por acaso, ainda ontem tive o gosto de distinguir com o “Prémio Empreendedorismo Inovador na Diáspora Portuguesa” um jovem que, na Holanda, criou uma empresa de aplicações de «software» para telemóveis que factura 2 milhões de euros por ano e tem 70 milhões de utilizadores, e um português, residente na Califórnia, presidente de uma empresa agroalimentar, a maior produtora mundial de batata-doce biológica, que factura 36 milhões de euros por ano e emprega 700 pessoas.

Orgulho-me de ter contribuído para que a política da diáspora esteja mais atenta à necessidade imperiosa de manter intocados os direitos cívicos dos emigrantes.

Orgulho-me de Portugal e de ser Português. E, neste dia 10 de Junho, quero dizer muito vincadamente: orgulho-me de todos os que querem continuar a ser Portugueses.



Dr. Carlos Vinhas Pereira,
Embaixador Francisco Seixas da Costa e esposa



Cônsul José Stuart e Dra. Teresa Moura do AICEP



Comendador Armando Lopes, esposa e sra. Embaixatriz



Hermano Sanches Ruivo e esposa



Antónia Gonçalves da pastelaria Canelas

A alguns dos presentes colocámos a seguinte pergunta:

O que representa para si o Dia de Portugal?

“É um dia que serve para pensar nas nossas comunidades espalhadas pelo mundo, que são cerca de 5 milhões, em que a comunidade se pode afirmar e neste dia encontrar-se nas Embaixadas em todo o mundo. É um momento de orgulho”, afirmou Rodrigues.



Cristina ladeada por duas amigas

“É uma data bastante importante faz-me lembrar Portugal, saudade... temos de nos lembrar daquilo que fomos, do que somos e do que ainda poderemos fazer relembando sempre o que aconteceu, a nossa História. Quanto às comunidades acho que os portugueses estão bem integrados dependendo do local onde se fixaram; nasci em França, fui para Portugal e há ano regresssei.” disse Cristina professora de português.

MEUBLES Elmo L'ART DU BEAU
MOBILIER DESIGN
Créateur de Mobilier Design depuis 1987

PARKING GRATUIT

164 Av Gallieni
93140 BONDY
Sur N3 Face à Bricorama
Tél: 01 46 07 30 03
Accès: Arrêt BUS:
Pasteur Hôpital Jean Verdier
Ligne N41-N45-147-334-347-146

14 rue Fernand Léger D14
95480 Patte d'Oie d'Herblay
à Pierrelaye
Tél: 01 47 99 21 98
A15 Sortie N°5.1-SNCF
Montigny Beauchamp



meubles-elmo.fr



SAVEURS[®] DU PORTUGAL

o seu supermercado português!





Margarida Ferreira

"Dia de Portugal representa família, amigos, melhorias, já somos vistos doutra forma" Margarida Ferreira



Arquitecto Jacques Meira

O Arquitecto Jacques Meira finalizou estas pequenas declarações: *"o 10 de Junho significa milhares de homens e mulheres que falam português e estão espalhados pelo mundo e são os vectores importados duma língua e duma cultura; esta festa não devia ser limitada aos portugueses mas também aos lusófonos".*



MÉCANIQUE · CARROSSERIE · PEINTURE

Z.I. de la Poudrette · 128, Av de Rome - 93320 LES PAVILLONS sous BOIS
Tél.: 01 55 89 10 20 · Fax 01 55 89 10 21





ILDEBERTO MEDINA

PROPRIETÁRIO DAS FIRMAS



&

MEDINA RENTAL PROPERTIES



SEDE EM PROVIDENCE, RI



EMPREITEIRO GERAL PARA TODO O TIPO DE TRABALHO

RESIDENCIAL & COMERCIAL

CONTACTOS:

📞 ESCRITORIO: 401-438-8771

@ E-MAIL: MEDINAGROUP@HOTMAIL.COM

www.LUSOPRESS.TV

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO ESPECIAL
100
Lusopress

A Imagem que faltava à comunidade



Os presentes a visionarem o lançamento da lusopress.tv

A festa de lançamento da LusoPress Tv reuniu centenas de pessoas na sala Vasco da Gama, no Edifício da Rádio Alfa, em Paris, que quiseram estar presentes num momento de grande importância para a comunidade. O projecto de televisão pela Internet vem revolucionar o conceito de informação que alguma vez foi feito por portugueses a residir em França.

Lídia Sales



Foi com a apresentação do "Jornal Global" que arrancou a emissão da LusopressTV. Um jornal de 20 minutos onde o destaque foi para os assuntos políticos da comunidade, depois seguiram-se, a toda a velocidade, os empresários portugueses e luso descendentes, a cultura também mereceu destaque e no final foi uma reportagem de Amália Rodrigues, a rainha do fado que encerrou o bloco informativo. O "Jornal Global" passa a ir para o ar, todos os dias, às 21 horas. Para além das notícias a LusopressTV oferece ainda uma panóplia de reportagens sobre os eventos que marcam a actualidade. Mas as ofertas não se ficam por aqui, até ao final do ano arrancam quatro programas, onde a política, a economia, o desporto e o Show Bizz vão estar no centro das atenções.

Um projecto que José Gomes de Sá, da direcção comercial, vê como um grande desafio: *"Estou muito satisfeito com aquilo que conseguimos até aqui. Foram dias de muito trabalho, para por tudo a funcionar, e agora que a Web Tv foi para o ar, sinto-me realizado, mas consciente de que há ainda muito trabalho pela frente. No entanto acredito que este projecto faz todo o sentido e sei que vamos conseguir levá-lo a bom porto"*.

Gomes de Sá



Guilherme Gomes de Sá



6

Quem também partilha desta opinião é Ângelo e Maria da Silva, do grupo Alfyma e parceiros do projecto "Quando decidimos apostar no projecto, fizemo-lo, conscientes, de que este seria um projecto de sucesso. A Internet é cada vez mais uma ferramenta indispensável em todas as áreas e, uma televisão pela Internet, faz todo sentido porque vai permitir levar a cultura portuguesa a todos os cantos do mundo". Muitas foram as figuras que marcaram presença na festa e que vieram partilhar da opinião de que esta Web tv vem dar os meios que faltavam à comunicação social: "Já temos a rádio, temos a imprensa escrita, faltava a imagem, que vem agora com a Lusopress Tv. Estou confiante no sucesso deste projecto", sublinhou Luís Ferraz, Cônsul de Portugal, em Paris.



da esq. para a dir.:
Carlos e Antónia Gonçalves, Ricardo José, José Rodrigues,
reitor Nuno Aurélio, Lidia Sales, Gomes de Sá, Victor Gil e Nuno Cabeleira



David Leite, adido
Cultural e de
Promoção
da embaixada de
Cabo Verde e
Mariana Mandagi



Carlos Vinhas Pereira, Gomes de Sá, reitor Nuno Aurélio, Angelo Silva,
Luís Malta e Maria da Silva



pela sua **saúde** e pela
saúde dos seus clientes
*grelhados na brasa
sem chama e sem carvão!*



GRESILVA

Inovação em
Grelhadores

www.gresilva.pt

Lisboa - 219 628 120
Porto - 229 829 947/8





SARL DIAS MIRANDA

Maçonnerie Général et Menuiserie



41 rue Emy les Près
95240 Corneilles-en-Parisis
Tel: **06 61 18 45 28**
sarl.dias.miranda@hotmail.fr

Todos os anos, a empresa "Alfyma" prepara uma surpresa para os seus funcionários e colaboradores — um jantar/gala para agradecer a quem contribui para os bons resultados da empresa. As margens do Sena, em Paris, receberam a grande família "Alfyma" numa festa que demonstrou a união e a amizade que simboliza o sucesso desta empresa.



15 anos unindo os portugueses
 EDIÇÃO ESPECIAL
 100
 Lusopress

Alfyma festeja ano de bons resultados com os funcionários num jantar de luxo no Bateaux Mouches, em Paris

A festa cheia de surpresas começou por premiar alguns funcionários que trabalham na "Alfyma" há mais de 20 anos.

Angelo da Silva, o proprietário da empresa, conjuntamente com a sua mulher Maria da Silva foram os anfitriões de uma noite que durou até altas horas da madrugada. Pelo meio houve algumas surpresas. Um cocktail de boas vindas, ao qual seguiu-se um jantar a rigor



<p>CONSTRUCTION et RENOVATION</p>	 <p>ENTREPRISE DA SILVA CASALINHO</p> <p>94500 CHAMPIGNY</p> <p>Contact: Mr DA SILVA Armindo</p>	<p>Port. 06 07 02 31 70 Tél: 01 45 90 39 80 dasilvacasalinho@orange.fr</p>
--	---	--



DONNONS VIE À VOS PROJETS!



CLIMATISATION
ECO-ÉNERGIE
CHAUFFAGE
PLOMBERIE
SANITAIRE
OUTILLAGES

SUPPORT TECHNIQUE

PRESCRIPTION
APPUI TECHNIQUE
FORMATION



CONTACTEZ-NOUS
DÈS MAINTENANT

TEL. 01 56 31 05 12 | contact.fr@macolis.fr

SHOWROOM • 14, RUE CONDORCET
94430 CHENNEVIÈRES-SUR-MARNE

www.macolis.fr

macolis ^{FR}
DISTRIBUTEUR OFFICIEL



muito *"nouvelle cuisine française"* que durou cerca de hora e meia, num passeio pelo Sena, onde ao saborear a deliciosa comida, podia-se ver alguns dos edifícios que fazem de Paris, um autêntico postal ilustrado. A família Silva estava radiante com sucesso da noite, ainda para mais os funcionários só teciam altos elogios aos anfitriões da festa. Diziam coisas como *"não podemos ter os melhores patrões"*, uns elogiavam a simpatia da Madame Silva, outros referiam que a empresa estava bem entregue aos filhos.

A noite tinha ainda muito para oferecer, um grupo de bailarinos ainda um pouco com a febre do Carnaval, já que o jantar foi a 20 de Fevereiro, dançaram o "Samba de Janeiro".

A festa seguiu com uma sessão de karaoke. Foi uma noite em cheio, a "Alfyma" está de parabéns, mostrou como se trabalha para obter os bons resultados: basta ter um grupo unido e coeso e juntar a simplicidade de quem dirige a empresa.

CLAYE-SOUILLY

Seine-et-Marne (77)

Résidence Cloiff

Proche de la nature

Au cœur des espaces verts, entre champs et forêt, Claye-Souilly profite de la quiétude d'un environnement préservé. Deux parcs sont à la disposition des Clayois, le parc « Buffon » et le parc « Papillon de la Prée ». Quant aux berges du canal de l'Ourcq, très fréquentées, elles sont devenues le rendez-vous quotidien privilégié des promeneurs. La commune consacre d'ailleurs chaque année une part importante de son budget à son embellissement et à l'entretien de ses espaces paysagers.



Centre-ville de Claye-Souilly

Une résidence en cœur de ville



- 30 km de Paris
- 17 km de Meaux
- 15 km de Roissy-Charles-de-Gaulle
- 11 km de Chelles

Claye-Souilly bénéficie d'un riche réseau de transports en commun :

- Bus Transdev lignes 8, 9, 12, 15, 18, 19, 20, E
- Transilien ligne K : gare Mitry-Claye
- RER B : gare Mitry-Claye

inova PROMOTION

Renseignements et vente :

01 79 95 12 92

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO ESPECIAL 100
 Lusopress

Luís Ferraz,
 Cônsul Geral de Portugal em Paris

Luís Ferraz é o actual Cônsul Geral de Portugal em Paris.

Estudou Direito mas o objectivo era seguir a carreira diplomática.

Participou em momentos-chave da diplomacia, como o Acordo de Schengen e o início da construção de Timor-Leste como país independente. Não tem planos para o futuro mas, o presente, vive-o intensamente nas funções de Cônsul, que lhe deixam pouco tempo livre.



“Este é o maior consulado de Portugal no mundo”

Começando pelo princípio, como foi a sua juventude?

A minha juventude foi, principalmente, em Lisboa, onde fiz todos os meus estudos, com presenças regulares entre Barcelos e Guimarães. Toda a minha família é minhota e, portanto, ia regularmente para o Minho.

O que fazia enquanto jovem?

Acho que fazia o mesmo que a maior parte dos jovens da minha idade. Hoje em dia, acho que os jovens vivem um bocadinho mais isolados por causa do acesso às novas tecnologias. No meu tempo não havia nada disso e, portanto, era uma actividade muito mais exterior, com muitos jogos de futebol.

BLUETOOTH

**Importers - Exporters of Mobile Phones,
accessories and open market distributors
Europe**

**Smart Phones, Tablets, Game consoles,
Audio accessories from all relevant manufacturers**

Best pricing and availability

Perfect logistics performance

Cordiality, reliability and professionalism

More than 20 years of EMEA market expertise

FRANCE

Bluetooth EURL: N° 6, avenue de la Resistance, 94430 - Chennevieres-sur-Marne - France
Tel: +33 145 93 44 43 Fax: +33 145 93 45 09 Email: contact@bluetoothlda.com

PORTUGAL

Bluetooth Lda: Rua Ville de Langon, n°. 60, 1°. Dt. Frt. 4410-234 Canelas - Portugal
Email : info@bluetoothlda.com

REG OFFICE: Rua dos Penedos - Varzea, 4540-730 Arouca - Portugal
Tel : +351 227 126 331 Fax : +351 227 141 145

Onde e o que estudou?

Fiz o liceu em Lisboa, no Liceu Pedro Nunes. Depois tirei o curso de Direito na Faculdade de Direito da Universidade Clássica de Lisboa. Ainda quis fazer, para ver como era, o estágio de advocacia, portanto sou advogado, com inscrição suspensa. E depois concorri ao Ministério dos Negócios Estrangeiros, que era o meu objectivo enquanto estudante.

Conseguiu?

Consegui, entrei à primeira. Se não tivesse entrado, provavelmente não iria fazer outro concurso, tinha ido advogar porque na altura em que fiz o concurso já estava muito dividido entre a minha convicção original, que era a carreira diplomática, e a minha segunda convicção, que foi o Direito e o exercício da advocacia.

O que o seduzia na carreira diplomática?

Em primeiro lugar, e acho que deve seduzir a todos os que concorrem à carreira diplomática, a possibilidade de viver no estrangeiro e de viajar regularmente. Em segundo lugar, as relações que se estabelecem no exercício da actividade diplomática com parceiros de outros países ou, no caso da actividade consular, com os próprios portugueses.

Quais eram as suas funções quando entrou para o Ministério dos Negócios Estrangeiros?

Parece que era um desígnio, comecei precisamente pela área consular. Fui trabalhar na Direcção Geral dos Assuntos Consulares da época, a tratar de vistos. Depois, passado um ano e meio, tive a sorte de aparecer o Acordo de Schengen e passei rapidamente a ser o delegado de Portugal no vector essencial do acordo, que era o grupo de circulação de pessoas. Portanto, praticamente toda a legislação que Schengen que está em vigor foi feita no tempo em que eu lá estive. Depois fui para a representação permanente junto da União Europeia, tratar dos assuntos comunitários. Regressei em 1998 e fui trabalhar no gabinete dos Assuntos Económicos. Depois, fui convidado pelo Padre Vítor Milícias, quando foi criado o cargo de Comissário para o apoio à transição de Timor-Leste. Fui trabalhar com ele durante 3 anos e aí trabalhávamos diariamente e directamente com toda a estrutura que hoje dirige aquela antiga colónia.



Como foi essa experiência?

Foi uma coisa extraordinária porque lidamos directamente com o actual Primeiro-Ministro Xanana Gusmão, Ramos Horta, Mário Alcatiri. Era assistir à construção de um país, foi um momento único que penso que não se repetirá.

Depois de mais alguns cargos, chegou a Cônsul Geral de Portugal em Paris em Fevereiro de 2009. Como está a ser a experiência?

É uma experiência, ao mesmo tempo extraordinária e interessantíssima porque a área

de jurisdição do Consulado Geral em Paris cresceu substancialmente com o processo de reestruturação consular. Basta dizer que esta área de jurisdição ocupa cerca de 160 mil quilómetros quadrados, o que nos obriga a andar muito para ter um contacto regular com a comunidade. Mas é, de facto, uma experiência muito interessante e é também uma forma de servir a comunidade portuguesa que aqui está.

Como é que é o seu dia-a-dia?

Um dos aspectos positivos deste consulado é que não há rotina, todos os dias temos acontecimentos novos. Este consulado também está muito exposto, pela dimensão, pela área que detém, pelo número de utentes que aqui vem todos os dias. Nunca temos menos de 600 utentes por dia e o nosso número record são 1170 utentes num dia. É necessário gerir uma estrutura com 81 funcionários, é preciso estar atento ao andamento normal do serviço de atendimento, para lá do relacionamento com os conselhos das comunidades, com o conselho consultivo, com as 400 associações que estão nesta área de jurisdição. Portanto, todos os dias temos acontecimentos novos, diferentes, que se sucedem.



BBN – LNIR – MHP

- Nettoyage tous locaux
(Tertiaires, habitat social, syndic...)
- Débarras et remise en état
- Dératisation, désinsectisation, désinfection
- Ventes sacs plastiques et produits d'entretien



- Ecoute
- Réactivité
- Proximité
- Qualité
- Services



Des professionnels au service
de la Propreté

9 rue des Sablons – 91540 ECHARCON
Tél. : 01 76 62 26 30 – Fax 01 72 92 98 54
Mail : exploitation@puissance5.fr

Este é, porventura, o consulado que cria um maior desafio ao Cônsul...

Eu estou certo que todos os meus colegas cônsules dirão que o Consulado deles é o mais importante. E é, de facto, revelador do sentido profissional que eles têm e da consciência das respectivas áreas consulares. Mas é indiscutível que um consulado que tem uma área tão grande como este, que tem 500 mil inscritos, que abrange a área de residência da maior parte da comunidade portuguesa em França, é o maior consulado de Portugal no mundo. E penso que a demonstração disso foi a presença do Sr. Primeiro Ministro aqui na sexta-feira [dia 7 de Maio], que escolheu este Consulado para visitar e para se encontrar com a comunidade portuguesa aqui residente.

Ao mudar tantas vezes de trabalho e residência não sente falta de estabilidade?

Esse é o lado menos compreendido da opinião pública em relação à actividade diplomática porque pensam sempre que somos uns privilegiados que vivem no estrangeiro em condições acima da média, desconhecendo as funções de representação que é preciso desenvolver e, por outro lado, também essa fractura familiar. Evidentemente, ser casa-

do com um diplomata é difícil porque, se o diplomata mantém o seu vínculo profissional por onde andar, o mesmo não acontece com o cônjuge, que se tiver actividade profissional não a pode desenvolver de forma regular. Eu

deslocações às associações. O facto de estar sozinho também me facilita porque favorece essa deslocação. De resto, aproveito a maior parte do tempo para descansar.



O que pretende fazer no futuro?

Para já, prosseguir aqui em Paris a minha presença aqui como Cônsul Geral e cumprir os quatro anos, que é o tempo normal de permanência de um diplomata num posto. Depois, não tenho planos, logo se verá, daqui três anos, que oportunidades me surgirão no caminho.

Para o conhecermos um pouco melhor, queremos saber alguns dos

seus gostos pessoais.

Livro - Não tenho um livro preferido, tenho muitos. Gosto muito de Camilo porque toca na minha área de origem. É preciso ser minhoto para entender muito do que se passa ali.

Música - Oiço de tudo. Gosto imenso de música clássica mas também de Rolling Stones e Bruce Springsteen. E jazz também.

Filme - Um que acho fabuloso é o Dr. Estranho Amor, de Stanley Kubric.

Cidade - Paris, Londres e Roma são as 3 cidades que mais gosto na Europa.

Sonho - Aquele que todos devemos ter sempre, a felicidade. O resto é acessório.

estou sozinho aqui em França. Os meus filhos e a minha mulher não puderam vir mas, no fundo, estamos muito próximo de Portugal. Seria pior se estivesse na Índia ou noutra sítio qualquer assim tão longe.

Como ocupa o seu tempo livre?

Pode parecer presunção mas eu não tenho muito tempo livre. O Consulado funciona dez horas por dia e eu estou quase sempre cá. Temos tido também uma actividade cultural regular, o que obriga a estar aqui para além da hora de encerramento ao público. E os fins-de-semana são preenchidos com

fique em casa

rester à la maison | stay at home

LUSOPRESS TV



Lonni Martins conquista 3º lugar na corrida Porsche Matmut Carrera Cup

15 anos unindo os portugueses lusopress

EDIÇÃO ESPECIAL 100



A prova foi em Dijon e a reportagem da Lusopress acompanhou os treinos na véspera que o posicionaram em 4º lugar.



Família Martins feliz com a conquista do 3º lugar

No dia da prova a primeira corrida com a duração de 45 m correu bem ao piloto pois conseguiu o 3º lugar e pela primeira vez subiu ao podium. Na segunda corrida de 20 minutos Lonni ficou no 4º lugar.

"Fiquei em 4º lugar para mim foi bom, a outra correu melhor mas mesmo assim vou marcar pontos. Este gosto pelas corridas foi-me transmitido pelo meu pai que também corre, com seis anos comprou-me o meu primeiro carro, tipo fórmula 1 muito pequeno com motor de moto, a partir comecei a andar nos Karts até chegar à

Tintos de Prazer

ALENTEJO

Catalogue ON-LINE
www.lusocampos.com



HERDADE DA MAROTEIRA

LUSOCAMPOS
Wines & Spirits

01 60 55 47 43 | 06 78 84 99 51 | info@lusocampos.com

Créez et offrez le cadeau, qui vous ressemble !

Remercier vos clients, Stimuler et récompenser vos équipes, féliciter vos partenaires.



Kenny, Lonni e Mário Martins



Porsche. O meu objectivo este ano não é ganhar mas sim adquirir experiência para o ano”.

O seu capacete está bem identificado com a bandeira portuguesa e o carro com muitos patrocínios, estes são importantes para poder prosseguir a carreira como piloto?

A justificação para a bandeira portuguesa é simples, os meus pais nasceram em Portugal e eu, mesmo tendo nascido em França se me perguntam a nacionalidade digo que sou português. Os patrocínios são importantes neste desporto e muito do nosso tempo é passado a encontrá-los; depois

deste trabalho é que se tem o verdadeiro prazer de conduzir.

Lonni desde muito pequeno a competir tem um sonho que gostava de ver concretizado: fazer as 24H00 Le Mans.

Mário Martins no fim da corrida expressava a felicidade que sentia: *“É um orgulho muito grande, é um desporto que já faço há muitos anos mas nunca consegui chegar onde ele já chegou, estar na Porsche Matmut Carrera Cup no campeonato de França e no meio destes profissionais todos, claro que é um orgulho muito grande. Comecei mais tarde que ele, tinha 25 anos e outras condições,*

comecei pelo Kart, progridi dos 125cc para o 250cc e desses passei à Peugeot Sport. Há 2 anos que também estou na Porsche. Esta marca é muito importante”.

Acompanha o Lonni em todas as corridas?

Estou sempre presente, a próxima é na Alemanha num circuito fabuloso. A paixão dele é desde muito pequenino, e eu tenho-o acompanhado sempre, contribuo com o patrocínio da MRTI assim como muitos dos meus amigos, Les Dauphins, Gepe-ma, Eurelec e muitos outros que acreditam nele; neste desporto, sem bons patrocínios é muito difícil.

Carrosserie du Marché



**Réparation toutes marques
Agrée aux assurances
Préparation tuning**



Tél.: 01 48 32 18 66 - Fax: 01 48 31 79 46
18 rue Raymond Bertout - 93700 Drancy



MarianoV

Aux caves du Portugal
GROUPE



SEMOY

1, rue de l'Orme-Gâteau
45400 SEMOY
Tél.: 02 38 22 12 22



ST PIERRE DES CORPS

30, rue Pierre
37700 ST PIERRE DES CORPS
Tél.: 02 47 46 28 94



CHENNEVIERES SUR MARN

3 bis, rue Gay Lussac
94430 CHENNEVIERES / MARNE
Tél.: 01 56 31 33 40



FONTENAY LE FLEURY

16, rue de la République
78330 FONTENAY LE FLEURY
Tél.: 01 30 23 99 51



RILLIEUX LA PAPE

807, Z.I. Les Mercières
69140 RILLIEUX LA PAPE
Tél.: 04 78 88 06 66



LYON

28, rue de la Tête d'Or
69006 LYON
Tél.: 04 78 93 29 08



LA TRINITE

BAT 4B - ZI Impasse Anatole
France2
6340 LA TRINITE
Tél.: 02 38 22 12 22



ST PRIEST

73, rue des Etats Unis
69800 ST PRIEST
Tél.: 04 74 72 44 36



BORDEAUX

2, rue Edmond Besse
3300 BORDEAUX
Tél.: 05 57 19 29 88



MORTEAU

36, Grande Rue
25500 MORTEAU
Tél.: 03 81 67 37 08



PONT DE CHERUY

17, rue de la République
38230 PONT DE CHERUY
Tél.: 09 62 64 20 88



VIC LA GARDIOLE

47, Route de Montpellier
34110 VIC LA GARDIOLE
Tél.: 04 67 38 42 54



CLERMONT-FERRAND

1, rue D'Herbert
63000 CLERMONT-FERRAND
Tél.: 04 73 75 93 90



MOUGINS

1999, av. du Marechal Juin
6250 MOUGINS
Tél.: 04 93 45 77 72



MENTON

13 bis, Route de Sospel
6500 MENTON
Tél.: 04 93 96 65 90



MENTON

39, av des Accacias
6500 MENTON
Tél.: 04 89 03 42 11



BEAUSOLEIL

16, av de la République
6240 BEAUSOLEIL
Tél.: 02 38 22 12 22



NICE

139, BD Gambetta
6000 NICE
Tél.: 04 93 51 81 30



NICE

139, BD Gambetta
6000 NICE
Tél.: 04 93 88 01 14



GIVORS

1, Place Pasteur
69700 GIVORS
Tél.: 02 38 22 12 22



ARBENT

31, Route de Dortan
1100 ARBENT
Tél.: 04 74 73 04 45



TROYES

37, rue de Bas Trevoirs
10000 TROYES
Tél.: 03 25 73 13 12



Luxemburgo

RODANGE
28-30 Route de Longwy
L 4830 RODANGE
Tél.: 0035 2 265 039 20



Luxemburgo

DUDELANGE
28, Gd Charlotte
L 3440 DUDELANGE
Tél.: 0035 2 352 511 677



Portugal ÍLHAVO

Zona Ind. da Mota, rua 8
3830 Gafanha da Encarnação
Tél.: 00 351 234 327 543



Siege - ETS MARIANO AUX CAVES DU PORTUGAL 33

1, rue de L'Orme Gateau
45400 SEMOY





Portugueses
de valor

“A iniciativa Portugueses de Valor 2011 marca o início de uma nova era”

Foi no passado dia 9 de Junho, no Salon Toffoli do Plateau de Gravelle, no Bois de Vincennes em Paris, que o projecto organizado pela Lusopress, Portugueses de Valor 2011, se concluiu e consumou, num jantar que juntou mais de 300 portugueses.



A Lusopress gostaria de congratular todos os 100 nomeados pela sua coragem e determinação e de agradecer em igual medida a todos aqueles que tornaram este projecto possível. Não poderíamos deixar também de dirigir um agradecimento especial às várias entidades que apoiaram e acreditaram no projecto.

É da nossa mais profunda convicção que uma tal iniciativa contribui como factor de agregação social, ao juntar os portugueses espalhados por esse mundo fora sob a mesma bandeira. Tal é, no fundo, a missão da Lusopress e esperamos sinceramente continuar a poder fazer jus à nossa divisa “Onde há um português, há Portugal”. A iniciativa Portugueses de Valor voltará em 2012, com novos casos de sucesso a juntarem-se aos 100 deste ano.

José Gomes de Sá, director comercial da Lusopress conclui: “A iniciativa Portugueses de Valor 2011 marca o início de uma nova era. A Lusopress acredita que um espaço passível de comportar a globalidade da realidade portuguesa deve ser criado e defendido. É a tal que visamos, e é isso que continuará a orientar o nosso trabalho nos anos vindouros”.

Galardoados com o troféu Portugueses de Valor 2011

Amândio Silva
Armando Lopes
Benjamim Duarte
Carlos Matos
Joaquim Casimiro
José Correia
Mapril Baptista
Rogério Vieira
Rui Nabeiro
Victor Gil

A título póstumo

Manuel Mafra

Victor Fereira, Gomes de Sá, Manuel Luis Goucha, Lidia Sales, Rogério Vieira e o quarteto de Jazz



Embaixador Francisco Seixas da Costa





LA FORCE D'UN GRAND GROUPE



TERRASSEMENT - DÉMOLITION - LOCATION
d'engins et camions



3 rue des Voeux St Georges
94290 VILLENEUVE LE ROI
Tél : 01 45 97 01 19



- 1 - Amândio e Natália Silva
- 2 - Alves e dois colegas do Consulado de Portugal
- 3 - António Fernandes e David Monteiro
- 4 - Benjamim Marques e o Cônsul de Portugal, Luis Ferraz



Bragança

Naturalmente!



Bragança
Município

- 1 - José e Lucinda Oliveira
- 2 - Paulo Gonçalves e Gomes de Sá
- 3 - Paula e Mário de Sousa
- 4 - Luis Rocha e Joaquim de Sousa
- 5 - Taças ganhas pelo Sporting Club de Paris
- 6 - Ulrich Amado e Guilherme Gomes de Sá



3

4

6

2

1

5

M.R.T.I.

Votre solution transports

ZI de la Poudrette
93220 Les Pavillons-Sous-Bois
01 41 55 17 00

RAIL

ROUTE

MARITIME



Agence de Valenton
Tél. 01 41 94 12 06
Fax 01 43 99 51 78

Agence de Porto
Tél. (351) 22 71 515 50
Fax (351) 22 71 515 59

Agence de Lyon
Tél. 04 37 25 16 30
Fax 04 37 25 16 31



mrti.fr



Entrevista com José Cesário, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas

4

Poucos meses depois da tomada de posse do novo executivo, José Cesário, Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, fala à Lusopress, numa conversa franca e aberta, sobre os problemas do país e, nomeadamente, dos que dizem respeito à diáspora.



A diáspora pode esperar uma relação muito franca e aberta com o Governo

Para começar, pedia-lhe que explicasse aos portugueses que residem no estrangeiro o que podem esperar deste novo governo.

Podem esperar seriedade, proximidade e uma relação muito franca e aberta. Espero que consigamos ter com as nossas comunidades uma grande atenção. Sabemos muito bem que os tempos que vivemos são difíceis, não há lugar para venda de ilu-

sões às pessoas mas há lugar para ter uma postura de grande seriedade e que sirva para transmitir a todos que nós acreditamos no futuro de Portugal.

E que medidas concretas é que o Governo está a pensar tomar no que diz respeito à diáspora?

Há um conjunto vasto de políticas que o Governo tem equacionado para a diáspora e que

assenta nalguns eixos relativamente claros. Há um primeiro eixo, que é o da língua. Vamos tentar apostar muito mais nos recursos e iniciativas locais, tentar mudar completamente o rumo em que o estado tem investido neste sector. Vamos desenvolver novos mecanismos que eu espero que venham a valorizar o modo como o ensino do português é feito. Nomeadamente, estamos a preparar uma plataforma de ensi-



Experiência comprovada ao serviço da restauração portuguesa



Capacidade 180 pessoas



06 26 35 61 08
34, rue Benoit Franchon 94500 Champigny sur Marne

6

no à distância complementar à acção dos professores e estamos também a pensar fazer a certificação das aprendizagens. Depois há um segundo eixo, que é o do apoio administrativo às pessoas, o chamado serviço consular. A este nível, vai haver uma grande mudança nos próximos anos, que consiste na aproximação do serviço às pessoas. Nesta fase importa-nos menos saber onde temos os postos, importa-nos mais ir ao encontro das pessoas. Nós temos comunidades muito dispersas e, por mais postos consulares que tenhamos, nunca conseguimos cobrir a generalidade das necessidades. Temos comunidades em todos os países do mundo e, incluindo embaixadas e postos consulares, temos apenas cerca de cem estruturas e, portanto, estamos muito longe das necessidades. Vamos apostar numa mudança radical a este nível, com novas tecnologias, novas máquinas, e projectos de itinerância que julgo que vão ter vantagens inequívocas para a generalidade das comunidades. Em parceria com associações, vamos criar serviços de atendimento às pessoas.

Depois há a área da participação política. Eu diria que esta é a grande questão em cima da mesa, que é saber até que ponto as nossas comunidades percebem que têm tudo a ganhar em participar muito mais na vida política e cívica dos países onde estão e na nossa também. A este nível temos várias coisas a equacionar. Uma é a valorização do movimento associativo. Esperamos, por essa via, conseguir motivar as pessoas para a política. Depois, queremos realizar encontros, parcerias, intercâmbios com os luso-eleitos. Há variadíssimas personalidades, em vários países do mundo, que têm já alguma visibilidade pública, política e noutras áreas. E há aspectos do associativismo que também temos que valorizar, como o associativismo empresarial, o das mulheres e o dos jovens. Vamos realizar alguns encontros com estes sectores. Haverá um ainda este mês no Brasil, um segundo em França e há o Grande Congresso da Mulher Migrante a realizar em Portugal em Novembro. Há um ciclo de acções deste tipo que vai ser realizado por instituições, normalmente locais, que terá o nosso apoio permanente. Há ainda umas questões finais que são muito importantes, como é o caso do aumento do número de gabinetes de apoio aos emigrantes nas nossas autarquias e as questões que se prendem com o Conselho das Comunidades Portuguesas.



O Governo não tem meios para resolver o problema (dos salários na Suíça)

O anterior executivo também procedeu a uma modernização da rede consular mas isso foi alvo de críticas de alguns portugueses que tinham que usar a tecnologia mas que não a achavam muito fácil. Não temem cair no mesmo erro?

Eu acho que o tipo de modernização que foi feita não terá sido suficientemente acautelada porque, em boa verdade, investiu-se em equipamentos que já se sabia, à partida, que dificilmente iriam servir para algo de concreto uma vez que eram equipamentos que não permitiam realizar actos. Os equipamentos em que estamos a investir são completamente diferentes; são máquinas idênticas às que já existem nos consulados e que, obviamente, vão ser manipuladas por funcionários e não pelas pessoas. Os funcionários vão deslocar-se junto das pessoas, nomeadamente a algumas associações levando essa máquina com eles – que é uma máquina portátil de emissão de cartões de cidadão e de passaportes electrónicos – e, conjuntamente com alguns outros meios, podem fazer

localmente um conjunto de actos que, até aqui, só era possível fazer dentro do Consulado. Portanto, estamos a falar de coisas completamente diferentes. Apesar de tudo, vamos tentar tirar alguma utilidade dessas máquinas que estão espalhadas nalguns sítios.

Há medidas de fecho de alguns consulados que podiam ter sido tomadas se, na altura, houvesse esse tipo de recurso. Não havia e, portanto, as pessoas foram penalizadas. Por exemplo, fechou-se os consulados de Tours e de Orléans e foram substituídos por consulados honorários que têm as suas portas abertas e onde há funcionários e o Estado gasta muito dinheiro. Mas, como não têm equipamentos, não servem para nada a não ser receber papéis e enviá-los para Paris. Esse tipo de estruturas é inútil; é muito mais útil um serviço em que funcionários consulares se desloquem a uma cidade onde já houve um posto consular ou não e possam atender essa comunidade.

Falou da questão do ensino do português. Recentemente houve uma greve dos professores na Suíça e ouvi-o dizer que o Governo não tem mesmo maneira de aumentar o salário desses trabalhadores. É verdade?

É verdade, não temos meios para aumentar salários seja a que título for. Sei que não é um aumento salarial, é uma actualização proveniente da degradação do valor do Euro face ao Franco Suíço mas isso significa dinheiro e nós não temos. É pública a situação do país. Toda a gente sabe que fomos confrontados com um deficit que ultrapassa, em muito, aquilo que esperaríamos e, infelizmente, somos obrigados a ser muito rigorosos e não temos, efectivamente, meios para resolver esse problema. Evidentemente, compreendemos a situação delicadíssima em que alguns estão, não todos. Mas, infelizmente, não temos possibilidade de aumentar salários que, para os padrões da Suíça são, efectivamente, baixos mas, para os padrões portugueses são altíssimos.

E não teme pelo ensino do português nesses locais?

Há problemas. Não escondo que, nalguns casos, há horários que foram ou serão eliminados. Mas há uma coisa que é preciso perceber: é que a nossa filosofia de ensino do português vai ser apostar nos locais em que há um grande envolvimento da comunidade. Porque temos consciência que, em muitos locais, temos horários abertos e as crianças e jovens que os frequentam encaram aquilo como uma obrigação e os resultados são extremamente



NorthCoast

RUGGED | VERSATILE | PERFORMANCE



NORTHCOASTBOATS.COM

75 BALLOU BLVD. BRISTOL, RHODE ISLAND 02809

888-802-2132

baixos. Isto não serve ninguém, nem os pais nem os alunos nem nos serve a nós. Gastamos muito dinheiro e depois não temos resultados. Por isso, vamos apostar nos locais em que há, efectivamente, envolvimento. Há locais em que há escolas – de natureza associativa, privada ou pública – que vale a pena apoiar, ajudá-los a suportar as despesas que têm com esses cursos, podendo depois ter resultados muito melhores. E vamos também apostar muito em que os outros Estados, numa lógica de reciprocidade, possam também aumentar as respostas relativamente ao ensino do português.

Há muitos empresários portugueses no estrangeiro bem-sucedidos e com vontade de investir em Portugal. É objectivo do Governo atrair o investimento desses empresários?

Sempre foi e será. Embora eu saiba que, por vezes, esses empresários são confrontados com barreiras burocráticas complicadas. Evidentemente, não há responsabilidade directa no Ministério dos Negócios Estrangeiros mas o Ministério da Economia está a preparar algumas medidas nesse sentido e espero que consigamos disponibilizar informação para que eles possam investir de uma forma mais simples do que até aqui. Mas não é fácil. Nós temos em mãos alguns programas. Espero que, em breve, o Netinveste possa finalmente arrancar. É uma plataforma electrónica de divulgação de oportunidades de negócios e de informações sobre o modo como fazer negócios. Esta é uma forma de chegar a muitos desses empresários que querem ou investir cá ou então nos países onde estão conjuntamente com empresários daqui.

Como é que olha para a nova vaga de emigração e, nomeadamente, para a fuga de cérebros?

A fuga de cérebros é sempre delicada, tem sempre aspectos negativos. Embora tenha alguns aspectos positivos, como a possibilidade de as pessoas adquirirem formações no estrangeiro que depois venham a ser úteis para o país. Mas, realmente, estamos a assistir a uma onda de emigração muito grande, que só não é maior porque os países para onde normalmente os portugueses se deslocam também têm problemas parecidos com os nossos. Mas estamos perfeitamente conscientes dessa vaga. Aliás, essa onda de emigração é contínua há muitos anos, só que aumentou muito recentemente, fruto das circunstâncias económicas que estamos a viver. Por isso é que digo sempre que, para além do rigor das políticas e da redução da despesa, o maior desafio para o actual Governo

“O maior desafio para o Governo é conseguir ter uma economia mais forte”

é conseguir ter uma economia mais forte, empresas mais produtivas e mais emprego. É isso que nós esperamos, ajudar as empresas a criar mais emprego em Portugal. O Estado não vai fazer isso. A gravidade da situação que estamos a atravessar tem muito que ver com o facto de, a determinada altura, o Estado ter querido resolver os problemas que a sociedade civil não conseguia resolver. Portanto, “atirou-se dinheiro” para os problemas, adiaram-nos, aumentou-se a dívida de uma forma tremenda e hoje não a conseguimos pagar. Não queremos continuar a ir por aí. É preciso criar condições para que as empresas possam investir. O Estado tem que ser cada vez mais pequeno. Há coisas que o Estado faz que as empresas podem fazer com muita vantagem porque fazem-no de uma forma mais barata e servindo melhor as pessoas. Portanto, é essa a linha que vamos seguir.

Acha que o problema também depende do empreendedorismo das pessoas?

Depende do empreendedorismo dos empresários, evidentemente. É óbvio que esperamos que as pessoas tenham iniciativa, quer os que já são empresários, quer os que podem vir a ser. Há um problema muito sério entre os nossos jovens, que têm dificuldade em ter iniciativa empresarial. Eu tenho consciência de que a nossa escola, por vezes, não desperta o jovem para esse tipo de iniciativas e acaba por haver dificuldade em lidar com a informação. Às vezes há oportunidades e apoios ao investimento que não são utilizados ou são mal utilizados porque as pessoas não têm formação. Nós vamos tentar, em todas as vertentes, apoiar a iniciativa empresarial e disponibilizar muita informação para que as pessoas possam investir.

Com o aumento dos fluxos migratórios, há estruturas suficientes no estrangeiro para acolher os portugueses?

Não, não há. Vamos ser claros, é evidente que a rede que nós temos é relativamente reduzida face àquilo que começam a ser as novas necessidades. E depois há outro problema: é que é uma rede que foi criada de acordo com exigências de ondas migratórias que não a actual. Por exemplo, hoje



temos muita gente a ir para o Reino Unido, para a Suíça, para Angola. Temos menos gente a ir, por exemplo, para a Alemanha, para o Luxemburgo ou para Andorra. E nós temos uma grande rede na Alemanha, com muitos técnicos e apoio social. E parte deles já não é necessária lá mas sim noutros sítios. Portanto, há alguns desequilíbrios que, progressivamente, iremos tentar corrigir. Mas não haja dúvidas, há carências enormes, e fora da Europa essas carências são ainda maiores.

Para terminar, pedia-lhe que deixasse uma mensagem a todos os portugueses.

Deixo uma mensagem de fé no país. Nós acreditamos profundamente no país e esperamos que as pessoas não deixem de acreditar porque Portugal tem um conjunto de aspectos em que tem vantagens sobre muitos outros países. Ainda um dia destes reunia com cerca de duas centenas de compatriotas nossos que estavam num encontro de turismo em Portugal e, todos juntos, chegámos a esta conclusão: o turismo é a nossa primeira actividade e temos aspectos no turismo em que temos clara vantagem sobre muitos outros países. Nós temos mais-valias e acreditamos sinceramente que se as trabalharmos e melhorarmos o modo como investimos nessas áreas, vamos conseguir resolver os nossos problemas. Mas vamos ser muito rigorosos e espero que as pessoas acreditem que esse rigor é indispensável. Não escondemos que vamos passar dificuldades mas quero que acreditem que, no final, vamos ter resultados.

TRANSNOBRE



PORTUGAL/SUIÇA
SUIÇA/PORTUGAL

25 ANOS AO SERVIÇO
DA COMUNIDADE
PORTUGUESA

Prestamos um serviço de transportes de temperatura controlada (Carga Completa e Grupagem) de produtos alimentares, operando principalmente para a Suíça. Serviço de Transportes em reboque de Lonas. Serviços feitos por motoristas profissionais com vasta experiência no ramo da logística e dos transportes, garantindo aos nossos clientes que a sua carga chegará ao destino em perfeitas condições.

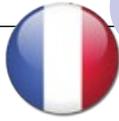
OS MELHORES PREÇOS

☎ 00351 932 375 672 - 0041 762 567 834

📍 Lugar de Sto. Antão, Lezíria - Souto de Aguiar da Beira

🌐 transnobre@hotmail.com | www.transnobre.pt





Ibérico inaugura novo supermercado em Coignières



A data escolhida para a apresentação pública do Supermercado Ibérico foi o dia 23 de Janeiro. Depois de Argenteuil e Bruxelas, o local agora escolhido por José Bemposta Roxo para o 3º supermercado do grupo, foi Coignières, cidade situada a 18 quilómetros de Versailles. José Roxo acompanhado da família, acolheu os convidados entre os quais estavam amigos, clientes e fornecedores.

Esta escolha deveu-se, segundo o proprietário, a um estudo de mercado que "indicou que Coignières era uma área ainda sem mercados portugueses ligados a esta activi-



Apesar de admitir que os congelados, cervejas e vinhos portugueses são dos produtos que têm maior "procura, inclusive

var a comida para casa mas em Coignières além desse serviço, podem degustar no local uma refeição rápida, novidade que vai surpreender e agradar a quem o visitar.



dade e que existe um público e um espaço económico que justificam o investimento". Oitenta por cento dos produtos que podem ser encontrados nas prateleiras do Ibérico são de origem lusitana, José Roxo explica ter aberto o leque de produtos a marcas brasileiras, italianas e espanholas de maneira para "alargar o público e responder a um certo desequilíbrio de mercado".

de público não português", o proprietário considera que "temos imensos produtos de valor em Portugal e que é impossível indicar um favorito".

Tal como os outros dois supermercados do grupo, o Ibérico de Coignières tem a secção de comida confeccionada, com uma vasta oferta; quer em Argenteuil quer em Bruxelas os clientes já se habituaram a le-

A Ucal, Sumol-Compal, Delta, SuperBock e Cigala são apenas algumas das marcas portuguesas que podem ser encontradas nos corredores do estabelecimento, de 3ª feira a domingo das 09H00 às 19H00.

Ao visitar o Ibérico pode contar com qualidade, instalações amplas e bem iluminadas e uma equipa dinâmica pronta a servir com profissionalismo e simpatia.



LUSOPRESS

Portugueses de valor 2012

Foi a segunda vez que a Lusopress organizou a iniciativa Portugueses de Valor. Ao longo do ano passado, cem portugueses foram sendo nomeados por se terem distinguido nas mais variadas áreas de actividade. A iniciativa de 2012 terminou, tal como no ano anterior, com uma festa para a qual foram convidados todos os nomeados e onde foram entregues os prémios aos dez vencedores da edição deste ano.

Os vencedores do troféu 2012



Iniciativa Portugueses de Valor 2012 termina com festa

15 anos unindo os Portugueses
EDICÃO
ESPECIAL
100
Lusopress



Gomes de Sá



Madalena Sá da Bandeira do BES e Pedroso Leal, Presidente do júri

Antónia Gonçalves, António Fernandes, Armando Rio, Durval Marques, Joaquim Sousa, Luís Malta, Manuel Lopes, Odete Lopes, Primitivo Marques e Ramiro Jorge foram os portugueses distinguidos na iniciativa Portugueses de Valor 2012.

O processo de escolha dos dez vencedores foi baseado em respostas que os nomeados deram num questionário e também nos seus percursos profissional, social e associativo. O júri foi constituído por dois elementos da Lusopress, uma representante do BES, outro do Santander/Totta e presidido pelo Dr. Pedroso Leal.

A inspiração para o formato do projecto vem, segundo o seu mentor, Gomes de Sá, dos Óscares de Hollywood. Tal como em Hollywood o impacto é global, também a iniciativa dos Portugueses de Valor abrangeu portugueses espalhados por vários países. Portugal, evidentemente, mas também França, Bélgica, Suíça, África do Sul, Brasil e Estados Unidos, por exemplo.

A festa aconteceu a 9 de Junho, véspera do Dia de Portugal, na Sala Vasco da Gama, em Créteil. Num ambiente descontraído mas glamoroso, os cerca de 300 convidados degustaram um jantar ao som de música portuguesa. O Duo Paris Lisboa e a fadista Diamantina Rodrigues foram os responsáveis pelas actuações musicais da noite.

A festa proporcionou momentos de convívio entre os vários nomeados, pessoas residentes em diferentes países e com áreas profissionais diversas. Contribuiu assim para a missão da Lusopress, que é a de unir os portugueses.

Para a realização deste evento, a Lusopress contou com o patrocínio do Banco Espírito Santo e com o apoio da **Primland, Rádio Alfa, Cafés Delta, Groupe Saint-Germain, Alimentar, Queijos Anastácio, Pastelaria Canelas, TAP, Gresilva, Quinta do Sanguinhal e Grupo Pestana.**

A iniciativa Portugueses de Valor continuará no próximo ano, com algumas alterações. Serão nomeados 100 portugueses mas 40 serão de Portugal, 40 da Europa e 20 do resto do mundo. A festa essa, também já tem local e data marcados: será em Lisboa nos dias 7, 8 e 9 de Junho.



Embaixatriz Virginia Seixas da Costa, Embaixador Francisco Seixas da Costa, Cônsul Pedro Lourtie, Pedroso Leal, Paulo Pisco, António Silva, Lidia e Gomes de Sá



Antónia Gonçalves, uma das premiadas



Armando e Odete Lopes



Embaixador felicita os premiados



Joaquim Sousa



Portugueses
de
valor
2012

1 - António Fernandes,
um dos premiados

2 - Primitivo Marques também
recebeu o troféu

3 - Armando Rio recebe das
mãos de Victor Gil o troféu

4 - Ramiro Jorge, premiado

5 - Inês Pereira e André Saraiva

6 - José Delgado, Luís Malta
e José Stuart

7 - Aníbal Gamito e mulher

8 - Afonso Galvão e mulher

9 - Lidia e Guilherme Gomes
de Sá



Três espaços
para o acolher
ao serviço
da gastronomia
portuguesa



Restaurant

La Résidence



32, Rue de Valenton
94000 CRÉTEIL
01 48 89 86 74



139, Rue Jean-Jaurés
Route Nationale 6
94700 MAISONS-ALFORT
01 43 75 29 38



92, Avenue Gambetta
Maisons-Alfort



**GROUPE
DSA**

NOTRE MÉTIER : VOTRE FAÇADE



Leader sur les marchés de l'**ENTRETIEN** et de l'**HABILLAGE** de **FAÇADES**, le Groupe DSA est le résultat d'un développement constant au fil des projets qu'il s'est vu confier et le fruit de son adaptabilité aux besoins sans cesse renouvelés de ses clients et partenaires.



**NOS VALEURS ET NOTRE CULTURE D'ENTREPRISE :
L'HUMAIN AVANT TOUT**



NOS ENTITES et nos agences satellites

AC Ravalement
4, Rue du Pérou
91300 Massy
01 69 75 16 30

DSA
4, Rue du Pérou
91300 Massy
01 69 75 18 70

Agence Satellite Rouvroy
505, Rue Claude Bernard
62320 ROUVROY
01 69 75 16 30

DSA AQUITAINE - Isomar
14, Rue Pierre Gauthier
33320 Eysines
05 56 38 38 38

DSA MEDITERRANEE
ZA Plaine du Caire IV
183, Rue des Safranés
13830 Roquefort-la-Bédoule
04 42 01 65 50

DSA MIDI-PYRENEES
10, Rue Jean Damoyssel
31100 Toulouse
05 61 16 35 85

Agence Satellite Castries
246, Rue de la Bandido
34160 CASTRIES
04 42 01 65 50

NOS ACTIVITES :



Bardage



Couverture



Isolation



Parement



Ravalement



Rénovation



Serrurerie

PROXIMITE ET SAVOIR-FAIRE

Bardage, couverture, isolation, parement, ravalement, rénovation, serrurerie : autant de domaines qui permettent au Groupe DSA d'offrir une vraie valeur ajoutée et des solutions adaptées aux attentes de chacun de ses clients, « **PROFESSIONNELS** » comme « **PARTICULIERS** ».

LA SATISFACTION CLIENT,
NOTRE ENJEU MAJEUR



Arlindo DOS SANTOS
Président du Groupe DSA

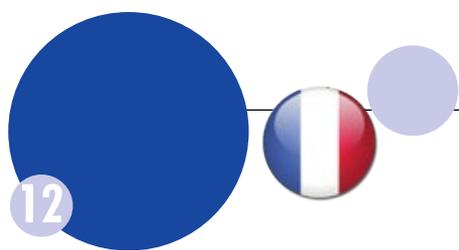
Retrouvez-nous sur :

WWW.GROUPEDSA.FR

Mais aussi sur :



GRUPE
DSA
www.groupedsa.fr



Jean-Philippe Diehl, Presidente do Banco BCP



Qual foi o seu percurso profissional até chegar à presidência do Banco BCP?

Sou diplomado pela Ecole Supérieure de Commerce de Reims, em Finanças. Comecei a minha carreira profissional no Gabinete de Apoio de Arthur Young, depois em 1986 comecei a trabalhar no Crédit Lyonnais, onde exerci diferentes funções, nomeadamente como responsável do BTP (projecto Eurotunnel, Grupo Bouygues) e depois na área de banque de détail e como responsável de rede em Paris. Também supervisionei o banco à distância do Crédit Lyonnais.

Integrei a Caisse d'Épargne Ile-de-France Ouest, na qualidade de membro da direcção responsável pela área comercial. Particpei na fusão das três Caisses d'Épargne da região parisiense e fui nomeado director executivo da banque de détail da nova Caisse d'Épargne Ile-de-France aquando da sua criação, em 2008.

Era, desde 2010, membro da direcção da Caisse d'Épargne Rhône-Alpes, estando encarregue das empresas, das instituições e das grandes contas, quando me fizeram a proposta de me juntar ao Banco BCP na qualidade de presidente da direcção. Naturalmente, aceitei o desafio.

Poderia descrever-nos brevemente a história do Banco BCP em França?

O Banco BCP nasceu em 2001 da fusão das sucursais francesas dos mais antigos estabelecimentos financeiros portugueses. Quatro grandes datas marcaram a nossa história :

- 1986, a criação do Banco Comercial Português (BCP) em Portugal
- 2001, o BCP decide agrupar as suas actividades em França, com a fusão das ex-sucursais do Banco Pinto & Sotto Mayor, do Banco Mello e de 50% das actividades do Banco Popular Comercial, fazendo nascer o Banco BCP

A junção e a complementaridade do saber-fazer destes três bancos dedicados à comunidade portuguesa e presentes em França há décadas, permitiram ao Banco BCP partir de bases sólidas e desenvolver a sua actividade nas áreas da poupança, do crédito, dos serviços bancários e dos seguros.

- Mais recentemente, em 2006, nos termos de um acordo de parceria de longo termo concluído com o BCP, o Grupo Caisse d'Épargne tornou-se accionista maioritário do Banco BCP, o que lhe confere um perfil financeiro particularmente sólido e uma nova dinâmica, permitindo-lhe seguir o seu projecto. Actualmente, o capital social de 84 164 803 euros é detido em 50,1% pela Caisse d'Épargne Ile-de-France, 30% pelo BPCE e 19,9% pelo Millenium BCP.

- A última grande data foi em 2010 quando o Banco BCP adquiriu as cinco agências da rede BPN em França. Actualmente, conta com uma rede de 68 agências repartidas por toda a França.

Qual é a história do Banco BCP junto da comunidade portuguesa em França?

Com a chegada dos emigrantes portugueses nos anos 70,

rapidamente os primeiros bancos portugueses se instalaram em França. Eles acompanharam geograficamente os seus clientes, facilitando as suas poupanças e o envio de remessas para Portugal.

Hoje, o Banco BCP tornou-se O banco de referência da comunidade portuguesa em França, com a maior rede de agências repartidas em todo o país. Líder no seu mercado histórico dos portugueses e luso-descendentes, o banco oferece aos seus 131 000 clientes particulares e 8 500 clientes profissionais e empresas uma larga gama de produtos e serviços bancários e de seguros. Esta oferta estende-se da gestão

de contas até a mecanismos mais complexos em matéria de financiamento de empresas ou de gestão patrimonial.

Estar próximo dos nossos clientes é um valor fundamental e fundador do Banco BCP. Apesar de a comunidade portuguesa estar entre as mais bem integradas em França, ela conserva muita da sua cultura original. Nós adaptamo-nos e acompanhamos esta comunidade no dia-a-dia com ofertas que correspondem aos seus pedidos. Nós aconselhamos o melhor aos nossos clientes, para financiar os seus projectos mas também para proteger e fazer crescer o seu património que, muitas vezes, é o resultado do trabalho de toda uma vida.

Como é que o vosso banco apoia a comunidade portuguesa em França

O Banco BCP é muito implicado e activo junto da comunidade de origem portuguesa em França. Temos vontade de participar na vida cultural e desportiva lusófona. As nossas acções de patrocínio concretizam-se através de apoios financeiros, mas representam igualmente uma homenagem às qualidades artísticas, sob todas as formas, quer se trate de criadores ou de intérpretes, de pintores ou escultores. Em 2011 e 2012, o Banco BCP apoiou a tournée da célebre cantora de fado Kátia Guerreiro, que começou a tournée no Olympia e seguiu depois por toda a França.

O Banco BCP contribui, em particular, para a realização de projectos de jovens luso-descendentes, em estreita colaboração com a Embaixada de Portugal. Assim, todos os anos recompensamos o esforço e a excelência, atribuindo uma bolsa



de estudo aos melhores alunos luso-descendentes para o seguimento dos estudos superiores. Acompanhamos há anos os alunos da Associação Cultural para os Estudos Portugueses (ACEP).

O Banco BCP associou-se este ano à Império enquanto mecenas do concurso Lusofonia, organizado pela Associação para o Desenvolvimento dos Estudos Portugueses, Brasileiros, da África e da Ásia Lusófona (ADEPBA). Este concurso está aberto a todos os alunos que estudem português nas escolas primárias, colégios e liceus em França. Este ano, o Banco BCP e a Império ofereceram, por exemplo, um fim-de-semana de quatro dias em

Lisboa, com um programa recheado : visita guiada de Lisboa e dos seus monumentos, visita e almoço na Assembleia da República. Estes alunos voltaram radiantes com esta visita, que os aproximou das suas raízes.

O apadrinhamento de clubes desportivos ou o apoio financeiro prestado a diversas manifestações desportivas são outras das ocasiões em que se exprime o apoio do Banco BCP a favor da comunidade portuguesa em França. Citemos, por exemplo, « A taça da amizade » que teve lugar em Lyon no mês de Junho e que foi um torneio de futsal organizado com clientes empresários e 50 dos seus funcionários. Ou ainda o Torneio da Câmara do Comércio e Indústria Franco-Portuguesa (CCIFP), onde estão presentes duas equipas do Banco BCP.

Em que é que o Banco BCP é diferente dos outros bancos?

O Banco BCP dirige-se principalmente a uma clientela lusófona e de proximidade. Ao longo dos anos, soubemos criar uma verdadeira relação de proximidade e confiança. Tornámo-nos um banco transgeracional ao serviço das famílias. A nossa parceria histórica com o Millennium BCP permite-nos oferecer aos nossos clientes a possibilidade de gerir o seu património em França ou em Portugal. Citemos, por exemplo, uma grande inovação: se quiser adquirir um imóvel em Portugal, o Banco BCP pode financiá-lo sem hipoteca. Nós somos também o primeiro banco lusófono a propor o cartão de débito-crédito. Para além dos serviços clássicos, o cartão Navegador permite uma melhor gestão do seu orçamento. Enquanto banco moderno, e mostrando a nossa vontade de estar sempre a inovar, e em resposta a um forte pe-



14

dido da nossa clientela mais jovem, criamos aplicações do Banco BCP para Smartphone – iPhone / Android – e iPad. Em breve, poderão descobrir o nosso novo site de Internet, mais atractivo, mais moderno ainda. Como novidade, os nossos clientes poderão, por exemplo, consultar e gerir os seus contratos de seguros ou subscrever um empréstimo pessoal.

No Banco BCP temos um lema « Fazer o que sabemos fazer, e fazê-lo o melhor possível ». Não somos um banco de investimento que arrisca diariamente somas consideráveis nos mercados financeiros e de capitais. O nosso papel é recolher depósitos para os fazer frutificar e financiar as necessidades dos nossos clientes – empresas e particulares – sem esquecer a gestão dos meios de pagamento e a distribuição dos seguros. Toda a nossa actividade é exclusivamente orientada para os nossos clientes e não para operações especulativas.

Qual é a vossa opinião sobre o sector bancário, mais particularmente em França e em Portugal ?

No contexto actual, os bancos põem tudo em jogo para provar a sua solidez. De facto, eles alcançam sem grande dificuldade um ratio de core tier one de 9%, como exigem as autoridades bancárias, graças a uma série de medidas como a diminuição do tamanho dos orçamentos e o renúcio à distribuição de dividendos.

Num ambiente assim, os principais bancos franceses não conseguirão evitar um decréscimo da sua actividade em 2012. Mais que nunca, a mestria das despesas é um imperativo para os bancos franceses, mesmo que as margens de negociação continuem apertadas e que um ambiente fortemente concorrencial tenha como consequência uma pressão nas tarifas bancárias.

Além disso, a maior parte dos bancos franceses preveem fortalecer a actividade de banco de proximidade, sem negligenciar a sua política de diversificação de serviços (serviços à pessoa, tele vigilância, telefones móveis, etc) e as novas tecnologias para fazer avançar as suas ofertas. Sobretudo, eles defendem fortemente o seu modelo de crescimento baseado no banco universal, numa altura em que certos países como o Reino Unido começaram o debate sobre a separação entre o banco de détail e o banco de financiamento e de investimento.

No que diz respeito a Portugal, os empréstimos dos bancos junto do Banco Central Europeu (BCE) chegaram ao seu nível mais alto em Maio, com 58,7 mil milhões de euros, o que permite financiar os mercados até Setembro de 2013. Na verdade, desde Maio de 2011, Portugal beneficia de um plano de ajuda financeira da União Europeia e do Fundo Monetário Internacional num montante global de 78 mil milhões de euros, que compreende uma tranche de 12 mil milhões de euros para a recapitalização do sistema financeiro.

No entanto, os relatórios do Banco de Portugal trazem algumas garantias sobre o sector bancário do país. Mostram que os bancos estão numa situação bem diferente da Grécia, nomeadamente graças aos depósitos. O aumento significativo dos recursos vem dos clientes, sob a forma de depósitos, o que permitiu melhorar a posição de liquidação estrutural do sistema bancário português.

Em Portugal, os depósitos representaram 7,1% do PIB em 2011, contra 5,1% do POB em 2008. Pelo contrário, os depósitos têm vindo a diminuir na Grécia há vários anos, o que fragiliza o sector bancário.

Como é que o Banco BCP está a reagir à crise actual? Quais são as práticas e as estratégias adoptadas ?

O Banco BCP está a ser pouco tocado pela crise actual e pelos



riscos soberanos da zona Euro. Na base das nossas relações duráveis com os nossos clientes, conhecemos a sua solidez, as suas necessidades e podemos aconselha-los quando vemos que estão a ponderar ter comportamentos e investimentos perigosos. Está a chegar uma nova vaga de emigração devido à crise na zona Euro e à conjuntura económica de Portugal. O banco conquista novos clientes e continua a evoluir de uma maneira positiva no plano dos resultados financeiros.

Temos um plano estratégico que se focaliza nos nossos clientes, nos nossos colaboradores e na nossa eficácia. No plano financeiro, os resultados de 2012 deverão estar de acordo com o nosso plano orçamental. Continuamos a inovar tanto no desenvolvimento de novos produtos como na realização de novas tecnologias.

As duas práticas que tentamos institucionalizar no Banco BCP são a qualidade e a rapidez. A eficácia, no fundo. O nosso novo Crédit Express Pro ilustra bem este lema. Este novo crédito foi concebido para os profissionais que não gostam de esperar : o crédito é acordado e desbloqueado imediatamente na agência.

Que mensagem quer deixar aos nossos leitores?

Quero agradecer a todos os clientes do Banco BCP pela confiança que eles nos demonstram todos os dias, eles são a nossa razão de existência. E convido todos os leitores que ainda não são nossos clientes e entrar numa das nossas 68 agências e partilhar connosco os seus projectos. Os nossos conselheiros estão lá para os ajudar o melhor possível e para os acompanhar nas suas necessidades, quer em França, quer em Portugal.

LTDTP

DEMOLITION – TERRASSEMENT



UN SERVICE ET SUIVI DE QUALITE DEPUIS PLUS DE 20 ANS
PARTICULIERS ET PROFESSIONNELS



LOCATION D'ENGINS – RECYCLAGE MATERIAUX



2 RUE DES ENTREPRENEURS – 77270 VILLEPARISIS
TEL : 01 64 27 20 20 - FAX : 01 64 27 20 24

[HTTPS://LTDTP.FR](https://ltdtp.fr)
CONTACT@LTDTP.FR

10

Grande Entrevista

15 anos unindo os portugueses
 EDIÇÃO
 ESPECIAL
 100
 Lusopress

Raul Castro

“Os emigrantes devem sentir-se portugueses de primeira”

Em ano de eleições autárquicas, o atual presidente da Câmara Municipal de Leiria já anunciou a candidatura a um segundo mandato. Em entrevista à Lusopress, Raul Castro falou sobre a ligação entre o concelho e o estrangeiro, que se faz através dos emigrantes da terra e das geminações, nomeadamente com Saint-Maur-des-Fossés, em França.

Como caracteriza Leiria actualmente?

O concelho de Leiria está situado no meio daquilo que é hoje o país em termos de densidade demográfica. A população está maioritariamente instalada no eixo que vai de Braga a Setúbal e nós estamos precisamente no centro desse eixo. Temos ainda a vantagem de, neste momento, estarmos muito bem servidos de acessibilidades: estamos a uma hora de Lisboa e a uma hora e meia do Porto, e esses são factores que pesam para decisões não só de investimento como também para quem venha até cá e queira conhecer o país real.

Leiria é, tradicionalmente, uma região de emigração. Continua a verificar-se essa tendência?

Com esta crise, naturalmente que muitas pessoas da nossa região vão para outros países, nomeadamente para França. O sector da construção civil foi o mais afectado com a crise e, por isso, muitos trabalhadores desse segmento estão a deslocalizar-se para outros países. Sentimos que há essa deslocalização, muitas pessoas estão lá a tentar encontrar soluções para a sua atividade profissional.

Essas pessoas procuram o apoio da Câmara Municipal?

Normalmente elas deslocam-se pelos seus próprios meios, têm os seus contactos, muitos deles já foram emigrantes. Infelizmente, esta crise está a ter um efeito devastador até porque, se calhar, as opções que têm sido tomadas a nível do governo central não têm sido as mais acertadas. Não é pelos cortes na despesa mas sim pelo crescimento económico que o país pode dar a volta. E é nisso que penso que será agora a nova aposta.



As pessoas que já emigraram há mais tempo mantêm os laços com o concelho?

Mantêm, embora eu ache que tem havido, desde sempre, um grande erro por parte de todas as autoridades, sejam as de âmbito nacional, regional ou local. Eu entendo que os portugueses que há muitos anos procuraram outros países para tentar garantir o seu sustento nunca tiveram o reconhecimento por parte dos residentes no país daquilo que tem sido a sua prestação. Nós já tivemos várias períodos de convulsão social, de dificuldades financeiras e, em muitas dessas situações, foram as remessas dos emigrantes que serviram para evitar um descalabro maior, mas esse reconhecimento nunca foi feito. Aqui, a nível local, tentamos reforçar essa ligação e temos tido algum sucesso, nomeadamente através das cidades com que estamos geminados. Tentamos que os portugueses sejam parte ativa nesse processo para, por um lado, inseri-los da melhor maneira e de igual para igual nas comunidades mas também para não perderem a ligação às suas raízes em Portugal.

Leiria é geminada com Saint-Maur-des-Fossés. Que actividades desenvolvem nesse âmbito?

Muitas vezes, as geminações dependem da vontade que haja em provocar aquilo que eu considero fundamental para a razão de uma geminação, que são os intercâmbios. Temos que trocar experiências, proporcionar intercâmbios aos nossos grupos culturais e desportivos, dar a conhecer a nossa cultura noutros países. Estamos disponíveis também para receber grupos dessas cidades com que estamos geminados porque desse intercâmbio muito resultará. Estamos também a estender essas atividades a outras áreas, nomeadamente ao nível da educação, com intercâmbio de escolas. Neste momento, há outro aspecto que assume particular importância, que é fomentar a relação empresarial, não só com os nossos emigrantes que estão bem sucedidos como com empresários dessas mesmas cidades, tentando que haja mais procura de produtos portugueses. No caso de França, e naquilo que já me foi dado a conhecer, nomeadamente através de alguns emigrantes, há falta de agressividade comercial em relação aos nossos produtos. Tive a oportunidade de me fazer acompanhar do senhor Carlos Matos, que me levou a um supermercado para demonstrar como é que estamos a ser

vistos na perspectiva comercial. Os produtos portugueses estavam no canto mais escondido daquele espaço e isso não faz sentido, nós temos produtos de qualidade. Se calhar falta uma melhor organização comercial para poder exigir uma maior visibilidade àquilo que é português porque, na verdade, nós temos valor para ombrear com os produtos de outros países.

A ligação no âmbito da geminação faz-se, essencialmente, através dos portugueses que residem em Saint-Maur-des-Fossés?

Sim, essencialmente através dos portugueses porque também são eles que pressionam a Mairie local a fazer esse tipo de contactos e intercâmbios. Naturalmente que nem sempre as coisas correm como se



SOS BOITES MOTEURS
L'EXPERIENCE A VOTRE SERVICE

Le spécialiste de la boîte de vitesse manuelle et automatique reconditionnée

La référence du moteur et de la boîte d'occasion sur toute la France

**6, rue Emile SEHET
ZA des Chataigniers
95150 TAVERNY
Fax.: 01 30 40 93 57
Tel.: 01 30 40 93 50
Port1: 06 75 18 15 27
Port2: 06 89 66 67 48**

www.sosboitesmoteurs.com

12

esperaria mas isso também são acidentes de percurso que lamentamos. Ainda assim, continuamos a apostar em reforçar essas relações porque só temos a ganhar com isso. Às vezes isto tem uma leitura que não é muito bem feita. Hoje o mundo é global e, por isso, as coisas passam-se ao segundo e nós temos que nos adaptar a este mundo e, assim, cada vez é mais importante a relação com os outros países.

Quais são as áreas de atividade da região de Leiria que têm potencial para exportar?

No sector primário, temos a produção de vinho, esse tem sido um dos produtos mais solicitados. Naquilo que respeita à indústria, temos um sector de moldes muito forte. Estamos a tentar, em função de um acordo que vamos ter um breve com uma empresa da cidade de Toulouse, que os nossos moldes ali possam chegar para a indústria aeronáutica. E naturalmente que o sector da construção também tem potencialidades, muitas das nossas empresas de construção estão a trabalhar em Paris, nomeadamente na reabilitação urbana. Estes são os segmentos principais mas naturalmente que a nossa região tem muito mais que isso: as confecções e a indústria vidreira, por exemplo.

O que é que a Câmara tem feito para a captação de investimento estrangeiro?

Nós tentamos que, sempre que os nossos emigrantes saibam de alguma oportunidade, nos direcionem essa procura. Por exemplo, vamos ter a visita de dois empresários alemães que querem vir aqui instalar uma fábrica e foi através de empresários portugueses na Alemanha que os conhecemos.

Que áreas de investimento é que aconselha no concelho de Leiria?

Hoje aposta-se muito nas novas tecnologias e também no desenvolvimento do produto. Temos um Instituto Politécnico, que é ensino superior, e que tem demonstrado uma grande qualidade na formação dos seus alunos, tendo um segmento de desenvolvimento do produto que tem servido para muitas empresas se irem modernizando. Esse mesmo factor acaba por ser decisivo para que muitas empresas não só procurem esses técnicos como se instalem aqui no concelho. Nós temos já algumas empresas dessa natureza, gostaríamos de ter mais mas também sabemos que esta crise está a criar algum receio nos potenciais investidores. E o que tentamos é recebê-los sempre da melhor maneira e mostrar que podem investir em Portugal porque é um



Os nossos produtos têm valor para ombrear com os dos outros países

país seguro e temos todas as condições. Obviamente que na nossa região, e isto já na área do lazer, o turismo tem um papel fundamental. Nós somos uma região com vários segmentos de turismo: serra, mar, património, religião. E estes segmentos deviam ser potenciados para trazer mais turistas porque essa também pode ser uma saída para tentar criar mais riqueza e captar mais divisas. Há aqui apostas que têm vindo a ser feitas, muitas vezes dificuldades de concretização, mas estamos de braços abertos a todos aqueles que queiram investir na nossa região. Estamos também a tentar que se desenvolva o turismo termal. As termas de Monte Real são muito conhecidas e estamos a tentar captar mais gente para ir até lá, mas não só. Temos condições para sediar os turistas em Leiria e, a partir daqui, fazerem o seu périplo. Temos muito bons monumentos, bem como recursos naturais mas faltam-nos outras coisas, uma das quais é uma grande ambição para a nossa região e que já tem décadas de reivindicação: a abertura ao tráfego civil do aeroporto de

Monte Real. É uma base militar, tem condições e há "luz verde" da Força Aérea para o efeito. Falta investimento ou da parte do Governo ou de algum privado que queira apostar neste aeroporto porque, não tenho dúvidas nenhuma, iria ter sucesso. O Governo está um pouco receoso porque a experiência com o aeroporto de Beja não correu bem. E, por isso, dão a oportunidade a qualquer investidor que queira ali construir o terminal. O terreno existe, é uma questão de acertos com o Governo e nós podemos fazer a ponte entre eles e o investidor que esteja interessado neste projeto.

Qual é a importância da diáspora para o desenvolvimento de Leiria?

Muitos têm vindo aqui fazer o seu investimento pessoal, que é remodelar a sua habitação. Uma grande parte abandonou Portugal há muitos anos e hoje tenta reabilitar as suas casas e isso, só por si, já é investimento. Mas naturalmente que há alguns que aqui querem fazer as suas apostas e aquilo que dizemos aos emigrantes que possam eventualmente pensar nisso é que contactem primeiro as instituições para estarem à vontade e não haver equívocos. Serão sempre bem-vindos, esta é a terra deles e, portanto, são tratados por nós de igual para igual.

Estamos em ano de eleições autárquicas. Vai recandidatar-se?

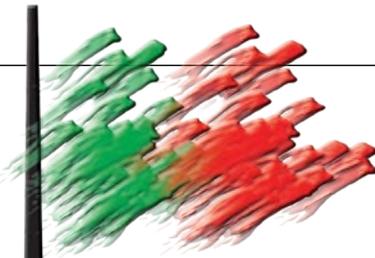
Sim, já anunciei a minha candidatura. Apesar da grave crise financeira que herdámos, acho que o que fizemos durante este mandato tem servido para as pessoas acolherem bem o tipo de gestão que temos vindo a fazer, com rigor e transparência, gerindo da melhor maneira possível os recursos que tem havido, amortizando a dívida por um lado mas continuando a fazer obra por outro. Por isso, acho que todo este esforço tem merecido a atenção da população de uma forma geral e têm sido muitos os pedidos para continuar. É o apoio das pessoas - nomeadamente aquelas que são mais humildes porque essas, seguramente, não estão a ser movidas por interesses - que me dá força para, apesar das dificuldades todas, poder assumir a recandidatura e esperar o veredicto final no dia das eleições.

Quer deixar uma mensagem aos portugueses?

Queria desejar a todos os portugueses que constituem a diáspora o maior sucesso pessoal e que mantenham os laços de ligação às suas origens. O nosso país conta com eles, eles devem sentir-se portugueses de primeira.



4



Portugueses de valor 2013

A 3ª edição do evento “Portugueses de Valor”, organizado pela Lusopress, decorreu de 7 a 9 de junho, no troia-resort, em Tróia. A iniciativa que visa distinguir portugueses com um percurso empresarial, individual, associativo, artístico ou desportivo “de valor” e que tenham contribuído para a divulgação do país no mundo, decorreu pela primeira vez em território português e prolongou-se durante todo o fim-de-semana.

Na tarde de sexta-feira, os convidados chegaram ao aeroporto de Lisboa e foram transportados de autocarro até Tróia. No primeiro jantar de convívio, aproveitou-se para rever velhos amigos e travar novos conhecimentos.

De 7a 9 de junho, a festa da Lusopress fez-se em Tróia

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress





António Macedo de Andrade



António Marques



Diamantino Marto



Emília Reis



Fernando da Costa



Joe Salvador Couto



José Oliveira



Maria José Guimarães



Nuno Cabeleira



Paula de Sousa



Pedro Mello



Ramiro Fernandes



Roger de Carvalho



Valdemar Francisco



Yvan Roque



6

Sábado, o dia da Grande Gala, começou logo pelas 8h30, com a partida para Évora de três autocarros, que transportaram nomeados, amigos e família. Após um passeio guiado pela cidade alentejana, onde se puderam observar os principais pontos históricos e turísticos, o almoço decorreu no Convento do Espinheiro, sendo a ementa tipicamente regional. Da parte da tarde, a visita estendeu-se até à Herdade da Comporta, onde foram degustados alguns dos melhores vinhos daquela região e onde cada participante ainda pôde trazer consigo uma garrafa de oferta.

A Grande Gala foi precedida por um cocktail de boas-vindas, animado musicalmente. Pelas 21h00, José Carlos Malato deu início então à cerimónia de entrega de troféus, que contou com a presença de cerca de 300 portugueses, vindos de vários pontos do mundo. Entre eles, encontravam-se os



Juri Portugueses de Valor



Elizabeth e Afonso de Paiva e Pona, Embaixador Pascal Teixeira da Silva e esposa e Embaixador António Monteiro

cerca de 100 nomeados que, ao longo do ano, foram entrevistados pela Lusopress para que o júri pudesse escolher os 15 vencedores. Foram eles: Fernando Costa, José Oliveira, Paula de Sousa, Diamantino Marto, António Macedo de Andrade, Maria José Guimarães, Emília dos Reis, Joe Salvador, Yvan Roque, Nuno Cabeleira, Valdemar Francisco, Ramiro Fernandes, António Marques, Roger de Carvalho e Pedro Mello.

Sobre a iniciativa, o presidente do Júri Portugueses de Valor, Pedroso Leal, afirma que envolve "portugueses que se afirmaram como Gente de Valor que importa que sirvam de referência e inspiração a esta diáspora que hoje se renova também com todos os países da CPLP, principalmente Angola, Brasil e Moçambique".



Rui Gomes,
Madalena Sá da Bandeira
e Luís Ferraz



Embaixador
António Monteiro

CASTANHA DE TRANCOSO

EM NÚMEROS:

PROJETO TRANCASTNUT

Protocolo celebrado entre o Município de Trancoso e a Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, a vigorar entre 2019 e 2024.

● PRESSUPOSTOS

Explorar o potencial produtivo máximo da castanha, melhorando a qualidade e aumentando o plantio.

● AÇÕES

- . Análise de solos;
- . Fitossanidade dos Castanheiros (combate às pragas);
- . Criação de Souto com coleção de porta-enxertos e seleção de Martaínha;
- . Souto Experimental;
- . Jornadas técnicas: "Dias abertos" sobre técnica de cultura do castanheiro;
- . Confeção de receitas culinárias com castanha (em parceria com a Escola de Hotelaria e Turismo do Douro);
- . Visitas técnicas a empresas do setor;
- . Workshops.

● Participantes: **367** produtores

● DADOS ESTATÍSTICOS

- . Área de Cultivo: **1.400** hectares
- . Nº de Soutos: **1.300**
- . Nº de Castanheiros: **140.000**
- . Produção: **2.500 a 3.000** toneladas/ano
- . Produtores: **900** (aprox.)
- . Faturação: **5 a 6 milhões** euros/ano

DOP - CASTANHA DOS SOUTOS DA LAPA

TRANCOSO é o único concelho da CIMBSE que integra a DOP* - Castanha dos Soutos da Lapa

* Denominação de Origem Protegida

-  Municípios Associados da CIMBSE
-  DOP - Castanha dos Soutos da Lapa



A Castanha de Trancoso representa 30% da produção da DOP - Castanha dos Soutos da Lapa e 5% da produção nacional.



Cristina e Manuel Soares



Durval Marques, Rogério Vieira e José Sampaio



*Jorge e Albertina Casaca,
Françoise e Armando Rio*



*Luis Gonçalves e esposa
acompanhados de Nuno Cabeleira*



Equipa Lusopress

TRANSNATE

TRANSPORTES INTERNACIONAIS, S.A.

Armazenagem e Cross-Docking
Meios de descarga e carga de 1500 kg até 10 T

Entregas ou recolhas na Região de Paris
Departamentos: 45-60-75-77-78-91 a 95

Parqueamento curta duração
para Pesados e ligeiros
A menos de 30 kms de Paris
e a 25 min do aeroporto de Orly

Aluguer curta duração de:
- Reboques e Semi-Reboques
com teto elevatório
- Porta Maquinas 25 T
e 3 m de largura
- Porta-Contentores 20' - 40' e 45'

TRANSNATE – TRANSPORTES INTERNACIONAIS, S.A.

Nó Rodoviário da Ratoeira | 6360-140 Ratoeira – Celorico da Beira

Telefs: +351 271 881 266 / +351 271 881 212 · Fax: +351 271 881 268 · transnate@mail.telepac.pt

+351 915 600 430 / +33 (0) 6 02 18 28 72 - antonio.rodrigues@transnate.com

+351 915 600 428 - natalia.rodrigues@transnate.com

+351 915 210 397 / +351 271 881 212 - fernando.oliveira@transnate.com

10

Pedro Lourtie, Cônsul-Geral de Portugal em Paris, não pôde estar presente no evento, mas fez questão de enviar uma palavra de incentivo à Lusopress, pela importância desta iniciativa que une os portugueses e lhes reconhece o seu valor.

Por esse mesmo motivo, José Carlos Malato confessou associar-se a esta iniciativa. *"Quando me convidaram fiquei muito orgulhoso e achei que de alguma maneira devia dar o meu contributo para divulgar o valor destes portugueses. Avanço desde já que iremos fazer na RTP um programa só dedicado aos portugueses de valor desta e das outras edições"*, garante o apresentador.

Um exemplo desse percurso de valor é o de Diamantino Marto, um dos vencedores desta edição. *"Acho que isto é mais um exemplo que deixamos aos nossos jovens, para que acreditem que se pode fazer algo. Quando saí de Portugal, com 17 anos, não dizia uma palavra em francês, não tinha dinheiro, não tinha nada. Hoje a minha empresa é líder em França e número 83 no mundo"*, conta o empresário na área da construção.

Afinal, esta divulgação do valor de cada português, é o grande objetivo do mentor desta iniciativa e diretor-geral da Lusopress. *"Cada vez mais devemos valorizar os outros porque as pessoas precisam de estímulos. Esses estímulos têm o culminar nesta festa. Tenho a certeza de que a próxima gala terá o dobro das pessoas que estiveram presentes nesta"*, avança José Gomes de Sá.

"Foi um evento organizado em várias fases: tivemos de encontrar o local, depois arranjar os parceiros e forma de trazer as pessoas até cá. Foi difícil, mas foi um sucesso. Talvez



António Pinheiro, Aníbal Gamito e esposa



Bruno da Costa, Joe Cerqueira e Joe Salvador Couto





Lídia Sales, Gomes de Sá e Miguel Pires

Portugueses de valor 2013



Carlos Beato e esposa



Tiago Martins

“muita gente não esperasse um resultado tão grande, mas o que é certo é que a Inspire e a Lusopress estão de parabéns por este fim-de-semana de sucesso”, refere Tiago Martins, diretor-geral da Inspire Design Strategy, organizadora do evento.

Este fim-de-semana de festa terminou no domingo, com um brunch no troiaresort e partida para Lisboa ao início da tarde.

Escusado será dizer que para a realização desta iniciativa foi necessária a contribuição de vários parceiros. A Lusopress aproveita para agradecer novamente ao Turismo do Alentejo, ao Banco Espírito Santo, ao Troiaresort, à Gresilva, à Aigle Azur, ao Groupe Saint Germain, à Primland, à Les Dauphins, à MRTI, à Rádio Alfa, à Compa-





José Carlos Malato

nhia Agrícola do Sanguinhal, ao Monte da Ravasqueira, à Inspire Design Strategy, aos Estabelecimentos Mariano, à GPS Tour, à Delta, ao Licor Beirão e à Queijaria Guilherme.

A festa dos Portugueses de Valor 2014 decorrerá em Portugal, em local ainda a designar, nos dias 6, 7 e 8 de Junho.

Serve este texto ainda para, em nome da Lusopress, o seu diretor, José Gomes de Sá, apresentar as suas desculpas ao deputado Paulo Pisco, único representante do Estado Português a estar presente na Gala dos Portugueses de Valor e a quem, por lapso, não lhe foi pedido que subisse ao palco e dirigisse uma palavra a todos os presentes.



Valdemar Francisco fez questão de oferecer o troféu a Gomes de Sá

*ao lado
Emília Reis recebeu das mãos de Gomes de Sá
o troféu Portugueses de Valor 2013*



João Madeira, director geral do Tróia Resort





Sarafauto
in motion

MUCH MORE THAN A RENTAL

MUITO MAIS QUE UM ALUGUER

Car Rental in Portugal

Aluguer de Viaturas em Portugal

**Pick-Up and Drop-Off
(Lisbon and Oporto
Airports)**

*Entregas e Devoluções nos
Aeroportos*

Best Service Guaranteed

O Melhor Serviço Garantido

Meet and Greet

Assistência nos Aeroportos

www.sarafauto.pt

FRANCELINA ANTÓNIO
Representante/Representative

fantonio@sarafauto.pt
US/Canada 1-800-480-4517
Portugal (+351) 966 122 029





O deputado do Partido Socialista eleito pelo círculo da Europa mostra-se preocupado com o rumo que o atual Governo está a dar à política externa portuguesa. Em grande entrevista à Lusopress, pouco tempo depois de assumir as funções de coordenador do PS na Comissão de Negócios Estrangeiros, Paulo Pisco alerta para o crescente sentimento de abandono dentro da comunidade portuguesa, cada vez mais desamparada, fruto dos recentes e polémicos cortes na representação externa portuguesa.

15 anos unindo os Portugueses
 EDIÇÃO ESPECIAL
 100
 Lusopress

Paulo Pisco em Grande Entrevista

“As comunidades portuguesas no estrangeiro nunca foram devidamente reconhecidas”

FRANCE PARE-BRISE

Une marque de Saint-Gobain



INTERVENTION SUR TOUS TYPES DE VÉHICULES



FRANCE PARE-BRISE

144 bis, avenue de la République
 94120 FONTENAY-SOUS-BOIS

Tel. 01 48 77 38 38

Fax 01 48 77 61 24

fontenaysousbois@reseau-franceparebrise.fr

Passou a exercer recentemente o cargo de coordenador do PS na Comissão de Negócios Estrangeiros. Em que contexto surge esta transição e que mudanças traz para as suas funções?

Já era coordenador adjunto dos deputados socialistas, em conjunto com a deputada Maria de Belém, a coordenadora. Tendo ela sempre uma agenda bastante carregada, a decisão dos meus colegas foi a de me indicarem para o cargo, como evolução natural. Isto vai exigir de mim um trabalho muito maior, na medida em que sou também porta-voz do PS na Comissão de Negócios Estrangeiros, pelo que terei de me pronunciar não apenas sob as questões das comunidades portuguesas, porque sou o único eleito e é o meu domínio prioritário, mas também todas as questões relacionadas com a política externa.

A política externa portuguesa já viveu melhores momentos. Considera que o Orçamento de Estado para 2014 pode prejudicar a representação de Portugal no estrangeiro?

A política externa portuguesa sempre foi encarada em Portugal com bastante ambição, porque temos um legado histórico e cultural muito importante e, além disso, vastíssimas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo. Esse legado faz com que Portugal esteja presente em todo o mundo da lusofonia, em todos os continentes, o que tem feito de Portugal um país que vai muito além das suas fronteiras, com aliados em todo o mundo e que tem sabido mediar culturas internacionalmente.

Temos assistido nos últimos tempos a uma deterioração da nossa capacidade de representação externa, em virtude de sucessivos cortes orçamentais, num orçamento que é o segundo mais reduzido de todos os gabinetes ministeriais. A política externa representa apenas 0.6% do total do Orçamento de Estado no âmbito de todos os ministérios. Aliada a isto, há alguma desorientação também relativamente à nossa política externa, em todas essas dimensões de relação com os países lusófonos, a Europa, Brasil, América Latina, a proximidade relativamente à Ásia, designadamente com a nossa presença em Macau. Há um enfraquecimento da nossa capacidade de representação externa. Tem havido uma redução de tal maneira drástica que neste momento os nossos representantes diplomáticos e consulares têm dificuldade, muitas vezes, em assistir a reuniões de interesse para o nosso país, para continuarmos a manter a nossa influ-



“Temos assistido nos últimos tempos a uma deterioração da nossa capacidade de representação externa”

ência no mundo. Não podendo estar presentes, deixamos de existir economicamente. Num mundo globalizado em que dependemos tanto da política externa a nível económico, manter funcionários ou reforçar não é uma despesa para o Estado português: é um investimento fundamental para a nossa recuperação económica.

Exemplo recente desses cortes na representação externa, é o encerramento polémico do posto consular na Córsega...

Precisamente. Estive na Córsega na semana passada e dei sequência a um conjunto de intervenções que já fiz junto do Governo para que o Ministério dos Negócios Estrangeiros seja sensível no sentido de não encerrar o escritório consular em Ajaccio. Por uma razão muito simples: neste momento tem havido em toda a administração pública cortes cegos que prejudicam a nossa representação e, a nível

diplomático e consular, os cortes são tais que se torna difícil trabalhar. Para além da redução de efetivos a prestar funções, há um aumento da emigração portuguesa, o que leva a um aumento de carga de trabalho para cada funcionário. Há um cerco às condições de trabalho e desempenho de um bom serviço público que os consulados devem ter e que levou a este encerramento em Ajaccio. Este escritório abriu em 2005 para servir uma comunidade na ordem dos 12 mil portugueses. Neste momento, em 2013, haverá por volta de 20 ou 25 mil portugueses na Córsega. Este escritório abriu com três funcionários e, a 1 de outubro deste ano, quando o último funcionário se reformou, o Governo em vez de reforçar o escritório, porque há uma grande necessidade, optou pela desativação do posto. É uma decisão inaceitável, um atentado aos interesses dos portugueses, que deixa prisioneiro na ilha

6 **“Há um trabalho a fazer internamente na sociedade portuguesa, para que todas as instâncias possam reconhecer a importância dos que vivem fora do País”**



algum cidadão que em situação de emergência necessite de vir ao continente. Com algum documento caducado, não poderá sair da ilha. O governo esqueceu-se de todas estas dificuldades que os portugueses terão, em especial se tiverem de se deslocar a Marselha para resolver os seus problemas administrativos. Aí estaremos perante o ato consular mais caro do mundo, certamente, na medida em que uma pessoa não gastará menos de 500 euros para resolver um problema administrativo em Marselha, já que tem de apanhar um barco ou o avião. Custos que se multiplicarão, se forem vários elementos da família. Aí teremos uma situação completamente absurda que o governo português deveria ter levado em consideração, nunca devendo ter permitido que o escritório consular em Ajaccio pudesse fechar.

Nas deslocações que faz pelo estrangeiro, consegue perceber se a comunidade portuguesa se sente abandonada pelo seu país, face a estes últimos cortes?

Eu acho que esse é um sentimento antigo. Julgo que as comunidades portuguesas no estrangeiro nunca foram devidamente reconhecidas, nem quando estão no exterior, nem quando estão em Portugal. Este é um problema muito sério, quer da nossa sociedade, na sua relação com os outros portu-

gueses que vivem fora do país, que são tão iguais aos que vivem dentro, quer das nossas instituições públicas, o Governo, a Assembleia da República, que têm dificuldade de lidar de forma normal, natural, que revele o reconhecimento que deve haver com quem vive fora do país, fazendo com que por vezes tenham essa sensação de abandono. Quando a dinâmica do país se revela, sente-se que não pensa naqueles que estão lá fora. É óbvio que esse sentimento de abandono se sente mais em alguns locais que noutros mas, no geral, a proximidade entre o Estado português e os nossos cidadãos tende a ficar mais enfraquecida, precisamente porque têm havido cortes absolutamente inaceitáveis por parte deste Governo nos principais vetores ligados à política para as comunidades, designadamente o atendimento consular, o ensino de português no estrangeiro e os apoios sociais. Por exemplo, a nível do atendimento consular, só em França fecharam vários consulados: em Rouen, Nantes, Lille, Clermont-Ferrant, Ajaccio. Na Alemanha, em Frankfurt e Osnabrück. Isto representa mais de 100 mil portugueses que tinham a expectativa de ter um atendimento de proximidade e não o têm. A nível do ensino de português no estrangeiro, há uma redução do número de alunos que aprendem. Houve um corte de mais de 150 professores nestes últimos

três anos. A nível dos apoios sociais houve um corte absolutamente insensível. Havia perto de 3700 beneficiários dos apoios sociais para idosos carenciados e hoje, na melhor das hipóteses, existirão 800 apenas. Tenho pedido ao Governo que me indique onde estão e quem são esses beneficiários, mas estou há dois anos à espera que estes dados concretos me sejam entregues. Mas poderia falar também do movimento associativo, onde apesar de haver perto de 2300 associações inscritas em 2012, apenas 17 tiveram apoio revelado em Diário da República. Portanto, é normal que exista esse sentimento de abandono.

Tantos cortes na representação externa, precisamente numa época em que a emigração portuguesa volta a aumentar, composta, em grande parte, por mão-de-obra qualificada...

Isto é um dos grandes paradoxos e que revela também a falta de visão, de políticas e de sensibilidade do Governo face à atual situação. Há efetivamente um aumento reconhecido do número de portugueses no estrangeiro, embora os números não sejam conhecidos com precisão. Haverá mais de 100 mil portugueses que terão saído ao longo dos últimos três anos, o que representa, tomando 300 mil, 6% de desemprego em Portugal. Por cada

torres novas



Um concelho
empreendedor,
com qualidade de vida,
atractivo, solidário
e sustentável.



www.cm-torresnovas.pt

8 50 mil pessoas que saem, isso representa um ponto percentual. O nosso nível de desemprego seria muito superior se esses portugueses tivessem ficado no nosso país. Havendo uma necessidade acrescida de acompanhamento dos portugueses no estrangeiro, em vez de haver um reforço mínimo dessas políticas, aquilo que verificamos é um enfraquecimento desse tipo de apoios aos portugueses. Muitos deles, profissionais qualificados, que criaram uma expectativa relativamente ao seu país e acabam por não a poder ver concretizada. Muitas vezes são talentos que se desperdiçam, na medida em que as pessoas são obrigadas a desempenhar funções, não de acordo com as habilitações que têm, mas com as necessidades que têm na altura, em trabalhos que não exigem qualquer tipo de especialização. Como eu já encontrei, advogadas a trabalhar como concierges, engenheiros ambientais em padarias, etc. Do ponto de vista pessoal, é algo absolutamente frustrante e o Governo tem tido uma política indecente de apelar diretamente e indiretamente para que as pessoas deixem o país enquanto o período económico não for favorável. O problema é que muitas das vezes essas pessoas podem não voltar e quando saem, como são empurradas,

saem também zangadas, porque veem que não têm lugar no seu país e são obrigadas a sair.

Quais são, então, as prioridades do PS para a política externa atualmente?

Em termos de políticas dirigidas às nossas comunidades, o Partido Socialista estará sempre com a sensibilidade à flor da pele relativamente às necessidades dos portugueses e ao reconhecimento da existência de vastas comunidades pelo mundo, para que os portugueses não tenham frequentemente este sentimento de abandono. Numa dimensão externa, julgo necessário, sectorialmente, o reforço de algumas políticas e que haja também uma estratégia que dê conteúdo e sentido ao acompanhamento que os portugueses precisam no exterior. Há, por outro lado, um trabalho a fazer internamente na sociedade portuguesa, para que todas as instâncias possam reconhecer a importância dos que vivem fora do país e, para que quando tomem decisões, pensem nos que estão lá fora, porque acabam por também estar afetados diretamente muitas das vezes, o que contribui para que por vezes se sintam prejudicados ou não incluídos, daí o sentimento de abandono tão forte.

Importante também é a participação dos portugueses na vida política do país onde se encontram inseridos. Temos agora, por exemplo, a campanha pela inscrição nas listas eleitorais francesas...

Isso é fundamental e tem havido há vários anos campanhas muito intensas para que os portugueses se inscrevam e votem, participando ativamente. O facto de haver tantos portugueses, particularmente em França, que estão em municípios de norte a sul do país, representa um poder enorme para a comunidade portuguesa, dá-lhes visibilidade, dá a atenção do poder político francês, o que pode constituir um grande benefício para toda a comunidade. Portanto, se participarem terão uma retribuição de reconhecimento e atenção relativamente aos portugueses. Caso não o façam, os portugueses acabam por não ser considerados nessa medida. É importante que haja essa noção que votar é fundamental para a percepção que a sociedade de acolhimento francesa tem dos portugueses, para que dessa forma se sintam obrigados a retribuir com políticas públicas que levem em consideração a nossa presença e as nossas necessidades em todos os municípios onde os portugueses estão.

IDEAL

AMBULANCES

☎ 01 45 09 15 15 ☎

UMA EQUIPA PORTUGUESA
AO SEU SERVIÇO

TOUTES DISTANCES



URGENCES

24 heures sur 24



Fax 01 43 30 97 34

CONSULTATIONS • HOSPITALISATIONS • DIALYSES • RAYONS

LUSARTEC

Votre artisan électricien
à Paris et IDF



Électricité

Besoin
d'un artisan électricien qualifié,
d'expérience et à votre écoute ?



Dépannage électrique | Installation électrique | Rénovation électrique
Remise aux normes | Réseaux & Communications | Sécurité & Accès
Électricité tertiaire | Électricité Industrielle

06 49 02 00 95 | contact@lusartec.fr





Carlos Gonçalves

“Em Portugal convive-se mal com as comunidades portuguesas”

O deputado do Partido Social Democrata, eleito pelo círculo da emigração, e Presidente da Comissão Política do PSD Paris esteve em grande entrevista no estúdio da Lusopress, para uma análise ao panorama atual da diáspora portuguesa. Carlos Gonçalves, o primeiro emigrante a tornar-se deputado pelo parlamento português, afirma ser o rosto do percurso político de muitos militantes para que as estruturas da emigração ganhassem cada vez mais peso na estrutura nacional do partido.

Como emigrante, tem maior sensibilidade face às questões da política externa?

Sim, e tenho dificuldades em perceber porque é que nos círculos da emigração há deputados que vêm de Portugal. Tem de haver proximidade entre as preocupações dos eleitos e as dos eleitores. Eu partilho isso: o meu pai veio para França trabalhar, foi emigrante no início dos anos 70, os meus filhos nasceram cá, a minha

mãe continua cá, já aposentada, eu vivo cá com toda a minha família. Isto realmente é muito positivo, porque apresentamos propostas nas quais acreditamos. E falar com o coração, na política, ajuda-nos a ir mais ao encontro da verdade. Mas também não escondo que quando fui secretário de estado das comunidades portuguesas, o facto de conhecer o pormenor, ou seja, por conhecer o micro, retirava-me a visão do macro. Mas isso fui ganhando

com o tempo e hoje consigo ter uma visão mais global. É uma mais-valia ser emigrante para defender os que representamos no dia-a-dia.

Que avaliação faz da diáspora portuguesa?

A diáspora é uma linha continua ao longa das épocas e tem uma particularidade: um amor incrível pelo país de origem. Podemos percorrer todo o mundo, mas o amor

à pátria é algo de notável. O melhor exemplo é este momento que vivemos agora: quem mais acredita na capacidade de Portugal ultrapassar as dificuldades que está a viver são os portugueses residentes no estrangeiro. Tanto que o investimento das nossas comunidades aumentou. As comunidades portuguesas, uma vez mais, estão a dar uma ajuda notável ao país. Sempre que Portugal teve momentos difíceis, como no pós-25 de abril, as comunidades estiveram presentes. Esta é a grande realidade. Quem está cá fora acredita mais no país. E porquê? Em primeiro lugar, porque pode comparar entre a situação do país onde vive e o seu país de origem e percebe eventualmente quais as razões que nos levam a ter periodicamente este tipo de problemas. Mas mais do que isso, a experiência de vida dos emigrantes é a superação de dificuldades, não há nada de genético que nos impeça de superar os problemas. Nesta matéria, os emigrantes são o melhor exemplo porque cada um tem uma história fantástica para contar. Emigrar não é tragédia, agora é evidente que o país tem de ter capacidade para não deixar sair os seus filhos e se possível ter capacidade para os fazer regressar, caso eles pretendam.

Mais uma vez, a comunidade portuguesa residente no estrangeiro está a ajudar Portugal a sair desta crise, mas continua a ser pouco reconhecida pelos que ficam dentro do país. Concorda?

Esse é um grande problema. Sou deputado da Assembleia da República e quando circulo em Portugal no meu carro de matrícula francesa também me apitam nos semáforos. Nós estamos habituados, é a vida! Mas nem por isso deixamos de amar o nosso país. Em Portugal, as nossas elites e o país no seu todo convive mal com a emigração, porque ela é a prova de que o país falhou em determinados momentos; espelha que as nossas elites não tomaram as decisões certas em determinadas alturas, por isso somos normalmente preteridos na avaliação e isso custa-me um pouco. Agora, por exemplo, fala-se muito da saída dos quadros portugueses para o estrangeiro. Pois, mas não estão sozinhos. Há filhos e netos de emigrantes que também têm postos de relevo em diferentes empresas.



A questão da circulação com matrícula estrangeira nas estradas portuguesas, que causa todos os verões, sobretudo, grandes transtornos aos emigrantes, continua a gerar polémica. Como pode este assunto ser resolvido?

Desde logo devemos ter uma sistematização da legislação portuguesa relativa aos portugueses que vivem no estrangeiro. E depois temos um problema grave, porque quando se definem políticas para o país, esquecem-se, muitas vezes, da especificidade das comunidades no estrangeiro. E, por isso, sou protagonista há vários anos de vários projetos-lei e de várias sugestões para que em postos-chave na definição de políticas haja representantes das

“O país tem de ter capacidade para não deixar sair os seus filhos e para os fazer regressar caso pretendam”

comunidades portuguesas. Em 2008, em Paris, avancei com a ideia dos emigrantes estarem representados no Conselho Económico Social. Foi há cerca de 15 dias aprovado pela generalidade do Parlamento, mas seis anos depois... Pena que algumas forças políticas demorem tanto tempo a perceber isso. O Conselho Nacional da Educação, agora o Conselho Nacional da RTP Internacional... Defendo também um maior trabalho ministerial para que a legislação tenha em consideração a especificidade de quem reside no estrangeiro, da qual sou muito vítima, porque também não tenho os mesmos direitos que os meus colegas deputados, porque resido cá fora.

Em relação às cartas de condução, o problema prende-se com a emissão dos documentos de identificação, porque muitas vezes a morada que surge no documento de identificação é como estando as pessoas a residir em Portugal, existindo um problema relativamente ao veículo que conduzem. E aqui, mais uma vez, as entidades que procedem à emissão desses documentos não estão a fazer bem o seu papel, porque não informam. Já chamei a atenção do Ministério da Justiça e do Ministério da Administração Interna, porque não é normal que um cidadão vá ao seu concelho de origem para emitir documentos e seja até, por vezes, incitado a pôr residência em Portugal, porque fica sempre bem e os concelhos têm mais habitantes, mas depois geram-se estes problemas. Nós só podemos ter uma morada oficial e um endereço fiscal, porque isto depois ainda pode ter mais consequências, para não falar no recenseamento. Uma pessoa que faz o cartão de cidadão e põe morada em Portugal, deixa também de poder votar pelos seus representantes da emigração e nós perdemos peso político.

Numa altura em que a emigração tem aumentado, os cortes na rede consular continuam. Considera que os meios disponíveis são suficientes?

O único problema da rede consular neste momento tem a ver com recursos huma-



“É fundamental, logo que haja disponibilidade orçamental, haver recrutamento de pessoal (para a rede consular)”

nos. As permanências consulares já existem há muitos anos, mas noutra molde. Este governo assumiu-as de acordo com as novas tecnologias, o que permite criar esta rede fantástica de atendimento às comunidades. Tivemos, realmente, no passado, um consulado virtual, que permitiu gastar um milhão de euros, mas não houve até hoje um único documento que pudesse ser emitido. Mas este sistema foi um sucesso. Houve muitas resistências, até no corpo diplomático, algo que me custa muito aceitar, mas o projeto venceu porque o ministro Paulo Portas e o secretário de estado José Cesário empenharam-se para que hoje tenhamos 120 permanências consulares no mundo. Vamos aumentar para 150 e estamos a falar da melhor e mais consistente medida alguma vez posta em prática na área das comunidades portuguesas. Mas mais do que isso é a forma como outros países, parceiros nossos na União Europeia, começam a olhar para este sistema que até já permite a emissão de vistos em países como Angola, Moçambique, permitindo-nos chegar onde antes não conseguíamos.

Em relação à rede consular, entre 2002 e 2005, encetámos uma reestruturação consular em que encerrámos seis consulados e dissemos, na altura, que íamos fechar para reabrir outros, porque a rede não estava adaptada à realidade. Em França, por exemplo, havia 17 consulados e o Reino Unido tinha um, com uma comunidade de 350 mil portugueses. Decidimos a abertura de Manchester, da Córsega, estivemos ligados à abertura em Andorra e Dusseldorf, vieram eleições antecipadas e não concluímos. O governo que veio a seguir fechou 28 postos, em alguns deixando pequenas estruturas de atendimento, algumas com condições miseráveis. As permanências consulares vieram cobrir as lacunas de atendimento, mas temos um problema e único: em termos de recursos humanos chegámos a uma situação dramática, porque as pessoas estão-se a aposentar e não há grande forma de dar a volta, já que não há recrutamentos para a administração pública.

MEUBLES Elmo
L'ART DU BEAU
MOBILIER DESIGN
Depuis 1987

Créateur de Mobilier Design depuis 1987

PARKING
GRATUIT

164 Av Gallieni
93140 BONDY
Sur N3 Face à Bricorama
Tél: 01 46 07 30 03
Accès: Arrêt BUS:
Pasteur Hôpital Jean Verdier
Ligne N41-N45-147-334-347-146

14 rue Fernand Léger D14
95480 Patte d'Oie d'Herblay
à Pierrelaye
Tél: 01 47 99 21 98
A15 Sortie N°5.1-SNCF
Montigny Beauchamp

Ne laissez pas les autres parler de vous quand vous pouvez avoir mieux

Salons - Séjours - Chambres - Banquettes clic clac
Cuisines équipées - Rangements déco



meubles-elmo.fr



Ó meu amor de algum dia Havemos de ir a Viana

Pedro Homem de Melo
1904-1984



**JUNTOS
VAMOS
VENCER**



CÂMARA MUNICIPAL
VIANA DO CASTELO

O Ministério dos Negócios Estrangeiros tinha que fechar serviços, estava no memorando da Troika, a responsabilidade não é só de quem tem de governar. Fez-se uma escolha que as comunidades portuguesas podem ficar até bem contentes: fechou-se uma dezena de embaixadas, fez-se regressar a Portugal uma centena de técnicos equiparados a diplomatas e tocaram-se apenas em quatro estruturas consulares. Tem havido um crescimento da comunidade, tem. Mas não é notável como as pessoas querem fazer crer. Agora se os recursos humanos vão diminuindo, numa altura em que há algum acréscimo de trabalho, é evidente que cada vez mais vai ser difícil. Por isso é que é fundamental, logo que haja disponibilidade orçamental, haver recrutamento de pessoal.

Já afirmou publicamente que os números da emigração iriam diminuir num futuro próximo. Portugal está preparado para receber também de volta os que quiserem voltar?

Agora tudo fala muito dos emigrantes... Em 2009, estavam a sair 100 mil. O que mudou é que aparentemente há mais 30 ou 50 mil. Hoje, as pessoas que emigram encontram mais dificuldades em arranjar emprego. Este tipo de situações pode aumentar os casos de precariedade e obrigar muita gente a regressar. Quando ouço dizer que é uma emigração como nos anos 60, acho que as pessoas não sabem como era dantes. Hoje as pessoas vêm de avião, chegam com grande facilidade e documentação para trabalhar, alguns até com formação. Os emigrantes dos anos 60, muitos deles, nunca tinham saído do seu concelho de naturalidade, alguns eram analfabetos, não falavam língua estrangeira. Comparar estas duas realidades é perceber muito pouco da emigração portuguesa. Hoje as pessoas vão e vêm. Muitos dos jovens que saem, sobretudo os mais qualificados, saíam sempre. O mercado global alterou as coisas. A emigração não é uma tragédia, mas demonstra que o país falhou, tanto que em 2011 esteve à beira da bancarrota.



“É uma mais-valia ser emigrante para defender os que representamos no dia-a-dia”

Que mensagem gostaria de deixar aos portugueses?

Tenho uma mensagem de optimismo, porque estou a falar para portugueses residentes no estrangeiro. Os emigrantes portugueses são o grande exemplo de que, independentemente da crise, Portugal pode sempre contar com eles. Nos resultados finais há sempre um forte contributo dos que residem no estrangeiro. Por exemplo: as remessas não param de aumentar; no turismo, há zonas em que 40% dos turistas estrangeiros são filhos de emigrantes, já para não falar que levam os amigos estrangeiros a conhecer o país; a questão das exportações, em que já nem falo dos produtos alimentares, mas mesmo na pequena e média indústria, onde as empresas portuguesas no estrangeiro são fundamentais nas encomendas que

fazem às que estão em Portugal, pagando no momento da encomenda, porque as outras não têm liquidez. E para terminar com números, entre janeiro e setembro de 2013, houve 72 mil transações de imóveis feitas com emigrantes. Não sei se têm bem noção do que isto representa e por isso virá na nossa moção ao congresso que haja de novo a possibilidade de haver algumas medidas discriminatórias positivas em relação ao IMI para os residentes no estrangeiro. Este contributo diário destas gentes honra-me a mim, que os represento na Assembleia da República, mas eu acho que honra o país. Portugal é um país repartido pelo mundo e, neste momento de crise, uma das grandes vantagens que tem em relação a outros, é que temos uma diáspora que acredita em nós, que quer fazer parte do presente e do futuro e, no fundo, isto é o nosso Portugal.

GARAGE RIC'AUTO



PASSAGE AU MARBE
CARROSSERIE
MÉCANIQUE
PEINTURE

REPRISE - VENTE TOUTES MARQUES

01.60.20.70.25

E.A.E des Tuileries · 34, rue de l'Ormeteau · 77500 CHELLES · fax: 01 60 08 62 29 · ric-auto@wanadoo.fr · www.ric-auto.fr



ACTION MONTAGE & PILOTAGE

MONTAGE DEMONTAGE LOCATION DE GRUES À TOUR & CAMIONS CRUE



350 rue Nicolas Joseph Cugnot + Z.A. Les Cailloux de Sailleville * 60290 LAIGNEVILLE
TEL.: 01 43 01 00 46 * FAX : 01 43 01 25 20 * amp.general@gmail.com



“Tem havido um despertar por parte dos franceses em relação a Portugal”

Faz precisamente este mês dois anos que Pedro Lourtie assumiu funções no Consulado Geral de Portugal em Paris. Sensivelmente a meio de mandato, o cônsul-geral português faz uma retrospectiva do trabalho que tem sido feito por parte deste posto diplomático para facilitar diariamente a vida da comunidade portuguesa residente em França. À conversa com a Lusopress, Pedro Lourtie aproveitou também para revelar alguns dos projetos que ainda pretende completar.

“Há atualmente maior consciência coletiva de que Portugal não se resume aos dez milhões que vivem dentro das suas fronteiras”



Que percurso fez até chegar ao cargo que ocupa atualmente?

Estudei Economia em Lisboa, fiz mestrado em Estudos Europeus na Bélgica, isto antes de entrar para o Ministério dos Negócios Estrangeiros, em janeiro de 1995. O meu primeiro posto no estrangeiro foi em Bruxelas, na nossa representação permanente junto da União Europeia. Depois, após ter passado por um processo de seleção, fui para a delegação da Comissão Europeia em Washington. Regressei em 2005 a Lisboa, para trabalhar como adjunto do primeiro-ministro, onde fiquei até 2009 como chefe do seu gabinete. Desde essa data até 2011, fui secretário de estado dos assuntos europeus. No final desse governo regressei aos serviços do Ministério e desde abril de 2012 estou no Consulado Geral em Paris.

Que balanço faz desta primeira experiência consular?

O balanço que faço nestes dois anos é, desde logo, o de um trabalho extremamente interessante. Neste período encontrei algumas dificuldades, tendo em conta, nomeadamente, as limitações de recursos humanos, principalmente porque muitos colegas se aposentaram. Devido às limitações orçamentais do país, esses trabalhadores não foram substituídos. É um desafio de gestão interna grande o de manter um nível de serviço adequado com estas limitações. Julgo que isto tem sido conseguido com um esforço e dedicação extraordinários da equipa que trabalha no Consulado.

Ainda ao nível do serviço consular, tivemos o desafio positivo das presenças consulares, que nestes últimos dois anos desenvolvemos, ao ponto de atualmente as fazermos em dez cidades, com caráter

regular, incluindo três presenças consulares que têm natureza quase permanente em Orleães, em Tours e em Nantes. Nestas presenças consulares podemos fazer praticamente todos os atos que se fazem aqui em Paris, como sejam o cartão do cidadão ou o passaporte.

Num dia normal, o Consulado atende cerca de 550 pessoas. Nos dias de férias escolares chegamos às 750 pessoas. Isto, já retirando todas as pessoas que não necessitam já de se deslocar ao Consulado, seja porque temos as presenças consulares, seja porque temos a possibilidade de fazer atos à distância. Por isso, essa é uma questão que continuará a ter uma atenção permanente: ter medidas de gestão do Consulado que possam ir ajustando a forma de atendimento à afluência que temos.

Esta vaga de emigração de que agora se fala, reflete-se em mais inscrições no Consulado?

Nota-se que há um número considerável de portugueses a chegar a França, através das inscrições e dos atos procurados. Muitos dos utentes são pessoas que vieram há relativamente pouco tempo e que se dirigem ao Consulado quando precisam de obter documentos ou orientação junto das instituições francesas. Houve, de facto, um aumento de inscrições consulares. Apesar de não ser obrigatória a inscrição no Con-

sulado, incentivamos a que o façam, pois a inscrição facilita no futuro atos consulares de que possam vir a necessitar.

Em que sentido tem trabalhado o Consulado de Portugal em Paris para promover a diplomacia económica?

Todas as missões diplomáticas hoje têm uma agenda de diplomacia económica e, obviamente, o Consulado Geral em Paris, que tem na sua área de jurisdição a maior comunidade portuguesa residente no estrangeiro, não podia deixar de o fazer, até porque há oportunidades particulares que nós tentamos aproveitar. Por um lado, existe em França uma comunidade empresarial lusodescendente muito importante, de pequenas, médias e grandes empresas. Na sua maioria, esses empresários têm fortíssimas ligações com Portugal, que não são de agora. Investem em diversas áreas e o nosso papel é o de reforçar essas ligações, acompanhar certo tipo de projetos que são importantes para Portugal e para as empresas portuguesas e mostrar o que está a ser feito no país, bem como as novas oportunidades que surgem a nível de investimento e em termos de comércio bilateral entre Portugal e França.

Depois, temos atuado também numa outra vertente que tem a ver com a capacidade de atração de Portugal para os franco-portugueses, mas também para os

“Gostava de desenvolver uma maior interação online entre o Consulado e os seus utentes para que mais coisas possam ser feitas à distância” 5

6

franceses, nomeadamente em termos de turismo e de habitação. Como se sabe, há muitos franceses que estão a escolher Portugal para ir viver, nomeadamente depois da reforma, mas não só, e Portugal dispõe desde 2009 de um regime fiscal – regime do estatuto dos residentes não habituais – que foi simplificado em 2102 e que permite que um aposentado que receba a sua pensão de uma fonte estrangeira mude a sua residência para Portugal, obtendo isenção da tributação sobre esse rendimento. Durante dez anos não terá de pagar IRS sobre a sua pensão. Esta medida despertou um forte interesse em França e sentimos que havia, com esta medida, uma boa oportunidade para chamar a atenção dos franceses relativamente a Portugal enquanto destino de habitação, cuja atratividade vai muito para além dos referidos benefícios fiscais. Tem havido um despertar por parte dos franceses em relação a Portugal. Sente-se essa descoberta na comunicação social francesa em geral. Para isso têm contribuído também as ligações aéreas. Neste momento temos cerca de 350 voos regulares semanais, praticamente sempre cheios, entre França e Portugal, e estão a desenvolver-se novos voos entre várias cidades francesas e portuguesas. Para este ambiente económico bilateral favorável tem também contribuído muito a Câmara do Comércio e Indústria Franco Portuguesa e destaque a realização, desde 2012, do Salão do Turismo e do Imobiliário Português em Paris.

E os portugueses têm também cada vez maior consciência dessa relação bilateral e da sua importância para Portugal?

Sim, acho que hoje em dia há maior consciência relativamente a essa ligação e isso só pode ser positivo. De facto, há atualmente maior consciência coletiva de que Portugal não se resume apenas aos dez milhões que vivem dentro das suas fronteiras. Portugal é também quem está fora, quem desenvolve a sua vida profissional e as suas empresas além-fronteiras, quem



“Nota-se que há um número considerável de portugueses a chegar a França, através das inscrições e dos atos procurados”

manteve sempre uma ligação ao seu país, quem investe em Portugal, seja investimento industrial, imobiliário, seja através de transferências financeiras. Muitos destes portugueses mantiveram essa ligação, como é o caso de grande parte da comunidade em França e, por isso, o país tem tudo a ganhar em ter consciência de que Portugal não se limita aos habitantes no seu território. Esta é claramente uma das vantagens do País e será também uma

vantagem na recuperação económica. Por exemplo, Portugal tem com França o maior saldo positivo de entre as várias balanças comerciais bilaterais, ou seja, as relações entre Portugal e França são, comercialmente, as mais positivas para Portugal. Isso deve-se, não apenas, mas muito à comunidade portuguesa que está em França. Há vários exemplos desta relação estreita que nós tentamos potenciar.

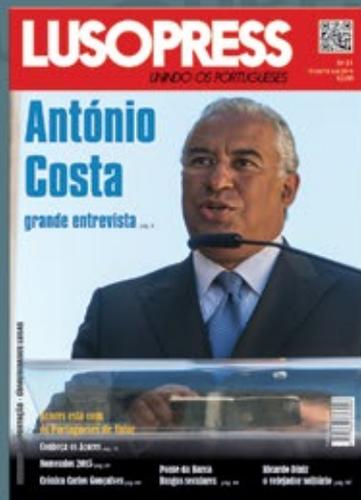
Que projetos gostaria de desenvolver ainda no seu mandato aqui no Consulado?

A generalidade dos projetos que eu tinha, comecei a desenvolver logo desde o início. O primeiro tem a ver com o atendimento, do qual já falei. Fico muito satisfeito por ter podido concretizar as presenças consulares, não só as regulares, como aquelas que são permanentes. Foram implementadas em áreas onde habitam muitos portugueses e onde há uma procura suficiente para que exista permanentemente uma presença consular. Se pudermos estender isso, ficarei satisfeito.

Quero continuar a desenvolver o site do Consulado e gostava de desenvolver uma maior interação online entre o Consulado e os seus utentes, sempre com o mesmo objetivo de que mais coisas possam ser feitas à distância.

Outro aspecto que tenho vindo a desenvolver desde início também é a presença do Consulado nas redes sociais, no Facebook. É uma forma de divulgação muito interessante, de muito sucesso, e nomeadamente associada à divulgação dos eventos culturais do Consulado. Temos trazido artistas de grande qualidade. Para além desta vertente cultural, a vertente de debate e de participação cívica.

Continuaremos a incentivar o recenseamento eleitoral dos portugueses no estrangeiro. Por outro lado, o Consulado iniciou, com a Rádio Alfa e o Lusojornal, ciclos de conferências no ano passado sobre temas que interessam à comunidade, temas históricos ou temas de atualidade. A ideia é manter em cima da mesa o debate sobre estes portugueses que estão fora de Portugal, sempre na lógica de que o país não se limita aos que estão dentro do território português.



“A melhor forma de no dia 29 começarmos a unir o partido é agora não o dividir”

António Costa em entrevista afirma que as Comunidades Portuguesas possuem um extraordinário valor geoestratégico





Em plena disputa pela liderança interna do Partido Socialista, António Costa afirma em entrevista à LUSOPRESS que Portugal precisa de voltar a ter uma visão estratégica e uma agenda para a década que seja mobilizadora de toda a sociedade. E desta agenda da década, as Comunidades Portuguesas fazem parte por direito próprio, as quais afirma possuírem um extraordinário valor geoestratégico que deve ser mobilizado para fortalecer a relação com Portugal, quer por via dos empresários residentes no estrangeiro, com quem conta para atrair investimento e internacionalizar as empresas, quer por via da Língua Portuguesa, que considera ter um imenso potencial, sendo que o Ensino de Português no Estrangeiro é uma condição essencial para a afirmação da Língua. A presença em Paris no passado dia 2 de Setembro para se encontrar com a comunidade e a ouvir é a prova da importância que dá aos portugueses residentes no estrangeiro. Sobre a disputa interna da liderança do PS, afirma estar focado no dia 29 com a preocupação de unir o partido, razão pela qual não tem respondido aos ataques que lhe têm sido dirigidos.

LUSOPRESS – Se for Primeiro-Ministro acha que vai conseguir endireitar as finanças do país com a mesma eficácia com que conseguiu tapar o grande buraco financeiro que havia na Câmara de Lisboa?

António Costa – A situação do país é mais complexa e mais profunda. Mas penso que

só endireitaremos as finanças do país se conseguirmos endireitar a economia. O centro do problema está na nossa economia e na dificuldade que temos tido em nos adaptarmos a um quadro mais competitivo que existe desde o início do século. Se reparar, no ano 2000 Portugal interrompeu a trajetória de convergência com a União Europeia e desde aí que temos oscilado entre períodos de recessão e períodos de baixo crescimento. A dívida e o défice são uma consequência deste problema de fundo. Nós temos de recuperar competitividade e isso implica centrarmos os nossos esforços em resolver na raiz os problemas estruturais que a têm asfixiado. E é por isso que digo que a nossa primeira prioridade é termos uma agenda para a década que seja mobilizadora e esteja centrada nos fatores de desenvolvimento do país.

LUSOPRESS – Quais são os pontos principais da agenda para a década?

António Costa - O país precisa de voltar a ter uma visão estratégica que fixe um rumo, uma orientação e um sentido. Hoje o país está asfixiado com os dramas do dia-a-dia, de saber se os impostos vão subir ou se as pensões vão ser cortadas. E com isto acabamos por ficar presos a uma visão de curto prazo. Ora, o que temos de fazer é olhar para além do curto prazo. Saber para onde queremos ir e, em função disso, organizar uma agenda para a década. E esta agenda deve ser aberta e constituir a base para os compromissos

políticos, designadamente de um acordo de concertação social estratégico que mobilize toda a sociedade portuguesa em torno de um conjunto de domínios que devemos assumir como causas nacionais.

E há quatro domínios fundamentais: um, que tem a ver com a valorização dos nossos recursos, que são as pessoas, o território, as Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo, a Língua; em segundo lugar, a modernização do nosso tecido empresarial e da administração pública; em terceiro lugar, o investimento no futuro, isto é, na cultura, ciência e educação e, em quarto lugar, o reforço da coesão nacional. E devemos procurar em torno destes quatro domínios as declinações de uma estratégia que seja partilhável por todos, porque numa década não nos podemos antecipar às escolhas políticas que os portugueses legitimamente farão ao longo deste período. Mas temos de saber qual é o nosso destino e fixar objetivos comuns que sejam partilhados pelo conjunto do país.

LUSOPRESS - Relativamente às Comunidades Portuguesas, uma das preocupações é a Língua e o Ensino do português. Além disso, os empresários portugueses que vivem fora do país gostariam de ter as mesmas oportunidades e facilidades que têm outros investidores estrangeiros quando fazem investimentos em Portugal.

António Costa - Uma das questões centrais

desta agenda é compreender o extraordinário valor geoestratégico das Comunidades Portuguesas. Estamos a falar de cinco milhões de embaixadores de Portugal em todos os continentes, com uma fortíssima presença sobretudo na Europa, na América e no continente africano. E temos de ser capazes de mobilizar o conjunto destas comunidades, quer como veículos da internacionalização do país, quer como grande veículo de atração para Portugal de capital e investimento externo. É incompreensível que os portugueses residentes no estrangeiro não tenham um tratamento pelo menos tão favorável como os estrangeiros residentes em Portugal ou que venham residir para o país. Em segundo lugar, a Língua é um capital imenso que temos, pois é uma das mais faladas no mundo e com a grande vantagem de ser falada em todos os continentes. A Língua não é só uma forma de nos entendermos. Comporta também todo o capital histórico, cultural, de afetividades, que faz com que a Lusofonia deva ser um espaço prioritário para Portugal. Somos europeus geograficamente e culturalmente, mas temos muito mais mundo para além da Europa. E os primeiros veículos de promoção da Língua são precisamente as nossas comunidades. Portanto o ensino do português é uma condição essencial para prolongar este cordão umbilical que une Portugal ao conjunto das comunidades e às novas gerações das comunidades portuguesas.

LUSOPRESS - Se for Primeiro-Ministro como pretende estancar a saída de jovens e de jovens com formação, que têm sido empurrados para a emigração?

António Costa – Não podemos confundir a liberdade de circulação, que é um bem, com a necessidade de circulação, que é um mal. E obviamente que é positivo que, quer no seu percurso de formação quer no laboral, as pessoas possam encontrar outras oportunidades e explorar outras formas de viver, que tanto valorizam pessoalmente como a sociedade portuguesa. Mas aquilo a que temos assistido não é isso. O que temos visto é uma fuga generalizada para outros países da geração mais qualificada que alguma vez tivemos. E o nosso problema, ao contrário do que o Governo tem dito, não é termos excesso de qualificação. Nós temos é um défice de empregos qualificados, que é absolutamente fundamental preencher, porque esta é a primeira geração que conseguiu romper e vencer o maior problema estrutural do país, que são os baixos níveis de qualificação. Portanto, não é só a questão da sua oportunidade de trabalho, é também aquilo que esses empregos qualificados representariam de modernização do nosso tecido empresarial e de melhoria do nosso futuro. Ora, esta questão tem a ver com uma opção de base que temos de fazer, que é sa-

(...) “penso que só endireitaremos as finanças do país se conseguirmos endireitar a economia”.



ber qual é a estratégia para o nosso desenvolvimento e para a nossa competitividade. O Governo acreditou que com um brutal choque de empobrecimento o país voltaria a ser competitivo. Errou e falhou. Eu penso que só conseguiremos ser competitivos se apostarmos na qualificação, na formação, na educação, na incorporação tecnológica, na inovação, na diferenciação do produto. Hoje já não conseguiremos competir com base no preço e nos baixos salários. Ora, diferenciar e qualificar significa incorporar conhecimento. Isso implica cultura, ciência, educação, quadros mais qualificados, mais rejuvenescidos e é nisso que temos decisivamente de apostar. E por isso é que uma das propostas que apresento no quadro do programa de recuperação económica tem a ver com a necessidade de termos uma dupla política de emprego: uma destinada à minha geração, que não pode ser deixada para trás, sendo necessário apostar nos setores que são fortemente geradores de emprego. Mas há uma outra linha da política de emprego que tem de ser criada, que tem como alvo as novas gerações, utilizando-se essas políticas de emprego como um processo de modernização do próprio tecido empresarial, de forma a ganhar capacidade para aumentarmos a competitividade nos setores de bens transacionáveis mais inovadores. É aí que temos de fazer uma grande aposta. É um novo desafio que hoje está colocado à política de coesão da União Europeia. O fenómeno da emigração em Portugal, infelizmente para a Europa, não é um exclusivo nosso. É um problema que é comum à Espanha, à Itália e que começa a ser comum à França e a todos os países do sul da Europa. Ainda há pouco tempo o primeiro-ministro italiano, Matteo Renzi, fez um grande apelo para que os jovens italianos não emigrem, para que acreditem no seu país e nele invistam a sua energia. O que tem acontecido nos últimos anos não é só a falta de empregos e de oportunidades de emprego. Está também relacionado com o facto de termos um Primeiro-Ministro que disse aos jovens que em Portugal não tinham futuro nem o teriam nos próximos anos, aconselhando-os por isso a emigrar, o que é uma mensagem terrível para o conjunto de um país, porque comporta um fator de desmobilização enorme. Eu acho que este é talvez o maior erro estratégico que o Governo cometeu ao passar esta mensagem para as novas gerações.

LUSOPRESS – Quanto a erros estratégicos, o que pensa da decisão que foi tomada relativamente ao BES? Se fosse Primeiro-Ministro arranjará outra solução?

António Costa – Eu acho sobretudo que foi mal explicada. E com base na ilusão que é uma solução sem custos para os contribuin-

..."Não podemos confundir a liberdade de circulação, que é um bem, com a necessidade de circulação, que é um mal. E obviamente que é positivo que (...) as pessoas possam encontrar outras oportunidades e explorar outras formas de viver (...)
O que temos visto é uma fuga generalizada para outros países da geração mais qualificada que alguma vez tivemos.



tes. Ora, como se sabe, quem está neste momento a financiar o Novo Banco são os contribuintes através de um empréstimo do Estado. Se tudo correr bem, e só podemos desejar que tudo corra bem, esse empréstimo será devidamente reembolsado com a venda do Novo Banco. Agora o que não se pode dizer é que não há riscos. Há o risco de não ser vendido e o de não ser vendido por aquele valor. E, em segundo lugar, não se pode criar a ilusão que não tem dono. Tem dono. Porque se tudo correr bem para os contribuintes vai correr mal para os outros bancos e para os seus acionistas. Vai correr mal para os acionistas do BES, que não são só os grandes acionistas da família Espírito Santo. Há milhares de pequenos acionistas que confiaram as suas poupanças investindo naquelas ações, que obviamente era um investimento de risco. Mas a verdade é que o fizeram num contexto em que, desde o Presidente da República ao Governador do Banco de Portugal, todos repetiam que havia uma grande diferença entre a situação do BES e a do Grupo Espírito Santo. E diziam que o BES era um banco com uma solidez inquestionável, o que levou muita gente a investir por as ações estarem baixas. Esses vão ter um pesadíssimo fardo nas suas contas e isso não se pode iludir. Mas depois há também os credores subordinados. Não podemos esquecer que as autoridades autorizaram a emissão, ainda em Dezembro último, com as

entidades reguladoras a atestarem a fiabilidade e solvabilidade do banco e as pessoas também investiram. Portanto, não é possível iludir dizendo que não há dor. É uma ideia errada e grave dizer que há uma solução fantástica, quase que mágica, porque é boa para toda a gente e não é má para ninguém. Os políticos têm de se habituar que os cidadãos são adultos e exigentes e não aceitam ser enganados dizendo-se que será indolor algo que vai ser muito doloroso.

LUSOPRESS - E quanto à privatização da TAP. Está de acordo com ela?

António Costa - Há muitos anos que digo que a TAP é de todas as empresas aquela que não devia ser privatizada em circunstância alguma. Porque a TAP é um instrumento fundamental da inserção de Portugal no mundo, como se constata pela relação que hoje temos com a América Latina e particularmente com o Brasil. Ora, enquanto a TAP for pública, podemos sempre garantir que temos um instrumento fundamental na construção destes laços e na forte ligação entre Portugal e o Brasil, que todos temos muito a ganhar em reforçar. O Brasil, com mais ou menos crise, será certamente uma das grandes potências do século XXI e a TAP torna-nos vizinhos do Brasil. Somos vizinhos que falam a mesma língua, que se reconhecem na história, na música, no futebol, enfim, com quem temos uma ligação afetiva

que tem de ser alimentada, o que acontece no dia-a-dia pela TAP. E quando falo no Brasil também falo de África. Esse é hoje o grande esteio de ligação da TAP e a garantia que Portugal pode afirmar uma centralidade atlântica que passa certamente pelos nossos portos, pela valorização da nossa relação marítima, pela profundidade atlântica que os Açores e a Madeira oferecem, mas passa também, inquestionavelmente, pela TAP.

LUSOPRESS - O senhor é conhecido como um conciliador e o PS está a ficar com uma imagem de divisão interna. Como pensa contornar e resolver essa divisão?

António Costa - Eu tenho estado sempre com o espírito no dia 29 de Setembro e não no dia 28. E por isso não só não tenho feito ataques ao atual Secretário-Geral do PS, como não tenho respondido sequer aos ataques que sistematicamente, pessoal ou indiretamente, me têm dirigido, porque sei que a melhor forma de no dia 29 começarmos a unir o partido é começar agora por não o dividir ou abrir feridas que depois possam ser difíceis de sarar. Foi por isso que não fui favorável a que houvesse congressos federativos nesta altura, porque isso poderia abrir feridas. E é por isso que tenho visto com satisfação que, nos processos federativos, os militantes do partido têm tido a inteligência de fazerem bem a distinção das eleições primárias. Há distritos onde há uma única



candidatura de um apoiante meu. Há distritos onde há uma única candidatura de um apoiante do atual Secretário-Geral. Há pessoas que me apoiam a mim e que são apoiantes do atual Secretário-Geral para líderes federativos. Há apoiantes do Secretário-Geral que apoiam candidatos federativos que são meus apoiantes. Portanto, essa diversidade tem existido e isso é muito saudável porque é a melhor contribuição para que a partir do dia 29 o PS possa recuperar a unidade. Se há qualidade que tenho é a de saber atar as pontas, de unir os esforços e será isso que certamente também farei agora no PS.

LUSOPRESS – Se for Primeiro-Ministro considera contar com o atual Secretário-Geral do PS no seu Governo?

António Costa – Ninguém deve pôr o carro à frente dos bois. Primeiro vamos fazer a vindima e depois lavaremos os cestos. Há ainda muitas eleições daqui até à formação de um Governo.

LUSOPRESS – Se for Primeiro-Ministro tem algum programa para apoiar os empresários portugueses no estrangeiro que eventualmente queiram investir em Portugal?

António Costa – No nosso programa de recuperação económica, uma das pedras-chave é a atração de investimento. E um dos alvos desse programa tem de ser a mobilização das Comunidades Portuguesas, quer para investirem cá, quer pela oportunidade que oferecem para internacionalizar as empresas portuguesas nos mercados em que se inserem. Por exemplo, existe neste momento em França, entre outros, um grande investimento imobiliário que tem sido um poderoso veículo de exportação de materiais de construção que estão a ser incorporados nesse projeto. Temos em muitas zonas do mundo cadeias de distribuição que são portuguesas que podem e devem ser veículos de distribuição da indústria agroalimentar, que hoje, felizmente, já representa 20 por cento das exportações nacionais. Portanto, temos de saber articular bem essa grande mais-valia que temos nessa rede mundial representada pelos cinco milhões de portugueses e pelas novas gerações de portugueses que estão na diáspora.

LUSOPRESS – A ter de fazer uma coligação como líder de um Governo, com que partidos é que colocaria essa hipótese?

António Costa – O que eu acho que seria útil para o país era o PS ganhar com maioria absoluta. Porque em Portugal é muito difícil encontrar soluções de coligação. O país pede hoje uma alternativa à política do atual Governo e não se vê como é possível fazê-la com quem prossegue estas políticas. Não se pode pedir ao atual líder do PSD ou do PP que formem um Governo para fazer uma política contrária da que têm vindo a desenvolver. Não seria correto sequer fazer uma proposta dessa natureza. Como é sabido, por razões históricas, a esquerda em Portugal não tem sabido encontrar soluções e não vejo sinais nem do PCP nem do BE de poderem vir a evoluir na sua posição. Eu sempre rejeitei esse conceito de “arco da governação” como que a excluir parte dos partidos do acesso ao Governo. Por mim não excludo ninguém, mas é preciso que haja condições para o fazer. Mas para ser sincero não as vejo. Portanto, isto significa que a melhor forma de termos uma solução viável é através de uma solução maioritária. Todas as outras soluções pressupõem muitos “ses”. E se o PSD mudasse de liderança? E se o PCP e o Bloco de Esquerda mudassem de posição? E se o Livre e os dissidentes do BE tivessem condições para juntamente com o PS formarem uma maioria? São muitos “ses” que representam muitas incertezas. Portanto, a melhor solução seria o PS ter uma maioria, o que não significa que o PS deva ser autossuficiente. Acho que não deve ser. O país precisa de consensos, de estabilidade, de confiança e isso implica que haja acordos a vários níveis e que sejam partilhados pelo conjunto da sociedade portuguesa. Tendo em vista reforçar a estabilidade e confiança em torno do que deve ser a essência de uma sociedade decente, a democratização do Estado, a política de rendimentos, a política fiscal, as medidas de sustentabilidade do nosso modelo social. São tudo domínios que devem ser objeto de compromissos, quer do ponto de vista político quer do ponto de vista

da concertação social. Maioria não significa auto-suficiência, mas sim termos condições para dinamizar o diálogo, que de outras formas é duvidoso que possa existir.

LUSOPRESS – Para terminar, qual é a visão que tem sobre as Comunidades Portuguesas, não só em França e na Europa, mas dos portugueses que estão espalhados pelo mundo?

António Costa – São um enorme ativo que Portugal tem de saber valorizar, quer como um importante instrumento de relações externas quer pela sua relevância económica. E é muito importante que haja cada vez mais portugueses presentes no sistema político dos países onde residem e que haja cada vez mais membros da comunidade nos órgãos do poder político em Portugal. É importante compreender que este ativo é fundamental para a valorização da Língua. Para a valorização da cadeia económica de Portugal, para a internacionalização das nossas empresas, para a mobilização de investimento. Eu acho que no futuro temos de fazer uma grande aposta nas Comunidades Portuguesas. É por isso que no conjunto da agenda da década e entre os recursos a valorizar, a par das pessoas, do território, da Língua, coloquei as Comunidades Portuguesas, que são efetivamente um grande ativo.

LUSOPRESS – Uma mensagem para os portugueses em França.

António Costa – Gostava de vos encontrar, de vos ouvir, mas queria deixar uma mensagem de confiança sobre o futuro do país.

Vivemos uma crise difícil, virámos uma página no programa de ajustamento e necessitamos agora de um programa de recuperação económica. No passado já vivemos muitas outras crises e ao longo da nossa História vencemo-las sempre. E desta vez certamente que também a venceremos. É por isso que gostaria de dar o meu contributo para encontrar os melhores caminhos e gostaria de contar convosco para vencermos mais este desafio. **L**



sabores
tradicionais
SABORES
únicos



geral@saboresbemreceber.com
www.saboresbemreceber.com

Cofinanciado por:



15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress



Marcelo Rebelo de Sousa fala sobre comunidades em entrevista exclusiva à LUSOPRESS.

“Ainda não utilizamos a influência que temos no mundo”

Foi num dia soalheiro, a 17 de Setembro, que o professor mais conhecido de Portugal, Marcelo de Rebelo de Sousa, abriu-nos as portas do seu gabinete na Faculdade de Direito de Lisboa. Uma conversa descontraída sobre a importância das comunidades portuguesas para Portugal e claro sobre a política nacional, ou não fosse Marcelo Rebelo de Sousa o comentador por excelência da realidade portuguesa. Conselheiro de Estado e ex-Presidente do PSD, o professor deixou em aberto, no entanto, a resposta se vai candidatar-se à Presidência da República.



LUSOPRESS – O que pensa das comunidades portuguesas?

Marcelo Rebelo de Sousa – Eu penso que as comunidades portuguesas são uma parte essencialíssima de Portugal. Portugal durante 500 anos foi um império e durante esse período espalhou-se pelo mundo. Há portuguesas e portugueses em todos os continentes e com a capacidade que nós temos de nos adaptarmos à língua, ao ambiente, aos costumes, à maneira de ser, isso fez com que portuguesas e portugueses ficassem ao longo de gerações e as comunidades sejam hoje uma realidade tão forte que metade de Portugal ou mais está fora do território. Quando acabou o império, que foi há 40 anos, nós passámos a ser uma pátria pequena em território, em poder político, mas enorme em pessoas, que são os portugueses que vivem no território e sobretudo aqueles que vivem fora de Portugal que fazem parte integrante da pátria portuguesa. Portanto, a nossa definição já era, antes da descolonização, a de uma pátria repartida pelo mundo.

Agora é mais do que nunca isso, porque dos três elementos tradicionais que definem um Estado, que é o povo, o território e o poder político o mais importante hoje de longe é o povo, isto é, a nação, o cidadão, os nacionais portugueses. Logo as comunidades são uma componente decisiva na nossa pátria e são um elemento estratégico fundamental.

LUSOPRESS – A sociedade portuguesa resiste em reconhecer a importância dos portugueses que vivem no estrangeiro. O que acha?

Marcelo Rebelo de Sousa – Durante um tempo tive dificuldade em compreender a parte mais importante da minha família próxima: filho, nora e netos, vivem no Brasil. Não há família portuguesa que não tenha filhos, pais, netos, irmãos ou parentes a viver pelo mundo, fora do território de Portugal e, no entanto, quando se tratava de reconhecer os direitos, a começar no direito de voto dos emigrantes, havia uma espécie de complexo uma espécie de temor, de incompreensão. Eu lembro-me que foi possível, era eu então

líder do Partido Social Democrata, na revisão da constituição de 97, abrir caminho para o voto mais amplo dos portugueses na eleição presidencial, que era uma coisa em que realmente havia uma espécie de tabu em relação aos nossos e às nossas compatriotas que vivem fora do território português. Isto melhorou e tem vindo a melhorar. Porque é que é lento? Acho que porque Portugal mudou muito cá dentro e nós fingimos que não, porque o português é o chamado português suave, é doce na forma como gere as suas mudanças de vida e nós mudámos imenso porque de repente, no espaço de uma geração, deixámos de ser o império para passar a ser um país apenas situado na Europa. Tudo foi feito ao mesmo tempo e nós nem tivemos a noção do que estávamos a mudar, do que era o regresso de setecentas mil pessoas que estavam a viver em África e que voltaram para o território europeu, não tivemos a noção do que foi mudar várias vezes a economia, nem do que era aprender a viver numa democracia, não tivemos a noção do

...[...] "no século passado o meu avô saiu de Celorico de Bastos para ir primeiro para o Brasil e depois para África, precisamente por causa da crise do final do século. Muitos portugueses saíram nos anos 60 e 70 de Portugal por causa da situação financeira e foram para a Europa ou para outros países, como as Américas, Brasil, Venezuela, EUA e Canadá. E agora voltou a acontecer, mas esta emigração foi um bocadinho diferente das anteriores. Houve muita gente sem cursos e menos jovens que teve de sair por razões económicas, tal como nos anos 60 e 70, mas existe agora também a emigração de jovens com cursos e altamente qualificados".



que era mudar comportamentos. Mudanças que alteraram a nossa maneira de ser. Demorou muito tempo o percurso da integração na Europa e portanto, com tantos problemas, ao mesmo tempo, esquecemos de nós, minimizámos o que era uma componente fundamental da nossa maneira de ser e que era realmente o “Portugal fora de Portugal”.

LUSOPRESS – Há muitas pessoas a saírem de Portugal, uns obrigados outros em passeio, mas o que se vê são os jovens diplomados a sair. Que consequências têm estas saídas para o país e de que forma podemos inverter esta tendência?

Marcelo Rebelo de Sousa – Portugal tem uma tradição de emigração, de partir para novos mundos, que tem 500 anos e que nunca parou. Acontece que houve períodos mais intensos de emigração relacionados com períodos mais complicados de crise económica e financeira, e como a nossa história é a história da crise financeira, estamos habituados a dizer que no tempo dos Descobrimentos éramos riquíssimos e no testamento de D. João II e de D. Manuel I, quando éramos então donos do mundo, diz lá: “Cuidado com a situação financeira que já é muito grave”. Imagine-se que achavam grave aquela situação financeira, mas depois, no fim do séc. XIX tivemos uma bancarrota. Portanto, é esta a história da crise económica e financeira e, de cada vez que ela acontece, justifica a emigração. Por exemplo, no século passado o meu avô saiu de Celorico de Bastos para ir primeiro para o Brasil e depois para África, precisamente por causa da crise do final do século. Muitos portugueses saíram nos anos 60 e 70 de Portugal por causa da situação financeira e foram para a Europa ou para outros países, como as Américas, Brasil, Venezuela, EUA e Canadá. E agora voltou a acontecer, mas esta emigração foi um bocadinho diferente das anteriores. Houve muita gente sem cursos e menos jovens que teve de sair por razões económicas, tal como nos anos 60 e 70, mas existe agora também a emigração de jovens com cursos e altamente qualificados. Gente que saiu das universidades,



das escolas, dos politécnicos e lançou-se à vida pelo mundo por problemas de emprego em Portugal, o que, como tudo na vida, tem aspetos positivos e negativos. Positivos, porque essas gerações tiveram hoje hipóteses que não havia há umas décadas atrás. Tiveram hipóteses porquê? Porque é mais fácil a circulação de pessoas e em encontrar empregos. Já não é como naqueles tempos difíceis por que passaram os portugueses nos anos 60 e 70. Agora estão a estudar, estão a pós-graduar-se, a trabalhar em empresas, a exercer funções mais ou menos valorizadas e isso é bom porque estão a valorizar-se. Qual é o aspecto negativo? O país perdeu, como perdeu nos anos 60 e 70, uma dinâmica. Um país que já está extremamente envelhecido e está a envelhecer, se perde jovens perde aquilo que tem a juventude que é um dinamismo, uma capacidade de mudar e de criar mais rapidamente. Será definitivo? Eu acho que não. Penso que vai haver condições, mais dia, menos dia, para eles voltarem. Eu sou um optimista, mas sou um optimista de pés no chão, não sou daqueles que dizem que a crise acabou e que não há

mais crise. Na Europa que também está envelhecida como em Portugal, demora tempo. Mas eu tenho a certeza que, aos poucos, haverá condições para que muitos dos que partiram queiram voltar. Admito que muitos queiram viver onde estão; há comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo que ainda bem que ficaram lá, fazem muita falta ao país, mas Portugal seria menos rico se elas não estivessem lá. Portugal seria menos influente e menos poderoso se elas não estivessem lá, se não houvesse empresários de sucesso, políticos de sucesso, académicos e investigadores de sucesso, e eles existem. Não há uma geração, mas há várias gerações e, portanto, isso é bom para Portugal. Agora se alguns desses que partiram regressarem isso então é muito importante porque vai rejuvenescer a nossa sociedade, vai dar-lhe outro ritmo. Nós somos muito atávicos, muito lentos, às vezes, com uma grande inércia a mudar e uma sociedade envelhecida é naturalmente lenta a mudar.

LUSOPRESS – Os governos sucessivos que tem havido em Portugal terão aproveitado

devidamente as sinergias destes portugueses de que acabou de falar?

Marcelo Rebelo de Sousa – Não, não têm. Faz parte daquele esquecimento. Os governos têm-se preocupado mais com quem aqui tem a sua vida e aqui vota, embora tenha melhorado no tempo. Está melhor hoje do que há 40, 30 ou 20 anos. Lembro-me do meu pai, ainda no tempo do antigamente do regime autoritário. O meu pai foi Ministro com o pelouro da Emigração, que só foi criado em 1970. Já tinha havido uma década de emigração. Foi entretanto criado um secretariado nacional para a emigração, mas os primeiros acordos internacionais mais significativos são, sobretudo, da década de 70, com um atraso de 10 anos: já havia muitos portugueses a precisar de proteção social, fiscal e laboral. Os governos foram melhorando, mas sempre lentamente, sempre atrás do prejuízo. Demorou tempo a reconhecer o peso das comunidades e que esta é uma questão estratégica nacional. Demorou tempo a alargar o voto, as estruturas de apoio social, a reconhecer a presença de representantes das comunidades portuguesas em órgãos significativos em Portugal, a fazer reportagens na televisão com os grandes sucessos de portugueses lá fora. E às vezes eu, que tenho tido a família sistematicamente lá fora, constato que os governos estão a perceber cada vez mais esta importância, mas ainda não utilizamos, no bom sentido do termo, a influência que temos no

mundo como outros países utilizam: os italianos, os gregos, os coreanos, os chineses, os japoneses, povos também emigrantes. As nossas comunidades são do melhor que há, como me dizem nas minhas viagens pelo mundo políticos europeus ou mundiais. Recordo-me de uma história no Luxemburgo, onde um político luxemburguês me contou que quando teve de haver uma decisão sobre que comunidade estrangeira iria ser convidada e apoiada para se estabelecer no Luxemburgo, havia várias candidatas, sobretudo do Sul da Europa, eles pesaram e mediram tudo e até chegaram a comparar a maneira de ser do luxemburguês e do português, nos comportamentos, na maneira de ser, na família, na vida comunitária, nas crenças e chegaram à conclusão que eram os portugueses. E isto até foi discutido em Conselho de Ministros no Luxemburgo. O futuro Presidente da União Europeia Sr. Juncker quantas vezes me contou aquilo que tinha feito pelos portugueses no Luxemburgo e até por comunidades portuguesas em Portugal quando regressadas do Luxemburgo. Portanto, são os próprios governantes e os empresários no estrangeiro os primeiros a reconhecer o português. Mas há aqui uma história que não tem sido feita, mas merecia: é a “história das comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo”.

LUSOPRESS – Os Governos não se preocupam com o ensino do português no estrangeiro, reduzem o ensino. Esse aspeto é

importante para a ligação a Portugal. O que tem a dizer sobre isto?

Marcelo Rebelo de Sousa – Tenho a dizer que me irrita profundamente. Então desde que entramos em crise, tem sido um corta, corta, corta e não apenas em relação ao Instituto Camões, mas em geral em relação ao ensino. Eu ouço as queixas e dou-lhes eco. Primeiro dos professores com dificuldades de condições e de estatuto e depois dos pais das crianças e jovens que querem aulas de português e não é possível ou é-o com cada vez mais limitações. É um caso único de deitar pela janela uma riqueza nacional e de repente o que é fundamental? A língua! A nacionalidade está ligada à língua e a língua à cultura e a cultura à história aos laços nacionais. Pois, se se deita pela janela a língua, e o mais espantoso é que depois explicam que não é bem assim, porque os burocratas estão no gabinete a ver onde se pode cortar, e como estão longe, os protestos não chegam rapidamente a Portugal. Quando se corta em Portugal, é evidente que há manifestações imediatamente em São Bento ou em Belém e isso incomoda mais. No estrangeiro há manifestações de facto nos consulados, nas embaixadas, nos órgãos de comunicação social mas também chega cá com um eco menor. Deveria ser o contrário: há quanto mais tempo houvesse comunidades portuguesas num determinado país e quanto maior o risco de se irem afastando da pátria mãe, maior é o investimento neces-



A FRESCURA VEM DO MAR

LA FRAÎCHEUR VIENT DE LA MER



NAZARÉ \ PENICHE \ LISBOA

Visite-nos e saiba mais em / Visitez-nous et apprenez-en plus sur
www.lsf-sa.pt



**LUIS SILVERIO
& FILHOS**

NAZARÉ • DESDE 1987



sário fazer para reatar relações. Como tudo na vida, na amizade, se a queremos cultivar devemos investir nisso. Faz-se um esforço? Faz-se. O Secretário de Estado encarregado deste pelouro é uma pessoa já com experiência e que tem mostrado que gosta e mesmo como deputado tem demonstrado que gosta e faz bem. Mas o problema não é esse. O problema é haver poder político e haver dinheirinho. Que podia ser o dinheiro do Estado, mas também de empresas ou do mecenato.

LUSOPRESS – Podiam aproveitar-se as novas tecnologias, como havia a telescola antigamente?

Marcelo Rebelo de Sousa – Pode ser a internet. Há uma Universidade Aberta que faz a sua formação à distância e portanto se não é possível ter lá professores, embora a proximidade seja muito importante, há um lado humano que é insubstituível, mas há uma parte que poderia ser, de facto, ensino à distância

LUSOPRESS - Vamos agora entrar na parte da política. O PS é um partido democrata, à esquerda. O que é que o professor, que já foi Presidente do PSD e é uma pessoa que está a par da realidade política nacional, acha do PS fazer uma fusão/acordo com o PSD ou com o CDS, antes das legislativas?

Marcelo Rebelo de Sousa - Ora bem, estamos aqui a fazer esta entrevista a 17 de Setembro e dentro de pouco dias saberemos quem é o líder do PS candidato a Primeiro Ministro de Portugal: se António Costa se António José Seguro. É verdade que o partido é o mesmo, mas cada cabeça sua sentença. E é muito importante saber quem é o líder porque vai imprimir a sua maneira de ser pessoal, para o próximo ano em Portugal. Em segundo lugar, é verdade, como diz, que Portugal tem problemas muito graves, já não digo um Governo com todos os partidos fundamentais,

porque isso daria um grande debate, sobre quem são os partidos fundamentais e o voto dos portugueses. Mas um acordo de regime sobre as questões em que nós nos habituamos, durante um tempo, a ter esse acordo é fundamental. No essencial, da organização do Estado devia existir um acordo. Convém que seja minimamente estável e não esteja sujeita aos diferentes Governos.

LUSOPRESS - Se o professor fosse Presidente do PSD entender-se-ia com António Costa?

Marcelo Rebelo de Sousa - Para mim é uma coisa transcendental, porque eu não percebo porque não se entendem. Porque quando eu fui oposição e era Primeiro-Ministro, António Guterres, apesar de termos tido muitas lutas eleitorais em pouco tempo: eleições locais um ano depois de eu assumir o cargo, dois referendos (aborto e regionalização) estava eminente mais uma eleição europeia quando eu saí e, apesar disso, fizemos a revisão constitucional de comum acordo, tivemos sempre de acordo na política europeia e externa, dei o meu acordo à política educativa. Quer dizer, numa série de domínios existiram acordos e eu viabilizei três orçamentos de Estado. Não havia maioria e, por isso, era preciso que o PSD viabilizasse. Foi feito um acordo para chegar à moeda única europeia e portanto, embora discordando de muitos pontos da política do Governo de Guterres, a minha vida foi feita numa separação muito clara que eu fiz no meu discurso de posse como líder, entre aquilo em que haveria divergências e aquilo em que haveria acordo de regime. E eu respeitei. Uma coisa que eu não percebo é como se perdeu essa boa tradição, como ela se enfraqueceu nos últimos tempos. E qualquer que seja o resultados das eleições daqui a um ano, primeiro as eleições para a Assembleia da República, depois as eleições para o Presidente, vai ser necessário um

acordo de regime entre PS e PSD e depois com o CDS, que é sempre mais fácil chegar a esse acordo. Eu compreendo que o Partido Comunista e Bloco de Esquerda tenham divergências muito profundas em relação a pontos fundamentais: da Constituição, da Europa, da organização do Estado, da organização económica, dos sistemas sociais e há períodos em que é mais fácil a aproximação e outros em que é maior a radicalização, como tem acontecido ultimamente. Agora entre PS e PSD eu não compreendo. Deve haver, obviamente, pluralismo democrático, mas tem de haver acordo de regime.

LUSOPRESS - Conhecendo as personalidades do PS, de António Costa e António José Seguro, qual seria o mais fácil?

Marcelo Rebelo de Sousa - Mas aí é que está a questão. As pessoas quando olham para a política, e por isso é que muitas vezes perdem a paciência para os políticos, começam a descobrir uma coisa que é uma grande verdade: uma coisa são as ideias, as ideologias, as doutrinas, e outra são as pessoas. E que há coisas que se fazem ou não por amuos pessoais, proximidades, por empatias ou antipatias. Da minha experiência, dou razão a um político francês da IV República que depois passou para o “Gaulismo”, chamado Edgar Faure, que foi presidente do Senado e que dizia que “95 por cento dos problemas em política são problemas pessoais ou de suscetibilidade pessoal”. Pode parecer estranho, mas é verdade. Em parte, o que aconteceu na vida política portuguesa, por causa da crise, nos últimos anos, foi isso. Quer dizer, não passou energia vital entre o Primeiro-Ministro e o líder da oposição e às vezes não passou entre o Primeiro-Ministro e o vice-Primeiro-Ministro. Portanto, no próprio Governo nem sempre houve esse entendimento. Não passou e no entanto toda a gente diria que iria passar: são da mesma

“[...] Eu não estou a dizer que concorreria ou não. [...] O problema é a situação em que estamos hoje. Não estamos na situação que aconteceu com António Guterres e Jorge Sampaio. Isso foi outro filme. Um filme em que o país ainda estava naquela euforia que culminou no ano de 98 com a Expo 98, a Ponte Vasco da Gama. Foi um filme festa, de “vacas gordas”. Agora estamos a falar de filme de “vacas magras”. [...] Nas presidenciais, é muito cedo a esta distância saber quem deve avançar, sobretudo à direita, porque à esquerda há um candidato quase natural que se chama António Guterres”.

geração, tinham feito um percurso pessoal, não exatamente igual, mas num tempo próximo, conheciam-se, aparentemente davam-se bem, tinham amigos comuns, mas às vezes é assim, aquilo que parecia dar não deu.

LUSOPRESS - O professor está a referir-se a António José Seguro e Pedro Passos Coelho?

Marcelo Rebelo de Sousa - Pois, não deu. Foi uma pena. É evidente que cada um deles tem justificações e algumas delas políticas. Passos Coelho tem a justificação de António José Seguro ter tido muitas vezes ataques violentos ou não ter tido a compreensão para algumas das suas decisões, mas António José Seguro também pode queixar-se de que Passos Coelho, sobretudo numa fase em que devia ter dado a mão, não o ter feito ou não ter tido a paciência para abrir a possibilidade de diálogo a António José Seguro. Depois houve os respetivos partidos, sobretudo do PS, em que houve dificuldade nesse entendimento, e depois ainda houve o caminho progressivo para o fim da “troika” e começaram a existir posições pré-eleitorais. Agora pergunto e para o futuro como vai ser? O meu prognóstico isento, distante, é que António Costa provavelmente sairá vencedor, mas veremos se é ou não. Mas seja um, seja outro, tem o dever estrito de fazer tudo no mais curto espaço de tempo possível, de criar condições para entendimentos com o PSD. E do outro lado, qualquer que seja o resultado das eleições legislativas, ganhe ou perca Passos Coelho e seja outro o líder do PSD, a começar no atual Primeiro-Ministro, tem a obrigação estrita de trabalhar nesse acordo. E o Presidente da República como o atual, tentou algumas vezes, sem sucesso, e o futuro qualquer que ele seja, tem obrigação, ou melhor o dever acrescido, de tentar que exista um acordo entre estes partidos.

LUSOPRESS - Estou a ouvi-lo com muita aten-

ção. O senhor conhece bem a realidade portuguesa, é um homem do terreno, é Conselheiro de Estado, foi presidente de um partido, o senhor melhor que ninguém reúne as condições para vir a ser futuro Presidente da República.

Marcelo Rebelo de Sousa - Como imagina não é a primeira vez que me perguntam isso e me levam a pensar sobre a matéria. Eu acho que o próximo Presidente da República tem uma enorme responsabilidade, porque vai ter de ser o “pivot” ativo, da organização deste entendimento. Porque os entendimentos também não caem do céu, têm de ser espreitados. Tem de ser o catalisador desse entendimento, não só num Governo de maioria, mas em entendimentos mais amplos para o futuro do país e portanto é uma grande responsabilidade. Por outro lado, eu sou contra dois mandatos presidenciais, dez anos é uma eternidade. Defendo que deveria haver um mandato mais longo, sem possibilidade de reeleição do Presidente. Mas o que há, há. Cinco anos chega e seis, no máximo sete anos, sem reeleição. Dez anos é uma eternidade para exercer a sua função. Agora, também digo o seguinte, as próximas eleições presidenciais também são eleições muito especiais, porque como aconteceu algumas vezes, elas serão feitas em pacote com as legislativas. Umas para a Assembleia da República e para escolher o Primeiro-Ministro, em Outubro, e as outras, para escolher o Presidente da República, em Janeiro. O que quer dizer que existe uma grande ligação entre as duas e essa ligação levou-me já a propor que o calendário eleitoral fosse mudado. Mas os partidos não concordam, sobretudo a coligação PSD/CDS.

LUSOPRESS - E assim o professor concorreria?

Marcelo Rebelo de Sousa - Eu não estou a dizer que concorreria ou não. Estou a fazer uma análise geral. Não estou a dizer para mim, estou a dizer para o país, porque era

melhor. O problema é a situação em que estamos hoje. Não estamos na situação que aconteceu com António Guterres e Jorge Sampaio. Isso foi outro filme. Um filme em que o país ainda estava naquela euforia que culminou no ano de 98 : com a Expo 98, a Ponte Vasco da Gama. Foi um filme festa, de “vacas gordas”. Agora estamos a falar de filme de “vacas magras”. Não faz sentido fazer previsões sobre as presidenciais. Nas legislativas é simples: Passos Coelho de um lado, do outro quem ganhar as eleições de 28 de Setembro. Nas presidenciais, é muito cedo a esta distância saber quem deve avançar, sobretudo à direita, porque à esquerda há um candidato quase natural que se chama António Guterres.

LUSOPRESS - Mas António Guterres ainda não disse que sim.

Marcelo Rebelo de Sousa - Não disse, mas também não disse que não. Disse só que ainda não tinha pensado sequer nele próprio. Portanto, há naturalmente uma pessoa, a menos que ele diga que não, que é naturalmente a escolhida. Na área de centro-direita vai ser muito difícil não ser um candidato que receba o apoio do PSD e do CDS. Faz sentido que quando os dois partidos negociarem a coligação discutam este assunto. Não faz sentido que haja vários candidatos à direita, porque se assim for e houver um candidato forte à esquerda, os candidatos à direita, que já têm uma situação difícil, porque o centro-direita olhando para as sondagens não está tão bem como a esquerda toda somada, tem aí uma posição mais difícil. Portanto, eu acho que não faz sentido conceber candidaturas a esta distância.

LUSOPRESS - Mas o senhor tem consciência de que o povo...

Marcelo Rebelo de Sousa - Eu sou comentador e tenho consciência do que existe de positivo e de negativo em relação aos vários

nomes aventáveis ou hipotéticos. Agora, também sei que é muito importante nestas eleições, que são em “pacote”, que o candidato presidencial, não seja propriamente uma figura em choque com os líderes da respetiva área política. Imagine que é um candidato presidencial e que sai à rua e discorda sistematicamente de medidas do Governo na sua área. O que é que ele vai fazer? Vai dizer mal? Calar-se? Ou vice-versa, que os líderes dos partidos dessa área não gostam especialmente das posições do candidato presidencial. “Não joga a bota com a perdigota”. Ora, um dos pontos fundamentais e a saber, para qualquer candidato presidencial quer à direita, quer à esquerda, é o que é que ele acha para ser um bom Presidente da República. A minha opinião é a de que deve ter um perfil mais alto, mais interveniente, menos apagado, menos parlamentar do que outros pensam. Agora eu admito e acho legítimo que os líderes dos partidos centro-direita pensem exatamente o contrário: um candidato presidencial o mais apagado possível. É por isso que no atual contexto não

faz sentido esta especulação e não faz sentido a especulação sobre o meu nome.

LUSOPRESS - Para terminar gostava que endereçasse uma mensagem para todos os portugueses no mundo.

Marcelo Rebelo de Sousa - Aquilo que eu tenho a dizer às portuguesas e aos portugueses que me vão conhecendo na televisão ou me leram nos jornais, ouviram na rádio e aqueles que não conhecem, que nunca ouviram falar de mim, é uma palavra de gratidão, porque estão a construir Portugal, em condições particularmente difíceis e isso é algo que não podemos deixar de reconhecer e de testemunhar. Em segundo lugar, uma palavra de estímulo. Muitas vezes se diz, e em parte é verdade, que os melhores não são necessariamente aqueles que ficam, mas muitas vezes aqueles que partem, porque correram riscos que outros não quiseram correr e isso significa que merecem uma palavra de estímulo para as suas atividades, vida profissional, pessoal, familiar, para a vida política onde ela exista. Em terceiro

lugar, uma palavra que é um pedido, não é esquecerem-se de Portugal, porque nunca se esquecem, mas tenham paciência para o esquecimento, para a incompreensão que por vezes existe do lado de cá. Não é por mal. É que são tantas as crises, as mudanças de vida que injustamente, às vezes, esquecemo-nos de todos vós. Eu próprio, por experiência, falo todos os dias com a minha família distante, tenho as queixas dos meus netos que dizem “avô devia vir cá mais vezes, devia falar mais vezes” e eu digo: “mas sabem, hoje aconteceu isto e aquilo, tenho esta aula, esta prova académica, este compromisso e não é possível ir...” E portanto, tenham paciência e perdoem essas omissões. Esses esquecimentos nunca são por mal. É porque a vida também é muito complicada por cá. A vossa é complicada, mas a nossa também. As crises têm sido muitas e sucessivas, há muito português em dificuldade e portanto é só isso. De resto, um grande abraço e como dizem uns quase compatriotas nossos africanos de língua portuguesa: estamos juntos. Estamos permanentemente juntos. ■■



PRO.FIL
SARL

Démolition - VRD - Espaces Verts

01 64 05 16 77
contact@profil77.fr

**Une expérience de plus de 35 ans
à votre service !**



Fumeiros
Casa de
Lamego
Enchidos Regionais

Queijos
Quinta do Granjão



www.varofumeiro.pt

PONTE NOVA, S/N | 3610-054 MONDIM DA BEIRA | Portugal
Tel. 254 679 407 | Email. geral@varofumeiro.pt





Mapril Baptista
entrevistado
pela LUSOPRESS

Do empresariado à política

Mapril Baptista tinha 6 anos quando com os pais e irmãos chegou a França. Como uma semente de excelência, o espírito empreendedor cedo começou a germinar e com cerca de 12 anos a vontade de ganhar dinheiro levou o jovem adolescente a procurar meios, na altura para ajudar os pais, para o conseguir. À cidade onde vivia e nas limítrofes chegavam muitos portugueses que necessitavam de ajuda para as burocracias entre elas a obtenção do passaporte, "aproximei-me do Consulado de Portugal e à quinta-feira, dia que não tinha escola levava os documentos e passados 15 dias ia levantá-los. Cada pessoa dava-me 10 francos foi assim que comecei a ganhar algum dinheiro e a ajudar os meus pais a comprarem os móveis, electrodomésticos e cortinados para a nossa casa".

Ao jovem dinâmico e trabalhador foi proposto por um português que trabalhava no banco Franco-português vender jornais portugueses nos cafés e restaurantes.

"Lancei-me muito cedo, destaquei-me dos meus colegas porque tinha sempre dinheiro o que me motivou para criar as empresas".

Do empresariado à política, porquê? Isso é simples, sinto-me 100% francês e 100% português, já vivo há 30 anos em Pomponne uma cidade que adoro, o Presidente da Câmara fez-me uma proposta para lhe dar uma ajuda, respondi logo que não, mas comecei a pensar, porque não ajudar a terra onde vivo e que gosto? é uma terra simpática. De início era para ser conselheiro municipal mas logo na primeira volta ganhamos com uma percentagem interessante e aí o Presidente propôs eu entrar como vereador, passaram cerca de 8 meses, sinto-me feliz no pelouro do Urbanismo e Património numa terra com 700 hectares.

Como são as suas relações com os outros vereadores?

Dou-me bem com os todos os vereadores e com o Presidente, não faço parte de nenhum partido, estamos todos a trabalhar para ter

um resultado e já fizemos muita coisa, independentemente do partido, o que interessa são as pessoas.

A oposição cria problemas?

Tenho como filosofia dar-me bem com toda a gente, faço parte de associações há mais de 20 anos, faz parte da minha personalidade dou-me bem com todas as pessoas, mesmo que não esteja de acordo com alguma, exponho as minhas ideias.

Gerir as empresas e desempenhar o papel de vereador é semelhante?

Sim muito parecido, a diferença é que nas nossas firmas tomamos as decisões e fazemos. Numa Câmara é totalmente diferente, os projetos têm que ser apresentados no Conselho Municipal e temos que os vencer para poder realizar a ideia. É preciso uma grande força de vontade.



Dedica muito tempo à Câmara?

Um pouco mais do que contava, todos os dias vou à Câmara às 8H15 onde estou duas a quatro horas; as reuniões são à noite, em média quatro por mês. Eu defendo o pelouro que me compete que é o Urbanismo, um dos pontos mais sensíveis e complicados. Este é mais um desafio a que me propus, gosto de por as pessoas juntas e encontrar soluções.

Como consegue gerir o tempo, o trabalho, a câmara de Pomponne, administrador da CCIFP, a família e o seu hobby, o desporto automóvel?

Gosto muito de trabalhar e também de aproveitar um pouco da vida e por isso tenho de me organizar, saio de casa às 7 da manhã e chego às 11 h da noite, agora é mais fácil, tenho os filhos criados. A CCIFP é outro desafio e um empenho que tenho, são 45000 empresas em França geridas por portugueses e só cerca de 380 são aderentes da CCIFP; apelo para que adiram pois quantos mais formos mais fortes seremos. Neste momento veio uma delegação à Madeira, arquipélago governado por Alberto João Jardim, político que muito admiro pela frontalidade e pelo desenvolvimento que proporcionou à Madeira que vai ser muito falada em França; este paraíso tem de ser dado a conhecer aos franceses, local mu-



to aprazível para se viver a reforma; estou impressionado com a recepção que a delegação teve e com pessoas muito competentes com quem nos reunimos. A Madeira

vai estar presente no Salão de Imobiliário em junho de 2015 e acredito que a enorme cumplicidade que há entre Portugal e França será ainda mais forte. **L■**

30 Anos

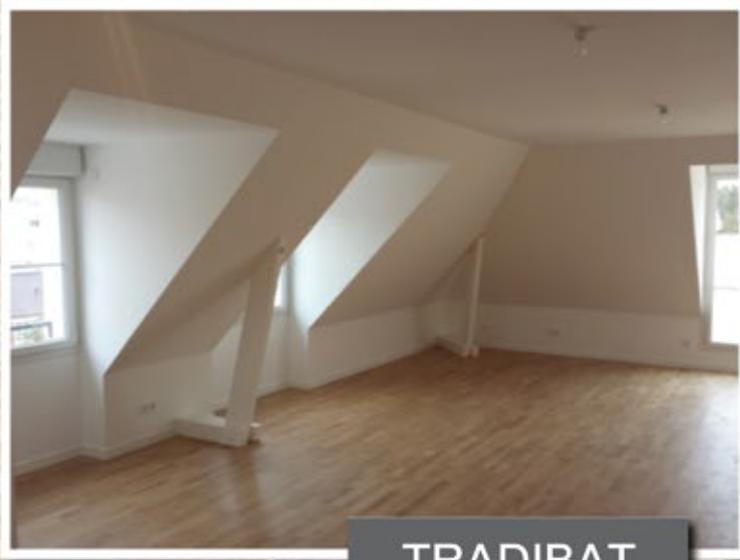
RODRIGUES ANTONIO

A R

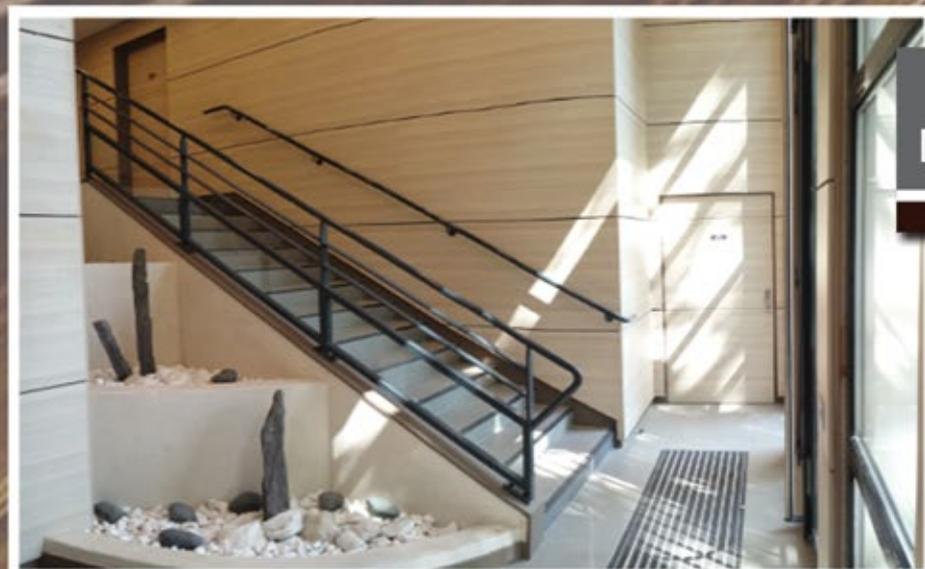
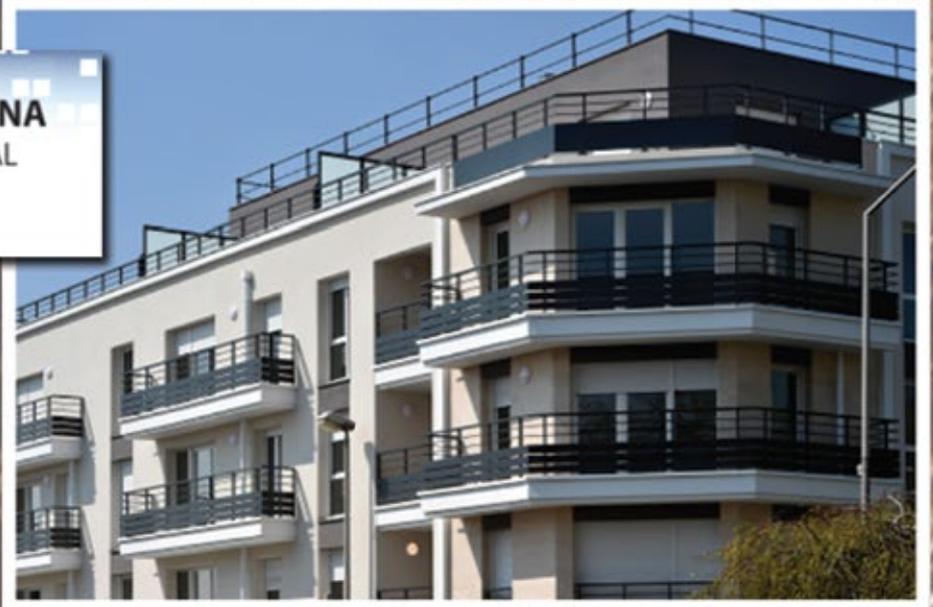
*Ravalement projeté
Maçonnerie - Coverture
Plomberie - Electricité
Peinture - Carrelage*

55, rue Henri Barbusse - 92000 NANTERRE | 01 40 99 12 29 - 06 07 32 92 84 | antonio.rodrigues17@wanadoo.fr

R.S.D



TRADIBAT
CLOISONS



TRADIBAT
MENUISERIE



241 rue des Roses
77170 SERVON

Marcelo Rebelo de Sousa

“Uma pessoa não se candidata para Presidente da República porque em pequenino sonhou sê-lo”

No dia 29 de janeiro, Marcelo Rebelo de Sousa, o “homem livre” descrito pelo jornalista

Daniel Ribeiro, foi até ao encontro de vários emigrantes para um jantar-debate na Sala Vasco da Gama, em França.

O encontro teve como tema o “Passado, presente e futuro” do país e foi transmitido em direto pela antena da Rádio Alfa e em vídeo no site da Lusopress.

Durante a noite, o professor comentou a crise na Europa, a privatização da TAP, o voto dos emigrantes e ainda deixou ficar uma promessa em relação às Presidenciais de 2016.



O Professor Marcelo Rebelo de Sousa e Artur Silva, o moderador do debate

O nome dispensou grandes apresentações e o estilo já era conhecido. Marcelo Rebelo de Sousa foi até

França para um debate com a Comunidade Portuguesa. À sua espera estavam cerca de 200 pessoas, que foram até à Sala Vasco da Gama para conhecer pessoalmente o professor de todos os portugueses. Durante a noite, cada mesa teve oportunidade de colocar uma questão e ouvir a opinião do atual comentador político da TVI. Na semana em que a austeridade levou um abanão, Marcelo Rebelo de Sousa também teve oportunidade de comentar as eleições na Grécia, as consequências para a Europa e as semelhanças com o caso português. Um debate em que se falou de coisas sérias, no tom animado que já caracteriza um dos maiores “entertainers” da televisão portuguesa.

No primeiro jantar-debate organizado pela Lusopress e pela Rádio Alfa em França, discutiu-se como seria de esperar os problemas que a atual diáspora enfrenta.





O Comendador Armando Lopes e o Professor Marcelo Rebelo de Sousa

“Quando se der o voto aos emigrantes eles vão dizer “obrigadinho mas agora é tarde”



“Mesmo que esteja zangado num determinado momento com coisas do partido, é como uma família para mim”

comunidades portuguesas do que alguns governantes em Portugal, e a prova desse facto é a forma como são recebidos nos respetivos países: *“Há exemplos todos os dias de como os políticos estrangeiros percebem mais a importância das comunidades portuguesas para esses respetivos países. Vejam lá se o Juncker, enquanto foi governante no Luxemburgo, não tratou sempre muito bem a comunidade portuguesa. Ele sabia muito bem que a comunidade portuguesa era crucial”*.

Enquanto foi líder do PSD, Marcelo Rebelo de Sousa chegou a defender a criação de um Ministro para as Comunidades Portuguesas. A ideia nunca chegou a ser concretizada e o professor esteve na liderança apenas durante 1091 dias. Hoje, apesar de ser ficar pelo número 3 no partido, Marcelo Rebelo de Sousa não se afasta da Social-democracia e compara-a a uma família: *“Mesmo que esteja zangado num determinado momento com coisas do partido, é como uma família para mim. Eu tenho primos que são detestáveis, ou às vezes são chatos, detestáveis não são, mas são chatos, incómodos, fazem asneiras. Às vezes até nem é preciso ir aos primos, os nossos próprios filhos fazem coisas que nós não con-*

Em ano de eleições legislativas, o recenseamento e voto dos portugueses residentes no estrangeiro voltou a estar em cima da mesa.

Para Marcelo Rebelo de Sousa, as comunidades merecem uma representatividade proporcional ao seu tamanho, mas a mudança pode chegar tarde demais: *“Em 1997 foi o cabo dos trabalhos para rever a constituição. Ia para uma lei votada por dois terços, depois lá se conseguiu que aqueles que já estavam inscritos podiam votar nas presidenciais, mas com uma série de limitações. Eu acho que isso devia desaparecer e aliás nunca devia ter existido. Qualquer dia o problema é o seguinte: Quando se der o voto aos emigrantes eles vão dizer “obrigadinho mas agora é tarde”, porque estiveram há espera 40 anos. Os que estavam há espera já morreram e os filhos estão interessados noutra coisa, podiam ter dado antes isso”, afirmou.*

Na opinião de Marcelo Rebelo de Sousa, os políticos estrangeiros percebem mais a importância das



EVA Lighting

Depuis 2007

La Marque d'éclairage Led pour tous vos besoins
domicile, bureaux, Boutiques, entrepôts...



Show-room en région parisienne chez notre partenaire Eurelec Distribution, pour autre distributeurs France & Portugal nous contacter.



01 57 10 03 40



01 75 43 91 62



contact@eva-lighting.fr

www.eva-lighting.fr



Marcelo Rebelo de Sousa ladeado por Odete e Armand Lopes





Aspecto da salle Vasco de Gama com alguns dos convidados



O brinde de Victor Ferreira , Raul Lopes, Luís Malta, Amílcar Sanches, Nuno Cabeleira e Rogério Vieira



Bruno e José Costa com o casal Lucinda e José Oliveira



Henrique e Lucília Costa, Fátima Gameiro, Emilia e Manuel Oliveira e Armindo Gameiro

cordámos e vice-versa, mas não deixam de ser meus filhos e eu não deixo de ser pai deles. Eu vejo assim o partido. Eu afetivamente não me distancio do partido”, afirmou.

Marcelo Rebelo de Sousa respondeu a todas as questões colocadas pelos intervenientes e ainda teve oportunidade de comentar a privatização da TAP. Apesar de não gostar do destino que a companhia aérea vai seguir, o professor considera que este processo de privatização é mais cuidado que o anterior: “Se me perguntam se eu em princípio não gostaria de ver a TAP portuguesa sempre, a minha resposta é sim. Eu sou um nostálgico e um saudosista e habituei-me a sonhar com uma TAP portuguesa. Já sou um animal em vias de extinção e qualquer dia vou para uma reserva de índios porque já só eu, vários emigrantes e alguns portugueses pensam isso. Eu aprendi a ver a TAP portuguesa e gostava de morrer com a TAP portuguesa. Mas a partir de certa altura, eu convenci-me que estava a falar para o boneco e que já não era possível porque as coisas já não vão nesse sentido”.

No final, Marcelo Rebelo de Sousa não se livrou da pergunta que já faz parte da praxe e que deixou muitos espetadores atentos. Apon-tado como o mais forte na corrida a Belém, o professor ainda não pôs o pé no acelerador e admite que ainda não sabe se o vai fazer: “Uma pessoa não se candidata para Presidente da República porque em pequenino sonhou sê-lo”. Marcelo Rebelo de Sousa acha que ainda é cedo para falar das Presidenciais de 2016, mas prometeu contar o veredito no final do verão: “Eu prometo-lhe que quando tomar a decisão será das primeiras a saber, já não é mau? Acho que é cedo para tomar essa decisão, há outras prioridades no país neste momento como a saída da crise, os desafios na Europa, a própria evolução na



Betty e Rui dos Reis, Paulo Pisco e Carlos Matos Jr

Grécia e as eleições para a Assembleia da República e para o governo. Só depois é que são as eleições presidenciais. Eu aprendi quando era pequenino a não colocar o carro à frente dos bois, uma coisa que os portugueses adoram fazer, mas depois não anda nem o carro, nem os bois. Portanto, vamos esperar pela altura e eu prometo ligar-lhe a dizer o que decidi em primeira mão”, afirmou à Lusopress.

Marcelo Rebelo de Sousa é conhecido por não fugir aos debates e este não foi exceção. Foi o primeiro encontro transmitido em direto pela Rádio Alfa e pela Lusopress, mas correu como se fizesse parte da programação diária. Do outro lado estiveram cerca de 10 mil pessoas a ver e a ouvir “as escolhas” e comentários do Professor Marcelo. 



15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress

Jerónimo de Sousa

No sítio onde moro não me tratam por “senhor deputado”, tratam-me por “camarada”

No mês em que o Partido Comunista comemorou o seu 94º aniversário, a Lusopress foi conhecer aquele que já é o seu Secretário-geral há uma década. Jerónimo de Sousa não é “doutor”, nem “senhor deputado”, mas já está na política há mais de 40 anos. Nos ficheiros da Assembleia da República, a profissão oficial ainda é operário metalúrgico e faz questão de receber um salário entre 700 a 800 euros. Aos 67 anos, ainda luta pela igualdade, pelo fim das “políticas de direita” e acredita que “é preciso uma outra União Europeia”. É “camarada”, mesmo para aqueles que não são comunistas e o grande entrevistado de Abril.

Liberdade, democracia, socialismo. Um projecto de futuro



O PCP comemorou este mês o 94º aniversário. É um partido que já não passa em branco na história?

Sim. Para se falar da história do nosso país, da luta do seu povo, da luta dos trabalhadores é preciso incontornavelmente falar do PCP porque há uma ligação muito estreita essa luta e o papel e a intervenção do Partido Comunista português. No sítio onde moro, na rua vejo esse sentimento de respeito porque de facto os partidos não são todos iguais. Este Partido Comunista português, os seus dirigentes e os seus militantes não são homens perfeitos, somos pessoas perfeitamente normais, mas o que nos distingue é que estamos de facto na política com esse resgatar nobre de servir e não nos servirmos a nós próprios. Eu acho que isso é a maior medalha que podemos ter ao longo de décadas de intervenção, ação e luta.

Já é Secretário Geral do Partido há uma década mas está ligado ao comunismo há muito tempo. Porque é que acha que os portugueses ainda continuam a encarar este partido com algum receio? Será por ter sido clandestino há 50 anos atrás?

É evidente que não é fácil vencer preconceitos, não é fácil vencer a ideologia dominante que faz clichés e caricaturas do que é o Partido Comunista português, o seu programa, o seu projeto. A questão do preconceito é muito difícil porque existem milhares de

portugueses que se identificam connosco, com a nossa luta, estão de acordo com a nossa proposta e sentem um respeito e uma admiração por aquilo que o PCP propõem, mas muitas vezes com o tal preconceito. Há barreiras que não são ultrapassadas.

Numa deslocação a Braga, durante uma iniciativa de rua um homem veio abraçar-me a mim e saudar-me, dizendo que se identificava com aquilo que nós proponhamos e achava que aquela era a sua opinião também, mas ainda não percebia porque ainda não tinha conseguido votar no PCP. No entanto identificava-se connosco.

Percebeu porque é que ele não votava no Partido Comunista?

Obviamente que esta questão do preconceito é uma linha muito fina. Eu acho que só falta um bocadinho para ser ultrapassada e temos conseguido superá-la aos poucos. Nas últimas eleições para as autarquias e para o Parlamento Europeu temos verificado que é um partido a crescer, a avançar. É uma tarefa árdua, feita passo a passo, mas podemos dizer hoje que o Partido Comunista é uma grande força incontornável da sociedade portuguesa.

Já este ano, o senhor Alexandre Soares dos Santos disse numa entrevista que “a única coisa séria que existe em Portugal é o Par-

“Não é fácil vencer preconceitos, não é fácil vencer a ideologia dominante que faz clichés e caricaturas do que é o Partido Comunista Português”

tido Comunista”. Surpreenderam-no estas afirmações?

Ele lá sabe porque fez essa afirmação. No sítio onde moro não me tratam por “senhor deputado”, tratam-me por “camarada” mesmo aqueles que não são comunistas fazem-no com uma grande fraternidade e respeito. Nós temos um partido sério, o partido da verdade e talvez seja por isso que o senhor Soares dos Santos reconheça essa forma como o PCP está na política. Ele sabe quem lhe vai bater à porta.



Segundo os últimos cálculos, nós temos cerca de cinco a seis milhões de emigrantes espalhados pelo mundo. O Partido Comunista nunca conseguiu eleger um deputado para o círculo europeu. Acha que há alguma razão especial?

É uma verdade “La Palice”, não elegemos porque ainda não tivemos votos suficientes para eleger. Nós encontramos como causas dessas opções a situação de muitos portugueses que emigram não por opção, mas por um estado de necessidade. A sua terra, o seu país negou-lhe a oportunidade de encontrar trabalho. Eles quando chegam a outro país vão magoados com o seu, com quem o governa.

Mas não o esquecem...

Não o esquecem... mas estão magoados com essa política que infernizou as suas vidas e não fazem uma ligação entre essa política que eles sentiram na pele e quem foram os responsáveis. Existem governos, políticas concretas que levaram a essa situação, mas essa responsabilização de quem é responsável, de quem os tirou das suas terras leva-os muitas vezes ao desinteresse, a considerar que é tudo igual e a própria participação das comunidades emigrantes são secundarizadas. Em termos de meios de comunicação social por exemplo, para além de vós só temos a RTP Internacional que faz essa ligação com as comunidades. Este último governo principalmente tem levado a um maior afastamento com o encerramento de consulados, embaixadas, com estas questões

do ensino português no estrangeiro e com a aplicação de uma propina em relação ao ensino que nós consideramos inconstitucional. Tudo isso somado leva a que muitos se desinteressem. É sabido que nas eleições 83% dos emigrantes abstém-se porque se distanciam, porque a política do seu país e os seus responsáveis não têm em conta as suas aspirações, interesses e direitos. Esta ideia que são todos iguais acaba por salpicar todos.

Recentemente, o professor Marcelo Rebelo de Sousa esteve em Paris para um jantar debate. Ele considera que dada a percentagem de portugueses que vivem fora de Portugal, devíamos ter um Ministério para Emigração. Também é apologeta desse Ministério ou não?

Nós consideramos que devia haver um espaço próprio para o acompanhamento, para tomar medidas de apoio dessa comunidade lusófona. Para além das receitas que traz sempre para o nosso país, ela em si mesmo reflete a divulgação da nossa língua, da nossa cultura e é importantíssima. O grande problema é que este governo no campo da diplomacia prefere a chamada diplomacia económica e a diplomacia real que devia ter em conta a diáspora, estas comunidades espalhadas pelo mundo não existe. Veem-nas quase como mero cifrao e preocupam-se mais com as receitas que os emigrantes enviam do que com o seu bem-estar, com os apoios necessários. A língua, o ensino, mas também a lei eleitoral traz muitas dificuldades para os emigrantes se censurarem. Devia haver um apoio efeti-

“A diplomacia real que devia ter em conta a diáspora, estas comunidades espalhadas pelo mundo não existe. Veem-nas quase como mero cifrao”

vo, mesmo que fosse feito por via do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Hoje nota-se uma secundarização. Lá virá o tempo das eleições e levantarão outra vez a bandeira junto dos emigrantes.

Nós achamos que os portugueses que estão no estrangeiro deviam pensar quem foram os responsáveis do que está a acontecer no seu país, das situações dramáticas que muitos hoje vivem e exigir a prestação de contas quando chegar a campanha eleitoral. Mais do que valorizar o discurso, a propaganda, é preciso ir aos factos, ir às responsabilidades e dar uma contribuição também para que o seu país se encaminhe noutro sentido na vida política nacional. É preciso derrotar esta política de direita.

Esta direita que está lá no poder foi o Partido Comunista que também contribuiu para a sua subida ao chumbar o PEC 4. O partido deu-se melhor com a direita do que com a esquerda nessa altura?

É uma pergunta pertinente, mas permita-me fazer já aqui uma desmistificação. Em primeiro lugar, o PS não se demitiu, o Sócrates é que se foi embora. De qualquer forma, o que era o PEC 4?

Mas não seria melhor que a Troika?

Eu acho que vale a pena ler o PEC 4, tal como o PEC 1, 2 e 3. O PEC 4 no essencial era a antecâmara e o início de medidas profundamente gravosas que visavam já o processo

de liquidação de direitos, a redução dos salários, a redução das pensões e das reformas. Já visava as privatizações, novos ataques ao serviço nacional de saúde, à escola pública. Está tudo isso no PEC 4. Pode-se exigir a um Partido Comunista português que se honra de falar verdade ao povo, de se identificar com uma proposta daquela natureza, daquela gravidade? É que a seguir ao PEC 4 viria naturalmente o PEC 5. Há-de reparar que a direita sempre votou o PEC 1, 2 e 3 e quando considerou que as situações estavam maduras é que deixou de votar o PEC 4. Eu creio que nesta discussão o que é importante saber é o que era o PEC 4 porque sem isso caímos naturalmente no equívoco.

Como é que interpreta a subida da extrema direita aqui em França por exemplo, onde vivem muitos portugueses? Qual será a principal causa?

Do nosso ponto de vista é inseparável das políticas que o governo francês fez neste caso concreto. Acho que criou muitas ilusões e hoje mesmo da parte aqui do nosso PS verifica-se uma demarcação e até desilusão. Saudaram a vitória de Hollande claro, mas quando ele chegou ao poder muito daquelas conversas caíram por terra. Eles criaram a desilusão, uma quebra nas expectativas que o povo francês naturalmente tinha.

E como é que se pode inverter essa situação?

Resolvendo os problemas do povo francês. Resolvendo esta política da União Europeia determinada para servir o capital financeiro, os seus grandes interesses e não para servir os povos.

Mas o Partido Comunista é a favor da integração de Portugal na União Europeia neste momento ou não?

Nós consideramos que é preciso uma outra União Europeia. É preciso um outro rumo para a política europeia. Tem que haver uma rutura com este caminho para o desastre. A vida dos povos, a vida da própria Europa mostra plenamente que assim não dá. Esta política da União Europeia com os seus tratados, com as suas exigências são todas direcionadas para servir o grande capital financeiro. Por exemplo, este programa do BCE tem milhares de milhões em quantidades colossais e muita gente pergunta para onde vai este dinheiro. Não vai para servir os povos, nem para servir as economias porque a fatia de leão é para injetar na banca, no sistema financeiro. São estas desilusões e estas distorções que levam ao surgimento de fenómenos como referiu, invocando um nacionalismo exacerbado. A fome e o desespero nunca são bons conselheiros.



Acha que aquilo que o Syriza está a fazer neste momento na Grécia é o mais correto?

Ainda é muito prematuro dizer que o Syriza vai fazer o correto ou o incorreto. De qualquer forma, eu creio que aquilo que se está a passar na Grécia também demonstra que os povos querem uma mudança, querem uma rutura com esta política da União Europeia. Os povos, como o nosso, querem recuperar a sua soberania, ver a sua vida melhorar e os direitos que foram roubados sejam devolvidos como as suas reformas e os salários. Também querem que o seu país produza mais e que resolva esta dívida insuportável, encetando processos de renegociação da dívida. Não é dizer que não pagamos, mas é preciso uma renegociação que nos liberte deste sufoco para criar investimento, mais economia, produzir mais e melhor porque só produzindo mais e melhor é que nós devemos menos.

Eu sou um ouvinte atento dos seus discursos, palestras e da sua relação com o Partido Socialista. Porquê é que estão sempre contra os socialistas e não se coligam?

É importante conhecer as causas das nossas críticas ao Partido Socialista. Ninguém tem dúvidas que para nós o nosso maior adversário é a direita, mas também a política de direita. Em relação ao facto do PS se sentir aguçado pelo PCP, eu queria lembrar-lhe que o Partido Socialista já teve um governo com maioria absoluta, sem nenhuma pres-

são. Não precisava nem do PCP, nem da direita e só tinha de fazer uma opção política. Quando a fez, optou por realizar uma política de direita.

Hoje o PCP defende uma larga convergência de democratas, patriotas procurando construir uma alternativa à política de direita e atingir aquilo que nos definimos como uma política patriótica de esquerda. Estamos dispostos a assumir todas as responsabilidades que o povo português entenda nos atribuir e designadamente ser parte do governo. Só que pomos sempre essa velha condição, mas de grande atualidade: Um governo para quê e governar para quem? É fácil aceitar um ou outro lugar no governo, um “tachinho”, mas a questão central é que política esse governo vai realizar? Defendemos uma política económica, uma política social, uma política que tendo em conta aquilo que foi extorquido ao povo português principalmente estes últimos três anos.

E quando se encontra com o nosso Presidente da República por exemplo consegue mudar a sua visão e fazer ver esses ideais?

No quadro do relacionamento institucional isso é feito com grande naturalidade, mas a grande crítica que fazemos ao atual Presidente da República foi e é a sua grande identificação com a política do governo. Funcionou como um ajudante, como um cúmplice dessa mesma política e esse determinismo naturalmente tem consequências

para o país. É muito difícil convencer quem está convencido.

Há duas pessoas que consegue distinguir perfeitamente de certeza. Na sua opinião, quais são as diferenças mais importantes entre o atual Primeiro Ministro do PSD e o António Costa do PS?

Naquilo que é substantivo vejo uma grande identificação. Eu admito diferenças de sensibilidade social por parte de António Costa em relação a Passos Coelho, mas do nosso ponto de vista, o grande problema é que naquilo que é estruturante, na política económica e europeia por exemplo vejo uma grande identificação entre os dois partidos. Cada homem é um homem e admito que haja diferenças de estilo, mas naquilo que é estruturante não.

Mas na sua opinião o António Costa é diferente do António José Seguro?

Está por provar. As pessoas até podem dizer que o António Costa é mais simpático, faz um discurso mais à esquerda e isso será capaz, mas os discursos são uma coisa interessante, de agir. Tem a ver com a personalidade de cada um, mas em relação às propostas de António José Seguro e às propostas de António Costa não há muitas mudanças naquilo que é substantivo. António José Seguro não se ouve, mas qualquer dia ainda vai aparecer aí a perguntar afinal qual foi a diferença.



“Nós consideramos que é preciso uma outra União Europeia”



Um político tem que fazer muitos discursos, às vezes vários por dia. Você acredita em tudo o que diz?

Posso muitas vezes não me saber expressar da melhor forma, mas o que digo é aquilo que sinto, aquilo que acredito.

Pode ter uma certeza: Não sei o valor daquilo que estive aqui a dizer, mas pelo menos aquilo que transmito foi com toda a sinceridade, com toda a franqueza porque não saberia estar na política de outra forma. **LI**





Quando a emigração também vai à Assembleia

No dia da tomada de posse do novo Presidente da República, vários portugueses residentes em França estiveram no Palácio de São Bento e no Palácio da Ajuda. Foram convidados por Marcelo Rebelo de Sousa e viajaram propositadamente até Lisboa para marcar presença nas cerimónias. O convite ficou para a história e o número de emigrantes presentes também. Eram mais de 30 e juntos formaram uma comitiva para desejar as boas-vindas ao novo Presidente.



Marcelo Rebelo de Sousa, Presidente da República e o Presidente da Assembleia da República, Ferro Rodrigues

Pelas 9h00 começaram a chegar os convidados à Assembleia da República. Entravam pelo lado esquerdo, pela rua de São Bento, seguindo o protocolo. Os emigrantes vindos de França chegaram cedo. A maioria eram empresários que conheceram Marcelo Rebelo de Sousa durante as suas deslocações a Paris. Alguns ainda tiveram tempo para pôr a conversa em dia, tiraram algumas fotografias e lembraram o momento único que estavam a viver antes de subir as escadarias principais: “Eu acho que é a primeira vez na história que temos aqui tantos emigrantes”, dizia Mapril Baptista. O empresário português liderava a comitiva de boas-vindas e foi convidado por Marcelo Rebelo de Sousa para assistir à tomada de posse. Actualmente é proprietário da empresa “Les Dauphins”, uma referência na venda de ambulâncias em França. Durante a campanha para as eleições presidenciais, recebeu a visita de Marcelo na sua empresa, mas não deixou de ficar surpreendido com o convite para 9 de março: “Para quem vive no estrangeiro como nós, receber um convite para participar numa tomada de posse no nosso país de origem é uma alegria enorme”. Mapril entrou para o Palácio de São Bento acompanhado pela esposa e a partir das galerias assistiram à sessão solene.

O Parlamento estava decorado com cerca de duas mil rosas com as cores da bandeira nacio-

nal e tinha mais de 500 convidados. Durante o seu primeiro discurso enquanto Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa usou as palavras de António Lobo Antunes e citou Miguel Torga para pôr o ponto final. O Presidente recorreu ao autor do Livro “Portugal” para re-

alçar as virtudes dos portugueses e voltou a pegar numa frase que utilizou várias vezes durante a campanha. Repetiu que “um Presidente da República é de todos” e procurou lembrar-se de todos nas primeiras palavras que dirigiu ao país. Marcelo falou “das comunidades portu-



Rei Filipe VI de Espanha foi um dos ilustres convidados na tomada de posse do Presidente da República

“Esperamos que ele consiga unir mais os portugueses que estão em Portugal com os portugueses que estão espalhados pelo mundo inteiro”



O grupo de portugueses residentes em França convidados pelo Presidente da República



Mário e Paula de Sousa, Clotilde e Fernando Lopes e Carlos Vinhas Pereira



Odete Lopes, Paula de Sousa e Lidia Sales



Mapril e Lurdes Baptista e Fernando Costa





Carlos Ferreira, Manuel e Cristina Soares e Lúcia Ferreira



Odete e Armando lopes



Carlos Vinhas Pereira e um convidado



Mário e Adélia Martins





guesas que povoam o mundo” e elogiou o seu patriotismo: “Mais de metade de nós, entre nacionais e descendentes, vive a criar portugueses fora do nosso território físico, mas dentro do nosso território espiritual”.

Nas galerias, os emigrantes aplaudiam cada parte do discurso, mas esta frase tocou-os particularmente. À saída do Palácio de São Bento, Odete Lopes não conseguiu conter as lágrimas: “Ele é meu amigo e amigo do meu marido também. Já o provou várias vezes. Para mim hoje é um dia de grande emoção”. O marido de Odete, Armando Lopes, emigrou para França com apenas 17 anos, mas à custa de muito trabalho, transformou-se num empresário de sucesso. O título de comendador foi-lhe atribuído pelo Presidente Mário Soares. Já Jacques Chirac, então Presidente da República Francesa, concedeu-lhe o título de Cavaleiro da Legião de Honra. Marcelo Rebelo de Sousa também já é amigo do casal há mais de 30 anos. Sempre que vai a Paris, procura estar com a família e eles não esquecem estes gestos: “Ele está muito perto de nós, mas acima de tudo está muito perto dos emigrantes e acho que nós também lhe devemos uma palavra de agradecimento”, afirmou o Comendador.

Por esta altura, Marcelo Rebelo de Sousa ainda estava no Salão Nobre a distribuir cumprimentos. Enquanto o Presidente não descia para fazer as honras militares e a revista à Guarda de Honra, os emigrantes aproveitavam para tirar mais fotografias na Assembleia, desde as selfies até às fotos de grupo. O dia era de festa e o momento singular. “Agora esperamos que consiga unir mais os portugueses que estão em Portugal com os portugueses que estão espalhados pelo mundo inteiro”, dizia à Lusopress Carlos Matos. Aos 18 anos já era um emigrante clandestino. Hoje é o principal investidor de um mega centro de negócios para os chineses em



Armando Lopes, José Stuart e Odete Lopes



Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa condecora Aníbal Cavaco Silva



Reitor Nuno Aurélio e uma familiar

França, o “Paris Ásia Business Center”. Carlos Matos só acompanhou as cerimónias de manhã na Assembleia da República, mas os restantes membros da comitiva também estiveram à tarde na recepção oferecida pelo Presidente.

Ao final do dia, no Palácio Nacional da Ajuda, houve ainda um cocktail com cerca de 800 pessoas. Entre os convidados, estavam os 30 portugueses vindos de França. “Falei com ele e tirei uma fotografia claro”, contou Domitila Marques, à saída do Palácio. Domitila cresceu na França. Vende casas de luxo construídas com um selo de qualidade português e conheceu Marcelo Rebelo de Sousa quando ele visitou a empresa “Montoit”: “Acho que ele é muito simpático, natural e tenho confiança no que ele vai fazer”. José Costa também assistiu pela primeira vez a uma tomada de posse. Conheceu Marcelo Rebelo de Sousa quando ainda era candidato a Presidente e ficou “contentíssimo por ele ter ganho”. O emigrante mantém uma empresa sólida em França ligada



ao ramo da limpeza industrial, mas também investe em Portugal e continua muito ligado às suas origens. “Quando ele nos convidou, ficámos muito orgulhosos. Mostrou que se interessa mesmo pelos portugueses residentes no estrangeiro”, afirmou à Lusopress.

O dia da tomada de posse foi longo e Marcelo precisou de um ritmo acelerado para cumprir o programa. Foi a pé para o Parlamento, subiu sozinho a rampa de entrada para o Palácio de Belém, juntou na Mesquita central de Lisboa representantes de 18 confissões religiosas, rece-

beu e cumprimentou centenas de convidados e, no final, ainda teve energia para um concerto na Praça do Município. Para o Dia de Camões e das Comunidades Portuguesas já tem uma agenda igualmente preenchida à sua espera em Paris. Mas desta vez serão muito mais do que 30 emigrantes a assistir. Durante o último ano, muitos portugueses que residem no estrangeiro disseram que se sentem “esquecidos”. Marcelo parece que os ouviu bem e está cada vez mais próximo dos emigrantes. Agora os emigrantes não querem perde-lo de vista. **L**





PEIXOTO FRERES

ACHAT - VENTE MATÉRIEL TP



Siège social : 75, avenue de Paris
91790 BOSSY-SOUS-SAINT-YON

tel 01 60 81 10 78
fax 01 64 58 51 87

e-mail : peixoto-freres@wanadoo.fr
site : <http://www.peixoto-freres.fr>



A rota dos “Portugueses de Valor 2016”

Pelo sexto ano consecutivo, a revista Lusopress voltou a divulgar uma centena de histórias de portugueses espalhados pelo mundo, que levam o nome de Portugal mais longe no campo artístico, empresarial, associativo e solidário.

Entre os dias 6 e 9 de maio, viajaram de diferentes pontos até Leiria e reuniram-se no centro do país para um fim-de-semana diferente.

Para além de participarem na gala de entrega dos prémios “Portugueses de Valor 2016”, passearam pela região centro. O programa terminou com chave de ouro e foram recebidos pelo Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa, no Museu Nacional dos Coches, em Belém.

Quinta-feira, 5 de maio. À porta do Aeroporto “Le Bourget”, nos arredores de Paris, Miguel Pires ia dando as primeiras indicações. “Podem colocar as malas naquele carrinho, eles depois colocam dentro do avião”, explicava o empresário. Aos 49 anos é representante da Companhia Everjets em Paris e ajudou a Lusopress a realizar um voo fretado com destino ao evento “Portugueses de Valor 2016”. Como a revista está sediada na capital francesa, muitos convidados viajaram de França até Portugal para participar na gala. Este ano, a organização conseguiu reunir 140 passageiros no mesmo voo e fretou um avião para a viagem. Já se previa um atraso e, enquanto não recebiam ordem para embarcar, contaram histórias, colocaram a conversa em dia e conheceram novas caras.

Já passavam das 17h00 quando o avião descolou, mas nem o tempo de espera desani-



mou esta comitiva. O céu estava pintado de um azul límpido e era possível vislumbrar Paris na perfeição. Miguel abriu a primeira garrafa de champagne a bordo e recordou as viagens de outros tempos. De facto, era como se o filme fosse agora ao contrário. Em 1984 partiu para França e demorou dois dias a chegar. Era mais um emigrante clandestino que estava à procura de “outra sorte”. Mais de 30 anos depois, é proprietário de uma empresa de construção, tem cerca de 600 prédios em território francês, é representante em Paris da companhia aérea familiar e chega a Portugal em pouco mais de duas horas. Foi eleito “Português de Valor” em 2014, em 2015 fez parte do júri do evento e este ano organizou o voo. No banco ao seu lado estava Carlos Vinhas Pereira, Director Geral da Seguradora Fidelidade e Presidente da Câmara do Comércio e Indústria Franco-Portuguesa (CCIFP). Apesar de já ter nascido em França, mantém uma forte relação com a Comunidade Portuguesa e a seguradora que dirige é uma das patrocinadoras oficiais dos “Portugueses de Valor”. “Eu sempre disse que queria estar onde está a Comunidade Portuguesa, portanto, se neste momento está neste voo, nós estamos também a acompanhar esta rota dos Portugueses de Valor”, afirmou sorrindo.

Portugueses

de **Valor**

FIDELIDADE
SEGUROS DESDE 1808





Eram 19h15 quando o avião A320 da Everjets aterrou no Aeroporto de Lisboa. Curiosamente, Lisboa estava com um ar mais cinzento do que Paris, mas nem o tempo farrusco fez acalmar o passo. À sua espera já tinham o Secretário de Estado da Indústria, João Vasconcelos. O membro do governo é leiriense e até já tinha confirmado a presença na gala, mas como soube que não ia conseguir estar presente, foi receber os “Portugueses de Valor” no momento em que chegaram a Portugal. “Eu também sou filho e neto de emigrantes. Sei o que é viver fora do país e ser reconhecido no seu país”, explicou. “Leiria em muitos momentos dependeu da relação que tinha com as comunidades no estrangeiro. Nos anos 80 e 90, a nossa economia regional vivia da relação que tinha com a população que tinha emigrado e, está provado que vários investidores que estamos a receber neste momento têm origem até nos emigrantes portugueses”, sublinhou. Leiria foi precisamente o destino escolhido para realizar os “Portugueses de Valor 2016”. Os 4 autocarros já aguardavam pela partida para a cidade. A noite arrefeceu e a chuva parecia que tinha vindo para ficar. Depois de um jantar no restaurante D. Abade, foram todos descansar porque o dia seguinte também ia ser preenchido.

Os vencedores

Sexta-feira, 6 de maio. Leiria voltou a amanhecer com muitas nuvens e chuva, mas o mau tempo não alterou os planos e foram visitar Fátima, Batalha e Nazaré. Durante a tarde, e já depois de um almoço no Restaurante “A Grelha”, tiveram a oportunidade de participar num encontro de negócios na Associação Empresarial da Região de Leiria (NERLEI), mas o momento mais aguardado ainda estava para chegar. Aí os nervos começaram a ficar à flor da pele, os horários passaram a ser contados ao segundo e não foi preciso música para dançar naqueles quartos do hotel. Estava a aproximar-se a hora da gala “Portugueses de Valor 2016” e mais de 300 convidados vestiram-se a rigor para o espectáculo.



Este ano, o Teatro José Lúcio acolheu o evento que arrancou com a actuação do Bailado Stacatto. Os passos de dança trouxeram ritmo à festa e aqueceram uma noite que já previa ser quente em emoções. A Banda Filarmónica das Chãs marcou o passo e foi ao som de grandes clássicos da música portuguesa que os 11 premiados subiram ao palco. A empresária residente em França, Chantal da Costa, foi das primeiras a agarrar no troféu. Pegou nele timidamente e não escondeu o nervosismo que tomou conta de si. “Eu não estava mesmo nada à espera, mas tudo o que fiz foi apenas porque gosto e quero ajudar os outros”, disse. Chantal é gerente de uma empresa de electricidade em Paris e organiza várias acções de solidariedade, sendo um dos elementos mais activos do grupo que organiza baptismos de voo para crianças com necessidades especiais. Seguiu-se Carlos Gonçalves da Pastelaria Canelas em Paris, a Vice-Presidente



Portugueses
de **va|or**





da localidade de Cenon, na região de Bordéus, Fernanda Alves, o Presidente da Academia do Bacalhau de Paris, Carlos Ferreira e o empresário Armindo Gameiro. Reinaldo Teixeira, proprietário da Garvetur em Portugal, também foi um dos premiados juntamente com o ciclista leiriense Carlos Vieira, a advogada residente em Inglaterra Ricardina Pederneira, o empresário de Ontário Pedro Maia, o Director da Rádio Alfa Fernando Lopes e a empresária Betty dos Reis. Estes são os nomes dos Portugueses de Valor 2016 e receberam o galardão da Lusopress em Leiria.

O processo de escolha dos vencedores já é conhecido e mantém-se de ano para ano. Durante os últimos meses, a Lusopress foi dando a conhecer o percurso de todos os nomeados com pequenas entrevistas publicadas em vídeo. Depois reuniu todas as biografias num livro e coube ao júri a decisão final. A apresentação da gala ficou a cargo do jornalista da Rádio Alfa, Ricardo José, e da jornalista leiriense Cláudia Santos. No início da noite e, ainda antes de ficarmos



MCT

Matériaux de Construction

PROFESSIONNELS DU BATIMENT

Négoce Indépendant fondé en 1992 membre
Fondateur Réseau StarMat



- // Spécialiste Gros Oeuvre et Rénovation
- // Enlèvement au Dépôt ou Livraison sur vos chantiers IDF
- // Commandes produits spécifiques et sur mesure
- // Conseils et Préconisations pour vos projets
- // Stocks Permanents
- // Partenaire des références nationales (Weber, Imerys, KP1, Soprema, Sika, Placo, Fassa Bartolo, Knauf,...)

201-203, rue Aristide Briand - 94430 Chennevières-sur-Marne
Tél. : 01 47 06 03 26 - Fax : 01 45 16 38 48
E-mail : contact@mct-materiaux.fr | www.mct-materiaux.fr

MCT
Matériaux de Construction



a conhecer os vencedores, subiu ao palco o Presidente da Câmara Municipal de Leiria, Raul Castro. O autarca lançou o “convite” à Lusopress e quis realizar esta gala no distrito para valorizar o trabalho dos emigrantes da região. “Sempre que possível, deve ser feito um reconhecimento aos emigrantes, que têm tido um comportamento notável em relação à colaboração com o próprio país em períodos críticos”, afirmou durante o discurso.



Muitos nomeados e vencedores dos Portugueses de Valor são de Leiria. Fernando Lopes, por exemplo, já nasceu em França, mas tem as suas raízes na região. Apesar de ter uma carreira sólida na capital francesa, não esquece Portugal, investe no país e nunca descarta a hipótese de “emigrar” até às suas origens. Todos os dias trabalha para os portugueses enquanto Director Geral da Rádio Alfa e está muito ligado à organização de solidariedade Academia do Bacalhau. “Eu penso que esta é uma recompensa pelo trabalho que tenho tido ao longo da minha vida, mas como eu disse no meu discurso, eu não vou mudar. Se fui eleito “Português de Valor” é para continuar com o meu trabalho e é para continuar a ser como sou”, disse à Lusopress.

Apesar da maioria dos premiados residir em Paris, os troféus foram distribuídos pelos quatro cantos do mundo e alguns até atravessaram o Oceano Atlântico. Pedro Maia,



por exemplo, levou a distinção até à Província de Ontário, no Canadá. “No ano passado, eu tentei ir aos Portugueses de Valor em São Miguel, nos Açores e fui parar à Ilha Terceira. Este ano, consegui chegar a Leiria e ainda levo este reconhecimento para casa. De facto é uma honra ver que o nosso trabalho é reconhecido”. O emigrante tem uma empresa na área de seguros e investimento e também trabalha com a Comunidade Portuguesa residente no Canadá. Durante o seu discurso, não conseguiu esconder a emoção e dedicou o troféu ao pai que perdeu este ano. Já a advogada Ricardina Pederneira levou o prémio até Londres. Na Inglaterra tem um escritório numa zona onde existem muitos portugueses e muitos dos seus clientes fazem parte da Diáspora. Durante o seu percurso, foi Presidente de uma Associação de mulheres angolanas e agora faz parte da Academia do Bacalhau de Inglaterra. “Eu fiquei muito emocionada com este reconhecimento e acho que não consegui esconder isso no palco, mas sinto-me muito honrada”, disse no final da gala, em declarações à Lusopress.



Portugueses
de **valor**

FIDELIDADE
SEGUROS DESDE 1808



Câmara Municipal de Leiria

Para além destes 11 portugueses galardoados, a Lusopress ainda atribuiu seis prémios de honra e mérito. Os dois deputados eleitos pelo círculo eleitoral da Europa, Carlos Gonçalves e Paulo Pisco, o Presidente da Câmara de Leiria, Raul Castro, o fotógrafo Victor Roriz, a benfeitora leiriense Laura Vala e o Embaixador e Director Geral dos Assuntos Consulares e das Comunidades, João Maria



Cabral, receberam este reconhecimento das mãos do Director da Lusopress, José Gomes de Sá. João Maria Cabral esteve no evento em representação do Secretário de Estado das Comunidades Portuguesas, José Luís Carneiro. No final da Gala, elogiou a iniciativa e afirmou estar “muito satisfeito e orgulhoso”. “Apesar de ser Director dos Assuntos Consulares há mais de três anos, é a primeira vez que tenho a oportunidade de participar nesta iniciativa. Tudo o que tinha ouvido falar e a reputação que conhecia ficou ultrapassada por aquilo que assisti. Foi de facto uma festa notável pelo seu significado e pela emoção”, acrescentou.

Na Gala estiveram presentes vários convidados oficiais, entre os quais os antigos Embaixadores de Portugal em Paris, António Monteiro e Luís Ferraz, o Cônsul Geral de Portugal em Paris, António Moniz e ainda autarcas e vereadores do Município de Leiria. Durante a noite, os Directores da Revista Lusopress, José Gomes de Sá e Lúcia Sales também foram surpreendidos. Depois de seis anos a dar troféus, eles foram também premiados e receberam um reconhecimento de todos os vencedores das edições anteriores. “Eu sou um homem de surpresas, mas fui eu quem afinal fui surpreendido. Nomeio tanta gente e senti-me muito pequenino no meio deles. Nunca me tinham

feito uma surpresa na vida, acho que esta foi a primeira”, afirmou Gomes de Sá no final do espectáculo. Foi com um ar cansado, mas um sentimento de dever cumprido que terminaram a noite. Durante o último decénio, os emigrantes passaram muitas vezes para uma espécie de recanto da história e o mérito dos portugueses que vivem fora ou dentro do país transformou-se numa nota de rodapé colocada nas notícias dos jornais e telejornais. Foi para eliminar esse “esquecimento” que a Lusopress criou o livro e a gala “Portugueses de Valor”. O evento tem permitido unir os portugueses de dentro com os de fora e homenagear todos os que honraram as cores do seu país. São portugueses que a revista conhece pelo seu trabalho e permeia pelo seu valor.

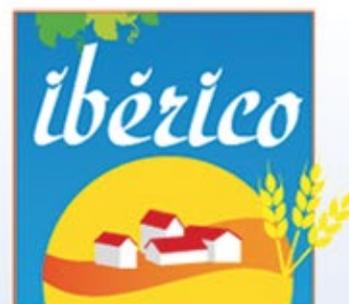
A festa depois da festa

Sábado, 7 de maio. O dia prometia ser mais descontraído e, por isso, foram conhecer melhor a cidade que os acolheu. Durante a manhã, participaram em visitas guiadas pelos diferentes Museus de Leiria, foram conhecer uma exposição do Escultor José Coêlho patente no Leiria Plaza e ainda participaram à noite numa gala na Quinta do Paul. Esta era uma espécie de festa depois da festa, um evento mais livre, capaz de permitir um maior contacto entre as pessoas. Depois da entrega

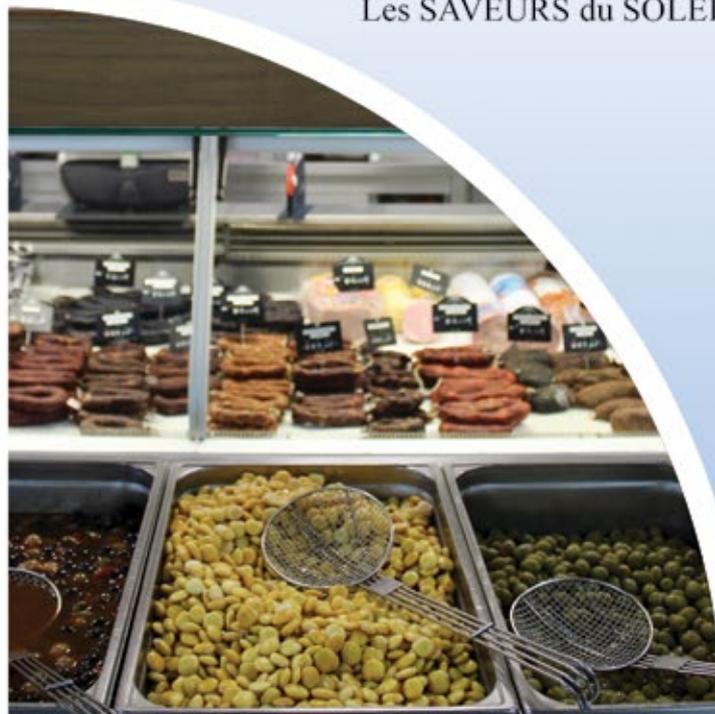
dos prémios, os “Portugueses de Valor” trocaram o palco pela pista de dança e divertiram-se ao ritmo de uma banda leiriense.

Victor Ferreira, de 67 anos, trocava de par de dança sempre que surgia uma música nova. Durante o fim-de-semana, foi uma espécie de locomotiva do grupo e procurou contagiar todos com a sua boa disposição. Apesar do emigrante e formador hoteleiro fazer parte da lista de nomeados, não levou o troféu para casa, mas desvalorizou essa parte. “Quando eu venho aos Portugueses de Valor, saio sempre mais rico graças às histórias que encontro, às pessoas que conheço e que me contam a experiência delas. Eu acho que nós saímos todos vencedores”, sublinhou. A noite já ia longa quando o baile terminou e os primeiros convidados regressaram ao hotel. Pareciam cansados dos pés, mas felizes. No autocarro, enquanto alguns aproveitavam já os primeiros momentos de sono, outros contavam anedotas ou recordavam algumas aventuras. Ao nosso lado ia Pierre Lacerda, uma das personalidades mais conhecidas da Comunidade portuguesa em França. Durante muitos anos foi director artístico e promoveu sem interrupção dezenas de artistas portugueses e estrangeiros através de vários espectáculos. Agora já passou a pasta aos mais novos, mas ainda

VENHA DESCOBRIR O SEU NOVO SUPERMERCADO
INTEIRAMENTE RENOVADO
MAIS ESCOLHA A PREÇOS SEMPRE BAIXOS



Les SAVEURS du SOLEIL



7, rue des Grives - ZAC La Fosse aux Loups
95100 ARGENTEUIL

Aberto de terça feira a sexta feira
das 09H00 às 13H00 e das 15H00 às 19H30
sábado das 08H30 às 19H30 sem interrupção
domingo das 08H00 às 13H30 e das 15H30 às 19H30
ENCERRA À SEGUNDA FEIRA

tem muitas histórias para contar. A fadista Marisa? “é uma jóia de menina, sempre que vai a Paris cozinha na minha casa”, dizia. Trouxe várias vezes o cantor Caetano Veloso até à capital francesa, mas “é muito supersticioso. Só aceitava ficar em quartos com números ímpares”, acrescentava. Curiosamente era no quarto 311 que Lacerda ia descansar. Para trás deixou ficar as recordações dos concertos e da vida nocturna porque já se fazia tarde.

“Quem passa por Alcobaça”...

“Não passa sem lá voltar”. É assim que canta pelo menos Maria de Lurdes Resende. Não sabemos se o verso se vai ou não cumprir, mas a verdade é que os “Portugueses de Valor” passaram pela terra onde se cruza o rio Alcoa com o rio Baça. No domingo, dia 8 de maio, visitaram o Mosteiro classificado como Património da Humanidade pela UNESCO. O Monumento é um dos mais impressionantes e belos testemunhos da arquitectura de Cister em toda a Europa. Depois de entrarem pela grandiosa nave central, despojada de qualquer adorno, contemplaram os túmulos de D. Pedro I e D. Inês colocados frente a frente e foram recebidos pelo Presidente do Município de Alcobaça, Paulo Inácio. Depois de conhecerem a história que está por detrás deste austero monumento, foram para um ambiente menos sagrado provar os doces conventuais da Pastelaria Alcoa. Ficaram a conhecer os “segredos de D. Pedro” que faziam parte da ementa, o verdadeiro significado da expressão “manjar dos deuses” e se neste espaço “a gula” não fosse “divina” teriam mesmo que regressar ao Mosteiro para uma breve confissão. A passagem por Alcobaça terminou com uma viagem no tempo. Os “Portugueses de Valor” foram até à Idade Medieval e visitaram o Parque dos Monges. Para lá da torre construída em madeira, erguia-se uma aldeia onde a história se cruzava com a paisagem. Naquele espaço, todos os dias, cavaleiros fazem torneios, lutam num campo de batalha e aves imponentes sobrevoam os oito hectares. Como o tempo não permitia grandes passeios ao ar livre, os convidados assistiram a um espectáculo de magia, a uma peça de teatro que recriou a história de amor de D. Pedro I e D. Inês e ainda provaram um pão especialmente preparado pela Padeira de Aljubarrota. O Director do Parque dos Monges, Miguel Martins, também acompanhou a visita e aproveitou o momento para saudar a Comunidade emigrante. “Para nós é uma imensa honra receber os “Portugueses de Valor”. Eles estão lá fora e nós estamos aqui a cuidar da casa deles para eles regressarem um dia, quem sabe. Eu digo isto mil vezes, mas espero que seja assim que aconteça”, afirmou à Lusopress.

O dia terminou com uma visita ao Museu do



Vinho, um verdadeiro ex-libris de Alcobaça. Do vinho já muito se disse e escreveu, mas este museu deixa bem patente a história do néctar dos deuses em Portugal. O acervo com mais de 10 mil peças percorre o período desde o século XVII até ao novo milénio. Enquanto percorriam o espólio e passeavam entre garrafas seculares, os “Portugueses de Valor” começaram a ouvir cânticos interpretados pelos contratenores alcobacenses João Paulo Ferreira e Luís Peças. A organização preparou esta surpresa durante a visita e o duo proporcionou um momento único. Vestidos com roupas nobres, entoavam cânticos naquele espaço desprovido de qualquer acústica, mas mesmo assim as vozes faziam arrepiar. Foi um momento singular que fechou em beleza a passagem por Alcobaça. O último dia em Portugal prometia também ser histórico e as previsões não falharam.

Presidente da República recebeu os “Portugueses de Valor 2016”

Segunda, 9 de maio, 8hoo, dia da Euro-



na. Lídia Sales começou a indicar para qual autocarro se deviam dirigir os convidados. Os “Portugueses de Valor” deixavam Leiria e rumavam até Lisboa. José Gomes de Sá já estava em Belém e dava as primeiras informações por telefone. “Devem chegar ao antigo Museu dos Coches às 11h30”, dizia. Pela primeira vez, o Presidente da República, Marcelo Rebelo de Sousa acolhia a iniciativa da Lusopress. Inicialmente, estava programado serem recebidos nos jardins do Palácio de Belém, mas o mau tempo voltou a obrigar uma partida e foi preciso alterar a recepção para o Museu Nacional dos Coches. A comitiva chegou cedo a este novo ponto de encontro e aproveitaram para tirar algumas fotografias. O edifício histórico vive em perfeita harmonia com as viaturas e não deixava ninguém indiferente. Um pouco depois do 12h00, Marcelo Rebelo de Sousa subiu ao púlpito. Foi recebido com o hino nacional, cantado em uníssono por mais de 200 pessoas. Durante quase 15 minutos, o Presidente da República elogiou o trabalho desenvolvido pelos milhares de portugueses espalhados pelo mundo, salientou este projecto da Lusopress e fez referência ao dinamismo do Director José Gomes de Sá. “É com o maior gosto que vos recebo nesta que também é a vossa casa e que me associo à prestigiada iniciativa da Lusopress “Portugueses de Valor 2016”, disse

no início do encontro. O chefe de estado recordou o “passado glorioso” patente no museu, celebrou “o presente de luta” protagonizado por todos os portugueses e emigrantes e encarou o futuro, olhando para os mais jovens que vivem no estrangeiro e “mantêm a esperança num Portugal cada vez mais universal”.

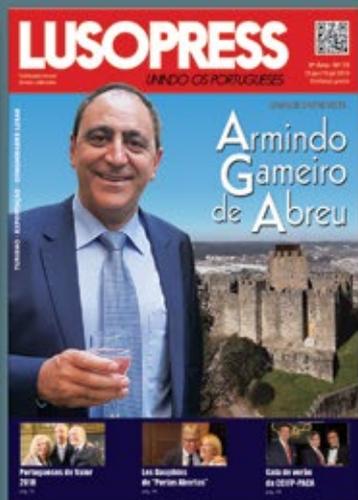
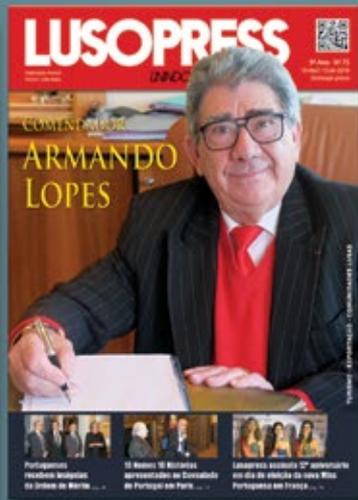
“Desde a tomada de posse enquanto Presidente da República que tenho procurado ser o Presidente de todos os portugueses, daqueles que votaram em mim e daqueles que não votaram em mim, daqueles que estão próximos e daqueles que estão longe, aproximando também os milhões que vivem no estrangeiro. Eu quero ter ao longo do mandato um empenho particular em procurar valorizar as nossas comunidades”, afirmou. Como exemplo desse empenho, utilizou as comemorações do 10 de junho que pela primeira vez se dividem entre Lisboa e Paris. “Daqui a um mês, vou voltar a encontrar muitos de vocês. Eu estou a encontrar mais vezes os compatriotas que se encontram no estrangeiro do que muitos compatriotas que se encontram cá dentro”. Marcelo Rebelo de Sousa estará em Paris entre os dias 10 e 12 de junho e destacou o facto do Presidente francês também acompanhar estes festejos. “É uma grande ocasião para ele perceber, reconhecer e testemunhar o papel dos portugueses em França”, concluiu.

No dia 9 de março, Marcelo tomou posse como Presidente da República. No dia 9 de maio afirmou estar “particularmente feliz por celebrar os primeiros dois meses de mandato com os Portugueses de Valor 2016”. Depois do discurso, entregou uma distinção aos premiados, tirou fotos de grupo, muitas selfies e distribuiu os habituais abraços. Os convidados não conseguiam esconder a surpresa e mostravam-se sensibilizados com esta recepção. “Ele é um Presidente próximo dos portugueses, mas acima de tudo é próximo dos emigrantes e acho que é fabuloso sentirmos isso finalmente”, afirmava o empresário Mário Martins à saída. A apoteose estava afinal guardada para o Museu Nacional dos Coches e esta recepção com Presidente da República fechou com chave de ouro a edição de 2016. Depois de almoçarem num barco no Rio Tejo, os “Portugueses de Valor” regressaram a casa. Alguns ficaram no país, outros foram para França, Inglaterra, Canadá ou Bélgica, mas todos levaram na bagagem Portugal.

O próximo destino dos Portugueses de Valor já é conhecido e está assinalado no mapa. A Lusopress quer rumar até ao norte de Portugal e já prepara essa deslocação. O evento terá lugar nos dias 5, 6, 7 e 8 de maio de 2017. 







Directores da Lusopress foram homenageados por membros da Comunidade Portuguesa

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress



No passado dia 24 de março mais de 100 pessoas encheram a Sala D. Antónia na Pastelaria Canelas e participaram numa homenagem aos Directores da Lusopress. A ideia para o jantar partiu de vários amigos do casal. Há dois meses decidiram unir forças e lançaram esta iniciativa. Em 2005 José Gomes de Sá e Lídia Sales saíram de Portugal e criaram o seu próprio meio de comunicação social dedicado à Diáspora Portuguesa em França. No passado dia 24 de março, os papéis inverteram-se e foi a vez da Comunidade reconhecer o trabalho do casal.

A surpresa foi planeada ao milímetro e os Directores da Lusopress, José Gomes de Sá e Lídia Sales, foram até à Pastelaria Canelas em Pierrefite-sur-Seine sem saber o verdadeiro propósito da festa. Pensavam que iam participar numa noite dedicada aos carros de alta competição, mas quando ouviram a mensagem do Presidente da República perceberam que tinham sido enganados pelos amigos. “Este é um casal unido, persistente, lutador, um casal ao qual Portugal tanto deve através da Comunicação Social, através da sua preocupação de reunir precisamente portugueses ilustres dos diversos cantos do mundo, o que faz todos os anos e continuará a fazer no futuro”, disse Marcelo Rebelo de Sousa durante o seu discurso enviado em vídeo. “Hoje que o casal é homenageado, eu estou com os dois, estou convosco homenageantes também a agradecer tudo o que foi feito, tudo o que está a ser feito e tudo o que será feito a pensar em Por-



tugal”. Depois desta mensagem perceberam que a noite não seria dedicada aos rallys, mas os holofotes viraram-se para o casal pelo motor que têm representado para as Comunidades Portuguesas espalhadas pelo mundo.

Depois das palavras do Presidente da República, seguiram-se os depoimentos de vários amigos e familiares do casal. José Gomes de Sá e Lídia Sales emocionaram-se várias vezes durante a noite e no final quiseram partilhar este reconhecimento e homenagem com os colaboradores da Lusopress. “Vocês embrenharam-se completamente no trabalho que estão a fazer e as pessoas reconhecem o vosso empenho. Eu às vezes até pergunto à minha mulher como é que é possível vocês não baixarem os braços, mas é verdade que é assim que nós conseguimos fazer qualquer coisa na vida e é assim que qualquer empresa de Comunicação Social ou não Comunicação Social tem que funcionar nos dias de hoje. Vocês merecem tudo e aquilo que nos fizeram a vós o devemos porque nós somos a face, vocês são a retaguarda. Eu sou um indivíduo que gosta de surpreender, mas hoje fui verdadeiramente surpreendido, por isso, muito obrigada a todos”, disse José Gomes de Sá aos jornalistas da Lusopress já no final da homenagem. Ao seu lado estava Lídia Sales, ainda a recompor-se da “surpresa enorme”. “A festa foi muito bonita e posso dizer que foi tudo muito bem organizado com muito segredo porque acho que deve ter sido difícil tantas pessoas guardarem um segredo tão bem guardado. Eu ainda não estou bem em mim, ainda estou um bocado surpreendida com tudo”, referiu.

“Eles têm levado o nome de Portugal bem alto”

De facto, mais de 100 pessoas guardaram segredo, encheram a sala D. Antónia e participaram na homenagem aos Directores da Lusopress. Há dois meses Armindo Gameiro, Armindo Freire, Joaquim Barros e Ricardo José tiveram a ideia para este jantar e decidiram unir forças. Em 2005 José Gomes de Sá e Lídia Sales saíram de Portugal para ir à procura de portugueses. Queriam uni-los, fazer ouvir a sua voz, dar a conhecer os seus problemas, mas também as suas conquistas. Muito para lá da fronteira encontraram uma nova pátria. A pátria da emigração, a pátria da saudade, uma pátria que se construiu em terras de França. Hoje continuam a unir esses portugueses, continuam a divulgar os seus passos e as metas alcançadas através do seu próprio meio de comunicação social. No passado dia 24 de março os papéis inverteram-se e foi a vez da Comunidade reconhecer o trabalho do casal que está à frente da Lusopress.

“Eu acho que correu muito bem”, disse Ricardo José. O jornalista da Rádio Alfa foi um





dos organizadores do evento e a apresentação da noite esteve a seu cargo. “O evento foi espontâneo e isso é que é importante. Foi feito com sensibilidade e foi feito com um carinho por parte deste homem e desta mulher que realmente têm levado o nome de Portugal bem alto através da Comunicação Social. Hoje as pessoas de diferentes quadrantes, de diferentes actividades profissionais e de diferentes camadas sociais estão mais unidas. Há mais trocas de informação entre todos e isso é muito bom para a Comunidade Portuguesa. Nós somos também um porta-estandarte de Portugal no estrangeiro e isso é que é importante”, sublinhou já no final da noite. Para além das medalhas e dos diplomas que reconheciam o trabalho em prol das Comunidades Portuguesas, o casal recebeu ainda duas camisolas do Sporting assinadas pelo Presidente do Clube, Bruno de Carvalho, e uma viagem de limousine até ao “Moulin Rouge”. Joaquim Barros é benfiquista ferrenho, mas pela amizade decidiu esquecer esta paixão por uns segundos e agarrou o equipamento do outro clube da Segunda Circular para oferecer. “Sou benfiquista de raiz, de coração, mas o símbolo da amizade foi muito mais importante”, disseram. “Nós tentámos fazer qualquer coisa simples, humilde, mas verdadeiramente sincera. Por uma vez nós tentámos inverter os papéis e colocar em destaque as pessoas que normalmente estão do outro lado da câmara e do outro lado do holofote”, afirmou o empresário residente em França.

“São referências incontornáveis desta Comunidade”

A noite contou com a presença do Embaixador José Moraes Cabral, do Cônsul Geral de Portugal em Paris, António Moniz e ainda do deputado do PS eleito pelo Círculo Eleitoral da Europa, Paulo Pisco. José Moraes Cabral discursou durante a noite, sublinhou que se tratava de uma “magnífica iniciativa” e agradeceu o empenho e o trabalho dos Directores da Lusopress em prol das Comunidades Portuguesas. “Temos todos uma grande dívida de gratidão para com o José Gomes de Sá e a Lídia Sales. Eles são referências incontornáveis desta Comunidade”, sublinhou. Já o Cônsul António Moniz reconheceu mais uma vez o valor do casal que organiza todos os anos os “Portugueses de Valor” e garantiu que vai procurar atribuir um reconhecimento ao casal em Portugal junto da Secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas. “Eu estou convencido que a proposta irá vingar. Terá que seguir os trâmites habituais, mas vou avançar com certeza. Por outro lado, eu gostaria de dizer que é uma grande honra estar aqui presente hoje nesta homenagem. O senhor Gomes de Sá e a Lídia desenvolveram um grande esfor-



40 ANOS DE EXPERIÊNCIA NA BOA GASTRONOMIA



A BOA GASTRONOMIA PORTUGUESA VARIEDADES TODOS OS SÁBADOS

LE MIDI et LE SOIR : DU MARDI AU DIMANCHE
BANQUETS - ANNIVERSAIRES - COMMUNIONS - BAPTÊMES



Voie Georges Pompidou - RN 19
94450 - Limeil-Brévannes

Tél: 01 43 86 87 44 - 06 75 12 68 46
www.restaurant-lamontagne.com



ço quando chegaram a Paris para puderem a pouco e pouco serem conhecidos na Comunidade. Eles conseguiram a união de muitos portugueses e acho que essa obra ainda vai continuar”, disse António Moniz.

O jantar servido pela Pastelaria Canelas contou com um bolo especial oferecido pelo casal Antónia e Carlos Gonçalves e ainda apresentou a actuação do cantor português Dario Ribeiro no cardápio. A noite não foi mesmo dedicada aos rallys como Lídia Sales e José Gomes de Sá pensavam, mas de facto eles não tiram o pé do acelerador. Em Maio a Lusopress voltar a unir os portugueses e realiza pelo sétimo ano consecutivo a iniciativa “Portugueses de Valor”. 







Portugueses recebem insígnias da Ordem de Mérito atribuídas pelo Presidente da República

A Embaixada de Portugal, em França, viveu no passado dia 17 de Novembro uma cerimónia de agraciamento a membros da comunidade portuguesa. Antónia Gonçalves, Carlos Gonçalves, Carlos Ferreira e Joaquim Pires foram os quatro elementos condecorados da noite.

Pelas mãos do Embaixador de Portugal, José Filipe Moraes, os portugueses receberam as insígnias da Ordem de Mérito atribuídas pelo Presidente da República.

A noite era de expectativa para os quatro nomeados visados pela cerimónia de agraciamento. Representando a nação portuguesa e de mãos dadas com os portugueses radicados em França, a Embaixada de Portugal, em França, foi o local escolhido para um momento que certamente os membros condecorados irão esquecer.

“A presença desta comunidade em França, com estas características, é algo que dá uma qualidade muito especial às relações entre Portugal e França. Temos uma comunidade que historicamente veio para cá no meio de grandes dificuldades e que depois graças à sua perseverança, ao seu trabalho, à sua integração na sociedade francesa, se revelou uma mais-valia muito significativa

para França”, refere José Filipe Moraes. O Embaixador de Portugal entregou as insígnias da Ordem de Mérito aos condecorados e não esqueceu as virtudes dos elementos homenageados da noite. “O que estas pessoas conseguiram fazer é resultado do seu trabalho”, lembra.

Quem também viajou de Portugal, mais concretamente de Faro, para Paris, foi Rogério Bacalhau. O Presidente da Câmara Municipal de Faro marcou presença na cerimónia para estar junto do amigo Joaquim Pires. “Conheço em particular o Joaquim Pires desde 2014 e a partir daí criamos uma relação de amizade e essencialmente de respeito. Hoje é certamente um dia marcante na vida do Joaquim, estas coisas acontecem uma vez

na vida. Há sempre altos e baixos, mas hoje é um dia em grande. Hoje estamos aqui pela amizade que temos por ele. Reconhecemos que eles têm hoje um reconhecimento muito grande da comunidade francesa porque também contribuem para o desenvolvimento deste país. Isto é o reconhecimento do Presidente da República pelo trabalho que eles aqui fizeram. É um trabalho que em Portugal tenho a certeza que eles conseguiam fazer o mesmo”, reconhece o autarca.

Para os quatro empresários o reconhecimento do órgão máximo do Estado atribuído aos próprios o título de comendadores. Algo que certamente ficará na memória das personalidades condecoradas.

“Eu acho que para nós é uma grande honra.



A minha vida foi um percurso de trabalho, mas nunca pensei que iria chegar a Comendadora. Nunca fiz nada com interesse, faço as coisas que devo fazer. Quando o Embaixador me ligou a dizer o que ia acontecer eu fiquei deslumbrada, não tinha noção da importância que a Pastelaria Canelas tinha a alguns anos, aos olhos da comunidade portuguesa. É um grande orgulho, ainda mais sou uma mulher e isto é a prova do que as mulheres fazem na comunidade portuguesa. Estou muito honrada”, confessa Antónia Gonçalves. Para além de ser a única mulher condecorada da noite, Antónia viu também o seu marido a ser condecorado. Um momento especial que foi vivido completamente em família. “Foram 20 anos de luta,

desde o começo até ao dia de hoje. No início éramos 9 funcionários, actualmente somos 40. Somos reconhecidos pela comunidade, até no exterior já somos bastante conhecidos e penso que a Pastelaria Canelas é uma empresa de referência”, António Gonçalves. “É uma homenagem que sinto uma enorme honra por a ter recebido. Quero partilhar este momento com a minha família. A minha esposa e os meus filhos é que me permitiram ser quem eu sou hoje por vários motivos. A minha mulher por me aturar e os meus filhos por sacrificarem os tempos livres deles para se dedicarem à empresa ou ao associativismo. Criei a minha empresa há 20 anos, criada de raiz, com muitas dificuldades que hoje tem crescido de maneira sustentável permiti-

tindo até criar outras empresas. Posso dizer que a nível empresarial está tudo a correr bem e em termos de associativismo estive muito tempo ligado à Academia do Bacalhau de Paris”, explica Carlos Ferreira visivelmente orgulhoso.

Também o empresário Joaquim Pires demonstrou a sua satisfação e não esquece o Presidente da República. “É uma grande recompensa, ainda por cima esta condecoração foi assinada pelo nosso Presidente da República. É um homem que eu gosto muito pela sua maneira de ser e pela maneira que fala. Tenho a vantagem de ter nascido português e penso que a mocidade ainda não compreendeu que temos uma grande história. Temos uma educação fantástica com valores muito importantes. É uma medalha importante para mim, mas na realidade nada muda. Há pessoas como eu e que se calhar até fazem mais do que eu faço”, diz. **L**

Entrevista exclusiva ao Ministro dos Negócios Estrangeiros,

Augusto Santos Silva



“Nós somos um país ponte”

Entre os dias 19 e 20 de janeiro, o Ministro dos Negócios Estrangeiros, Augusto Santos Silva esteve em Paris. Durante a sua deslocação à capital francesa realizou um encontro com empresários e investidores portugueses da Diáspora, marcou presença na Bijorhoca – Feira Internacional de Joalheria e na Who's Next – Feira Internacional de Moda e visitou ainda a Feira internacional Maison & Objet, que recebeu este ano mais de 100 empresas nacionais. Mas antes de iniciar a missão de diplomacia económica, Augusto Santos Silva visitou os estúdios da Lusopress. Em entrevista ao Meio de Comunicação Social português radicado em França, falou sobre o sucesso e integração dos portugueses residentes no estrangeiro, abordou a participação cívica da Diáspora e falou ainda sobre a questão do Brexit e a participação de Portugal no projecto europeu.

“O caso português como digo é um caso de estudo, mas não é um caso que mereça ser estudado porque os emigrantes portugueses são europeus, brancos, católicos e parecidos”

Hoje vai estar reunido com vários empresários e investidores portugueses radicados em França. A integração e o sucesso destes emigrantes é “um caso de estudo” como defendeu em dezembro na abertura do encontro anual do Conselho da Diáspora?

Não tenho a mínima dúvida sobre isso na minha dupla qualidade - na minha qualidade de homem público, enquanto Ministro dos Negócios Estrangeiros, e também na minha qualidade profissional, enquanto académico que gosta de estudar as dinâmicas sociais. O que caracteriza muito bem a Comunidade Portuguesa é uma dupla ligação. Há uma ligação muito forte a Portugal, que é uma ligação quer ao país, quer ao território e em particular à localidade de onde se partiu — onde se regressa todos os anos de férias, onde se reconstrói a casa dos pais, onde se abre um estabelecimento comercial, onde se apoia o clube de futebol local e em relação ao qual se é sócio da colectividade, do rancho folclórico, do centro paroquial, portanto, por um lado esta fortíssima ligação à terra que se partiu — e, por outro lado, não menos importante, uma enorme capacidade de adaptação às sociedades para onde se migrou. Essa adaptação teve duas fases: Numa primeira fase, nós dizemos às vezes até com um certo tom crítico, foi a fase da adaptação, fazendo de conta que não se existia, ou seja, uma integração pela invisibilidade. As pessoas pensavam que estavam aqui para trabalhar, para respeitar as regras e as leis francesas, para acumular o pecúlio preciso para que a família tivesse em Portugal melhores condições de vida, para preparar a reforma ou acumular poupanças para ter uma vida melhor. Mas, progressivamente, essa fase da invisibilidade social foi dando lugar a uma fase de protagonismo que é uma nova dimensão e ainda mais importante da integração. Começam agora a surgir os luso-eleitos, os portugueses que participam na vida cívica local, começam a aparecer os portugueses que se destacam no domínio profissional, são também professores universitários, quadros de empresas, começam a aparecer os portugueses que se distinguem pelo seu percurso de empreendedores, que se transformam eles próprios nos pequenos, médios ou grandes empresários, que falam francês perfeito, que se integram na sociedade francesa, mas que adquirem af



também visibilidade, protagonismo, influência. Muitas vezes nós dizemos que este é o percurso que leva da integração à representação. Ora, porque é que isto é um “caso de estudo” europeu pelo menos? Porque se há problema que a Europa enfrenta hoje é o problema de Comunidades Estrangeiras que têm problemas de integração nas sociedades para onde emigraram e o caso português mostra que isso não é uma fatalidade. É perfeitamente possível ter uma fortíssima identidade portuguesa e uma perfeita integração na sociedade francesa. A migração não é um problema, a migração é uma vantagem para os que emigram e assim conseguem ter oportunidades de vida melhor, mas é também uma vantagem para sociedades que hoje precisam de sangue novo, como é uma sociedade europeia em geral. A Europa vive em termos demográficos tempos que não se caracterizam por um grande dinamismo.

Falou da boa reputação da Comunidade Portuguesa e neste momento está a circular uma petição que já reúne mais de 500 assinaturas de luso-descendentes e portugueses residentes em França contra a retórica do “bom imigrante” português, como

contraponto ao “mau imigrante”, que foge de conflitos no Médio Oriente. Também considera que é preciso ter cuidado e não instrumentalizar a história para reforçar o racismo, nem utilizar a emigração portuguesa como escudo?

Sim, defendo convictamente por duas razões. Em primeiro lugar porque às vezes na retórica do “bom imigrante” está a ideia de que é bom imigrante aquele que se conforma com o estar em baixo na escada social. Às vezes há a tendência de pensar que os portugueses são bons porque sabem que são trabalhadores da construção civil, são empregados de serviços pessoais, são as porteiras dos prédios e os trolhas das obras e não querem passar daí. Isso não é verdade porque são cada vez menos isso. Todas essas profissões são muito dignas, mas todas essas profissões são de famílias que entretanto escolarizaram os seus filhos e procuraram criar condições para eles progredirem em termos de mobilidade social ascendente. Os portugueses são bons imigrantes sim, mas no sentido que eu disse, ou seja, pessoas que querem existir, mas que também querem participar, ser vistas e ter uma voz activa na sociedade de acolhimento como é a francesa. Em segundo lugar, o caso



português como digo é um caso de estudo, mas não é um caso que mereça ser estudado porque os emigrantes portugueses são europeus, brancos, católicos, parecidos e, portanto, nós valorizamos os portugueses capciosamente para desvalorizar os que são africanos, que não são católicos, que são árabes, que não são da nossa civilização, que não gostam da mesma comida que nós, que não bebem o mesmo vinho que nós, etc. Eu percebo que haja este movimento e compreendo no sentido de dizer que não é bom porque é a porteira ou o marido da porteira ou o português é bom porque não é árabe. Não é disso que nós estamos a tratar. O português é bom porque é um sujeito que mantém a sua identidade nacional, contribui e acrescenta valor à sociedade em que está. Integra-se plenamente, respeita os valores e essa é a boa maneira de valorizar a emigração portuguesa. Convém nunca deitar fora o bebé com a água do banho, como em Portugal se diz, e convém que esta nossa existência em gozar uma mitificação da sociedade portuguesa, não signifique desvalorizar aquelas que são qualidades essenciais da emigração portuguesa.

Apesar destas boas notícias, a participação cívica dos portugueses residentes no estrangeiro continua a ser escassa e os emigrantes muitas vezes dizem que se sentem esquecidos. Acha que têm razões para isso?

Eu acho que têm razões para isso, mas eu recomendava sempre aos meus filhos quando eles se queixavam que não eram ouvidos para eles falarem mais alto. Quando os emigrantes dizem que estão esquecidos, têm que pensar também em fazer-se lembrar. Participação cívica significa participar na

cidade, participar no espaço comum e nos interesses comuns, portanto, o melhor antídoto para o défice de participação é mesmo participar, mas agora nós temos que criar condições e incentivos para isso. Está neste momento em fase final de aprovação na Assembleia da República uma medida que terá uma mudança radicalmente positiva quanto às condições de participação dos portugueses residentes no estrangeiro nos assuntos de Portugal que é a passagem a automático do Recenseamento Eleitoral. Para ter uma ideia, nós hoje temos cerca de dois milhões e trezentos mil portugueses naturais de Portugal que vivem no estrangeiro. Se acrescentarmos a esses os que já não são naturais de Portugal, mas são nacionais portugueses ou filhos e netos de nacionais portugueses e, portanto, podem ter a nacionalidade portuguesa se assim o entenderem, chegaremos hoje perto de seis milhões no estrangeiro. E, contudo, recenseados para votar nas eleições para Presidente ou nas eleições para deputados em Portugal são só 350 mil e, que votam realmente, são poucas dezenas de milhar. Se nós aplicarmos o mesmo princípio que seguimos em relação aos cidadãos portugueses, ou seja, eu quando peço o meu cartão do cidadão fico ao mesmo tempo recenseado para as eleições, se nós aplicarmos isso para os cidadãos residentes no estrangeiro, multiplicaremos por dez o número de recenseados. Depois, estamos a preparar o aumento das mesas de voto para que seja menos difícil para os eleitores residentes no estrangeiro que têm que votar presencialmente, como é o caso da eleição do Presidente da República, possam fazê-lo mais facilmente. Agora no que toca à outra dimensão da sua pergunta e à participação

na vida pública da sociedade em que estão, portanto, a participação dos portugueses na vida pública francesa, posso lhe dizer que a primeira grande influência é a influência do exemplo. Sempre que nós podemos dizer que há um Vereador na Câmara de Paris português, que há deputados ou dirigentes de associações, ou seja, sempre que damos estes exemplos, estamos a trazer mais gente para a causa cívica e, evidentemente, trabalhando sempre com as autoridades locais no sentido em que esta influência crescente dos portugueses em França seja vista não como uma ameaça, mas sim como um contributo.

Se por um lado a emigração diminuiu, de acordo com o último Relatório da Emigração publicado, Portugal também perdeu jovens mais qualificados, como constatou aliás em dezembro no Fórum de Graduados Portugueses no Estrangeiro realizado na Gulbenkian. Este capital humano não está perdido para o país e considera que eles ainda podem regressar?

Augusto Santos Silva: apostar muito nisso. Nós tivemos um aumento da emigração nos anos mais difíceis da nossa crise. Em 2012 o número de portugueses que saíram de Portugal aproximou-se dos anos mais difíceis, que eram os anos do fim da década de 60, início dos anos 70. Desde 2013 o número de saídas tem vindo a baixar e isso é muito positivo porque significa que as pessoas estão a encontrar mais oportunidades em Portugal e, portanto, não são obrigadas a sair e significa também que Portugal está a desperdiçar menos o investimento que fez na formação das pessoas. Grande parte dos custos que o Serviço Nacional de Saúde do Reino

Unido tem com a formação dos seus médicos e sobretudo enfermeiros foram suportados por Portugal porque Portugal é que formou os enfermeiros que depois foram trabalhar para o Reino Unido. E quem diz isto sobre enfermeiros no Reino Unido, diz sobre engenheiros que a Alemanha recrutou sistematicamente e massivamente e que foram formados em Portugal, com dinheiro dos contribuintes portugueses, ou seja, das famílias dos diplomados. É um lado muito positivo que a tendência da emigração esteja a diminuir, contudo ela ainda é mais de duas vezes superior ao que era no princípio do século e, portanto, esta tendência de quebra tem que continuar. Nós temos que continuar a criar oportunidades para que os portugueses procurem e possam fixar-se em Portugal porque nós precisamos. Dito isto, também é preciso ter a noção de que hoje na União Europeia vigora o princípio do mercado único e, portanto, uma coisa é a emigração forçada, indesejável, outra coisa é a mobilidade académica ou profissional que é altamente desejável e que faz parte do processo de integração europeu. Se posso dar o meu próprio exemplo, eu tenho três filhos e dois estão fora, uma está em França e outro está na Alemanha e nenhum deles pode ser considerado um emigrante porque o mais novo está a acabar o Doutoramento na Alemanha, a minha filha do meio é Leitora de português numa Universidade Francesa e, portanto, para eles o mercado de trabalho é a Europa. É preciso ter consciência que a mobilidade à escala europeia é uma realidade e é uma vantagem para a construção eu-



ropeia, mas também é preciso que se estanque a saída de pessoas forçada porque nós precisamos dessa gente em Portugal.

A nível europeu é inevitável não falar do Brexit. Em dezembro, durante uma conferência sobre a Francofonia e a Lusofonia, várias vozes manifestaram a vontade de dar mais destaque à Língua Portuguesa na União Europeia depois do Brexit. Também defende essa posição e acredita que pode ser visto como uma oportunidade para o nosso idioma?

Eu percebo esse raciocínio, mas não o acompanho. Com Brexit ou sem Brexit, o português

é uma das línguas mais importantes do mundo por três razões. A primeira razão é porque está entre as cinco línguas mais faladas do mundo, o que é um elemento muito importante. Em segundo lugar porque é a língua mais falada no Hemisfério Sul, sendo uma língua falada em todos os continentes. E em terceiro lugar é uma língua não só de comunicação, como é uma língua de cultura e de tradição cultural como o francês, o italiano, o alemão, o português também é uma língua que produz literatura riquíssima. Por isso, mesmo que não houvesse Brexit, o português é uma língua muito importante, que deve ser valorizada e





Nós somos um país ponte. Um país que se dá bem a percorrer pontes entre várias margens e não a erguer muros que escondam os terrenos dos outros do nosso

acarinhada. Depois, do ponto de vista português propriamente dito, a pergunta que nós devemos fazer é qual é o nosso recurso principal hoje no mundo? Não é a nossa dimensão territorial porque nós somos 90 mil quilómetros quadrados e isso é talvez um quinto ou um sexto da França. Não é a nossa dimensão demográfica porque somos dez milhões, o mundo tem sete mil milhões e nós todos somos menos do que uma cidade como o Cairo, Pequim ou São Paulo. Também não é a dimensão da nossa economia porque o nosso Produto Interno Bruto está a caminho dos 200 mil milhões e isso é talvez um oitavo ou um décimo do produto francês e, contudo, nós somos fortes. Às vezes até costumamos dizer que somos desproporcionadamente fortes, ou seja, a nossa influência global é maior do que aquela que resultaria de uma simples regra de três simples. Nós somos fortes por duas razões essenciais e a primeira é a língua, ou seja, somos fortes porque a Língua Portuguesa é uma língua muito falada e muito importante e somos fortes porque a nossa tradição de posicionamento no mundo é uma tradição balizada pelo nosso amor à paz, a nossa capacidade de mediar e ser mensageiros entre culturas, entre continentes e o nosso apego aos valores das Nações Unidas. Estes dois recursos são o chamado Soft Power, ou seja, recursos que nós podemos afirmar não contra ninguém, mas em apoio de todos. Somos um país ponte, um país que se dá bem a percorrer pontes entre várias margens e não a erguer muros que escondam os terrenos dos outros do nosso.

Durante a Conferência “Que Europa Queremos” disse “A Europa estar viva e Portugal fazer parte dela é a melhor notícia que o mundo pode ter nos dias de hoje”. Portugal agora é mais determinante para que essa Europa se mantenha viva?

Sem dúvida e até podemos fazer aqui um exercício. Fora da Europa, mas com influência na Europa, de que nacionalidade é o Secretário Geral das Nações Unidas? É português. Dentro da Europa, quem é o Vice-Governador do Banco Central Europeu é o Doutor Vitor Constâncio também português, o Presidente do Eurogrupo é o professor Mário Centeno, também português, o Director Geral da OCDE para a Cooperação é Jorge Moreira da Silva, também português e eu poderia continuar porque há uma influência dos portugueses na Europa e nas instituições europeias. Depois também há uma influência da linha que o país segue. Nós somos um país do sul da Europa que faz muito bem pontes com a Alemanha ou o norte da Europa. Somos um país que conhece bem os seus vizinhos como Espanha. Nós temos relações profundíssimas com a França, ou seja, muito do que nós exportamos vem para França e muito do que nós importamos vem daqui de França e, ao contrário do que às vezes ainda se diz em Portugal por mera preguiça ou até alguma baixa estima que, como sabe é o principal defeito dos portugueses e que é preciso contrariar, o que nós exportamos para França está muito longe de ser hoje apenas roupa, roupa de cama e sapatos. Claro que continuamos a exportar isso e bem,

mas antes desse grupo de produtos, o grupo de produtos que nós exportamos para França são hoje primeiro viagens e turismo, depois veículos e outro material de transporte, em terceiro serviços na área dos transportes, em quarto máquinas e aparelhos, em quinto metais comuns, em sexto plásticos e borracha, sétimo calçado e oitavo vestuário, ou seja, temos estas relações profundas. Depois, no âmbito da União Europeia, somos um país que recusa toda a lógica divisionista e de cristalização. Nós temos dado algumas boas lições nestes mais de 30 anos que levamos de integração europeia, mas uma das lições mais importantes que nós damos foi ali por volta do princípio do século, na última década do século XX e na primeira do século XXI em relação à questão de saber se a União Europeia devia ou não alargar-se a Leste, ou seja, se a União Europeia devia ou não integrar os países como a República Checa, a Eslováquia, a Hungria, a Polónia, a Eslovénia, países que tinham vindo da órbita soviética. Os portugueses eram nas sondagens que a União Europeia costuma fazer dos europeus mais favoráveis ao alargamento porque nós sabemos bem o que significou a integração europeia para nós. Significou a estabilização da nossa democracia e o mesmo que significou para nós, nós queremos para os outros. Nós sabíamos todos muito bem que a integração europeia era a melhor maneira de assegurar que os países da Europa de Leste faziam uma transição bem-sucedida, em segurança para a democracia. **LI**



Laura Cunha eleita Miss Portuguesa França 2018 em dia do 13^o aniversário da Lusopress



Foram 16 as jovens luso-descendentes que concorreram à 3^a edição do concurso Miss Portuguesa França. A terceira edição ficou marcada pela parceria que a Lusopress estabeleceu com a Rádio Alfa e com o Grupo Lacerda para, em conjunto, organizarem o certame que elegeu Laura Cunha como Miss Portuguesa França 2018.



Pelo terceiro ano consecutivo, a beleza portuguesa esteve em destaque em terras gaulesas. Decorreu mais uma edição da Miss Portuguesa França, uma iniciativa que leva até à comunidade portuguesa um evento que privilegia Portugal. Este ano, a grande novidade foi a parceria da Lusopress com a Rádio Alfa e o Grupo Lacerda para a organização do evento.

“A Rádio Alfa é um órgão de comunicação portuguesa há mais de 30 anos aqui em França, e não podia deixar de participar neste evento. É a terceira edição e eu senti da parte da Lusopress uma vontade de se juntar à Rádio Alfa para dar um pouco mais de charme para o concurso. Contamos com a equipa de choque da Lídia Sales e do Gomes de Sá, que têm experiência, e acrescentou-se o saber e o know-how da Rádio Alfa. Penso que foi um êxito, pela parte da sala, das concorrentes e da noite no geral, que correu muito bem em termos culinários, e até com os próprios vinhos,



que ficaram a um patamar um pouco superior do que é usual encontrar neste tipo de eventos”, comentou Fernando Lopes, director-geral da Rádio Alfa.

Para a vertente dos desfiles entrou em cena o Grupo Lacerda, com Pierre Junior Lacerda e Méлина que ficaram responsáveis pelo guarda-roupa e por um contacto mais directo com as concorrentes. “Participamos nesta organização para representar Portugal. Espero que tudo tenha funcionado bem, que as pessoas estejam contentes. Tive a sorte de ter a Méлина comigo, ela realmente ajudou-me em toda a organização. Espero que o nosso trabalho seja recompensado esta noite, e que a comunidade portuguesa se sinta orgulhosa”, disse Pierre Junior Lacerda.

Lusopress de parabéns

Ao som da música e iluminados pelos holofotes, celebrou-se também o 13^o aniversário da Lusopress, órgão que continua a trabalhar na união dos portugueses espalhados



Lídia Sales e José Gomes de Sá



Fernando Lopes



Mélina e Pierre Junior Lacerda.

pelo mundo. A Lusopress é o principal responsável pela realização do concurso em França e o seu director-geral, José Gomes de Sá, não podia estar mais satisfeito. “Celebramos hoje, é verdade que a Lusopress tem 13 anos. Temos uma projecção cada vez maior, as pessoas cada vez acreditam mais no trabalho da Lusopress. Este trabalho não é fácil, andamos sempre a correr, às vezes há coisas que não correm tão bem como nós gostaríamos, mas a perspectiva e o dia de hoje foi muito positivo porque a terceira edição da Miss Portuguesa França foi importante para a Lusopress, mais uma vez se afirmou. Este ano fizemos um convénio com a Rádio Alfa e é verdade que correu bem. Agora para o próximo ano vamos ver, vamos pensar, vamos reflectir em tudo e tomaremos uma decisão para o ano seguinte”. Também Lídia Sales, directora da Lusopress sublinhou que o concurso “é bom porque é uma iniciativa que traz jovens. Há um grande convívio e boa disposição, que se vê na sala”.





Laura Cunha, a vencedora

Mais de 300 pessoas estiveram presentes na Sala Vasco da Gama, em Valentim, e viram desfilarem 16 jovens lusodescendentes. Houve ainda espaço para a partilha da ideia de alargar o concurso a outras regiões francesas.

Joaquim Pires, conhecido empresário português do Sul de França, foi um dos principais impulsionadores para que esta iniciativa se alargue no território. Como membro do júri, Joaquim Pires considerou que foi “uma experiência fantástica, é algo muito bom para a nossa mocidade franco-portuguesa. É uma iniciativa interessante, mas que devíamos alargar um pouco mais para a França inteira, para não ser apenas concorrentes aqui de Paris. Era fantástico poder fazer uma primeira selecção no Sul e noutras localidades de França”, diz.

O jantar esteve a cargo da Canelas, que já vem habituando o público a um serviço de qualidade. No final da noite, Laura Cunha foi eleita Miss Portuguesa França 2018 e irá representar a comunidade no concurso Miss Portuguesa, em 2019, evento que substituiu o antigo título Miss Portugal. “Inicialmente não acreditei que tinha ganho. Acima de tudo senti um orgulho muito grande e uma felicidade. É uma experiência maravilhosa e penso que vai fazer toda a minha família sentir-se orgulhosa. Agora vou aprender a falar muito melhor a língua portuguesa e vou representar da melhor forma Portugal e os emigrantes de Portugal em França”, disse a vencedora. Para primeira Dama de Honor foi eleita Léa Francisco e Océane Briens ficou com o título de 2ª Dama de Honor. No final, o sentimento era de orgulho e uma vontade de aproximação às suas origens portuguesas. “Francamente não esperava, foi muito emocionante. É grandioso representar Portugal, por isso ter ganho é uma grande alegria”, confessou Océane Briens. Por outro lado, Léa Francisco afirmou sentir “uma grande alegria e orgulho por poder representar a minha família através deste concurso. Foi uma grande experiência, encontrei raparigas maravilhosas, super simpáticas”. **L**







2019 será o melhor ano de sempre para a Universalis

Onde nasceu Portugal, nasceu também um grupo de empresas que se dedica à construção e oferta das melhores soluções de Gestão Global de Riscos. É em Guimarães que está sediada a Universalis – Risk Management, uma marca que aparece no horizonte dos seus clientes com uma solução integrada quando se fala em prevenção.

Caminhando a passos largos para o sucesso, Fernando Amorim é hoje um profissional que gere as incertezas dos seus clientes transformando-as em vontades certas. Formado em Gestão, especialista em Gestão do Risco, o vimaranense é o gestor da Universalis. Os seguros são uma realidade que acompanha desde sempre. Entrou cedo nesta área por influência do pai, mas rapidamente engrenou no sistema. Iniciou o seu percurso profissional num segurador, em que percorreu todas as funções e etapas de um trajecto profissional. Depois de consolidar esta fase, desempenhou cargos de âmbito nacional, assumindo funções de crescente responsabilidade. Com a experiência, o conhecimento

e as competências acumuladas ao longo de mais de duas décadas, iniciou há cerca de dois anos e meio a sua participação na criação do projecto Universalis, com o grande objectivo de conhecer melhor a realidade da distribuição e antevendo o papel que o novo modelo de distribuição irá exigir no futuro. Hoje, tem já 25 anos de actividade nesta área e explicou à Lusopress como tem evoluído o negócio e os factores de diferenciação no mercado.

Universalis: uma aposta segura

A missão da empresa é criar e proteger valor. A Universalis conta com um largo histórico no desenvolvimento de programas de

gestão do risco para o mercado empresarial e sector público. Tem afirmado a sua diferenciação pelo elevado grau de técnica que coloca nas soluções que desenvolve e elegeu a gestão do risco como seu principal atributo. Assenta a sua abordagem em três unidades de negócio. Em primeiro lugar, uma corretora — CORPOS —, é assim a designação que há em Portugal, courtier na língua francesa e broker na língua inglesa. Uma corretora que tem 46 anos de existência, e que pauta a sua conduta nos negócios pela capacidade de desenvolvimento de relações de longo prazo e na criação de sentimentos de pertença. A empresa de consultadoria — Consulgés





— com 25 anos de experiência, acompanha o sector empresarial, maioritariamente localizado na zona Norte de Portugal e está especializada em projetos de investimento, formação e consultoria de gestão. Está, actualmente, a desenvolver competências na área da segurança de informação e cibersegurança. A área de risco de crédito, tem como principal desiderato “segurar as vendas das empresas” quer vendam para o mercado nacional, quer para os mercados internacionais. Elaborar estudos de mercado e informação comercial sobre actuais e potenciais clientes que suporte os programas de gestão do risco e que garanta que o risco não fica todo do lado do empresário.

2018: um ano de crescimento

O ano de 2018 foi para a Universalis, pelas palavras de Fernando Amorim, “um ano muito intenso, um ano que permitiu incorporar um conjunto de operações de fusão que fizemos. São fusões ainda não totalmente integradas, o processo vai alongar-se durante 2019/2020, porque no sector financeiro estas operações têm um prazo próprio, quer de natureza regulamentar, quer de negócio para ser documentadas. Foi um ano muito intenso, um pouco confuso, mas em que sentimos as dores de crescimento”. Em termos de desempenho, a Universalis cresceu 40%, enquanto o mercado apenas



7,4%, ou seja, conseguiu superar o mercado 5,5 vezes. “Deparamo-nos com o mercado a endurecer condições, com subida de preços, o que dificultou de alguma forma a relação com os clientes. Estamos a operar num mercado que está a sofrer uma fortíssima concentração do lado de quem fornece capacidade, há cada vez menos operadores em Portugal. Nós, mesmo nesse contexto

adverso, conseguimos crescer. Eu diria que a maior vitória foi assegurar a viabilidade da empresa para as 40 pessoas que cá temos, número com que partimos em 2019, mas que foi feito em 2018 para superar os nossos desafios. A Universalis entende as pessoas como o seu maior activo estratégico”.

Em termos de negócio e de gestão, o gru-



po registou em 2018 uma facturação de 10 milhões de euros de forma directa, número que apontam crescer significativamente em 2019. Ainda ao longo do ano transacto, a Universalis abriu a sua décima localização, estando agora presentes em dez locais a nível nacional. “A região mais a sul é Lisboa, estamos a pensar se devemos avançar para o Alentejo e Algarve, mas temos parcerias com todo o mercado, seja nacional ou internacional. Foi um ano de extraordinária convulsão, mas positivo, porque os resultados apareceram e materializaram-se. Em termos daquilo que importa medir, fizemos em novos negócios no ano passado 2,6 milhões de euros, o que é um número record. Estamos já a acompanhar quase 20 mil clientes particulares e mais de 2025 empresas. Ano trabalhoso, duro, mas bem-sucedido”, esclareceu Fernando Amorim.

O momento chave

Num ano com resultados tão positivos como o de 2018, podia ser difícil escolher o momento chave, mas Fernando Amorim não tem dúvidas que esse momento foi quando se sentiu perdido pela imensidão de operações que a Universalis foi fazendo num tão curto espaço de tempo. “É normal que as empresas façam uma ou duas operações de fusão ou de aquisição por ano, nós fizemos



12. Foi esse o momento da verdade, quando me senti numa encruzilhada. Como é que vamos gerir agora mais 12 aquisições, em diferentes geografias, com diferentes pessoas? Esse foi o clique para exigir de nós o melhor que tínhamos para dar. Garantir que em 2018 este negócio ficaria arrumado para depois, em 2019 e 2020, serem anos de organização e de consolidação. Esse foi o momento mais marcante, mas que nos pre-

parou rapidamente para abraçarmos desafios de consolidação, e que estão a correr muito bem”.

As perspectivas para 2019

Com a noção de que é difícil crescer sobre o crescimento, Fernando Amorim partilha que já no primeiro trimestre de 2019 a Universalis cresceu 50% face a 2018. “Todo o trabalho que fizemos no passado está a permitir alavancar a organização para resultados extraordinários. Se nada fizemos de errado, como eu digo à minha equipa, fechamos o exercício de 2019 a facturar mais de 15 milhões de euros em receita directa, o que é significativamente relevante para nós. Este é um objectivo que tem não só a dimensão da quota de mercado, mas também a dimensão da rentabilidade. É com este número que nós acomodamos perfeitamente todas as operações que fizemos e toda a estrutura de custos que temos neste momento na organização. Elegemos também a Felicidade das nossas pessoas como um macro objectivo de 2019.”

O gestor adianta ainda um outro objectivo de natureza qualitativa, que é continuar a afirmar a Universalis como um operador nacional. “Nós nascemos na cidade berço, em



“Temos na organização 40 pessoas que vêm da banca, dos seguros, de concorrentes, das universidades, de empresas fora do sector. Temos grande riqueza na diversidade, mas precisamos, no âmbito institucional, de harmonizar a cultura, a missão, os nossos valores.



Guimarães, mas hoje em dia, mantendo a identidade conquistadora, queremos estar presentes em todo o território nacional e sermos percebidos como solução global. Isso já acontece, porque são muitas as parcerias que nos aparecem, grandes empresas que se querem associar a este projecto e acoplar as suas soluções a esta proposta de valor.

Do lado dos atributos de referenciação que vamos continuar a ser percebidos como a empresa que faz ou desenvolve os melhores programas de gestão do risco dos nossos clientes. É crítico, hoje em dia, num ambiente tão competitivo, tão adverso, com um contexto tão volátil, complexo e ambíguo, que as empresas estejam protegidas quanto ao risco. Aquilo que fazemos, usando alguns mecanismos de seguro, mas não só, é garantir que em face de um ambiente adverso ou um evento disruptivo, nós asseguramos a continuidade do negócio. Queremos continuar a afirmar isso como o nosso ADN. A gestão do risco como o ADN da organização. Não é o mais barato, não é o mais simples, é efectivamente a empresa que consegue de A a Z desenhar os melhores programas de gestão do risco para os clientes, protegendo o seu património material e imaterial, informacional e não informacional. A melhor estratégia é sempre a prevenção, é o caminho para o desenvolvimento organizacional, não devemos ter como racional o custo da operação,



mas sim devemos pensar a gestão do risco como um investimento. E isto é determinante nas organizações modernas”.

Organizar e consolidar

Organizar e consolidar é a ambição da Universalis. “Temos na organização 40 pessoas que vêm da banca, dos seguros, de concorrentes, das universidades, de empresas fora do sector. Temos grande riqueza na diversidade, mas precisamos, no âmbito institucional, de harmonizar a cultura, a missão, os nossos valores. Estamos a trabalhar muito

para dentro. O primeiro desígnio será apresentar uma Universalis cada vez mais robusta, mais reforçada, com uma identidade muito clara, muito homogeneizada a nível nacional”. Um desafio que a organização pode abraçar durante o presente ano é o ir além-fronteiras. “O veículo para essa decisão de gestão é que ainda não está definido. Hoje em dia, a legislação permite-nos operar em regime livre de prestação de serviços no mercado da União Europeia, mas eu tenho uma ideia mais confinada a uma determinada geografia e a um determinado público-alvo. É um mercado de grande proximidade

e afinidade com o nosso país”, adianta Fernando Amorim, sem desvendar pormenores deste objectivo.

Um grupo que abraça várias frentes

A Universalis é também responsável pela gestão de redes de distribuição, tendo 200 agentes integrados na sua estrutura. Existem 69 corretores em Portugal e mais de 18 mil distribuidores. Deste número, a Universalis está entre os 10 primeiros lugares no ranking da distribuição em Portugal. “Não temos uma obsessão pela liderança, mas sim pela rentabilidade da operação. Além da quota de mercado, queremos que a nossa operação seja rentável e que possa permitir redistribuir ou partilhar a riqueza gerada, nomeadamente com acções de responsabilidade social, com os nossos colaboradores e com os detentores do capital. Ao nível da responsabilidade social, Fernando Amorim explicou que a Universalis apoia a Associação de Paralisia Cerebral de Guimarães, tendo inclusive proporcionado uma visita da sua equipa à instituição. “Temos também uma enorme preocupação com o ambiente. Na nossa organização gasta-se uma resma de papel de 3 em 3 horas, por isso, temos todo um caminho para percorrer na sustentabilidade e no evoluir para uma operação mais digital”.

“Afirmção da marca no panorama nacional”

Os objectivos futuros para a Universalis e para Fernando Amorim são claros, e o gestor divide-os em duas dimensões. “A primeira, continuar a ocupar um espaço no sector segurador de forma absolutamente diferenciada. Este caminho que estamos a trilhar é um caminho muito isolado, um caminho que procura a diferenciação por atributos que outros nunca escolheram. Há aqui uma clara afirmação da marca no panorama nacional. A segunda, criar uma operação extraordinariamente rentável, que vá libertando riqueza e que permita que nós tenhamos de trabalhar menos (risos). Do lado institucional, uma operação que possa atrair capital e permita que possamos fazer operações de maior envergadura. O mercado está a abrir agora a este processo de consolidação, mas tem espaço para, numa década, se transformar toda a estrutura do mercado, e a própria fileira assumir uma outra forma que não a presente. Há aqui uma década para explorar todas estas oportunidades. A Universalis terá sempre uma palavra a dizer neste processo de consolidação”, termina. ■■





Joaquim Filipe

um exemplo de persistência e determinação além-fronteiras

Natural de Vila Nova de Ourém, foi em França que construiu o seu percurso de vida. Joaquim Filipe passou a fronteira com 18 anos e foi em terras gaulesas que trilhou um percurso de sucesso. A adaptação à cultura francesa não foi um obstáculo e rapidamente foi crescendo profissionalmente. Hoje, com 74 anos, é o rosto máximo da Profil.

Joaquim Filipe nasceu e cresceu na pequena aldeia de Vila Nova de Ourém. Todos os dias vibrava com os cheiros da vegetação, do orvalho, sentindo na face o vento que fazia voar os chapéus dos homens da faina. Tal como a maior parte dos habitantes, os seus pais também viviam da agricultura, sem grandes planos, procurando apenas sustentar os sete filhos. A terra assegurou-lhes sempre a subsistência, por isso, nunca faltou pão em cima da mesa e tinham hortaliças e batatas para dar e vender. As chouriças defumavam lentamente com o fumo da fogueira entre o início de janeiro e meados de fevereiro, a carne de porco abundava na salgadeira e a água cristalina corria no fontanário todo o ano. A pequena fonte fazia o abastecimento da população, servia para saciar os animais do

recolher e ainda chegava para as brincadeiras da pequenada durante o verão. Quando as aulas acabavam, Joaquim Filipe gostava de jogar à bola, de brincar com o pião, mas o maior rodopio era sempre dado nos campos, onde todos os dias, religiosamente, ajudava os pais.

Hoje, recordando as tropelias e aventuras da turma da escola, confessa que foi um aluno “traquina”, mas um trabalhador disciplinado. “Naquele tempo o povo era um bocado mais duro do que é agora, por isso, a professora também era severa e dava-nos os chamados “bolos”. Quando fez 14 anos, pousou definitivamente os livros e agarrou apenas na enxada. O pai de Joaquim Filipe tinha bastantes propriedades na aldeia e o seu dever era ajudar a cultivá-las, trabalhando de sol a sol. Um dia, depois da faina,

Joaquim e o irmão ouviram a história de um vizinho que tinha emigrado para França com um passaporte de turista, acabando por regressar para Portugal pouco tempo depois. O vizinho tinha o passaporte e os dois irmãos partilhavam a vontade de emigrar e trabalhar por terras gaulesas, por isso, decidiram fazer uma pequena troca. O irmão de Joaquim Filipe não teve medo de infringir a lei, optou por correr o risco e comprou-lhe o passaporte de turista. “Passou na fronteira e, não sei como foi possível porque eles até nem eram nada parecidos, mas a polícia viu a fotografia, não detectou o erro e ele passou assim”, recorda. “Ele veio para cá, arranjou um contrato de trabalho e depois o patrão dele enviou-me já um contrato para Portugal”. A viagem de Joaquim Filipe até França foi menos atribulada. Já não





Distributeur officiel de MEO SATELLITE ZON TV CABO

ZON OFFICIEL **TÉLÉ GARE**

meo **TÉLÉ GARE**

TELEVISION HIFI VIDEO MENAGER

Télé GARE
F.DA SILVA
01 42 83 48 46
Depuis 1968

SATELLITE ANTENNES DEPANNAGES

www.telegare.fr
www.artysat.com
www.tv.cabo.fr
Distributeur installateur agréé

TV, LCD et PLASMA des GRANDES MARQUES à PRIX-BAS

VOCÊ ESCOLHE! NÓS INSTALAMOS
1º INSTALADOR EM FRANÇA
UM TÉCNICO AO VOSSO SERVIÇO:
06 14 35 17 28

01 42 83 48 46

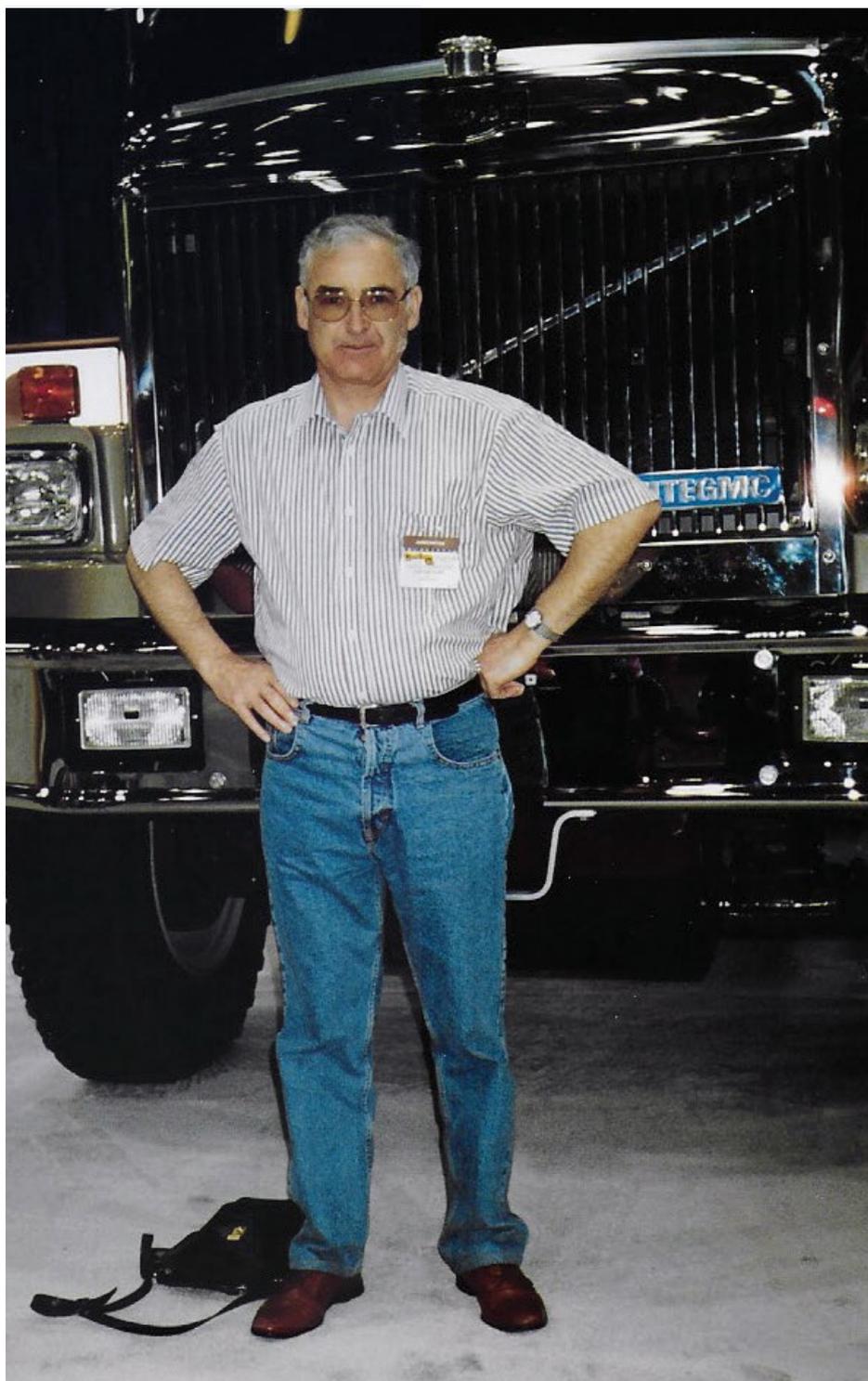
113 bd de Champigny 94100 Saint Maur
Prés gare RER de Champigny & RN4

precisou de fazer a travessia a pé e viajou de comboio legal através da Junta de Emigração de Lisboa. Mas quando chegou a Paris, as dificuldades multiplicaram-se e precisou de coragem para enfrentar a dura realidade do “bidonville” de Champigny.

A adaptação a França

Em 1963 França atravessou um dos invernos mais rigorosos de sempre. Joaquim Filipe chegou à capital francesa no dia 11 de Fevereiro, mais precisamente no Dia de Carnaval em Portugal, mas percebeu logo que ali o tempo não estava para brincadeiras. As temperaturas negativas, as fortes nevadas tinham paralisado completamente a cidade. Apesar da sua vontade, não conseguiu logo começar a trabalhar. Com uma samarra de pele vestida, ia percorrendo as ruas de Paris, observando a paisagem branca e os rios Marne e Seine completamente congelados. “Eu não estava habituado àquelas temperaturas e, alguns dias depois, já tinha a pele das orelhas queimada”, recorda. A sua primeira casa em França foi no “bidonville” de Champigny e, para além do gelo, hoje recorda também a lama e a falta de higiene que sentiu durante dois meses. “Nós saíamos de manhã para trabalhar, mas quando chegávamos ao autocarro já estávamos todos sujos de terra e lama. Havia pouca higiene porque vivíamos em barracas, o povo não punha nada em condições, os ratos eram enormes e até corriam pelo nosso meio, por isso, nunca guardei boas memórias de Champigny e fiquei muito feliz quando consegui sair de lá”, afirma. Mais tarde, o gelo derreteu e Joaquim Filipe conseguiu sair do Bairro de Lata. Foi viver para a casa do irmão situada em Noisy-le-Grand, mas as memórias de Champigny permaneceram congeladas até hoje.

O jovem natural de Vila Nova de Ourém foi trabalhar para a Sociedade Cayatte e Companhia, sediada em Neuilly-sur-Seine. Todos os dias fazia o mesmo movimento pendular para chegar ao trabalho, seguia a rotina imposta pela empresa e provou um rigor diferente dos jovens da sua idade. “Eu apanhava o autocarro até ao Château de Vincennes e depois de lá seguíamos até à Ponte de Neuilly. Demorava todos os dias uma hora para chegar ao trabalho e fiz isso durante quatro anos”, conta-nos. Era um rapaz novo, com apenas 18 anos quando começou a trabalhar na empresa, mas um ano depois já era responsável por uma obra em Noisy-sur-Seine e tinha que liderar uma equipa com membros mais velhos e mais experientes. “Eles já trabalhavam há vários anos na casa e, às vezes, era um bocado complicado. Felizmente consegui criar respeito sem arranjar conflitos com os colegas de trabalho. Eles começaram a ver que eu tinha uma personalidade



“Quando cheguei a França pensava mais na minha vida familiar, em casar e ter filhos, do que propriamente em ter a minha empresa. É verdade que acabou por acontecer, mas inicialmente não era esse o meu objectivo”

forte, que dizia e fazia, por isso, correu tudo bem”, afirma.

Crescimento profissional

A destreza e o empenho de Joaquim Filipe ia chamando a atenção dos seus superiores e, mais tarde, foi convidado pelo director da empresa para ir trabalhar para uma firma italiana, situada em Champigny. Durante quatro anos liderou as principais obras e assumiu importantes responsabilidades, mas depois decidiu ir trabalhar com o irmão que criou uma companhia com o seu nome. Volvidos sete anos, Joaquim Filipe percebeu que tinha chegado o seu momento. Era altura de criar também uma empresa de construção e lançar-se por conta própria. A



Viter foi fundada em 1979 e trabalhou durante 32 anos na região de Paris. Com muito trabalho e dedicação, conseguiu criar do zero um nome que ainda hoje é reputado e que ficou associado às construções de 54 McDonald's na região de Paris. "Ainda hoje muitos clientes e pessoas que me conhecem enganam-se e chamam-me Senhor Viter", recorda. "Mesmo as sociedades grandes tinham medo da nossa concorrência porque eu quando queria um mercado, tinha o mercado. Eu conhecia muita gente e só aqui na região de Paris construí 54 Mc'Donald's e acho que esse foi o meu maior cliente", afirma.

A Viter foi a sua primeira empresa, mas Joaquim Filipe confessa que nunca pensou ser empresário. "Quando cheguei a França pensava mais na minha vida familiar, em casar e ter filhos, do que propriamente em ter a minha empresa. É verdade que aca-

bou por acontecer, mas inicialmente não era esse o meu objectivo", confessa.

Viter, uma empresa de referência

Joaquim Filipe começou praticamente sozinho, dividindo o trabalho apenas com quatro funcionários, mas à medida que a empresa foi crescendo, o número de trabalhadores foi aumentando e chegaram a empregar mais de 40 pessoas. Para além da cadeia de fast-food, o Ministério da Defesa também foi um grande cliente da Viter e o empresário natural de Vila Nova de Ourém também ficou a cargo de grandes construções, algumas delas históricas. Hoje, é com um brilho no olhar que recorda a recuperação do Forte de Suresnes realizada pela sua firma e o momento singular que viveu durante a primeira inauguração, ao lado do antigo presidente de França Jacques Chirac, recentemente

"Mesmo as sociedades grandes tinham medo da nossa concorrência porque eu quando queria um mercado, tinha o mercado. Eu conhecia muita gente e só aqui na região de Paris construí 54 Mc'Donald's e acho que esse foi o meu maior cliente"



Miss Portuguesa 2021

França



2016



2017



2018



2019

Descobre o que há em ti!

— Inscreve-te até 25 de maio de 2021 —

através do email: missportuguesafrance@gmail.com

 Banque BCP	 Lady Lisboa	 PRO.FIL	 Mariano	 VALONGOURO Lda	 PRIM LAND
 LUSOPRESS	 SLCR	 ACA	 Bluetooth	 MENPORT	 PRISCA
			 DELTA	 ALIMENTAR S.A.R.L.	

falecido. “Uma vez eu fui ao Forte de Suresnes assistir a uma cerimónia. Enquanto o presidente Jacques Chirac fazia a visita, caiu-lhe água na cabeça porque ainda existiam algumas infiltrações que não tinham sido recuperadas. Eles atribuíram logo mais fundos para a recuperação daquela parte e eu fiquei responsável pela renovação. Foi um trabalho que custou à volta de seis milhões de francos e, depois daquele, ainda ficámos a fazer outras obras para o Ministério da Defesa”, lembra sorrindo. O currículo da Viter é extenso e apresenta construções conceituadas como os acessos para a Gare de Lyon, mas em 2010 Joaquim Filipe tirou o pé do acelerador, disse adeus à empresa que lhe deu nome e fundou a Profil com uma dimensão mais pequena.

Profil: uma empresa multidisciplinar

Actualmente, o empresário é o gerente e o único sócio da empresa. Apesar da mudança, confessa que graças à qualidade do trabalho, foi possível manter uma boa parte dos clientes antigos. A Profil é uma empresa que divide a sua actividade em três sectores: demolições, obras públicas e espaços verdes. “Nós fazemos todas as grandes demolições de empreendimentos, executamos obras públicas no que diz respeito a canalizações, calagens, estradas, parques de estacionamento e renovamos espaços verdes. Por vezes fazemos construção, mas coisas pequenas de pouca importância, apenas por algum pedido especial”. A empresa continua a ser uma referência na região parisiense e, isso, para Joaquim Filipe, explica-se pela sua experiência. “Considero que sobre estes três sectores de actividade, tenho uma certa competência e prática, porque há muitos anos que trabalho nesta profissão e tenho muitos clientes que preferem a minha empresa e até me pedem conselhos. O meu ponto forte é ter muitos anos de actividade nestes três sectores, conhecer bem esta profissão e, automaticamente, os clientes sabem que tenho capacidade para gerir isso, e também gosto do trabalho bem feito”.

Trabalhou durante muitas horas, abdicou de muitos momentos em família, mas soube sempre distin-



“Quando eu cheguei aqui não tinha nada. Alguns amigos emprestaram-me dinheiro para eu comprar a minha primeira casa porque naquele tempo os bancos e os créditos não funcionavam. Eu chegava a casa com o meu salário, mas ele já não dormia em casa. Ia levá-lo a quem devia”.

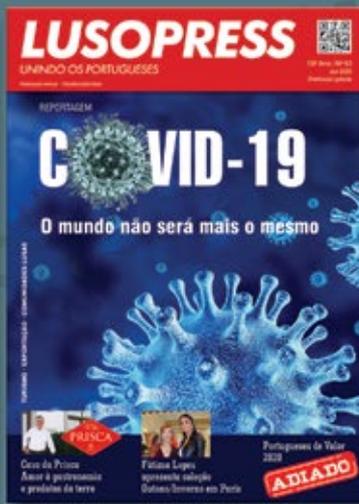
guir a diferença entre ser sério e ter seriedade. “Eu fui sempre um homem direito e gostei sempre de passar com a cara destapada em todo o lado”, conta. Viajou até França com uma mão à frente e outra atrás, precisou de pedir empréstimos para comprar a primeira casa, mas nunca faltou aos seus compromissos e honrou sempre a sua palavra. “Quando eu cheguei aqui não tinha nada. Alguns amigos emprestaram-me dinheiro para eu comprar a minha primeira casa porque naquele tempo os bancos e os créditos não funcionavam. Eu chegava a casa com o meu salário, mas ele já não dormia em casa. Ia levá-lo a quem devia. Eu fui sempre assim e, penso que se toda a gente tivesse esta mentalidade, existiam menos problemas”, afirma.

Actualmente, Joaquim Filipe é proprietário de várias propriedades e terrenos em França e em Portugal e, com 74 anos, continua a trabalhar todos os dias e ainda não pensa em descansar da sua actividade profissional. “Se pensasse em vender certas coisas em França, ia para Portugal agarrar oportunidades imobiliárias de banca, as retomas. O que não me vejo é a levantar-me e a sentar-me à frente da televisão todo o dia. Preciso de uma certa ocupação. Levanto-me todos os dias às 6 horas da manhã e aos sábados também trabalho”, conta orgulhoso.

Trabalho e dedicação são duas palavras que o caracterizam. Preciso de fazer muitos malabarismos para saldar dívidas e realizar sonhos, mas hoje, pousando a caneta que escreve as suas memórias, garante que é um homem feliz, sem arrependimentos.

Desde 1963 em França, Joaquim Filipe divide o seu coração entre os dois países: França e Portugal. “Conheço mais em França, ao nível das leis, e estou mais habituado cá, mas gosto muito de Portugal, gosto de lá ir. Temos um clima formidável e considero que o povo português entre 20/30 anos evoluiu muito. Portugal mudou muito e gosto muito de lá ir para visitar e melhorar o meu português”.

Joaquim Filipe é um exemplo de sucesso dos portugueses além-fronteiras. 



À descoberta de Portugal viva, invista e visite a cidade de Leiria

Leiria é uma cidade cada vez mais atractiva para viver, investir e visitar.

Com uma forte ligação entre a natureza e a cidade, Leiria é, hoje, um centro cultural virado para todas as idades e para todos os gostos. Os leirienses sentem de alma e coração a sua terra, e fazem da hospitalidade um dos seus ex-libris.

A gestão diária do Município está agora a cargo de Gonçalo Lopes.

O novo presidente do concelho, em entrevista à Lusopress, destacou as potencialidades de Leiria, não esquecendo o papel crucial da diáspora portuguesa no desenvolvimento do território.



15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress

Depois de dez anos à frente do Município de Leiria, Raúl Castro abraçou o desafio de deputado na Assembleia da República, tendo-o substituído Gonçalo Lopes. Natural de Leiria, aqui estudou até ao ensino secundário, tendo feito em Lisboa a licenciatura em Economia no ISEG – Instituto Superior de Economia e Gestão. Trabalhou como gestor e consultor nas áreas dos seguros, turismo, agricultura e projectos de investimento comunitários. Foi professor do Ensino Superior nas disciplinas de gestão e turismo, desempenhou o cargo de director regional do Instituto Português da Juventude e foi adjunto do Governo Civil de Leiria. No último mandato autárquico foi vereador da Câmara Municipal de Leiria e administrador não remunerado do Teatro José Lúcio da Silva, da Escola Profissional de Leiria, da empresa municipal Leirisport e da Incubadora D. Dinis. Agora, enquanto presidente da Câmara Municipal de Leiria, dá continuidade a um trabalho já iniciado. “Faço parte da equipa autárquica dos últimos dez anos, portanto durante esse período tive vários pelouros no Município, da cultura à educação, economia, e acumulei sempre com o cargo de vice-presidente. Tenho uma identidade e ligação muito próxima ao projecto que foi liderado pelo Raúl Castro, portanto é a oportunidade de poder dar seguimento a um excelente trabalho que tem sido feito até agora e que teve várias etapas”, começou por esclarecer o autarca. Etapas difíceis, mas que com trabalho e dedicação a autarquia conseguiu concretizar. “Houve uma etapa decisiva que foi salvar a câmara da banca rota com um forte trabalho de recuperação financeira. Depois do saneamento financeiro foi cimentar aquilo que foram as principais prioridades, nomeadamente na área da educação, uma aposta na reabilita-

ção urbana, uma forte aposta na cultura e, naturalmente, estamos agora em condições de dar seguimento a esse projecto, não só lançando as necessárias obras mas também perspectivando o planeamento para Leiria em 2030. Portanto, há um novo desafio de um novo quadro comunitário que é aquilo que nos deve agora centrar neste final de mandato: deixar projectos novos, ideias novas para dar seguimento ao desenvolvimento do concelho”.

As características singulares de Leiria

Leiria tem condições económicas extremamente vantajosas no contexto nacional. É Gonçalo Lopes quem o afirma, plenamente convicto da sua ideia. “Leiria fica situada numa região extremamente desenvolvida em termos industriais. Ficamos numa zona pendular entre Lisboa e Porto, as duas principais cidades, junto ao litoral. A cidade está

neste ecossistema propício às actividades económicas e culturais. Temos, efectivamente a felicidade e a vantagem de estar servidos de condições excepcionais para quem quer viver, para quem quer trabalhar e para quem quer visitar. É um território que podemos dizer que é o El Dorado de Portugal, com enormes potencialidades de crescimento. Esse crescimento tem sido feito sobretudo com a iniciativa privada, com investimentos assentes nas empresas do sector da indústria e agro-alimentar, com o empreendedorismo dos mais diversos empresários e também com um papel fundamental daquilo que é a comunidade emigrante que temos espalhada pelo mundo, e que escolhe a nossa região como região alvo para investir uma parte dos rendimentos acumulados no estrangeiro. Isso é um factor importante de desenvolvimento da nossa região e Leiria tem recebido a confiança de muitos desses emigrantes



onde têm investimento parte importante dos seus rendimentos e da sua riqueza”.

Desenvolvimento da reabilitação urbana

Leiria é conhecida por ter um dos sectores industriais mais importante do panorama nacional, onde se destaca o sector da construção, metalomecânica, exploração de inertes, moldes e plásticos. Aqui, é também forte a vocação exportadora do concelho de Leiria, que torna a região e as empresas vencedoras em períodos de crise. “Quando tivemos o período de ajustamento com a presença na Troika, a região de Leiria conseguiu atingir níveis de desenvolvimento acima da média nacional. Hoje, vivemos uma situação muito tranquila mas muito atenta relativamente ao futuro”, assegura o edil.

A presença de investimentos de emigrantes portugueses em Portugal, decorre muito daquilo que é a parte imobiliária, porque existem condições excepcionais para que esses investimentos aconteçam. O mesmo se verifica também na cidade de Leiria. “Cidades com a nossa dimensão, que são de média dimensão, têm oferta cultural, serviços de saúde e educação muito próximas das cidades mais desenvolvidas do mundo. Estas pequenas cidades como Leiria oferecem condições muito vantajosas para receber pessoas de qualquer parte do mundo. É uma oportunidade poder reabilitar algum do nosso



imobiliário que está degradado. Os nossos centros estão a ser objecto de reabilitação. Começou por Lisboa e Porto que tinham um forte pendor turístico, e as cidades de Coimbra, Leiria, Viseu e Aveiro estão a sofrer agora esse processo. Uns com pendor para habitação, como é o nosso caso, outros para o turismo como é o caso de Coimbra. Estamos a viver um momento de crescimento no que diz respeito à reabilitação urbana, e parte dela está a ser feita por pessoas ligadas à construção que são emigrantes da nossa

região, que conseguiram ter crescimento brilhante nas suas actividades e estão a reinvestir, nunca esquecendo aquela que é a sua terra natal e o seu país de origem”.

Cidade atractiva durante todo o ano

Leiria é, actualmente, conhecida por uma das cidades mais atractivas do ponto de vista cultural. A sua agenda cultural é, hoje, uma referência no panorama nacional, pela diversidade que oferece mas também pela quantidade. Todos os fins-de-semana existe



COUVERTURE · PLOMBERIE · CHAUFFAGE · MAÇONNERIE · ELECTRICITE · DEPANNAGE

Société familiale créée en 1988 spécialisée dans les travaux de réhabilitation et d'entretien du patrimoine pour les plus importants bailleurs sociaux.

Lauréat du Prix MONITEUR National et Région IDF de la construction « Catégorie second œuvre »

Président : Christine FERNANDES DUCROT

Directeur Général : David FERNANDES

Directrice du pôle entretien : Sandra ALVES



STIL IMMOBILIER

GOLFE DE SAINT-TROPEZ



STIL IMMOBILIER, L'AGENCE HAUT DE GAMME POUR DES BIENS DE PRESTIGE Spécialiste en transaction et location d'immobilier de Luxe sur Sainte-Maxime et ses environs, Les Issambres, Saint-Tropez, Plan de la Tour, Gassin et Grimaud. STIL immobilier propose une large sélection de biens de prestige, à la vente ou à la location. Dotée d'un professionnalisme et d'un relationnel particulièrement soigné, l'agence STIL accompagne pas à pas ses clients dans la réalisation de leurs projets. Quotidiennement mis à jour, le site web propose une large sélection de biens à vendre ou à louer, classés selon différents critères d'achat.

STIL REAL ESTATE, THE TOP-OF-THE-RANGE AGENCY FOR PRESTIGE PROPERTIES A specialist in luxury property sales and rentals in the Sainte-Maxime area, Les Issambres, Saint Tropez, Plan de la Tour, Gassin and Grimaud, Stil real estate offers a wide selection of prestige properties, for sale or to rent. The Stil agency has a highly professional team that prioritises customer relations by supporting them every step of the way in carrying out their plans. The website is updated daily and offers a wide selection of properties for sale or to rent, classified according to different purchase criteria.

WWW.STILIMMOBILIER.COM

SERIP-GROUPE
PRESSES - holding

SERIP / PROMOTION IMMOBILIÈRE
2, avenue de la Liberté, 83120 Sainte-Maxime
Tél +33(0)4 94 43 89 15

STIL
immobilier

STIL IMMOBILIER
14, rue Pierre Curie, 83120 Sainte-Maxime
Tél +33(0)4 94 97 56 18 / +33(0)6 23 01 17 16

um conjunto de actividades que permitem a qualquer pessoa que visite Leiria ter contacto com a cultura ou com desporto, sejam eventos gastronómicos, musicais, teatrais, recreações históricas ou desporto automóvel. “É este tipo de agenda, que é conhecida como das melhores de Portugal, que tem atraído muitas pessoas e muitos visitantes a Leiria. Muitos ficam a dormir cá, tendo assim a classificação de turistas e estamos a juntar cada vez mais visitantes e turistas”, reforçou o presidente, enumerando algumas das principais actividades: “em Maio temos a nossa Feira de Leiria, durante um mês com concertos todos os fins-de-semana que mobiliza um milhão de pessoas, com gastronomia da mais requintada que existe no panorama local. É uma das mais antigas feiras do país. Em Junho, iniciamos as actividades de rua com a Festa dos Museus, e a ligação com o Festival A Porta, festival de música mais contemporânea. Temos um Festival Gótico Internacional em Agosto, com música que vem de países de todo o mundo. Em Setembro temos um evento que faz parte do calendário automóvel em Portugal, que tem muitos apreciadores no estrangeiro e que reúne exposições únicas de peças automóveis, muitas de colecionadores que são nossos amigos e emigrantes que colaboram e emprestam as suas viaturas para ficarem expostas. Aí, temos associada uma componente desportiva com uma prova de rally com antigos campeões do mundo. É esta actividade desportiva com a cultural que tem marcado a nossa imagem de marca. Basta dizer que temos em Dezembro o Natal em Leiria, que é um dos mais procurados no contexto da nossa região, uma vez que tem detalhes na decoração, uma agenda de actividades para crianças e famílias, onde inclui a pista de gelo, uma iluminação com concerto pirotécnico inovador. É esse tipo de factores que fazem com que Leiria se prepare para se candidatar, não só Leiria mas região de 26 Municípios, a Capital Europeia da Cultura em 2027. Tem sido esta a dinâmica que coloca a cultura e o turismo como chave para o sucesso do nosso território nos próximos dez anos”.

Todas estas actividades se complementam com a oferta patrimonial existente na região, constituída pelo Castelo de Leiria, principal emblema que está agora a ser objecto de reabilitação para melhorar as acessibilidades. Trata-se de um projecto há muitos anos planeado, e que começou agora a ser concretizado, que irá transformar aquilo que é o acesso a este património histórico. “Tinha sido construído com um objectivo defensivo e de se tornar intransponível para poder defender as pessoas que moravam dentro das muralhas. Hoje, não estando nós num ambiente de guerra, temos de abrir as mu-



ralhas e torná-lo mais acessível para os turistas, muitos deles idosos, para que possam visitar este património único num contexto dos castelos a nível nacional. Paralelamente, temos esta particularidade de, em poucos quilómetros, termos um colar de pérolas de oferta turística muito especial e única no contexto mundial. Estamos perto do Santuário de Fátima, da Nazaré onde existem as maiores ondas do mundo, e de dois monumentos classificados como Maravilhas pela Unesco, como é o caso da Batalha e de Alcobça, o que torna este território especial porque em poucos quilómetros, num dia ou em dois dias poderá percorrer todos estes pontos de interesse. É um argumento muito forte para quem nos visita e que surpreende os turistas estrangeiros”.

Base Aérea de Monte Real é sonho antigo

Hoje, Portugal é um país com um forte pendó turístico. Um dos motivos e uma das áreas que contribuiu para a saída da crise foi o crescimento exponencial do destino Portugal em termos turístico. Muito dinheiro vindo do estrangeiro foi injectado em Portugal, mas para existir turismo internacional é necessário ter condições de acessibilidade e de mobilidade únicas. Aqui, o transporte aéreo é fundamental e é onde entra uma aspiração antiga da região centro: transformar a base aérea de Monte Real em civil. “Existe o Aeroporto de Lisboa sobrelotado, que não consegue receber mais passageiros, o Aeroporto do Porto nas mesmas situações.

Na zona central, entre Lisboa e Porto, há uma região que recebe milhares e milhares de turistas. Basta dizer que Fátima, que é um dos principais argumentos para a existência de um novo aeroporto, recebe sete milhões de turistas por ano. Por isso, existem argumentos para que, entre Lisboa e Porto, possa surgir um pequeno aeroporto associado a uma base militar já existe na vila de Monte Real”, explicou o autarca, identificando as facilidades do processo. “Existe já a pista, a torre, um conjunto de meios técnicos e humanos para operar uma pista militar, mas também agora com uma vocação civil. Aquilo que tem sido a defesa desta proposta junto do Governo é que existe a abertura para se construir uma pequena nave que serve de acolhimento de recepção e expedição de turistas, um terminal que ficaria fora do perímetro militar para não haver contaminação entre os interesses. Ir-se-ia utilizar unicamente a pista para se levantar e aterrar. Já foi experimentado várias vezes, a mais mediática foi em 2017 com a visita do Papa onde aterrou com total naturalidade aquando do Centenário das Aparições de Fátima. Existem condições técnicas para que isso seja uma realidade, com um investimento muito reduzido e com um forte retorno económico para o país e para a nossa região em particular. Esta vontade tem sido uma bandeira muito antiga da região que sofreu uma evolução muito lenta e uma compreensão muito lenta por parte do Governo português, mas no último ano



**Empresa reconhecida
em todas as áreas da
CONSTRUÇÃO**

Gerimos
o seu projecto
desde a
concepção,
coordenação
à realização!



01 64 40 37 45 / 07 82 68 64 06

600 Rue du Tuboeuf - Lot N° 4 · 77170 BRIE COMTE ROBERT

houve um sinal forte e confiança para que pudesse evoluir para a concretização deste sonho através da criação de um grupo de trabalho que reunia o Ministério da Defesa e o Ministério das Infra-estruturas. Hoje, o Governo recentemente empossado deverá dar sequência a esse trabalho e apresentar as suas conclusões, devendo a partir daí realizar o necessário investimento, recolhendo os apoios necessários para que esses investimentos sejam uma realidade. Existe também a oportunidade de ter empresários neste projecto, portanto investimento privado na viabilização desta ambição”.

O contacto com a diáspora

Presidente desde 26 de Agosto, foram já vários os momentos em que Gonçalo Lopes conseguiu contactar com a população emigrante do seu território. “Neste período tive oportunidade de falar já com muitos emigrantes, muitos deles investidores, muitos com vontade de conhecer o novo presidente e de dar apoio a Leiria, disponibilizando-se para fazer parte daquilo que é a nossa ambição para o futuro. A abertura da câmara aos emigrantes tem sido notável. Já sabia que havia este espírito empreendedor da diáspora, mas com esta vontade e entusiasmo que vejo quando falo com alguns é motivador para poder abraçar este projecto com a ajuda deles”.

Desafios para 2020

Inicia-se o primeiro ano civil completo para a presidência de Gonçalo Lopes. Na sua opinião, ano decisivo para concretizar algumas obras que quer desenvolver no contexto da cidade de Leiria, relacionadas com a mobilidade e reabilitação urbana. “São obras que irão marcar o futuro da cidade, uma cidade mais amiga do ambiente e que transfira para as pessoas um bem-estar social e uma qualidade de vida muito superior. Para além dessas obras na cidade, temos obrigação de começar a planear aquilo que será o nosso futuro, com novas ideias, mobilizando a população num processo participativo. Será lançado em Janeiro aquilo que irei denominar como Plano Leiria 2030, onde irei convidar todas as pessoas e instituições a dar contributos para aquilo que será o nosso programa de desenvolvimento para os próximos dez anos, usando também o futuro quadro comunitário para dar suporte a muitas dessas propostas”. Será ainda um ano para, essencialmente, a autarquia apostar na afirmação de Leiria como uma cidade extremamente atractiva no contexto económico e social, ganhando a vontade e o desejo de fixar pessoas jovens, “naquilo que é hoje ter o futuro assente na juventude. Para mim, a juventude é uma inspiração, é aquilo que me garante poder continuar a acreditar em



Leiria e em Portugal, e o nosso grande objectivo é ter condições para poder fixar talento, crianças que possam ser bem formadas e educadas para serem bons profissionais e bons empresários. Criar condições para que Leiria se afirme no contexto cultural, educativo, económico, e que isso consiga ser uma referência da atractividade para quem quer ir morar para Leiria e ter aqui a sua vida”, sublinhou.

Investimento nas pessoas

As pessoas são o principal foco de atenção para todo o executivo. “Dizer que em termos daquilo que é a dimensão económica do Município de Leiria, importa dizer que temos um orçamento municipal na ordem dos 82 milhões de euros que depois, durante o ano, se vê aumentado para cerca de 100 milhões de euros. Esse montante é muito importante para aquilo que são os serviços que prestamos diariamente à população, onde a fatia da educação é a mais relevante. Também apostamos cada vez mais na área do ambiente fazendo a recolha selectiva de resíduos, seguindo muito o exemplo que existe em França, e uma aposta cada vez maior na área da cultura. O nosso investimento é importante para o desenvolvimento do nosso território, mas mais importante é o investimento nas pessoas e naquilo que é a iniciativa e o empreendedorismo e a resiliência da população leiriense. Hoje, as pessoas que não nasceram cá falam com orgulho de Leiria como sendo a sua cidade preferida e esse é o nosso estímulo para poder continuar a acreditar que não só cidades como Leiria têm futuro, como o nosso país, que tem condições excepcionais, para se poder tornar uma referência no contexto de desenvolvimento mundial. Temos pessoas

preparadas, honestas, capazes de desenvolver o país com capacidade de acolhimento e iniciativa económica”.

Melhor museu do mundo

O presidente do Município acredita que o português tem dificuldade em assumir as suas qualidades. E uma prova que contraria esta ideia é a de que, em 2017 “houve um museu português que ganhou o campeonato dos melhores museus do mundo. Classificou-se como o melhor Museu Europeu Colaborativo. Esse museu é o Museu de Leiria. Ganhamos a museus como o Louvre. Um pequeno museu de uma cidade como Leiria conseguiu vencer a museus com milhões de euros de investimento porque conseguiu juntar pessoas de uma maneira humilde, mas de maneira muito trabalhadora, e esse esforço de união fez com que este museu quando fosse visitado pelo júri que tivesse ficado tão surpreendido com a sua colecção e com o envolvimento das pessoas”.

Uma mensagem de abertura

Para terminar a entrevista à Lusopress, o autarca quis deixar uma mensagem especial. “Foi um prazer trabalhar com a Lusopress neste particular que faz um trabalho notável em termos de promoção e de ligação entre Portugal e França através das nossas comunidades emigrantes. Neste momento, queria desejar um bom ano 2020 cheio de saúde e com muito sucesso em termos pessoais e profissionais, e dizer que Portugal é uma porta aberta para receber jovens e menos jovens que queiram vir trabalhar, viver ou visitar o nosso país. Fica o desafio para que possam visitar Leiria, território com condições excepcionais e gastronomia única”, terminou. 

“As viagens são
os viajantes!
O que vemos,
não é o
que vemos,
senão o que
somos.”

Livro do desassossego, 1982

Fernando Pessoa

Vamos viajar sem sair de casa.
Percorrer cidades, mares e montanhas
em cada página. Vamos virar a página,
com serenidade e esperança.

Vamos ler Portugal.



Descubra a sua próxima viagem na sua livraria online preferida.

15 anos unindo os Portugueses
EDIÇÃO
ESPECIAL
100
Lusopress



Grupo DSA, de Arlindo dos Santos, é líder em França em revestimento e renovação de fachadas

Foi em Vale de Cambra que nasceu Arlindo dos Santos, mas é em França que este empresário de sucesso tem construído o seu percurso de vida. Há praticamente quatro décadas em território francês, Arlindo continua a ser o mesmo homem “humilde” e “honesto”, que deixou o país para procurar melhores condições de vida.

John Medeiros™
Jewelry Collections



Made in America. Handcrafted in Rhode Island.

www.JOHNMEDEIROS.com

All Rights Reserved © Copyright 2018 Tahoe Jewelry, Inc.

Arlindo dos Santos chegou a França em Dezembro de 1980, depois de uma viagem que demorou quase dois dias. Pisou o solo francês com precaução, com medo de não encontrar ninguém à sua espera, com receio do território desconhecido. A única certeza que trazia na mala é que era um bom trabalhador. Apesar da tenra idade, com 18 anos já mostrava ser incansável, responsável, íntegro e, se em Portugal era um bom trolha, em França também seria um bom maçõn. Arlindo dos Santos começou a trabalhar para empresas de construção, dando provas da sua qualidade e, em Abril de 1987, decidiu lançar-se por conta própria criando a DSA, um grupo luso-francês, especializado na renovação e revestimento de fachadas. Começou apenas com três empregados, marcando presença em todas as frentes de trabalho, mas hoje já tem mais de 690 funcionários e é no escritório, entre telefonemas e reuniões, que vai passando os seus dias. Arlindo dos Santos lembra que as funções mudaram, mas continua a ser o mesmo homem. De calças de ganga e camisa, vai-se mantendo próximo dos seus funcionários e defende que só trabalhando em equipa uma empresa pode crescer. Quer continuar a ser como aquele rapaz que, no Inverno de 1980, percorreu com cautela as ruas de Paris e como o empresário que hoje prefere estar ao nível dos seus trabalhadores do que mostrar um carro novo.

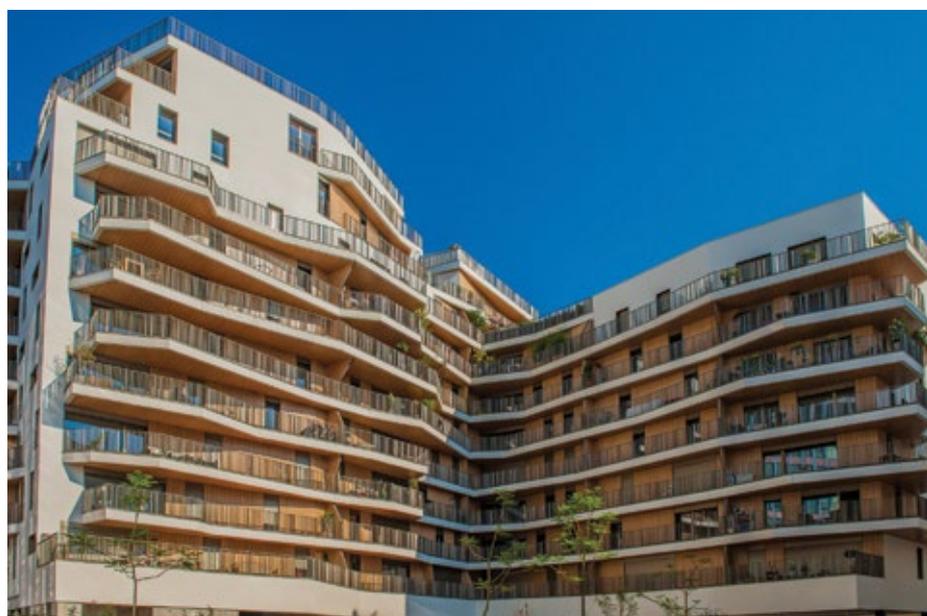
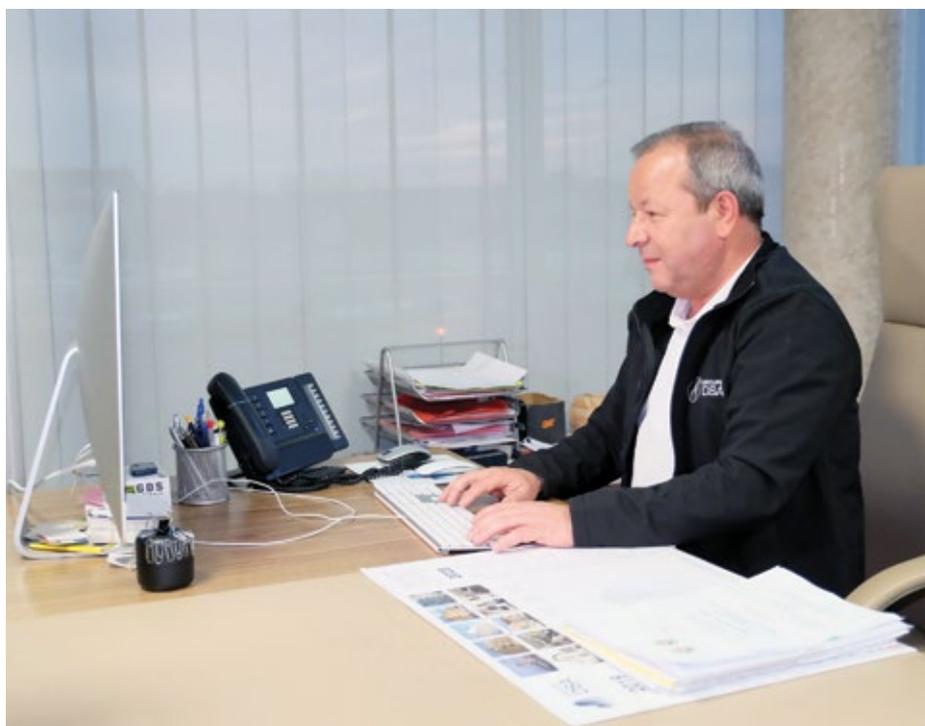
A infância em Vale de Cambra

Os pais “trabalhavam na agricultura em Vale de Cambra como a maior parte das pessoas naquele tempo”, por isso todas as manhãs ia ajudá-los para o campo. Na escola “era raro estar com atenção”, mas infelizmente “registava muito bem o que a professora dizia e, quando os resultados dos exames saíam, era sempre um dos melhores alunos”. As

boas notas nunca impressionaram em casa, até porque os pais de Arlindo não queriam dar diferentes oportunidades de ensino aos cinco filhos, apesar da diferença de idades que os separava. “Eu era o mais novo de cinco irmãos, tinha 18 anos de diferença da minha irmã mais velha, mas o meu pai não viu o mundo mudar. Em 20 anos muda muita coisa, mas ele decidiu para mim o mesmo que para os outros irmãos. Não importava qual era o mais esperto porque tivemos todos as mesmas oportunidades. Era, de facto, uma educação rígida, mas até fez bem porque fez de nós mais homens, ensinou-nos o que é a vida hoje e aprendemos a dar valor a quem nos deu educação”, lembra.

Arlindo dos Santos andou seis anos na escola e, com 13 anos, foi trabalhar como servente para a construção civil. Também gostava de jogar à bola e fez parte do plantel do Vila

Cambrense, mas confessa que tinha pouco tempo para os treinos. Todos os dias, antes de agarrar na pá e na picareta, Arlindo dos Santos trabalhava também com a enxada e ajudava os pais na agricultura. “Naquela altura os tempos eram outros e nós tínhamos que trabalhar. Eu não gostava muito da agricultura, mas era obrigado porque era assim e mais nada”, diz-nos. Durante o verão, no mês de Maio ou Junho, tinha que me levantar cedo e depois ia trabalhar às oito horas. Quando digo cedo, digo às cinco da manhã”. Apesar do esforço, Arlindo confessa que foi sempre ambicioso, desde criança. Não gostava de se sentir dependente dos pais, por isso, quando surgiu a oportunidade de trabalhar em França, no início da década de 80, nem pensou duas vezes. “Eu sempre fui uma pessoa, desde pequenino, que queria trabalhar para mim e queria ganhar dinheiro



e, ao mesmo tempo, queria ser independente. Não queria depender de ninguém porque quando nós não temos dinheiro, dependemos sempre de alguém”, sublinha. Com apenas 18 anos preparou os papéis e emigrou, acompanhado apenas pela ambição de encontrar uma vida melhor.

A chegada a França

A viagem de Arlindo dos Santos demorou quase dois dias e chegou a Paris em Dezembro de 1980, num dia frio de Inverno. “Eu cheguei cá no dia 5 ou 6 de Dezembro de 1980. Sei que nós demorámos quase dois dias a chegar e, naquela altura, o meu medo era não encontrar ninguém quando aqui chegasse. Hoje, muitas pessoas, quando vêm para cá já têm tudo arranjado, mas antigamente não havia nada preparado. Naque-



la altura, felizmente ou infelizmente, não era como hoje, mas também por um lado foi bom porque eu acho que foi assim que nós conseguimos ser grandes e amadurecer um bocadinho para lutar”, recorda. Inicialmente foi viver para casa de um dos irmãos que já estava em França com a família e começou a trabalhar com ele nas obras. Em 1984 a firma fechou e Arlindo integrou a primeira equipa de uma nova construtora, criada pelo mentor e director da antiga empresa de construção. Durante três anos, Arlindo foi um trabalhador exemplar e, em 1987, sentiu que podia dar um salto maior e lançou-se por conta própria. “Em Abril de 1987 organizei-me e comecei a trabalhar sozinho. Foi no dia 6 de Abril de 87 que nasceu o nome “Enterprise de Ravalement dos Santos Arlindo, começando aí a aventura”. Depois, mais tarde, no dia 1 de Janeiro de 1989, eu criei a SARL DSA, surgindo o nome DSA. Comecei com dois empregados, aumentou para três e, em 89, já devíamos ser uns 15 e era melhor ser uma SARL do que uma empresa individual”, explica.

Actualmente, o grupo é considerado um líder em França no mercado do revestimento e renovação de fachadas, dando trabalho diariamente a 750 pessoas. O grupo está sediado em Massy, nos arredores de Paris, mas chega até Bordéus, Toulouse e Marselha. “Fazemos revestimento de fachadas, tudo o que é exterior dos prédios e pavilhões. Foi o que me ensinaram quando cheguei a França”, conta.

Já são mais de 30 anos em que a empresa de construção cresceu muito, mas Arlindo dos Santos não mudou praticamente. Continua a ser o mesmo homem “humilde”, “honesto”, que deixou o país para procurar melhores condições de vida e hoje lembra que, no dia em que assinalou os 30 anos da sua empresa, vários amigos fizeram questão de sublinhar o seu “trabalho” e “personalidade”, recebendo até uma visita inesperada. Arlindo contou-nos, emocionado, que o seu antigo patrão, o chefe que deixou em 1987, foi visitá-lo e também lhe deu os parabéns pessoalmente. “É sinal que eu fui correcto com ele porque devem existir poucas pessoas que fazem isso. Eu nunca lhe tirei clientes e o meu orgulho é esse. 30 anos depois fazer isso é sinal que há uma lealdade fora de série. Às vezes quando um empregado sai de um patrão e se lança por conta pró-



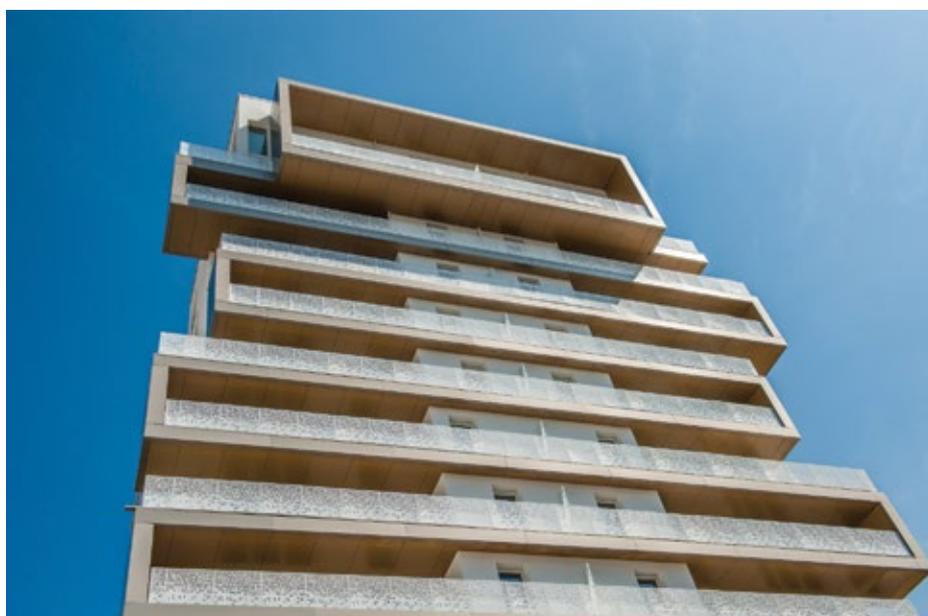
pria, procura logo um cliente em comum e tenta sempre passar por cima das pessoas que o ajudaram, mas eu acho que não se deve ser assim”, afirma.

A confiança conquistada com humildade

O Grupo DSA começou a trabalhar para vários promotores conceituados e, neste momento, apresenta uma carteira de clientes de destaque. Arlindo afirma que conquistou “a confiança destas empresas com humildade” e alguns dirigentes já são amigos de longa data. “Eu conquistei a amizade e a confiança deles, mas depois também tinha que fazer o trabalho com qualidade porque as amizades é uma coisa, mas o trabalho é outra”, lembra. São 32 anos de sucesso, em que o segredo é “a gente ser correcto, sério,

amigo dos clientes e dos empregados, porque o sucesso vem muito graças aos funcionários. O início não foi fácil, os clientes nem sempre eram sérios, mais tarde tivemos de escolher os melhores, e avançar com os melhores. Mas também sem os empregados não era nada também, por isso dou muito valor para eles”.

Em 2004, a empresa abandonou a sede localizada na comuna de Cachan, no departamento Val-de-Marne, e mudou-se para Chilly-Mazarin. Actualmente, o grupo tem novas instalações situadas em Massy, nos arredores de Paris e várias agências espalhadas pela França. Para além da sede, a DSA tem uma agência em Roquefort-la-Bédoule, uma comuna próxima de Marseille, em Eyssines, a poucos quilómetros de Bordéus, e



ainda em Toulouse. O crescimento do grupo é mais do que evidente, mas o empresário garante que não mudou a sua postura, nem personalidade. Hoje já não trabalha nas obras é certo, mas também não coloca uma gravata capaz de o distanciar dos seus trabalhadores. Arlindo prefere vestir a camisola do grupo e ser igual em todos os aspectos. “Eu quero ser um patrão cinco estrelas no terreno, não no modo de viver ou no modo de vestir. Há chefes que gostam de vestir de uma certa maneira e outros que gostam de estar mais perto dos empregados. Eu gosto de estar mais perto dos empregados e talvez seja por isso que consigo mais deles. É como uma união”.

O futuro

Arlindo sabe que “só a coragem e a vontade das pessoas é que podem mudar a vida”. Foi a sua determinação e coragem que o fizeram avançar. Mas, hoje, vê grandes problemas na sua área de actividade. “Cada vez há menos coragem para trabalhar nas fachadas, o futuro será complicado. É uma área difícil, um trabalho um pouco sujo, pouco apetecível para os mais jovens”, conta.

Os dois filhos de Arlindo, Juliette e Roméo dos Santos, já fazem parte da empresa. Juliette foi trabalhar para a DSA depois de ter tirado um mestrado em Finanças e actualmente é coordenadora financeira da empresa. Já Roméo dos Santos está mais focado na projecção do grupo e pretende levar a DSA até “novos segmentos”, alargando as suas competências. Mas, apesar do orgulho que sente ao vê-los empenhados na empresa que fundou, Arlindo não quer impor o testemunho e prefere deixá-los seguir o seu próprio caminho. “Gostava de lhes passar o testemunho claro, mas isso é uma coisa que por enquanto não posso prever ou impor. Os filhos não podem seguir os passos dos pais, podem ter outros percursos melhores ou idênticos. Para mim gostar é uma coisa, obrigar é outra e eu não quero fazer isso. Não os quero forçar a nada e quero que eles sigam o seu caminho normal”, refere.

A “Entreprise dos Santos Arlindo” começou apenas com três empregados, mas determinados e com vontade de avançar. O tempo, fez o negócio evoluir. Hoje, as ideias passam pela consolidação. “A ideia é conciliar a DSA, que fosse ainda mais forte, manter os funcionários todos, e que continuem a trabalhar com gosto, para que tenham um futuro melhor”, conta. 



No centenário do nascimento de Amália, a Delta Cafés celebra intensamente o mais emotivo dos símbolos portugueses. Conheça o outro lado de Amália na exposição "Bem-Vinda Sejas, Amália" que percorrerá intensamente, ao longo de 2020, Portugal.

INTENSA

Amália e Delta, duas marcas que despertam Portugal para a humanidade das emoções, para a verdade dos momentos, para a pressa do futuro, e para a intensidade de fazermos com paixão tudo o que o mundo espera de nós. Porque é disso que a vida precisa.

A vida precisa de intensidade.

INTENSAMENTE *Amália*



**PATROCINADOR OFICIAL DA EXPOSIÇÃO
"BEM-VINDA SEJAS, AMÁLIA"**

Saiba onde em amaliarodrigues.pt/





Cônsul António Moniz de partida de Paris

Entrevista de balanço da sua missão

António Moniz foi Cônsul Geral de Portugal, em Paris, desde Novembro de 2015. O diplomata passou aproximadamente quatro anos ao serviço da comunidade portuguesa aqui residente. Anos de intenso trabalho, que resultaram, como diz, numa melhoria dos serviços consulares.

Segue-se uma nova missão, agora como Embaixador de Portugal em Cabo Verde. Numa entrevista de balanço à Lusopress, António Moniz começou por destacar a vitalidade da comunidade portuguesa.

Quando chegou, em 2015, que imagem prévia tinha da comunidade portuguesa em França? Que diferenças encontra agora, passado quatro anos?

Eu quando cheguei há quatro anos atrás a imagem que eu tinha de comunidade era aquela que me tinha sido transmitida pelos meus antecessores e, portanto, era uma imagem muito positiva, uma imagem de uma comunidade muito numerosa, mas simultaneamente muito bem estabelecida em França, uma imagem de uma comunidade trabalhadora, que é muito bem aceite neste país e cujos filhos, em muitos casos, se sentem completamente integrados. Passados estes quatro anos, para dizer a verdade, a minha imagem não mudou assim grande coisa, porque tudo aquilo que me tinham dito, que me tinham informado eu pude comprovar quando aqui cheguei. Portanto vou-me embora com uma imagem muito positiva da comunidade portuguesa em França, designadamente da área de jurisdição onde me encontro, sendo certo que em todas as áreas da minha zona consular a imagem que eu tenho da comunidade é mais ou menos parecida também.

Que balanço faz desta sua missão?

Neste momento já são quatro anos e dois meses [à data da realização da entrevista - Janeiro 2020] e eu não sou a pessoa mais adequada para fazer o balanço da minha actividade, mas o que eu posso dizer é que encontrei aqui um corpo de funcionários consulares muito motivados que estão sempre prontos a dar o seu melhor. Ainda agora neste período muito difícil que foi o mês de Dezembro, agora está um pouco melhor em Janeiro, mas tive oportunidade de comprovar que são realmente funcionários excelentes. Posso dizer que em Dezembro tive aqui funcionários que acordavam às 4h da manhã para poderem entrar ao serviço às 8h30 devido aos grandes constrangimentos de tráfego aqui em Paris. Portanto, de uma forma global o balanço que eu faço é positivo, acho que houve uma modernização dos serviços consulares. Neste momento eu penso que não há nenhum equipamento aqui no consulado que não tenha sido mudado ao longo destes quatro anos, estamos agora a instalar novos quiosques no cartão de cidadão e no passaporte, foi possível também fazer obras como devem ter comprovado à chegada ao Consulado, onde tivemos que mudar todas as coberturas, tivemos que restaurar e limpar as fachadas, houve um



conjunto muito significativo de obras que foi feito. O apoio que foi dado à comunidade penso que no geral também foi bom, porque os prazos das marcações, apesar de tudo, baixaram bastante, o número dado aumentou tal como a receita consular, e isso também é indicativo que houve uma maior actividade consular. Por outro lado, também faço um balanço muito positivo no que respeita à coordenação com os outros serviços do Estado aqui em Paris. Eu gostaria de recordar que Paris é a única cidade do mundo onde nós temos uma Embaixada e também um Consulado-geral que é equiparado a uma chefia de missão. Posso dizer que ao longo deste período, as relações com a Embaixada foram sempre as melhores, quer dizer, nós trabalhamos em uníssono, apenas como se fossemos uma entidade e o embaixador Jorge Torres Pereira tem feito um trabalho extraordinário. Ele tem visitado todas as áreas consulares em França, ele tem sabido coordenar muito bem com os cónsules gerais e, ainda ontem, tivemos uma reunião relevante com todos os cónsules, cónsules honorários e vice-cónsules que se encontram em França e, portanto, essa vertente é muito significativa porque é apenas com este trabalho de coordenação de todas as instituições do Estado que se conseguem melhores resultados.

Qual foi a maior dificuldade que sentiu nesta sua missão?

A maior dificuldade talvez tenha sido o tran-

sito em Paris, porque realmente como eu me apercebi quando aqui cheguei, os quilómetros pouco interessam, o que interessa é o tempo nos percursos que se fazem. Realmente, agora em Dezembro, para ir a Pontault-Combault que fica apenas a 20km de Paris chegamos a demorar três horas para lá e depois três horas para regressar. Mas também devo dizer, acho que é importante sublinhar, que os meus contactos a nível das autoridades francesas foi, sobretudo, a nível das câmaras municipais, e posso dizer sem qualquer margem para dúvidas, que da parte das autoridades francesas sempre encontrei uma grande abertura, uma grande vontade de apoiar, uma grande vontade de trabalhar em conjunto, uma imagem muito positiva das nossas comunidades. Acho que, praticamente em todas as áreas que eu visitei, os presidentes de câmaras e as autoridades francesas são de uma qualidade excepcional e facilitaram também esta minha missão porque há situações em que nós temos que lhes pedir apoio, como é o caso das presenças consulares. Recordo que temos presenças consulares permanentes em Orleães e em Lille, temos também um escritório consular em Nantes, temos um Consulado Honorário em Tours, e da parte das autoridades francesas sempre houve esse espírito de cooperação e de quererem cooperar com o consulado numa forma muito estreita.

Do ponto de vista cultural, o Consulado foi

um ponto de promoção, mas pensa que pode ter ainda mais um papel activo?

Ainda ontem o senhor Embaixador dizia isso durante a reunião anual que tivemos de coordenação como já referi, os consulados têm um papel importante também na área da diplomacia cultural. Isso vem previsto na própria legislação portuguesa do regulamento consular e aqui em Paris, dada a riqueza cultural desta cidade, eu penso que deve ser a cidade do mundo onde há uma actividade cultural mais activa e mais elevada, é evidente que tem que haver uma conjugação de esforços para levar a cabo e a bom porto todos os projectos. O consulado, juntamente com a Embaixada, têm feito um esforço. O consulado mais na parte de apoio aos eventos da comunidade para ir ao encontro dos pedidos que me são feitos e das expectativas que são realizadas. Eu acho que toda a gente pode testemunhar que ao longo destes quatro anos foram dezenas de actividades culturais que tiveram aqui lugar no consulado. Nós temos muito pedidos e temos procurado sempre dar uma resposta positiva. Eu recordo também que há um regime muito importante de apoios ao movimento associativo que é, de certa forma, controlada pelo consulado, também o próprio cónsul-geral tem que dar o seu parecer relativamente aos projectos que são apresentados. Muitos desses projectos são da área cultural, também há outros projectos da área da cidadania e de outras áreas, mas também posso dizer que ao longo dos últimos três anos nós triplicamos os apoios em valor monetário. Portanto, neste momento, já ultrapassa as duas centenas de milhares de euros, penso que é um apoio significativo para as nossas associações e para a comunidade portuguesa. Gostaria também de sublinhar o papel das associações como agentes não apenas na área cultural, mas que têm uma vertente muito relevante, algumas delas, na área do ensino do português, outras também no apoio à comunidade e que têm



[...] “as relações com a Embaixada foram sempre as melhores, quer dizer, nós trabalhamos em uníssono, apenas como se fossemos uma entidade e o embaixador Jorge Torres Pereira tem feito um trabalho extraordinário”.



um papel de extremamente importante junto das autoridades locais e dos contactos de são feitos com a comunidade portuguesa.

Consegue identificar o momento mais marcante que teve aqui ao longo deste tempo?

Sabe que para um diplomata e para um chefe de missão é sempre muito gratificante ter a visita das autoridades oficiais portuguesas. O senhor Presidente da República, como sabe, esteve cá. Visitou o consulado no ano passado e penso que foi um momento muito marcante, ele esteve aqui para visitar uma exposição que tinha sido organizada pelo consulado, pela Embaixada, e pela Assembleia da República e foi realmente um grande gosto recebê-lo cá. Aliás, também as outras visitas do senhor Primeiro-Ministro para inaugurar o Espaço Cidadão que é o primeiro serviço de Espaço Cidadão fora de Portugal, foi inaugurado aqui no consulado em 2016 e também a visita das outras entidades oficiais. O senhor Ministro dos Negócios Estrangeiros esteve cá duas vezes no ano passado e para não falar nas inúmeras visitas dos Secretários de Estado das Comunidades Portuguesas.

Agora que conselhos pode deixar ao seu sucessor?

O conselho que eu lhe posso deixar é que tenha um espírito de abertura grande relativamente à comunidade. Eu quando digo comunidade na realidade são comunidades porque há vários tipos de comunidades aqui em França, isso também depende um pouco das gerações em que nos situamos. Os portugueses da primeira geração têm características um pouco diferentes dos que já são de segunda e terceira geração, mas no geral eu acho que é importante é de vir para cá com o espírito de abertura, de parti-

cipar, de apoiar, de fazer o melhor possível aqui no consulado porque isto é um trabalho burocrático muito intenso, todos os dias nós temos 600/700 pessoas que vêm aqui ao consulado, para além das solicitações que são feitas por outra via. Mas, apesar de tudo, que faça também o esforço para fora das horas do consulado e também muito aos fins-de-semana para participar nos eventos organizados pela associações, acho que é uma vertente bastante importante. Por outro lado, para não descuidar os aspectos relativos à diplomacia económica e à diplomacia cultural, à questão do português, a promoção da língua portuguesa, que são aspectos de extrema importância em qualquer consulado, não apenas aqui Paris.

Será agora Embaixador de Portugal em Cabo Verde. Como está a encarar esta sua nova missão?

Estou a encarar de forma muito positiva como um novo desafio na minha carreira. Eu lembro-me que há uns anos atrás tive um chefe de missão que me dizia que os diplomatas tinham várias vidas, porque para cada posto onde eram colocados tinham que se adaptar e tinham que renascer porque geralmente as funções são diferentes. Eu acho que em Cabo Verde as funções vão ser um pouco diferentes do que aqui em Paris, desde logo porque a comunidade portuguesa é menos numerosa, e os contactos ao nível político, ao nível das autoridades centrais do Governo vão ser muito relevantes. Agora, de qualquer forma, o objectivo comum é sempre promover a imagem de Portugal e trabalhar com grande motivação para o Estado português. Acho que é uma grande honra para o diplomata e para qualquer funcionário público.

A completar os últimos dias na capital francesa, António Moniz despede-se agradecendo o trabalho da equipa que o acompanhou, mas também enaltecendo o papel da comunidade.

No que respeita à equipa, como eu já disse, é uma equipa excelente e a minha mensagem é de um grande agradecimento. Como sabem, o Consulado Geral em Paris ganhou ao longo destes quatro anos um novo Cônsul-geral adjunto que tem tido um papel muito relevante e determinante, tem dado realmente um grande apoio. Também as outras chefias, o chanceler Leonel Rebelo que trata de toda a parte da contabilidade e da parte organizativa aqui do Consulado, mas também todos os outros coordenadores, como o doutor Joaquim Rosário que me deu um apoio extremamente importante no que respeita ao apoio às associações. A doutora Suzete Simões na parte jurídico-social, infelizmente perdemos recentemente porque teve que se reformar a doutora Regina, mas para todas as outras coordenações do consulado e todos os funcionários um grande grande agradecimento da minha parte porque, como eu já disse, são um corpo excepcional de funcionários. No que à comunidade também um agradecimento, porque eu penso que ao longo destes quatro anos eu e o consulado procuramos dar apoio a essa comunidade, mas por outro lado também tivemos um feedback muito positivo por parte da comunidade. Eu não me lembro de uma única ocasião em que o consulado tenha pedido o apoio a este ou aquele devido a determinadas circunstâncias e que nunca nada nos foi recusado, pelo contrário. Estou muito grato também por toda a atenção dada pela forma como têm trabalhado aqui em França, pela forma como são reconhecidos pelas autoridades francesas, pelo povo francês e pela forma muito positiva como têm sido integrados aqui em França. Por outro lado, a promoção da própria imagem de Portugal que a comunidade dá e prova disso são os números relativamente ao turismo francês, aos franceses que neste momento estão a comprar casas em Portugal, que estão a investir em Portugal, o que é também o reconhecimento da boa imagem têm de Portugal e dos portugueses.

A Lusopress agradece o seu trabalho e deseja-lhe boa sorte na sua próxima missão.

Boa sorte e muito obrigado também à Lusopress porque tem feito um trabalho muito bom ao longo destes anos, e eu próprio sou testemunha de toda a cobertura que vocês têm feito, e de vossa actividade muito aglutinadora de tudo o que se passa na comunidade portuguesa e da valorização que dão a essa comunidade também. Obrigado. 



A opinião de Carlos de Matos por um Portugal melhor

Atento à realidade do país, são vários os assuntos sobre os quais Carlos de Matos tem opiniões a dar. A partir de Leiria, o empresário esteve à conversa com a Lusopress, manifestando preocupações, anseios e posições. Da política à Covid-19 mas, acima de tudo, por um Portugal melhor, Carlos de Matos mostra o seu ponto de vista com independência e liberdade.

Chegou a França com 18 anos, arregalou as mangas e tornou-se num dos grandes empresários portugueses em terras gaulesas. O segredo, esse, foi o trabalho árduo e constante. Agora, já na reforma, decidiu regressar às suas origens. Parar é uma palavra que não entra no seu vocabulário, nem nas suas acções. Foi sempre com olhos postos no presente e no futuro que Carlos Matos encarou a vida. Orgulha-se dos portugueses e de Portugal, mas ao mesmo tempo identifica as diferenças do seu país de origem para aquele que o acolheu. São vários os investimentos que tem realiza-

do em Portugal e, apesar das dificuldades, não desiste de empreender e criar novos negócios no seu país. Apesar de ter morado em França a maior parte da sua vida, Carlos de Matos nunca pediu a nacionalidade francesa. Foi de forma confortável que iniciamos a conversa com Carlos de Matos. Havia muito para falar e muito para ouvir. Preocupações, anseios, desejos e posições invadiam a cabeça do empresário português. Isto porque tem, constante, um olhar atento e crítico sobre a sociedade. São vários os temas que lhe ocupam o pensamento, mas abordamos essencialmente cinco pontos de

conversa: o número e papel dos deputados portugueses, o respeito pelos emigrantes, a força (ou fraqueza) da lusofonia, a economia portuguesa face à Covid-19 e os constantes apoios à banca.

Os deputados portugueses

Não é à toa que este ponto vem à conversa. Nem é à sorte que Carlos de Matos diz o que diz. Antes de olhar para a realidade portuguesa, o empresário comparou com outros cenários – França, Bélgica e Holanda, por exemplo. “Valia a pena começar por dizer que metade dos deputados eleitos para



o Parlamento era mais do que o suficiente. Deviam ser menos, ganhar muito mais, mas serem obrigados a um regime de exclusividade. É inadmissível que além de deputados exerçam outras profissões. É promíscuo e perigoso”. Mas ainda neste ponto, não só Portugal tem deputados a mais, quando comparado com outros Estados Europeus, como a sua proporção não está devidamente dividida. “Deixando a questão do número de deputados é importante referir que os emigrantes nunca foram tratados correctamente pelo poder político. Os governantes só se lembram dos emigrantes na altura das eleições ou quando precisam das remessas de dinheiro enviadas do estrangeiro para o nosso país. É bem verdade que nos últimos anos, com este Governo e este Presidente da República, as coisas mudaram um bocadinho, mas a evolução ainda está longe do que é justo. Veja-se a questão do número de deputados eleitos pela emigração. Não se entende porque a emigração europeia só é representada por dois deputados, ao mesmo tempo que só um distrito de média dimensão tem entre 10 a 12 deputados. Quer outro exemplo que prova que falta ainda fazer muito para acabar com a discriminação negativa da diáspora? Eu dou-lhe outro exemplo: nas visitas de Estado há por regra um cortejo de empresários, nem um é da emigração. Temos de acabar com estas injustiças”.



O exigido respeito pela emigração

Carlos de Matos viveu durante longos anos na primeira pessoa o papel da emigração. Sabe o que é abandonar o país a salto, sabe o que é estar num país desconhecido sem falar a língua, sabe o que são as verdadeiras necessidades. Ainda assim, Carlos de Matos encarnou o verdadeiro espírito de emigrante, arregaçou as mangas e ultrapassou todas as dificuldades com trabalho e persistência. Foi em França que construiu vida, assim como milhares de portugueses. Mas nunca, em momento algum, virou as costas à sua pátria, muito pelo contrário. O empresário

“São vários os investimentos que tem realizado em Portugal (...) Apesar de ter morado em França a maior parte da sua vida, Carlos de Matos nunca pediu a nacionalidade francesa”.



entende, por isso, que pela importância social, económica e financeira que a diáspora representa para Portugal, merecia um Ministro única e exclusivamente vocacionado às comunidades portuguesas. A quantidade de portugueses que se encontram espalhados por esse mundo é mais do que suficiente para um Ministério que os tutelasse e seria uma forma de consideração, “mais do que justa”, pelo interesse que os emigrantes têm para Portugal. Um apelo e sugestão de Carlos de Matos, para que numa próxima legislatura, seja um ponto a ter em consideração.

Moçambique e a Lusofonia

A questão de Moçambique não é indiferente a Carlos de Matos. Foi neste país que cumpriu o serviço militar obrigatório. Foi incorporado a 24 de Abril de 1973. Obteve o posto de Primeiro-cabo e foi destacado para a guerra em Moçambique, na província de Tete (Cahora Bassa), a 15 de Fevereiro de 1974, onde esteve até 17 de Fevereiro de 1975, tendo passado à disponibilidade logo depois no mês seguinte de Março. O que para muitos foi uma experiência traumática, para Carlos foi o melhor momento da sua vida. “Em Moçambique, eu tinha a ideia de ir à caça, mas em tempo de guerra o Comandante não deixava ninguém sair sozinho. Tive de assinar um papel como desertor para poder ir, mas conseguir ir à caça todo o tempo de guerra”.

Hoje, quando olha para os países lusófonos, Moçambique é o caso que mais o preocupa. “Está a ser alvo de um grupo terrorista, com ramificações internacionais, ligado a movimentos de religiosos fanáticos. A situação é dramática, as populações estão a sofrer muito. Repare que Moçambique tem sido alvo de sucessivos ataques terroristas, supostamente ligados a um grupo islâmico, que têm dizimado regiões muito pobres, comprometendo todo o já difícil processo de desenvolvimento deste país. Está em causa a soberania de um Estado e a segurança de toda uma região. Longe dos holofotes internacionais, Moçambique está entregue à sua sorte, num processo que poderá conhecer uma perigosa escalada de violência com impactos gravíssimos que podem alastrar a vários países. Só um movimento internacional liderado por Portugal poderá trazer um novo horizonte à tragédia que ameaça Moçambique. Portugal, que tem o privilégio de ter um português à frente das Nações Unidas, não pode continuar a ignorar as suas relações históricas de grande amizade e solidariedade com Moçambique”, deixou o alerta.

A oportunidade da Covid-19

É a crise por que todos estamos a atravessar. Mas, na visão de Carlos de Matos, a pandemia de Covid-19 pode ser vista como uma oportunidade para a economia portuguesa. “Esta pandemia é uma oportunidade para

Portugal olhar para a sua capacidade produtiva, apostar na agricultura e pescas, mas também na reindustrialização. Não podemos estar tão dependentes do estrangeiro. Com a pandemia, toda a fileira de material de proteção tem um enorme potencial de crescimento, como é o caso de vestuário para os profissionais de saúde, das máscaras e das viseiras. A verdade é que se perdeu muito tempo, mas ainda vale a pena olhar para todas as oportunidades que se abrem. Em poucos meses, Portugal pode reconfigurar os seus sectores produtivos, contrariar a crise com a especialização em novas áreas e com os seus produtos de qualidade ajudar o mundo a vencer o maior desafio deste século. Esta crise aponta um caminho claro: é preciso apostar nos produtos portugueses, da agricultura às pescas, da indústria ao comércio e serviços, temos que ter mais ambição. Não estamos condenados a entrar em recessão, não teremos necessariamente de voltar atrás. As lições da história dizem que quem sobrevive num mundo em mudança não é o mais forte mas sim quem melhor se adapta às novas realidades”.

Os sucessivos apoios à banca

Os apoios à banca é um dos pontos que mais revolta Carlos de Matos. “São o maior escândalo desde o 25 de Abril. Devia ser criada uma comissão de peritos das melhores universidades, com especialistas nas áreas

de economia e finanças, para que todos os portugueses soubessem quantos milhões têm sido desviados para a banca. Os nossos bancos vivem na manjedoura de benesses únicas, com administradores e quadros de primeira linha com grandes ordenados e chorudos prémios de gestão, mesmo em casos de prejuízos, num sistema onde sempre que há falências quem paga é o povo. Este sistema é uma anedota, um roubo consentido e incentivado por um sistema que explora o povo, os mais desfavorecidos, com a cumplicidade e gestão dos políticos.

Os bancos sabem ... se a coisas correrem mal, se estiverem a caminho da falência, o Estado envia um colete salva-vidas carregado de milhões e garantias. E todos vão andando, cantando e rindo. Assim não é possível um país andar para a frente, assim estamos sempre a marcar passo ou a andar para trás”, comenta.

Hoje, com 68 anos, Carlos de Matos continua a dizer aquilo que pensa, sem medos nem receios. Sempre em prol dos emigrantes mas, acima de tudo, por um Portugal melhor, o empresário continua na frente da luta pelo desenvolvimento do nosso país. 



CONSULADO-GERAL DE PORTUGAL
EM PARIS

Apoios a ações e projetos do movimento associativo 2021

Candidaturas abertas

Decorre entre 01 de outubro de 31 de dezembro o período de apresentação de candidaturas a apoios do Ministério dos Negócios Estrangeiros a ações e projetos do movimento associativo das comunidades portuguesas no estrangeiro, a realizar no ano de 2021.

Para obter o formulário de candidatura, informação detalhada sobre a formalização do processo e exemplos de candidaturas, siga este código QR.

Pode também solicitar informação para cgparis@mne.pt





“Somos a História” Lusitanos de Saint-Maur

Mapril Baptista é o rosto máximo do Lusitanos de Saint-Maur para a época que agora inicia. O presidente escolheu o treinador Adérito Moreira para liderar a equipa e espera levar o Lusitanos a bom porto. Mais que uma subida de divisão, a palavra de ordem é estabilização. Perante sponsors e imprensa foi apresentado o plantel para a época 2020/2021. O primeiro jogo da época disputa-se a 22 de Agosto.

Foi dado o pontapé de saída para a época desportiva 2020/2021 do Lusitanos de Saint-Maur. Jogadores, equipa técnica, direcção, sponsors e imprensa reuniram-se no restaurante Plaisir du Portugal para a apresentação da equipa. A primeira novidade e principal diferença para a época transacta prende-se com a mudança efectuada na equipa técnica. Adérito Moreira foi o homem escolhido pelo presidente Mapril Baptista para levar a bom porto os objectivos do Lusitanos de Saint-Maur. Para além das qualidades enquanto treinador, foi a sua condição de adepto e apaixonado pelo clube que fizeram a diferença. Adérito Moreira retorna assim a uma casa que bem conhece, tendo já aqui sido jogador e treinador, com a esperança e ambição de fazer o melhor pelo Lusitanos. “O meu primeiro grande objectivo é estabilizar o clube e a equipa neste nível. Temos de trabalhar, mas a pensar no futuro. Depois, se estivermos no 1º lugar, todos ficaremos contentes. Mas, para já, o primeiro objectivo é colocar a equipa no caminho certo para no futuro subir de divisão”, começou por dizer Adérito Moreira, que tem 100% da confiança do presidente Mapril Baptista: “Estou convencido que é o homem certo. Foi uma decisão difícil porque tinha em leque treinadores muito interessantes, mas a escolha do Adérito foi a mais acertada tendo em conta a situação.





Precisamos de organizar a equipa, seleccionar jogadores e ele é um homem da casa”.

Grupo B da Nacional 2

Aquilo que todos ambicionam saber, foi revelado. O Lusitanos de Saint-Maur irá disputar o grupo B na Nacional 2, enfrentando algumas equipas conhecidas da temporada passada, como o Belfort, Bobigny, Epinal, Haguenau, Lens B, Reims B, Saint-Quentin, Schiltigheim e Sedan. Mais a Nordeste, encontrará equipas como Beauvais e l'Entente SSG. As reservas de Metz e Auxerre são novidades no calendário, assim como a viagem à Córsega, Ajaccio, face ao Gazélec, relegado esta época à Nacional 2. Por fim, a partida

frente ao l'Atlético Paris 13 (ex-Gobelins), irá permitir vários encontros de jogadores dentro de campo de caras bem conhecidas – Moreira, Dexet, Thetika, Ramos, Saki, Cissé. “Todos esperávamos conhecer o grupo que iríamos jogar. Sabemos que é um grupo difícil, mas todos seriam, independentemente de ser o grupo A, B, C ou D. É um grupo difícil e importante, mas também sabemos o que somos que os outros respeitam e sentem medo”, comentou o treinador. Por seu lado, Mapril Baptista, presidente que arranca para sua segunda época nesta condição, mostrou-se contente com o grupo que saiu em sorteio. “Estou a gostar das equipas com quem vamos jogar. É evidente que

não vai ser fácil, no ano passado também não foi, mas acredito no treinador e no plantel. Estou confiante e feliz, temos bons jogadores”.

Plantel 2020/2021

Assim que começou a trabalhar no Lusitanos de Saint-Maur, Adérito Moreira começou a delinear a equipa para a época que agora se inicia. Ao seu lado, como adjuntos, estão Nahim Rouabah, Ronald Zizi e Eric Michel. No que aos jogadores diz respeito, Adérito explicou como delineou o plantel. “Há sempre uma primeira análise do grupo, mas depois existem algumas etapas de estratégia de recrutamento. Temos de ver as oportunidades





de jogadores interessantes, temos de analisar o budget disponível, encontrar jogadores de bom nível, os reforços e aproveitar alguns jovens. Tivemos muitos jogadores que quiseram assinar contrato com o Lusitanos de Saint-Maur, tivemos de aproveitar essas oportunidades. Acima de tudo temos uma boa colaboração com o staff do clube, para que o jogador sinta o projecto como um todo". Desta forma, e até ao fecho desta edição, constam na listagem do plantel os seguintes jogadores: Agbre Dassé Stephane, Aly Yirango, Bouchard Alexandre, Solal Pelmard Bassi, Azrack Mahamat, Barrada Abdel, Beziouen Farid, Boudjemaa Damien, Brandon Thetika, Bruno Gonçalves Fernandes, Dexet Florian, Hugo Chambon, Idris Kaded Benoit, Joseph Atangana Belibi, Malivai Daninthe, Manuel da Silva, Moreira Wilson, Niakate Issa, Patrick Etshimi, Valter Viegas, Robin Moreira, Maxime Fouhoue Taba, Hamidou Ba, Glody Mavinga, Enzo Kimbembe, Ousmane Sané, Marco Martiny e Baba Sylla.



O apoio dos sponsors e da comunidade portuguesa

Numa altura em que todos os clubes vivem uma situação complicada, devido à pandemia de Covid-19 e consequente interrupção dos campeonatos da época passada, o apoio dos sponsors torna-se vital para a sobrevivência de qualquer equipa. O Lusitanos de Saint-Maur continua a contar o apoio dos seus principais sponsors da época pas-

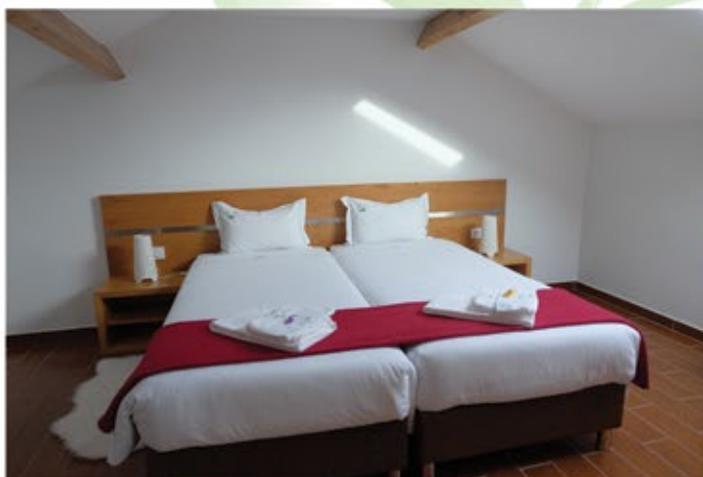


*"Da simpatia do anfitrião,
da comodidade do apartamento"*

*"Limpo e arrumado. Bom espaço.
Jardim encantador para comer.
Estacionamento fácil"*

Gîtes des Sablons

Champagne - Marne



Gîtes des Sablons

4 rue des Sablons
51700 Chatillon sur Marne

06.76.63.48.35

<http://sarlpjm.wixsite.com/sablons>





sada, empresas muito ligadas à comunidade portuguesa, das quais se destaca o Groupe Saint-Germain, a Les Dauphins, a Bluetooth, a Eurelec, MRTI e Centralpose. “A crise sanitária complicou bastante, mas temos a sorte de continuar com o apoio dos sponsors do ano passado, que querem continuar a ajudar”, explicou o presidente Mapril Baptista, que revelou ainda que o orçamento anual do clube ronda um milhão de euros.

A presença de adeptos nos estádios está, até ao momento, proibida devido às questões sanitárias impostas pela pandemia de Covid-19. Trata-se de uma medida difícil para todos os clubes, visto que é das bancadas que provém o apoio e motivação para as vitórias. Esperando que esta medida possa ser levantada o mais rápido possível, o treinador Adérito Moreira faz um apelo à comunidade portuguesa: “perdemos no passado muitos adeptos do Lusitanos que precisamos recuperar. É um trabalho longo, mas é importante que o façamos. O facto de termos alguns jogadores portugueses já é uma ajuda para que a comunidade se interesse um pouco mais pelo clube. Com uma boa equipa que estamos a construir, os adeptos vão-se





*Femme enceinte
Nouveau né
Bébé
Smash the cake
Prince & Princesse
Mère & fille / fils*



Christelle,

30 ans, graphiste de formation et photographe autodidacte je vous accompagne dans les plus beaux moments de votre vie...

« une image vaut mieux que mille mots » alors je vous laisse regarder mon travail...



06 52 03 58 67 **YES!**

instant *Sublime*

@instantsublime-photographe.fr
f www.facebook.com/Instant.sublime.photographe
i Instant.sublime.photographe

sentir chamados ao jogo. Já recebi muitas mensagens de adeptos, e espero poder alcançar o objectivo de ver 10 ou 15 mil pessoas nas bancadas”.

Também Mapril Baptista apela para que os portugueses dêem as mãos ao Lusitanos de Saint-Maur. “Os Lusitanos nunca precisaram tanto de apoio como agora. Precisamos dos portugueses à nossa volta para que possamos melhorar dia após dia”.

Lusitanos: um pouco de Portugal em França

Não é apenas uma equipa de futebol. O Lusitanos de Saint-Maur carrega consigo uma história muito para além das quatro linhas. É um símbolo da história da emigração portuguesa para França na década de 60. “Este clube está perto de onde eu vivo, é uma equipa que sempre acompanhei. Conheci todos os presidentes que estiveram à frente do Lusitanos. Tem uma história enorme, foi constituído em 1966, na altura da emigração portuguesa e isso significa muito. Era uma altura onde a França era pobre, uma época difícil, com muitos portugueses a chegar. Ainda hoje tenho uma admiração enorme pelas pessoas que constituíram esta associação. O Lusitanos lembra e representa a história da emigração portuguesa em França, portanto para mim era importante que este clube continuasse a ser maior e, por isso, vamos tentar fazer o melhor possível para a equipa continuar a aproximar-se cada vez mais dos portugueses em França”, contou Mapril Baptista.

Fernando Sargossa, José Luis Guarda, José Lebre e Manuel Neto juntaram-se em 1966 e criaram o Lusitanos de Saint-Maur. Um grupo de emigrantes portugueses em França que partilhavam a paixão pelo futebol. Os seus nomes ficarão para sempre nas páginas da história do clube.

O Lusitanos é um clube com raízes portuguesas, e para Mapril é uma característica que deve ser mantida e reforçada ao longo dos anos. “Eu tenho observado o Lusitanos há muito tempo, e é verdade que é mais fácil ir buscar jogadores franceses ou de países de volta da França, mas neste momento queremos voltar um pouco atrás, não podemos esquecer que o Lusitanos foi constituído em 66 no tempo da emigração. É evidente que é um clube francês, mas nós queremos voltar aos jogadores portugueses”. 



SAINT MAUR 2020/2021

GUARDA REDES
GUARDA REDES
GUARDA REDES

AGBRE DASSÉ STEPHANE
ALY YIRANGO
BOUCHARD ALEXANDRE
SOLAL PELMARD BASSI
AZRACK MAHAMAT
BARRADA ABDEL
BEZIOUEN FARID
BOUDJEMAA DAMIEN
BRANDON THETIKA
BRUNO GONÇALVES FERNANDES
DEXET FLORIAN
HUGO CHAMBON
IDRIS KADDED BENOIT
JOSEPH ATANGANA BELIBI
MALIVAI DANINTHE
MANUEL DA SILVA
MOREIRA WILSON
NIAKATE ISSA
PATRICK ETSHIMI
VALTER VIEGAS
ROBIN MOREIRA
MAXIME FOUHOUÉ TABA
HAMIDOU BA
GLODY MAVINGA
ENZO KIMBEMBE
OUSMANE SANÉ
MARCO MARTINY
BABA SYLLA

STAFF DESPORTIVO

TREINADOR ADERITO MOREIRA
ADJUNTO NAHIM ROUABAH
ADJUNTO RONALD ZIZI
ADJUNTO ERIC MICHEL

TEAM MANAGER / COORDENADOR DESPORTIVO

MANUEL DOS SANTOS

ACA FRANCE

GÉNIE ET CONSTRUCTION

**O FUTURO É AGORA.
ESTAMOS A CONSTRUI-LO!
L'AVENIR C'EST MAINTENANT.
NOUS LE CONSTRUISONS!**

OBRA / CHANTIER
MARSEILLE ILOT 3BB

108 Rue Denis Roy
95100 Argenteuil
FRANCE

T. +33 (0) 171 681 066
F. +33 (0) 171 681 065

aca@grupo-aca.com
grupo-aca.com

ACA
GRUPO



Grande entrevista a

Luís Marques Mendes

“Portugal não é um sítio, é uma nação”

Fomos recebidos com grande disponibilidade pelo homem que tem prendido ao ecrã grande parte dos portugueses no seu espaço de comentário político na SIC. Nesta conversa com Luís Marques Mendes, advogado e político, falou-se de tudo um pouco. Debateu-se o papel das comunidades da diáspora portuguesa e o futuro da Europa. Conversou-se sobre a possibilidade de um crescimento exponencial da extrema-direita em Portugal e analisou-se a importância dos acordos alcançados em Bruxelas face à crise provocada pela pandemia. Como não podia deixar de ser, o antigo líder social-democrata comentou ainda a possibilidade de uma eventual candidatura à Presidência da República. Uma entrevista franca, aberta e profunda a uma das vozes mais influentes da actualidade na sociedade portuguesa.

“**O**s nossos emigrantes saíram de Portugal, mas Portugal nunca saiu deles”. Considera que é dado aos emigrantes o reconhecimento que eles merecem, quer pelo poder político, bem como pela opinião pública?

Julgo que sim, embora estas questões são sempre relativas. Admito que os nossos emigrantes e as nossas comunidades lusas entendam que é sempre possível fazer mais e melhor e, por isso, são exigentes e reivindicativos. O poder político em Portugal tem feito tudo quanto





é possível e necessário para fortalecer as ligações entre o país e os portugueses espalhados pelo globo. Nos últimos anos, acredito que em Portugal tem sido muito mais valorizado o papel fulcral das comunidades portuguesas no estrangeiro. Por exemplo, a comemoração do 10 de Junho, Dia de Portugal, das Comunidades e de Camões, passou a ser celebrado no território nacional e, ao mesmo tempo, no estrangeiro junto das nossas comunidades.

Acha que o actual Presidente da República foi o principal responsável pela acentuada valorização que se tem sentido das nossas comunidades portuguesas espalhadas pelo mundo?

Não diria que foi o único responsável pela valorização acentuada que se tem sentido nos últimos tempos das comunidades portuguesas. Houve antigos Presidentes, provenientes de diversos quadrantes políticos, que também se empenharam na valorização da diáspora portuguesa. Não há nenhum Presidente da República que não dê importância, significado e valor aos emigrantes. Contudo, o professor Marcelo Rebelo de Sousa tem talvez um maior talento e imaginação em comparação aos seus antecessores. A sua sensibilidade relativamente às comunidades lusas teve aqui uma inovação que é mais significativa do que algumas feitas no passado. Eu penso que não é demérito dos antigos Presidentes, mas sim um mérito reforçado do actual Presidente. Eu acho muito positivo que a sociedade portuguesa passe a ter, num contexto global, uma maior atenção, ligação e relacionamento com as nossas comunidades residentes nas várias partes do mundo. Segundo o meu julgamento, a decisão de comemorar o 10 de Junho juntamente com as nossas gentes, que estão espalhadas pelo mundo, revela que o actual Presidente é verdadeiramente o “homem da diáspora”.

Considera que a actual composição parlamentar, constituída por quatro deputados, tem o justo equilíbrio da representatividade dos portugueses na diáspora? Acha que esta situação deveria ser reformulada?

Se olharmos para esta questão de forma superficial, obviamente que quatro deputados para representarem milhões de portugueses emigrados parece muito limitado. Porém, as nossas regras legais e constitucionais não permitem que a situação seja diferente. De qualquer forma, acho que esta questão deve ser colocada numa outra perspectiva. Não creio que apenas os quatro deputados da emigração sejam os únicos representantes das comunidades portuguesas. Acredito que todos os outros deputados que são eleitos em Portugal continental, caso esteja em causa qualquer matéria relativa aos emigrantes portugueses, terão a mesma sensibilidade, a mesma disponibilidade e abertura que um deputado eleito pelo círculo da emigração. Ou seja, a questão das comunidades lusas não é um “gueto” político. Todas as forças políticas estão de acordo quanto à importância da diáspora. Todos os deputados, quer sejam eleitos pelos emigrantes, pela Madeira ou por Viana do Castelo têm a mesma sensibilidade. Com certeza que os quatro deputados têm um papel importante, sobretudo na proximidade com as comunidades, a nível de deslocações para o exterior, visitando com mais regularidade e facilidade os portugueses que vivem no estrangeiro.

Eu considero que esta questão, actualmente, é relativamente redutora. Nos dias que correm, Portugal tem uma grande atenção para com a diáspora, quer seja nos Estados Unidos, em África ou na Europa. Segundo a minha visão, acho que acabou aquele período que existiu antes e, até alguns anos depois do 25 de Abril, em que a diáspora foi desvalorizada, minimizada e esquecida. Mesmo já em democracia, esta atitude manteve-se e não se deu a atenção que se impunha dar às comunidades lusas. Mas nas últimas déca-

Houve antigos Presidentes, provenientes de diversos quadrantes políticos, que também se empenharam na valorização da diáspora portuguesa. Não há nenhum Presidente da República que não dê importância, significado e valor aos emigrantes.



das esta atitude para com os emigrantes mudou muito e evoluiu. Por exemplo, eu, pessoalmente, estou à vontade para falar deste assunto, porque quando fui membro do Governo na década de 90, fui também responsável pela criação da RTP Internacional, em 1992. A minha ideia foi utilizar a televisão, aproveitando o poder da imagem, para aproximar os portugueses do continente e os que vivem fora de portas. O telejornal português chegou pela primeira vez à Venezuela, ao Brasil, a França. Há quem diga — e até eu às vezes penso — que deveria ter acontecido mais cedo, mas neste caso prefiro usar a velha máxima “antes tarde do que nunca”. O mesmo se passa com as actuais celebrações do Dia de Portugal junto dos emigrantes, que hoje tem uma maior pujança — poderia ter sido mais cedo? Sem dúvida, mas mais “vale tarde do que nunca”. A questão dos deputados eleitos pela emigração figura na mesma lógica. No futuro, poderemos ter mais de quatro deputados representantes da emigração? Sim, talvez um dia, mas actualmente vejo as coisas de uma forma mais positiva. Posto isto, quero dizer que a diáspora faz parte da vida quotidiana da generalidade da sociedade portuguesa.

Como olha para o surgimento de ideologias de extrema-direita em Portugal — uma sociedade historicamente caracterizada pelos “brandos costumes”?

Pessoalmente não estou preocupado com isso. Considero que não temos um crescimento exponencial da extrema-direita em Portugal. Pelo menos, não há nenhum dado relevante que aponte nesse sentido. Continuamos a ser um país de “brandos costumes”. Actualmente, vemos um crescimento da extrema-direita um pouco por todo o mundo. Em Portugal, podemos afirmar que há um partido mais próximo da dita extrema-direita. Contudo, nunca tinha existido até à data nenhum, portanto é natural que acabasse por surgir. Até poderá eleger mais deputados nas próximas eleições, mas é impen-

sável achar que vai ter um crescimento hegemónico e significativo. Em primeiro lugar, o Chega tem subido nas sondagens muito à custa do chamado “efeito novidade”. Enquanto esta condição perdurar, é expectável que continue a crescer, mas uma vez que termine esta ideia de novidade, é natural que a popularidade diminua. Em segundo, este partido alimenta-se um pouco do descontentamento decorrente dos partidos tradicionais fazerem uma oposição fraca, algo “frouxa” — que é a principal crítica que se faz actualmente ao PSD e CDS. Mas este estilo mais frágil de fazer oposição há de mudar um dia e quando os partidos tradicionais adoptarem uma posição mais assertiva, interventiva e forte na sua postura política, o Chega perderá muito espaço de manobra. Ou seja, numa palavra: Portugal não é um país de radicalismos, extremismos ou vocacionado para ter uma extrema-direita forte e significativa, como é, por exemplo, a França. Em Portugal, não vejo sequer condições para que a extrema-direita nos próximos anos se consiga afirmar. A extrema-direita em Portugal é completamente residual, porque somos um país moderado.

Considera Portugal um país racista? Acha que a televisão tem um papel pedagógico nesta questão?

Essa questão é fácil de explicar. Penso que não somos um país racista, mas obviamente que pontualmente há comportamentos racistas. Na generalidade, os cidadãos não são racistas. A esmagadora maioria dos partidos políticos abomina qualquer ideia de racismo. O povo português convive muito positivamente com o multiculturalismo. Obviamente, que por vezes há comportamentos excepcionais de racismo em Portugal, aliás, como existe em qualquer parte do mundo, mas não é suficiente para alterar a componente integracionista global do povo português. Acho que nesta matéria, a própria sociedade portuguesa tem conhecimento das regras, da forma como agir com as outras comunidades e está mesmo vocacionada para integração



saudável das várias comunidades. Por exemplo, na Grande Lisboa, onde existem maiores fenómenos de multiculturalismo, convivem comunidades muito distintas entre si e quase sempre de forma pacífica, ocorrendo excepcionalmente algum problema. Por outro lado, olhamos para os Estados Unidos da América, o país líder do mundo e “modelo” para muitas pessoas e gerações, tem comportamentos de violência e racismo que são completamente inaceitáveis no século XXI. Seguramente não podemos considerar que está tudo feito e é importante que continue na senda da pedagogia, do serviço público e do esclarecimento e exercício cívico. Relativamente ao papel da televisão nesta questão, acho que é a televisão pública que tem de fazer o papel de pedagogo porque há uma grande diferença entre as estações privadas e as públicas. A televisão pública, ou uma parte significativa da mesma, é financiada pelo Estado, tendo uma almofada acrescida e, por isso, tem a responsabilidade de fazer o chamado serviço público. Neste caso, do domínio privado da televisão, dou o exemplo da SIC. A estação de Paço de Arcos criou há uns anos a SIC Notícias, que no plano da informação é um canal que faz serviço público. Reparem, este canal não tem qualquer financiamento público, no entanto, é um verdadeiro referencial de serviço público.

Acha que os apoios dados pelo Governo à comunicação social para fazer face aos prejuízos provocados pela pandemia foram distribuídos de forma justa e proporcional pelos vários órgãos de comunicação?

Esse apoio não foi dado apenas à TVI e à SIC. Por princípio, não sou adepto que o Estado apoie a comunicação social, salvo alguns momentos e situações absolutamente excepcionais. Considero que este tipo de medidas, de alguma forma, condiciona e estabelece dependências, limitando a própria independência dos órgãos de comunicação, mesmo que não seja essa a intenção prática da medida. Em

“A situação do Novo Banco é muito difícil. [...] Caso não fosse criado o Novo Banco, as perdas dos clientes do Banco Espírito Santo seriam muito superiores em relação às perdas que efetivamente ocorreram”.

qualquer circunstância, posso compreender que a pandemia foi um momento muito singular. Porém, quando se abre a porta da excepcionalidade corre-se o risco de polémica, controvérsia e injustiças. Quando olhamos para os dados dos valores fica-se com a impressão de que houve alguns meios que receberam apoios excessivos, enquanto outros deveriam ter recebido apoios mais substanciais e isso não aconteceu.

No caso da TAP e do BES, ficou a pairar na generalidade da sociedade portuguesa um certo sentimento de impunidade na resolução destes processos. Acha que a “culpa morreu solteira” nestes dois casos?

Penso que não. A situação do Novo Banco é muito difícil. No fundo, o Novo Banco é o herdeiro do antigo BES que abriu falência há seis anos e este é o facto gravíssimo deste processo. Caso não fosse criado o Novo Banco, as perdas dos clientes do Banco Espírito Santo seriam muito superiores em relação às perdas que efetivamente ocorreram. Claro que se perdeu bastante, mesmo com a criação do



BATIPOSE

TAILLE - RETAILLE
RESTAURATION - CREATION

www.batipose.com

*La pierre,
un art,
un métier...*

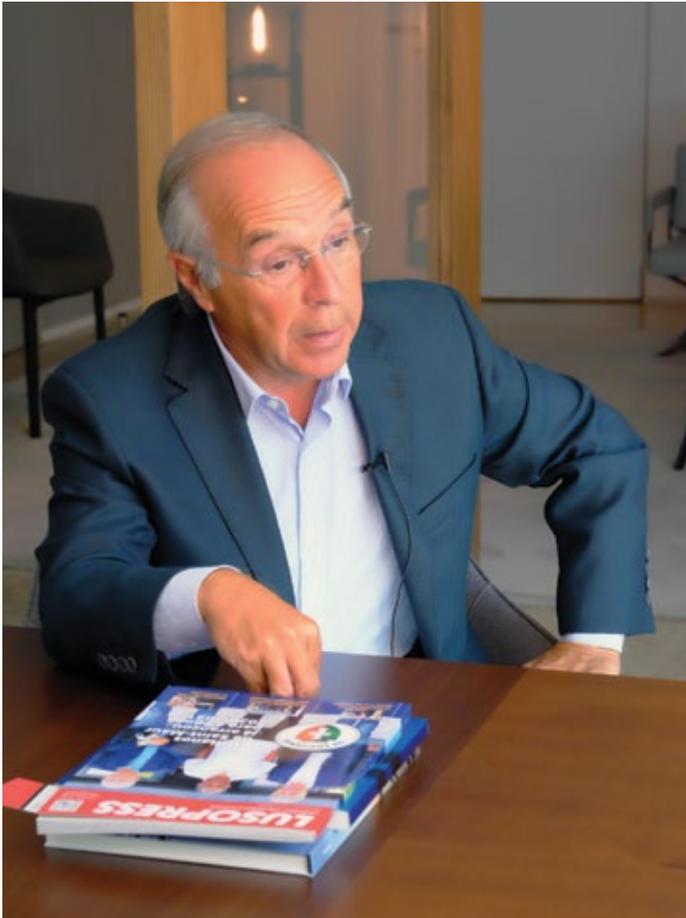


■ *Joaquim BARROS - Président D. G.*

■ *José BRANCO - Directeur Travaux* ■ *Victor de MELO - Directeur technique*

Agence commerciale : 36, rue Lamirault Bat gauche C4 - 77090 COLLÉGIEN

Tél. 01 40 43 43 40 - Fax 01 40 43 43 49 - contact@batipose.com



Novo Banco, mas note-se que o BES é o banco mais comercial em Portugal, portanto a sua falência absoluta representaria uma grande quantidade de pessoas a entrar em insolvência. Se o BES falisse, os lesados provenientes da falência seriam muitos mais do que os actuais afectados. O aspecto mais grave do caso BES foi o banco ter ido à falência e as autoridades de fiscalização não terem percebido o que se passava. Para perceber a dimensão do problema é preciso compreender que a criação do Novo Banco foi um mal menor. O Estado injectou dinheiro, de forma directa ou indirecta, no banco. Obviamente, esta é uma situação má, mas se não injectasse capital público o problema seria uma verdadeira calamidade. Se o Estado não tivesse intervindo no banco, seria uma catástrofe porque resultaria no despedimento de milhares de funcionários, os depositantes seriam altamente penalizados e muitas empresas seriam arrastadas com o BES para a falência.

Assim sendo, julgo que há que punir os responsáveis. Mas, na verdade, este processo culminou numa investigação do Ministério Público, da qual resultou a acusação de Ricardo Salgado e de outras pessoas. Pode dizer-se que demorou muito tempo, mas também por culpa das autoridades estrangeiras que demoraram algum tempo a fornecer informações essenciais para o processo. Neste caso, considero que há algum exagero no julgamento público levado a cabo por parte da sociedade civil, pois nem tudo correu assim tão mal.

Se pensarmos de forma ponderada, se o BES tivesse falido, como qualquer outra empresa que perde condições, era uma calamidade para muito mais pessoas. Se o Estado não tivesse financiado o banco, a situação seria bem pior porque esta instituição bancária teria desaparecido. O BES estava por detrás de uma quantidade enorme de pequenas e médias empresas, por isso a sua falência seria um rude golpe na economia nacional. Podemos afirmar que este caso é bastante relativo. Nesta matéria recorro que durante o mandato do antigo presidente norte-americano George W. Bush, a Lehman Brothers faliu, e esta insolvência abriu uma crise brutal em todo o mundo. Hoje qualquer autoridade nos EUA, se pudesse voltar atrás, não tinha deixado cair a Lehman Brothers. Agora imagine que tínhamos deixado falir o Banco Espírito Santo — no dia seguinte, milhares de pessoas iriam perder tudo. A solução encontrada pode não ser a melhor, mas é um mal menor. É a diferença entre termos um problema ou uma catástrofe. É como ter uma pequena ferida, que se cura em alguns meses, ou termos um cancro que mata efectivamente. Em relação à TAP, julgo que os problemas que a companhia agora enfrenta são exclusivamente decorrentes da pandemia. A crise sanitária que atravessamos fez com que a aviação parasse em todo mundo, obrigando todos os governos a apoiar com capital as várias companhias. É certo que somos um país pequeno e é natural que a nossa companhia de bandeira não tenha a mesma robustez financeira de uma Lufthansa (companhia aérea alemã). Por isso, a intervenção estatal na TAP terá de ser mais violenta, à escala da nossa dimensão, quando comparada com intervenções de outros governos em companhias estrangeiras.

Considera que a solução desenhada pelo Governo para a TAP foi a mais adequada?

Não acho que a solução do Governo tenha sido desequilibrada. Acho que foi equilibrada, porque era muito difícil fazer diferente, uma vez que ambas as alternativas eram péssimas. Pondo em perspectiva, uma das resoluções hipotéticas para a TAP era a falência. Esta solução arrastaria para insolvência milhares de empresas, que dependem desta companhia. Esse cenário iria criar um desemprego brutal e seria um verdadeiro desastre para a nossa economia. Não podemos pensar que são só os dez mil trabalhadores da TAP. A outra alternativa seria a nacionalização. Bom, já ficou provado, ao longo dos anos, que o Estado não tem vocação para ser dono. Acho que neste momento existe uma quase nacionalização, porque o Estado tem 70% do capital da empresa, mas com a lógica de que é uma condição transitória, que durará apenas durante o actual período. Acho que não é uma solução brilhante, contudo quando se actua em desespero de causa não há soluções perfeitas. Na globalidade, acho que qualquer executivo faria o mesmo na TAP que este Governo fez.

Para si, qual foi o papel da Chanceler Angela Merkel e do Presidente Emmanuel Macron no acordo europeu para os fundos de recuperação económica face à crise provocada pela pandemia?

Acho que tanto Angela Merkel, bem como Emmanuel Macron, são os dois pilares da Europa. O grande problema para o velho conti-

pela sua **saúde** e pela
saúde dos seus clientes
*grelhados na brasa
sem chama e sem carvão!*



GRESILVA

Inovação em
Grelhadores

www.gresilva.pt

Lisboa - 219 628 120
Porto - 229 829 947/8



SAVEURS DU MONDE

O' Fado market

Epicerie - Produits d'ailleurs - Rôtisserie - Plats à emporter



Spécialités portugaises, italiennes, asiatiques, brésiliennes, espagnoles...

04 94 45 54 30

244, route du Plan de la Tour - 83120 Sainte Maxime

ofado83@gmail.com -  O Fado Epicerie



nente será quando estes líderes saírem dos lugares que ocupam. A Europa é um projecto essencial, como foi no passado, é no presente e será no futuro, porém este continente está envolto em várias crises há muito tempo. A Europa vive em dificuldades de identidade e necessita de resolver alguns problemas específicos. Perante a actual crise pandémica, a Europa tinha somente duas posições: ou havia uma solução global, profunda, séria e com capacidade de intervenção, ou então a União Europeia desmembrava-se. No início da pandemia, havia o sério risco da Itália abandonar a CEE, corria-se também o perigo de alguns países verem o populismo a crescer e as divisões seriam brutais. Se não se tivesse alcançado este entendimento, segundo a minha sensação, acho que poderia ter sido o fim do projecto europeu e isso seria uma catástrofe sem precedentes. Neste quadro, o eixo franco-alemão foi verdadeiramente indispensável. Na minha opinião, há muitos anos a esta parte, a Europa vai bem quando o eixo franco-alemão funciona e as coisas correm mal quando este mesmo eixo desaparece, não funciona ou está gripado. Eu considero que a pandemia poderia ter destruído a União Europeia. Acredito absolutamente que devemos a continuidade da UE à Chanceler Angela Merkel e ao Presidente Emmanuel Macron. Tenho a convicção plena que, com a intervenção do eixo franco-alemão, a Europa ganhou mais força, maior vigor e futuro.

Portugal vai exercer a presidência do Conselho da União Europeia em 2021. Tem algum conselho que quer deixar a António Costa para a condução deste cargo?

Eu não dou conselhos [risos], mas tenho a certeza de que Portugal vai fazer uma boa presidência. Sempre realizámos boas lideranças na Europa, quer com o professor Cavaco Silva em 1992, bem como com António Guterres e até recentemente com José Sócrates. Acho que esta característica tem que ver com alguns aspectos fundamentais. Em primeiro lugar, somos um país genuinamente europeu — o espírito europeu está enraizado na maioria dos portugueses. Além disso, temos uma diplomacia excepcionalmente profissional e muito competente, independentemente dos Governos que estejam no poder. Em terceiro lugar, os políticos portugueses têm sempre a noção de que quando há uma presidência lusa, as coisas têm de correr bem. Têm esse orgulho. Quando falo numa boa presidência, refiro-me, mais concretamente, a uma liderança capaz de afirmar o prestígio da União Europeia. Há também outras especificidades, como por exemplo, a re-

“Sempre realizámos boas lideranças na Europa, quer com o professor Cavaco Silva em 1992, bem como com António Guterres e até recentemente com José Sócrates”.

lação com África, as preocupações com as alterações climáticas, a energia e o ambiente.

Como deverá ser feito o controlo financeiro dos fluxos de capital vindos da União da Europeia para combater a crise que se avizinha?

Neste momento ainda é um pouco prematuro fazer este tipo de previsões. Portugal está a ultimar o plano de recuperação, que tem de ser aprovado internamente, depois tem de ser proposto à União Europeia e, mais tarde, há-de ser aplicado. A primeira versão já é conhecida, e até recolheu um certo consenso, mas, neste momento, falta fazer o mais difícil, que é saber quando e onde se vão gastar os fundos. Contudo, considero que se vai aprender com os erros do passado.

Acha que a saída do Reino Unido foi um rude golpe para a sustentabilidade da União Europeia no futuro?

Na questão do Brexit, julgo que não se “deve chorar pelo leite derramado”. Com certeza que é mau para a UE, que o Reino Unido tenha abandonado, mas a saída já está consumada e agora estão em negociações para estabelecer as relações futuras. E note-se que a Inglaterra continua a ser fundamental para o futuro europeu, como são outros países que também não fazem parte da União Europeia, como a Noruega e a Suíça.

A diáspora portuguesa parece ter sido esquecida no documento de visão estratégica para o plano de recuperação económica, encomendado pelo Governo ao professor António Costa e Silva. Como vê esta situação?

O documento, da autoria do professor António Costa e Silva, ainda se encontra em consulta pública, ou seja, ainda pode sofrer alterações. Se existe essa lacuna em relação à diáspora portuguesa, eu julgo que deve ser corrigida. As comunidades portuguesas são essenciais para o desenvolvimento do país. Um programa estratégico do Estado não pode excluir a vertente estratégica da diáspora.

Está a percorrer um caminho idêntico ao de Marcelo Rebelo de Sousa, com um passado no PSD e agora estabelecendo-se como comentador televisivo. Pensa, num futuro próximo, candidatar-se a



GROUPE
ARTHUR BRAS
BÂTISSEUR D'EXCELLENCE



De retour à Vémars, le **Groupe Arthur Bras** vous propose de découvrir son nouveau concept de **Résidences et Maisons de GRAND STANDING**.

D'un aspect architectural résolument contemporain, cet ensemble immobilier s'intègre parfaitement dans un environnement agréable et préservé. Bordé de forêts et de champs, tout en ayant accès à moins de 5 mn à l'A1 pour **PARIS** et l'aéroport **CDG**. Cette situation géographique de premier choix assure un avantage certain à ces logements pour y vivre à proximité de son travail ou pour répondre à la **forte demande locative** du secteur.

« **Les Villas** » représente **35 MAISONS** parfaitement intégrés dans un ensemble harmonieux où plusieurs résidences de petite taille sont construites par le Groupe Arthur Bras, Promoteur/Constructeur.

Vous aurez le choix entre 4 modèles de 86 à 106 m² habitables plus garage

Ces maisons seront livrées clé en mains avec les prestations haut de gamme.

Pour les résidences, vous pourrez découvrir **nos STUDIO, F2 et F3** agrémentés pour certains de Jardins, balcons ou terrasses avec vue sur le parc.

L'accès sécurisé, l'ascenseur et les parkings en sous sol font parties des nombreuses prestations que nous vous proposons de découvrir en contactant notre service commercial.

D'autres programmes en cours de commercialisation.

Groupe Arthur BRAS

3 avenue Albert 1er - 60 300 SENLIS

Tél : 03 44 57 70 15 / Fax : 03 44 57 56 86 / Mail : arthur.bras@wanadoo.fr / Site : www.arthur-bras.com

INFO/VENTE

06.87.83.77.79 et 06.81.02.68.96

PERFIL

Luís Marques Mendes é um político e advogado português. A política corre-lhe nas veias, pois é filho de um antigo dirigente do PSD, António Marques Mendes e irmão mais velho da deputada do PSD, Clara Marques Mendes.

Marques Mendes é licenciado em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra. Tendo uma carreira assente maioritariamente na actividade política, foi ainda Secretário e Adjunto do Governo Civil do Distrito de Braga, advogado na comarca de Fafe, consultor jurídico da EFACEC. Presidente do Conselho ENSINO e administrador executivo da Nutroton Energia. Apesar destes cargos, foi a sua vida política, feita no PSD, que o fez saltar para as luzes da ribalta. O advogado teve um longo percurso governativo, integrando os três Governos do professor Cavaco Silva, sendo os dois primeiros como secretário de Estado e o último como Ministro-adjunto. Fez parte ainda do Governo de Durão Barroso, onde assumiu a pasta dos Assuntos Parlamentares. Liderou os sociais-democratas quando estes eram oposição ao Governo socialista de José Sócrates entre 2005 e 2007.

No plano mais pessoal, foi agraciado com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique a 6 de junho de 2008. Em 2016, tomou posse a 7 de abril como Conselheiro de Estado, designado pelo Presidente da República Marcelo Rebelo de Sousa. Porém, já tinha exercido funções de Conselheiro de Estado na legislatura de Pedro Passos Coelho, entre 2011 e 2015. Actualmente, é comentador no “Jornal da Noite” na SIC aos Domingos.



Presidente da República?

Não, isso não está sequer no meu horizonte. O percurso até pode ser semelhante, contudo a conclusão pode ser diferente. Curiosamente, eu e o professor Marcelo Rebelo de Sousa somos amigos há muitos anos, mas, ao contrário do que possam pensar, somos diferentes. Eu tive uma vida muito virada para actividade política. Eu fiz vida política durante 22 anos consecutivos e fui governante durante algum

tempo. Por sua vez, o professor Marcelo esteve o grosso da sua vida na Universidade. Fomos os dois comentadores, mas o professor é uma espécie de Papa do comentário político. Pessoalmente, acho que ele era melhor comentador do que eu. No geral, somos parecidos em algumas coisas, diferentes noutras, mas a nível de qualidades [Marcelo Rebelo de Sousa] é muito melhor do que eu. Além disso, acho que o professor Marcelo Rebelo de Sousa, nos últimos anos de comentador,

BAZZI
Maison Fondée en 1927

ENTREPRISE GÉNÉRALE DE PEINTURE

Qualibat 6112

Tél.: 01 64 26 65 10
Fax: 01 64 26 65 11

Z.A.E. DES TUILERIES
11, RUE DES NONETTES
77500 CHELLES

C&C

CABRAL & CARVALHO BATIMENT



**. Nous faisons
tous les types
de logements
. Clé en main**

C&C
CABRAL & CARVALHO
BATIMENT

16, Rue du Commerce
ZA Camp. Ferrat · 83120 Sainte Maxime
06 21 48 11 90 | 04 83 09 09 61
cabralcarvalho01@gmail.com



já tinha a ambição de ser candidato a Presidente da República — uma intenção absolutamente saudável e legítima. Eu não tenho essa vontade. Fico muito lisonjeado por haver muita gente em Portugal considerar que tenho capacidades para o cargo e que deveria ser candidato presidencial. Mas posto isto, reitero que não faz parte das minhas ambições, nem expectativas, candidatar-me à Presidência.

Concorda com a recandidatura de Marcelo Rebelo de Sousa à Presidência da República?

Acho normalíssimo que ele se recandidate. Acho que é muito importante para Portugal que Marcelo Rebelo de Sousa volte a ser Presidente. Diria mesmo que alguém que fez um mandato excelente, em circunstâncias tão complexas, tem a obrigação de se recandidatar. Segundo a minha opinião, o mandato de Marcelo Rebelo de Sousa tem três pontos capitais durante estes cinco anos. Logo no início do mandato, a geringonça dividiu o país ao meio. Na altura, Portugal estava tão radicalizado como estão hoje os EUA. Marcelo Rebelo de Sousa teve o talento, o engenho e a arte de unir o país e terminar com essa críspação. A meio do mandato houve uma tragédia traumatizante em Portugal — os incêndios de Pedrógão Grande, que vitimaram centenas de pessoas. Curiosamente, o Governo não foi feliz a reagir e teve de ser, uma vez mais, o Presidente a unir o país e a evitar o aparecimento de radicalismos. O terceiro momento foi a pandemia, sendo esta outra situação imprevista. As coisas correram bem em Portugal, no âmbito do combate à propagação do vírus. Obviamente muito por mérito do Governo e de António Costa, porém Marcelo Rebelo de Sousa teve uma decisão fulcral ao decretar o Estado de Emergência, ao qual o Governo começou por torcer o nariz. Ou seja, o Presidente teve três momentos capitais, mais ou menos, divididos ao longo do seu mandato. Acho que o Professor vai recandidatar-se e sair pela porta alta daqui a cinco anos e meio.

Para concluir a nossa conversa, tem alguma mensagem que gostaria de deixar à nossa comunidade portuguesa espalhada pelo mundo?

Sim, e com todo o gosto. Aproveito esta oportunidade para deixar uma mensagem de solidariedade e confiança para todos os meus concidadãos espalhados por todo o mundo. Digo solidariedade porque Portugal não é apenas um sítio, é uma Nação. E quando digo Nação, não me refiro apenas a este “retângulo” onde eu me encontro instalado. A Nação portuguesa é constituída por cada português e por cada comunidade que, em todos os cantos mundo, trabalha e da mesma forma honra e prestigia o nome de Portugal. Por todo o mundo, onde há um português, sente-se e vive-se Portugal. Todos temos de ser solidários, uns com os outros. A solidariedade é uma avenida com dois sentidos: é a solidariedade dos portugueses para com o país de onde saíram, e é a solidariedade de Portugal para com as suas comunidades, que não podem ser esquecidas nem desvalorizadas. E, finalizando, quero deixar uma palavra de confiança. O momento que vivemos em Portugal, na Europa e no resto mundo, com esta dita maldita pandemia é, sem dúvida, um momento muito difícil. Estamos a viver uma situação imprevisível. É uma crise de saúde pública, económica e social, que acarreta grandes consequências, sobretudo em termos de desigualdade social e psicológica. Nós temos de ser capazes de ultrapassar esta fase, seja com ou sem vacina, temos de ser capazes. Não podemos deixar este vírus vencer a nossa força, o nosso orgulho, a nossa vontade e o nosso espírito. Eu acredito que nós, portugueses, que já vencemos tantas crises no passado, também havemos de vencer esta que vivenciamos. E por isso, quero deixar a todos, não apenas uma palavra de solidariedade amiga, como de confiança activa no futuro. ■■

ÉPOCA BALNEAR EM VILA DE REI!

ATREVA-SE A DESFRUTAR...



PRAIA FLUVIAL DO BOSTELIM
. BANDEIRA AZUL . BANDEIRA «PRAIA ACESSÍVEL»



PRAIA FLUVIAL DAS FERNANDAIRES
. PRAIA «QUALIDADE DE OURO»



PRAIA FLUVIAL DO PENEDO FURADO
. FINALISTA DO CONCURSO «7 MARAVILHAS - PRAIAS DE PORTUGAL»



ZONA BALNEAR DA ZABOEIRA
. PRAIA «QUALIDADE DE OURO» . PRAIA «ZERO POLUIÇÃO»



PISCINA DESCOBERTA MUNICIPAL



PRAIA FLUVIAL DO PEGO DAS CANCELAS



BRIE—COMTE— ROBERT
RUE GUSTAVE EIFFEL, 2/4
FIX / FAX: 01 64 88 92 20
MEUBLESCARLA@GMAIL.COM

www.meublescarla.com



*Todo o tipo
de móveis,
cozinhas e sofás
à sua medida!!!*





Entrega e montagens grátis.

França, Suíça, Luxemburgo e Portugal

Daniel Bastos



Erosão, um projeto de valorização da identidade cultural da emigração

Na freguesia de Cepães, uma freguesia do concelho de Fafe, situada no distrito de Braga, com intensa atividade industrial e aptidão agrícola, ao longo dos últimos três anos tem sido dinamizado um original projecto comunitário em rede que envolve toda a comunidade local em torno da história e memória da emigração.

Partindo dos percursos migratórios do final do século XIX e do século XX para o Brasil e França, assim como das expressões materiais e simbólicas do ciclo de retorno dos emigrantes que marcam indelévelmente a região do Vale do Ave. E em particular o concelho de Fafe, contexto que impeliu o município minhoto a instituir no alvorecer do séc. XXI o Museu das Migrações e Comunidades, o grupo local EnfimTeatro, núcleo dramático da Sociedade de Recreio Capanense, está a desenvolver desde o primeiro trimestre de 2017 o projeto comunitário Erosão, tendo em vista a dinamização de atividades culturais nas áreas do teatro e cinema.

Tendo como objetivos capitais o desenvolvimento, formação, divulgação, produção e ação artística, cultural e educativa, através de um amplo, exigente e democrático acesso à cultura. O EnfimTeatro tinha projetado para o final deste ano em que se assinalam os 25 anos da morte de Miguel Torga, um dos mais influentes escritores portugueses do século XX, cujo percurso de vida e literário foi marcado pela sua experiência nos anos 20 como emigrante no Brasil, o lançamento do filme Erosão.

Esta dinâmica de trabalho, que não é imune aos efeitos da pandemia de coronavírus que um pouco por todo o lado tem contribuído para o cancelamento ou adiamento de eventos e iniciativas que integram os planos anuais de muitas associa-

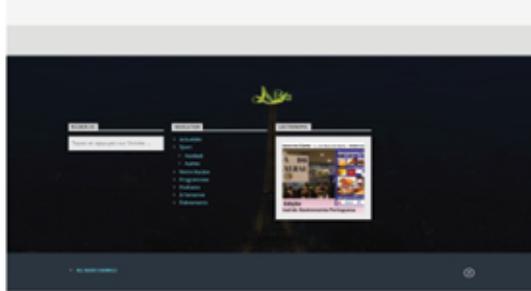
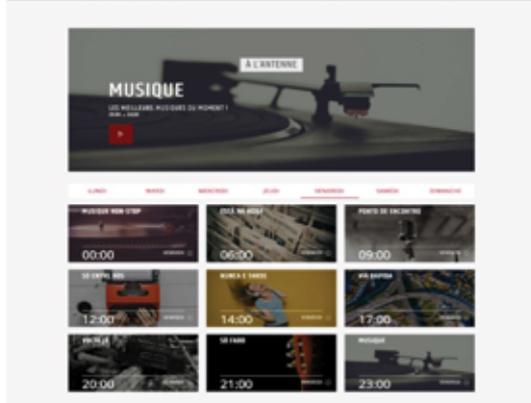
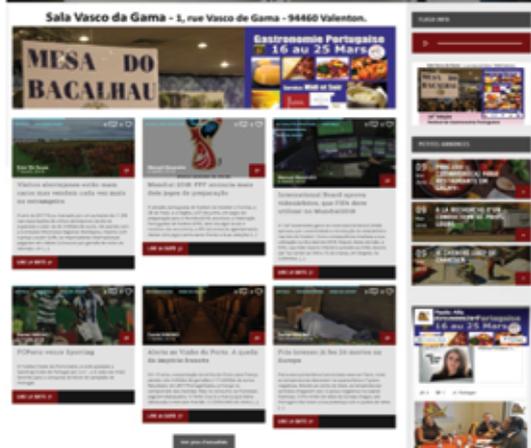


O historiador Daniel Bastos (esq.), cujo percurso tem sido alicerçado no seio das Comunidades Portuguesas, acompanhado em 2018 dos responsáveis do projeto comunitário Erosão, José Rui Rocha e Nuno Pacheco, na Sociedade de Recreio Capanense, no âmbito de uma conferência sobre a Emigração Portuguesa

ções, assenta no pressuposto basilar que a comunidade é protagonista. Pelo que, os termos viagem, emigração, esperança, utopia, tradições, memória, identidade e património são os pilares fundamentais da estrutura do argumento do filme que funciona simultaneamente como catalisador de uma rede cultural, tanto que a iniciativa conta com a colaboração de diversas instituições, associações e grupos comunitários. Como sustentam os seus responsáveis, o projeto Erosão embrenha-se na comunidade, nas suas metamorfoses, linguagens, hábitos e tradições, comprometendo-se com as suas virtudes e dificuldades, ou seja, está vinculado com a paisagem, o património material e imaterial, as pessoas, enfim, o território.

Foi nessa esteira, que em meados de setembro a comunidade local assistiu à realização do evento ambulante “A Arte do Jogo do Pau”, composto por teatro de rua e representações de jogo do pau, uma das artes marciais portuguesas mais antigas com tradição no Norte de Portugal, principalmente no Minho, e que era praticado com varapau ou cajado, um instrumento de trabalho e simultaneamente uma arma do dia-a-dia das pessoas.

Mais que uma abordagem singular ao fenómeno migratório, o projeto Erosão dinamizado pelo grupo comunitário EnfimTeatro, constitui uma relevante valorização das tradições, usos, costumes e da emigração, partes integrantes da história e da identidade portuguesa. ■■



Rádio Alfa: novo site, nova imagem, a mesma qualidade mais perto de si www.radioalfa.net

A Rádio Alfa festejou 30 anos em 2017. Incondicionalmente ao serviço das culturas do mundo lusófono, percorreu um longo caminho durante todos estes anos.

A qualidade da nossa informação e a variedade dos nossos programas, bem como a renovação, fizeram sempre parte das nossas prioridades.

Para estarmos mais perto de si, modernizámos a nossa imagem na internet para lhe permitir ouvir a Alfa, em direto e com mais facilidade, esteja onde estiver.

O novo site permite navegar com mais simplicidade e conforto, designadamente para ler artigos e reportagens bem como ouvir noticiários, entrevistas e muitos dos programas que não conseguiu seguir em direto. Poderá também partilhar nas redes sociais tudo o que lhe interessa.

Modernidade, rigor, qualidade e vivacidade são as marcas da nossa nova plataforma digital.

2018 é o ano da inovação na Alfa: além das mudanças de fundo na

internet vamos também alargar a rede de difusão às cidades francesas de Lille, Lyon e Estrasburgo através da rádio digital (sistema DAB+).

Seja através da FM (98.6, na região de Paris), da net ou de DAB+ queremos estar cada vez mais perto de si.

A Rádio Alfa muda com o mundo e com as comunidades a que se dirige em prioridade sempre com um objetivo de grande exigência do qual nunca nos desviaremos: sermos cada dia que passa uma emissora de qualidade em todos os domínios, da informação à música e à cultura em geral, passando pelo desporto, a economia e a divulgação das atividades do mundo associativo.

Queremos que tudo o que de mais relevante acontece esteja ao seu dispor. Somos uma emissora privada, mas fazemos com profissionalismo e o maior prazer um autêntico serviço público de rádio.

Visite-nos e acompanhe tudo em www.radioalfa.net.

Web rádios



A voz Lusófona em França

DAB+ rádios



Portugueses

de **valor**



20**21**

NOVA DATA

BRAGANÇA

**28, 29, 30 e 31
de maio de 2021**

O Jurí é constituído por:

- Armindo Freire,
- Fernando Lopes,
- Ildeberto Medina,
- Joaquim Barros,
- Nuno Cabeleira



OS 100 NOMEADOS 2021

ABÍLIO LOURENÇO.....	FR	JOÃO CARDOSO.....	PT
ADÉRITO GONÇALVES.....	PT	JOÃO DANTAS.....	FR
ADÉRITO MARTINS.....	FR	JOÃO LUIS.....	GB
ADRIANO FERNANDES.....	US	JOÃO MEDEIROS.....	US
ADRIANO PORTELA.....	FR	JOÃO PINHEIRO.....	US
AGOSTINHO FONSECA SANTOS.....	PT	JOAQUIM MACHADO.....	FR
AIRES MENDES DE ABREU.....	FR	JOE CERQUEIRA.....	US
ALBERTO MOTA BORGES.....	PT	JORGE GOMES.....	FR
ALBINO GONÇALVES.....	FR	JORGE MENDES.....	FR
ALBINO MIRANDA.....	PT	JOSÉ DA PONTE.....	US
ALEXANDRE DA CUNHA.....	FR	JOSÉ FERNANDES.....	PT
ANA PEIXOTO.....	FR	JOSÉ FERNANDES.....	FR
ANABELA CABRAL.....	FR	JOSÉ LOPES.....	FR
ANGELO DA SILVA.....	FR	JOSÉ MANUEL FERNANDES.....	PT
ANTÓNIO BAPTISTA.....	US	JOSÉ PASCOAL.....	PT
ANTÓNIO CAMELO.....	PT	JOSÉ ROUSSADO.....	FR
ANTÓNIO FARIA DE CASTRO.....	FR	JOSÉ VENTURA.....	FR
ANTÓNIO JOAQUIM LOPES.....	PT	JULIETA ALVES.....	PT
ANTÓNIO MORAIS.....	PT	LUDOVIC FERNANDES.....	FR
ARLINDO DOS SANTOS.....	FR	LUIS CARREIRA.....	PT
ARMANDINO PEREIRA.....	FR	LUIS NETO FERREIRA.....	FR
ARMINDO CASALINHO.....	FR	LUIS SILVÉRIO.....	PT
ARTUR BRÁS.....	FR	MANUEL ALVES.....	FR
AUGUSTO PEREIRA.....	FR	MANUEL PEDROSO.....	US
CARLA FERNANDES.....	FR	MANUEL SOARES.....	FR
CARLA MARTINS.....	FR	MARCELINO RIBEIRO.....	FR
CARLOS BAPTISTA.....	FR	MARIA DA SILVA.....	FR
CARLOS FERNANDES.....	FR	MARIA OLIVEIRA.....	FR
CIDÁLIA LOURENÇO.....	FR	MÁRIO JORGE.....	FR
CLEMENTINA JORGE.....	PT	MICHAEL TAVARES.....	US
CRISTINA SOARES.....	FR	NAIR PINTO.....	FR
DANIEL BASTOS.....	PT	NATÁLIA RODRIGUES.....	PT
DUARTE CARREIRO.....	US	OLIVIA CARVALHO.....	FR
DANIEL PEIXOTO.....	FR	PASCAL PEREIRA.....	FR
DANIEL RIBEIRO.....	FR	PAULA DA SILVA.....	FR
DANIEL TAVARES.....	FR	PAULO MARQUES.....	FR
DAVID FERNANDES.....	FR	PEDRO SEIXAS.....	PT
DEOLINDA OLIVEIRA.....	PT	PEDRO SILVA.....	PT
DOMINIC FERNANDES.....	FR	RICARDO MACIEIRINHA.....	PT
FÁTIMA LOPES.....	PT	RUI GAMEIRO.....	FR
FERNANDA MARTINS.....	FR	RUI GOMES PEDRO.....	FR
FERNANDO MARTINS.....	FR	RUI LAFAYETTE.....	FR
FERNANDO MENDES.....	PT	RUI PEDRO MOREIRA.....	PT
FILIPE SANTOS.....	FR	SALOMÉ DIAS.....	GB
FRANCISCO DA CUNHA.....	FR	TERESA COELHO.....	PT
FRANCISCO RAMOS.....	PT	VITOR MARTINS.....	PT
FRANCISCO TEIXEIRA.....	FR	VICTOR MARIANO.....	FR
HELDER MARTINS.....	FR	VICTOR RORIZ.....	PT
HORÁCIO MIRANDA.....	FR	VIRGILIO SANTOS.....	FR
HUGO MORGADO.....	FR	ZITA MORGADO.....	FR

Na minha opinião!!!

por *Melita*

Covid 19

Não pretendo convencer que tenho razão. O que escrevo sobre o COVID-19 é, simplesmente para tentar reter a vossa atenção para o perigo real que ele representa e o risco que corremos de não lhe dar a importância devida.



O objectivo desta crónica, é informar aqueles que as ocupações profissionais não permitem seguir a evolução da crise sanitária e de trazer para um patamar mais acessível e audível as últimas informações sobre a Vacina, a sua aplicação e consequências...

Milagre, efeito de anúncio ou uma verdadeira esperança

Quem imaginaria, menos de um ano depois da aparição do COVID-19, foi encontrada a Vacina para o combater?

A notícia provocou uma certa incredibilidade nas populações em geral e no meio científico em particular.



Os especialistas em microbiologia (virólogo) que estudam os vírus, os comités científicos e o Organismo Mundial da Saúde afirmavam, que seria necessário no mínimo 24 meses para encontrar uma Vacina e fazer os respectivos testes antes da sua aplicação.

Neste caso, se a descoberta for aprovada, o tempo de estudo desde a chegada à Europa do COVID-19 foi muito reduzido e a sua descoberta é vista como um autêntico milagre.

90% - 92% - 94% de fiabilidade, quem diz melhor

Um laboratório americano, foi o primeiro a anunciar ter encontrado a vacina com 90% de resultados positivos, mas ainda o estrondoso eco da informação não se tinha dissipado, quando dois outros laboratórios europeus, (um deles também instalado na América), anunciaram terem descoberto uma Vacina com resultados ligeiramente superiores.

O Mundo científico ficou perplexo e interrogativo, esperando impacientemente para conhecer o resultado do estudo sobre a sua toxicidade e eficiência, que sejam reconhecidas pelas autoridades sanitárias, (autoridade europeia do medicamento) para serem comercializadas.

Vacina!!! Revolucionária

Que importa que se chame Vacina ou tenha outro nome qualquer, na verdade nunca tal aconteceu e é a primeira vez que foi utilizada uma base genética (ADN) humana para a fabricar o que a classifica como única no seu género.

Afinal, é consenso entre os especialistas que um imunizante seguro e eficaz será a única forma de acabar de vez com a pandemia.

Os que criticaram a falta de testes, agora não acreditam na Vacina

São sempre os mesmos, que tudo fazem para eliminar a pouca espe-

rança que nasceu com o anúncio da descoberta tanto esperada e se empenham a instalar dúvidas no seio das populações...

Quem são eles?:

- alguns cientistas que não acreditam na sua eficiência e consideram precipitada a apresentação ao público.
- os complôtistas para quem a pandemia foi provocada para acabar com uma parte da população (pobre) do planeta e pretendem que o COVID-19 foi criado pelo homem.
- certos políticos (extremistas) que denunciaram a falta de máscaras, de testes, de ventiladores e criticam a gestão da crise sanitária.
- uma parte da população que desde o início não compreende a gravidade da situação, pensa que a contaminação só acontece aos outros e não respeita os gestos-barreira para combater o vírus.

Toda esta boa gente, acusa os governos de propagar o medo junto das populações para justificar as medidas que lhes retira ou limita as suas liberdades individuais.

Como não podia deixar de ser; hoje estão contra a vacinação e tentam convencer os outros para não a aceitarem.

Denunciar os Interesses financeiros, é uma hipocrisia e uma atitude populista

Na realidade, ainda não foram publicados os resultados do estudo após vacinação experimental, nem são conhecidos os efeitos negativos que ela vai provocar nas pessoas? E também não se sabe quanto tempo ficarão imunizadas.

Não se sabe ao certo se a vacinação:

- evita a contaminação pelo vírus a 90% ou se só protege da sua forma violenta.

Objectivamente, os resultados obtidos são muito interessantes e portadores de uma grande esperança para acabar com o malvado vírus. Por outro lado, não se pode pedir aos cientistas para trabalharem dia e noite para desenvolver uma solução capaz de nos proteger contra o SARS-CoV-2, aos laboratórios para financiarem os custos e depois vir denunciar que eles o fazem por interesses financeiros.

Quem governa os países, durante a crise sanitária?



Em toda a história das democracias ocidentais, jamais os científicos (comités com uma dezena) tiveram um papel tão importante junto dos governantes.

Para os adeptos do populismo, os governos eleitos democraticamente, estão a ser manipulados pelos científicos que utilizam o pa-

SLCR

Construction / Réhabilitation



CONSTRUCTION

EXTENSION

SURELEVATION

RENOVATION

REAMENAGEMENT

REHABILITATION

BUREAUX

COPROPRIETE

Siège Sociale

4bis rue Antoine Bourdelle 75015 PARIS – 01.45.48.70.15 – contact@slcrbtp.com

Entrepôt – Livraison

4 Allée des Acacias 93430 VILLETANEUSE – contact@slcrbtp.com

vor para os obrigar seguir as suas diretivas (segundo eles) de interesse geral.

Certo, a situação é crítica, mas existem algumas contradições e ambiguidades nas medidas preconizadas que provoca algumas interrogações:

- como aceitar em democracia que seja o comité científico a dirigir o país impondo medidas drásticas para as populações e para a economia.
- o que leva os governantes a terem medo, a fazerem o contrário do que anunciam, quem e os obriga a tomar medidas (pseudo-protectoras) para as populações, sabendo que as mesmas não as aceitam e manifestam contra.

As encomendas já realizadas de milhões de vacinas e a preparação da respectiva campanha de vacinação, (fim de dezembro-princípio de janeiro 2021) provoca a angústia e o desespero na população que põe a questão:

-vacinar quem e com que prioridades?

Tudo leva a crer, que para o cidadão comum a vacinação ainda vai demorar alguns meses, segundo as autoridades sanitárias a prioridade são:

- os idosos com doenças chamadas de risco e os seus familiares.
- o pessoal hospitalar e as pessoas para além dos 65 anos de idade.

Vacinação obrigatória ou não

A tentação de alguns científicos para que vacinação seja obrigatória é manifesta, mas os governantes não querem abrir um precedente que vá contra a vontade popular. Já decidiram de não o fazer, tanto mais que uma parte da opinião pública dúvida da eficiência da vacina e receia que os eventuais efeitos secundários sejam nefastos para a saúde. Também é importante calar a boca aos que pretendem que a vacinação obrigatória contraria a liberdade individual de cada cidadão.

Por este motivo, quase todos os países tomaram a decisão que, a vacinação será realizada sobre a base do voluntariado.

O que mudou na sociedade desde o início da aparição do COVID-19

Muita coisa que é visível, mas muito mais do que parece!!!

As mortes que no início da sua aparição eram essencialmente entre os idosos com patologias (doenças) graves, passaram a ser de todas as idades e pessoas com saúde.

Menos visível, o aumento vertiginoso de mortes (colaterais), suicídios e assassinatos provocados por violência doméstica (entre pessoas confinadas) ou em situação precária.

A crise económica Mundial, que arrasa a economia dos países, provoca a falência de Grandes Grupos, a morte das pequenas empresas, o desaparecimento do comércio de proximidade que provocam o desemprego, o desespero e a miséria.

Os hospitais, apesar de terem agora meios suficientes (máscaras blusas e luvas etc.) continuam a carecer de camas nos serviços de reanimação, de pessoal especializado para combater o COVID-19,

o que provoca a necessidade de confinar as pessoas e obrigar uma parte do comércio a encerrar as suas portas para imitar a circulação do vírus.



A Europa cada vez mais desunida face ao combate contra a pandemia

A grande interrogação? Cada país toma medidas diferentes:

- Uns confinam outros não.
- para alguns, o fundamental é decretar o estado de urgência, ou o recolher obrigatório, para outras a interdição de circular e de reunir as famílias.
- há governos que decidem fechar o pequeno comércio e os restaurantes, outros não.

Nesta situação caótica tudo leva a crer que o vírus selecciona as vítimas em função da situação geográfica do país onde vivem, não há visibilidade sobre as consequências futuras das medidas que cada governo decide individualmente.

As populações sofrem da falta de transparência e de objectividade, denunciam a injustiça de algumas delas que provoca o descrédito, a desconfiança, o descontentamento.

Esta situação conflituosa, abre portas às falsas notícias e aos boatos traumatizantes.

Os populistas esfregam as mãos! Há cada vez mais pessoas a manifestar contra o uso das máscaras, o confinamento, as restrições e as directivas dos governos.

Cada um é livre de pensar e fazer como bem lhe parece, eu penso assim...

Até à próxima

Boas festas sejam felizes e cuidem de vós

Melita

GARAGE RIC'AUTO



PASSAGE AU MARBE
CARROSSERIE
MÉCANIQUE
PEINTURE

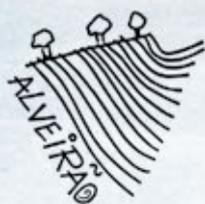
REPRISE - VENTE TOUTES MARQUES

01.60.20.70.25

E.A.E des Tuileries · 34, rue de l'Ormeteau · 77500 CHELLES · fax: 01 60 08 62 29 · ric-auto@wanadoo.fr · www.ric-auto.fr



ALVEIRÃO é o nome da adegas biológica fundada pela família Faria Vieira, no seu local de origem, na última década do século passado. Na aldeia do Chicharo, onde o Tejo se despede das Beiras e transita para



a lezíria, são produzidos o Encostas do Vale Godinho e o Maximo'S. As encostas íngremes e calcárias das vinhas e a proximidade das Serras D'Aire e Candeeiros marcam os nossos vinhos e *terroir*.



www.alveirao.com
Tm. +351 912 016 319
alveiraobio@alveirao.com

Rua da Olaia, n.º 14
Chicharo
2350-156 Olaia
Portugal

Nacional 2: uma aventura, descobertas e uma viagem pelo interior de Portugal



De Norte a Sul de Portugal, há uma estrada que atravessa o território e desafia à descoberta. Do Douro vinhateiro até à vastidão do Atlântico, passando por zonas montanhosas ou mesmo grandes planícies. A monotonia não passa pela Estrada Nacional 2. Foi isso que testemunhou um grupo de amigos de Vila Nova de Famalicão e Coimbra, que apaixonados por viagens e por Portugal, fizeram a maior estrada da Europa. Sim, fica em Portugal. É Nacional 2. O relato é escrito na primeira pessoa, por André Manuel Mendes.

Esta aventura nasceu de uma conversa de amigos apaixonados por viagens e apaixonados pelo nosso país. Estávamos a fazer aquela que foi considerada a estrada mais bonita do mundo, um troço da Estrada Nacional 222, que vai desde o Peso da Régua ao Pinhão, e numa troca de ideias lançamos para o ar o desafio de fazer a Estrada Nacional 2. “E porque não fazer a N2 de Mini?”, foi a pergunta que se fez no momento. “Vamos? Vamos!”, foi assim que nasceu a ideia desta aventura.

Nesta aventura participou um grupo de amigos de Vila Nova de Famalicão e Coimbra, amigos de muitos anos e histórias que se consideram como uma família. Num dos Mini 1000 ia eu, André Mendes, a Patrícia Teixeira e o Gonçalo Teixeira. No outro Mini 1000 viajaram a

Carina Lima e o Luís Tomás (Peco) e o André Rodrigues. Mas foi apenas na zona de Góis que a equipa se completou com a chegada do Volkswagen Karmann Ghia com o Luís Bento Miranda e a Ana Santos a bordo.

Todos os carros têm uma história em comum, a história familiar. O nosso Mini do ano de 1979 é do meu sogro, e nos seus tempos áureos chegou a participar no rally de Santa Clara em Coimbra. O outro Mini do Luís Tomás, do ano de 1974, tem passado de geração em geração desde o seu avô. Já o Karmann Ghia de 1956 é do pai da Ana Santos e tinha já percorrido parte da N2, de Chaves até à Barragem da Aguieira.

A preparação da aventura foi relativamente simples, principalmente porque estamos numa época em que as restri-

ções de deslocações das pessoas levaram muitos a viajar por esta estrada. Uma das grandes mais-valias da Internet, nomeadamente das redes sociais, é a enorme quantidade e partilha de informação que assistimos diariamente, e aproveitamos isso mesmo para construirmos o nosso roteiro.

Sáímos de Vila Nova de Famalicão no dia 3 de outubro de 2020 apenas com a certeza das etapas que faríamos por dia e em que locais ficaríamos a pernoitar, tudo o resto foi partir à aventura. As paragens feitas, numa média de 200km por dia, foram Viseu, Abrantes, Torrão (Ferreira do Alentejo) e Faro.

A expectativa e a realidade que encontramos não é muito díspar do que tínhamos em mente. Íamos à espera de um percurso paisagisticamente bonito, de



locais únicos em história e tradições, de pessoas acolhedoras, e foi mesmo isso tudo o que encontramos.

Houve algo que não esperávamos tanto, a felicidade das pessoas ao ver que há cada vez mais gente a percorrer o interior do país e a visitar as suas terras. Nota-se facilmente em qualquer paragem num café da aldeia a felicidade das pessoas, e foi nesse momento que começámos a dar ainda mais valor à viagem.

Acho que posso falar em nome de todos o sentimento de pertença que vivemos ao longo desta aventura. Conhecemos várias pessoas que fizeram a N2 ao mesmo tempo que nós e com as quais nos encontrávamos diversas vezes pelo caminho. Falamos com populares que nos contaram histórias, falaram sobre as suas regiões. Tivemos pessoas que nos

Connosco, tem mais tempo para si.



O que fazemos

Os nossos escritórios encontram-se em França (Paris) e também em Portugal. Somos profissionais juristas há mais de 25 anos com competências notariais em várias áreas de importância relevante para os cidadãos portugueses na Diáspora, garantindo múltiplos serviços, administrativos e jurídicos, entre os quais:

- Heranças e Partilhas em Portugal, realizando todas as diligências e obrigações, incluso a realização de escrituras e/ou inventários judiciais, mantendo contacto permanente com os nossos parceiros notários franceses;
- Constituição de Empresas, promoção da sua instalação, acompanhando os seus projetos em Portugal;
- Gestão de Patrimónios Imobiliários e Investimentos em Portugal;
- Elaboração de Procurações e Traduções;
- Cuidamos das suas preocupações no âmbito da Fiscalidade;
- Agora, renovar o seu cartão de cidadão, a sua carta de condução e tratar de outros assuntos pessoais, também já é possível no nosso escritório em Champigny.

Para tal contacte-nos, e a nossa colaboradora Rita Monteiro tratará do agendamento de uma reunião.

Confie-nos os seus assuntos e ganhe mais tempo para si!


SOLICITORS
 INTERNATIONAL
 OFFICE

Contactos:
 81, Avenue de la République, 94500 Champigny-sur-Marne
 Telef. +33 608 777 022 | +33 626 063 809 | +351 968 427 675
 rita.monteiro@solicitorspl.com geral.pl@solicitorspl.com

www.solicitorspl.com



confessaram estar a acompanhar a nossa viagem desde o início através das redes sociais, e isso é muito gratificante. Aproveitamos também esta oportunidade para fazer uma verdadeira viagem gastronómica, passando pelos sabores da do Douro e da região de Lafões até aos pratos típicos da zona Centro, Alentejo e Algarve. Uma sensação bem presente durante toda a viagem foi a expectativa pelos carros. “Será que aguentam a viagem toda?”. Esta sensação esteve constantemente nas nossas mentes mas, para espanto de todos, percorreram um total

de 1800 km sem qualquer problema mecânico significativo. A viagem foi realizada no “conforto” de carros com mais de 40 anos, portanto a nível físico foi um pouco exaustiva, sendo que uma das partes mais desafiantes foi sem dúvida a passagem pela Serra do Caldeirão, 365 curvas seguidas, “uma curva por cada dia do ano” como nos dizia a sabedoria popular. Chegar a Faro foi o culminar da nossa aventura. Foi um misto de emoções que despoletaram quando vimos a rotunda com o marco do quilómetro 738. Muita coisa podia correr mal, principalmente

no que respeitava aos carros, esperávamos ter alguns problemas mecânicos que nos poderiam travar a aventura... mas chegámos. Quando chegámos ao ponto final da N2 sentimos que o dever estava cumprido, que conseguimos, nós e os nossos carros, que a aventura tinha valido a pena. Levamos connosco uma experiência que nos fez ver o nosso país com outros olhos, que nos faz dar valor à diversidade cultural e paisagística que está tão perto de nós, que nos fará recordar as pessoas com quem nos cruzamos e que também fizeram parte desta nossa aventura. **L**



TAUNTON
A·V·E·N·U·E
BAKERY




FRESH BREAD DAILY · SWEET BREAD · CORN BREAD · PASTRIES · CAKE FOR ALL OCCASIONS
CHEESE · MILK · LARGE SELECTION OF PORTUGUESE GROCERIES

Mon - Sat: 5am - 7:30pm Sunday: 5am - 7pm



MAGGIE SOARES
Owner





401-434-3450

TAUNTON AVENUE BAKERY | 217 TAUNTON AVE | EAST PROVIDENCE, RI 02914

tauntonavenuebakery.com tauntonbakery@hotmail.com

Visit us on Facebook: Taunton Avenue Bakery



SOMOS ESPECIALISTAS NA RENOVACÃO
EXPERIÊNCIA COMPROVADA DESDE 1987
CONCRETIZAMOS O SEU SONHO...

76 Avenue Sadi Carnot 94290 VILLENEUVE LE ROI
tel 01 43 91 98 36 - fax 01 43 91 98 48 - Email : mpa5@orange.fr



Conheça as novas instalações da PrimLand de Romainville: um espaço maior e mais acessível

A Primland está renovada. Num novo espaço, este supermercado português está, agora, melhor do que nunca. Os clientes habituais da Primland em Romainville podem agora encontrar um espaço mais amplo, com uma maior diversidade de produtos e lugares para estacionamento.

“Os clientes já mereciam esta loja há muitos anos. Temos agora um parque com a oferta de 70 lugares de estacionamento, o que facilita a vida aos clientes. Paris merecia um supermercado assim. Também já temos a secção de peixe fresco, e somos autónomos nos produtos portugueses. Fiz os mercados durante 25 anos e o espírito deste supermercado é precisamente um mercado fechado e quente para os clientes, onde se encontra absolutamente tudo”, afirmou José Gaspar, dono do espaço.

Entre funcionários e clientes, a opinião era comum: a Primland está melhor. “Foi talvez dos primeiros fornecedores portugueses que eu frequentei e ver a evolução de todos os armazéns que o Gaspar já criou é incrível, e tem-nos dado a oportunidade de adquirir bons produtos portugueses. Este é aquele espaço que corresponde mais aos portugueses”, afirmou Miguel Pires, cliente e amigo.

Com a falta de eventos, a Primland encontra novas soluções dentro de portas, aumentando à oferta da comida para take-away. Não falta agora qualidade e quantidade nas prateleiras, sempre com o melhor dos produtos portugueses. A Primland continua a fazer o





Vítor Rodrigues é o português com maior distância percorrida em pista durante 24 horas

Foram 24 horas de luta, suor e superação. Vítor Rodrigues esteve desde as 9h da manhã de sexta-feira às 9h da manhã de sábado a correr na pista de atletismo Gémeos Castro, em Guimarães.



Durante 24 horas, o ultramaratonista Vítor Rodrigues esteve a correr na pista de atletismo Gémeos Casto, em Guimarães. Resultado? Tornou-se o português com maior distância percorrida em pista durante 24 horas. Foram 251 quilómetros e 600 metros. Para além do objetivo alcançado, a prova realizou-se em nome da saúde mental. Com condições atmosféricas muito difíceis, Vítor teve de enfrentar a chuva e o frio, compensando com o calor que foi recebendo da família e amigos presentes até conseguir superar o seu objetivo. O ultramaratonista preparou-se durante quatro meses para a prova na sua terra natal: Guimarães. Ao longo das 24 horas outros atletas se foram juntando, num exercício ímpar de companheirismo e solidariedade em torno da causa da saúde mental. Foram eles, Manuel Mendes, atleta olímpico, Dulce Félix, Ricardo Ribas, maratonistas de referência no desporto nacional e muitos outros que, anonimamente quiseram juntar-se a esta iniciativa e não deixaram o Vítor “correr sozinho”.

O seu mentor e amigo, Fernando Amorim, explicou à Lusopress como surgiu o desafio. “Desenhámos um projeto para correr 24 horas na sua cidade, em que definimos dois objetivos. Primeiro, superar a maior distância percorrida em 24 horas e, em segundo, carregar uma causa, que é a da saúde mental. Através da corrida levar uma mensagem de esperança, superação e resiliência a todos aqueles que sofrem de uma doença mental e que esta pandemia tanto tem agravado”.

A presença de Pedro Guerreiro, vice-presidente do clube, foi uma demonstração do apoio crescente que o Vitória Sport Clube tem dado ao atleta. “Não há dúvida que é uma prova muito dura, é preciso uma grande força de vontade e espírito de superação para conseguir encarar este tipo de iniciativas. O Vítor é muito forte neste aspeto”.

Para Fernando Amorim, mentor do atleta, Vítor Rodrigues é como Sísifo, o herói absurdo. O Homem e atleta que “não desiste em rolar a pedra até ao topo da montanha, mesmo sabendo sempre que ela vai voltar à planície.” É nesta caminhada até ao topo da montanha que



O seu sucesso é a nossa missão.



Ofertas completas em soluções de telecomunicações,
serviço de qualidade em telefonia VoIP para o servidor de telecomunicações IPBX.



Tão simples e prático para o uso diário,
centralize toda a sua telefonia, internet, serviços móveis ... em uma única fatura.



Gerenciamento diário de seus parques de TI,
fornece uma gestão completa do seu sistema informático.

Costa - Cprt - Criar

- Mais de 30 anos de experiência
- Mais de 200 empresas clientes na França
- Presença nacional
- Suporte comercial e técnico local



costa@costa.fr



www.costa.fr



+33 1.48.30.14.14



Fernando assume um papel essencial. “Enquanto mentor, o Fernando tem potenciado significativamente a minha resiliência e capacidade mental. O treino mental assume uma parte importante na performance de um ultramaratonista, e o Fernando tem ajudado muito. Os últimos resultados demonstram esse trabalho, no entanto, ainda nos esperam muitas batalhas, assumiu o atleta. “A própria luta para chegar ao cume da montanha basta para encher o coração de um homem, e é assim que admiro o Vítor Rodrigues”, acrescentou Fernando Amorim. Superação, orgulho e concretização foram os sentimentos que levaram à expressão de felicidade no final da prova. Vítor Rodrigues é, cada vez mais, um exemplo e motivo de orgulho para todos os portugueses. “O sentimento é de missão cumprida. Acabei por estabelecer o novo record nacional das 24 horas, apesar das grandes adversidades climatéricas que se fizeram sentir. Foi uma dificuldade acrescida e saio daqui com o espírito de dever cumprido”, disse Vítor Rodrigues. **L**





OPORTO

airport & business hotel

Conforto, modernidade
e qualidade do serviço



Hotel 4 estrelas superior, situado na cidade da Maia

Rua Casimiro Albano Monteiro, 35
4470-428 Moreira da Maia, Maia, Portugal

RESERVAS

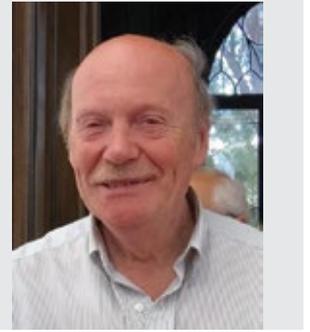
info@oportoirporthotel.com
+351 224 963 455
+351 934 725 318



www.oportoairportbusinesshotel.com

Livres pensamentos

Comendador António Nuno Cabeleira



Pela primeira vez nos nossos tempos não vai ser possível, por motivo das restrições aprovadas para combater a Covid-19 que nos obrigaram a ficar em isolamento e a manter o distanciamento social, festejar o Natal e o Ano Novo nos moldes habituais.

Há cem anos atrás, aquando da gripe espanhola de 1918, o problema foi bem pior até porque não haviam as técnicas utilizadas nos laboratórios tão avançadas como existem actualmente. Nem haviam também as técnicas de comunicação que nos nossos dias permitem informar e dar recomendações ao minuto e que, ao mesmo tempo, nos proporcionam momentos de contacto e de lazer, muito embora virtuais, mas que são bem agradáveis e que evitam o agravamento da solidão a que muita gente foi votada.

Mas falando um pouco de história. O Natal teve a sua origem nas festas pagãs que eram realizadas na antiguidade. Nessa época os romanos celebravam a chegada do inverno (solstício de inverno). Adoravam o Deus Sol

e realizavam este dia de festividade com o intuito de renovação.

A partir do século IV, e com a consolidação do Cristianismo, a festividade foi oficializada como (Natal do Senhor). Como não se sabe ao certo o dia em que Jesus nasceu essa foi uma forma de cristianizar as festas pagãs romanas dando-lhes uma nova simbologia.



A escolha da data foi determinada pelo Papa Julius I (337-352) e, mais tarde, foi declarada feriado nacional pelo Imperador Justiniano no ano de 529. Deste modo, sem estar associada à sua origem, o Natal passou a ser comemorado em muitos países.

Com o Natal surgiram vários sinais represen-

tativos dessa comemoração festiva, cada qual com um significado distinto e com origem pagã ou religiosa. Quando falamos no nascimento de Jesus, a representação mais presente na nossa cabeça é sem dúvida o presépio, porque afinal ele retrata bem o cenário onde o Menino nasceu. E aí, de forma conjunta ou isolada, conhecemos os elementos que nele figuram a sagrada família, composta por Jesus, José e Maria, os três reis magos, o anjo e a estrela.

Mas um dos maiores motivos da festa de Natal é a possibilidade de reunir a família. Chamar aqueles parentes que moram longe, reuni-los com os que estão sempre por perto e aproveitar a noite e o dia para conversar em assuntos diversos, contar histórias antigas e lembrar bons momentos. Matar as saudades, divertir-se e sobretudo conseguir reunir todos na mesma mesa o que não acontece todos os dias.

Todos os anos assistimos aos preparativos da festa de Natal, com a construção do presépio, da árvore de Natal nas nossas casas e com a aparição do mítico personagem que é

pela sua **saúde** e pela **saúde** dos seus clientes
grelhados na brasa
sem chama
e sem carvão!



GRESILVA

Inovação em
Grelhadores

www.gresilva.pt

Lisboa - 219 628 120
Porto - 229 829 947/8



La pierre naturelle, parfaite alliance entre design et innovation

Expert en matières minérales, Real Marbre collabore avec les plus grands designers, architectes, décorateurs d'intérieurs et participe à la réalisation de projets d'exception sur le marché de haut de gamme.



MINERAL SYSTEM

6 rue Saint Florentin – 75001 Paris
www.realmarbre.com



STONEDARK
REAL MARBRE GROUP

HÔTEL de CRILLON
A BOUTIQUE HOTEL

THE PENINSULA
HOTELS

L
LOUIS VUITTON

Y
YVES SAINT LAURENT

MAUBOUSSIN
X

GUCCI
G

GUERLAIN

Dior

HUBLOT

o legendário pai Natal de que todas as crianças gostam.

Quanto ao Ano Novo este teve a sua origem também na antiguidade, mas era comemorado naquela época no dia 1 de Março, tendo em conta o fim do inverno e a chegada da primavera.

Durante o império romano a população celebrava esse dia em homenagem ao deus Jano, que não era mais do que o deus romano protector das entradas e saídas, dos inícios e dos fins. Foi no ano de 46 a.C que o imperador Júlio César decretou que nesse dia seria comemorado o Ano Novo, baseado no calendário juliano.

Mas foi somente no final do século XVI que essa data foi finalmente oficializada com a adopção do calendário gregoriano, pela

Igreja Católica. Foi assim com o passar do tempo que esta data se tornou um marco popular de extrema importância e, hoje em dia, a maioria dos países comemoram a chegada do Novo Ano no dia 1 de Janeiro.

O Ano Novo é uma das datas mais especiais do ano por representar o fim de um ciclo e o início de outro. Não é à toa que muitas pessoas usam a data para fazer pedidos, planos, desejos e votos para que o novo ciclo seja bom. Actualmente a passagem do ano possui conceitos muito mais simbólicos do que realmente práticos. Toda essa subjectividade já começa pelo nome. Trata-se de uma passagem efémera de curta duração mas que funciona como um marco de transição para algo de novo.

O termo «Reveillon», utilizado para designar a passagem do ano, vem do francês e

significa «véspera do despertar do ano». E é assim que, em locais muito frequentados, toda a gente olha para os ponteiros do relógio que se aproximam a grandes passos da hora fatídica tão esperada. E às zero horas do novo ano inicia-se um novo ciclo e muitas pessoas nas ruas, olham entusiasmadas para os fogos de artifício, para os foguetes, dão abraços e beijos, fazem brindes com espumante ou com champanhe, felizes de terem terminado o ano e de entrarem num novo ciclo fazendo festa, com alegria, e com a esperança de realizarem novos projectos e de mudança para melhor.

Nas aldeias há muito o hábito de se fazer, geralmente no adro da Igreja, o madeiro que consiste num grande monte de troncos de árvore que se põem a arder nas vésperas do Natal e que continuam a arder até depois das festas de Ano Novo.

Este ano, por força das circunstâncias, o madeiro vai certamente ser feito e vai continuar a arder durante cerca de quinze dias, mas desta vez com pouca gente a assistir à sua roda a admirar a sua chama.

São períodos do ano de que todos nós estamos habituados a festejar. Mas neste ano, por força da situação pandémica, somos obrigados a observar as restrições emanadas pela Direcção Geral da Saúde e temos de ter paciência na esperança que, no próximo ano, as coisas já estejam modificadas e que possamos celebrar estas duas festas (Natal e Ano Novo) já com mais liberdade e sem constrangimentos.

Este ano vamos poder festejar estas duas datas mas com a família mais restrita e sem ajuntamentos. E como diz o actor Fernando Mendes no seu programa da RTP «O preço certo» «No mínimo tragam poucas pessoas e no máximo poucas pessoas tragam». Uma boa informação bem escolhida para evitar excesso de ajuntamentos.

Por enquanto ainda temos de continuar a respeitar, como dizem os franceses, «les gestes barrières», ou seja: Manter o distanciamento social, tossir para o cotovelo, lavar as mãos com líquido hidroalcoólico e colocar a máscara em recintos fechados e quando se julgue necessário por haver grande movimento ou cruzamento de pessoas.

Com todas estas considerações e aproximando-se a quadra natalícia, permito-me também desejar um Bom Natal e um ótimo e feliz Ano Novo para todos em geral, para toda a nossa comunidade e muito especialmente para todas as pessoas amigas. **L**

Avec nous, consacrez plus de temps pour vous.



Notre métier

Avec plus de 25 ans d'expérience, nous sommes une équipe de juristes avec des compétences notariales en plusieurs domaines importants pour les citoyens portugais de la Diaspora. Nous sommes actuellement en France (Paris) et Portugal. Ayant toujours nos clients en tête, nous assurons la réalisation de plusieurs services administratifs et juridiques, qui incluent :

- Héritages et successions au Portugal, accomplissant toutes les démarches et obligations nécessaires, ainsi que la réalisation d'écritures et/ou inventaires judiciaires, en prenant un contact permanent avec des notaires partenaires français ;
- Création d'Entreprises, son implémentation et suivi de leurs projets au Portugal ;
- Gestion de Patrimoine Immobilier et Investissements au Portugal ;
- Élaboration de Procurations/Pouvoirs et traductions ;
- Nous prenons aussi soin de vos affaires dans le domaine de la fiscalité ;
- Maintenant, vous pouvez aussi renouveler votre carte de citoyenneté, votre permis de conduire et traiter d'autres sujets personnels chez notre bureau à Champigny.

À cet égard, il vous suffit de nous contacter, et notre collaboratrice Rita Monteiro s'occupera de fixer un rendez-vous.

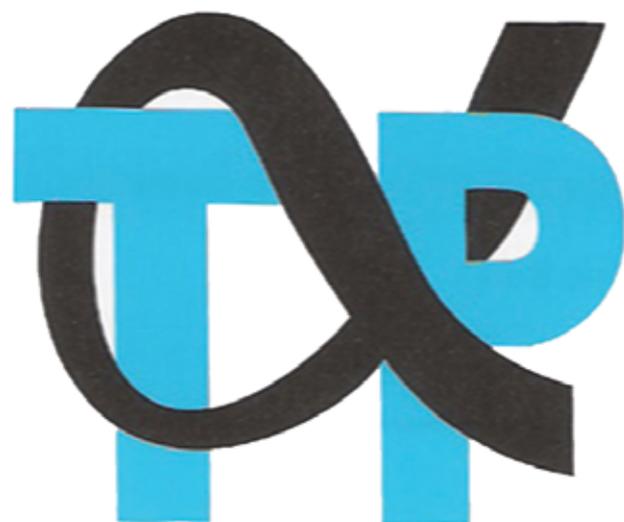
Avec nous, consacrez plus de temps pour vous.

SOLICITORS
INTERNATIONAL
OFFICE

Contacts:

81, Avenue de la République, 94500 Champigny-sur-Marne
Tél.: +33 608 777 022 | +33 626 063 809 | +351 968 427 675
rita.monteiro@solicitorspl.com | geral.pl@solicitorspl.com

www.solicitorspl.com



ALPHA T.P.

TRAVAUX PUBLICS
ECLAIRAGE PUBLIC

9/11 rue du Coq Galois
77170 BRIE COMTE ROBERT

Tél.: 01 64 05 29 66

Télécopie: 01 64 05 82 01

f.dacunha@alphatp.com

alpha.tp@alphatp.com



Município de Sernancelhe é território de oportunidades

Sernancelhe é, por excelência, terra da castanha. O nome ganhou-o pela qualidade e sabor do fruto que enche as casas dos lavradores e que faz parte da gastronomia regional. Ciente do seu percurso histórico, Sernancelhe, hoje, abraça o desenvolvimento de forma planeada e sustentada. A Lapa, Aquilino Ribeiro e a castanha são marcas deste território, sendo encaradas como estratégicas para o seu desenvolvimento. "Pela mão do grande escritor Aquilino Ribeiro, visite as terras da Senhora da Lapa e prove a melhor castanha do mundo. Bem-vindos a Sernancelhe", lançou assim o mote Carlos Silva Santiago, presidente do Município desde 2013. Numa conversa com a Lusopress, o autarca apresenta as oportunidades do seu território e deixou uma mensagem de Natal aos emigrantes.

Como apresenta o concelho de Sernancelhe?

Sernancelhe é um concelho localizado aqui no coração de Portugal, entre a Beira Alta e o Douro, é um concelho essencialmente rural, um concelho que vive e que tem na sua principal característica as suas gentes a sua realidade, que isso obviamente nos distingue. É um concelho de densidade populacional baixa, nós temos pouco mais de 5500 habitantes, mas somos um concelho com 222 quilómetros quadrados distribuídos por 17 freguesias que para além da sua união e da sua hegemonia são também freguesias bastante distintas cada uma com sua particularidade. Acho que são estas diferenças das freguesias, estarmos aqui encravados entre o Douro e a Beira Alta, encravados no bom sentido da palavra, que fazem de nós obviamente diferentes, e por isso mesmo, nos vamos agarrando um pouco à nossa ruralidade, um pouco às nossas gen-

tes, à nossa cultura gastronómica, à nossa cultura religiosa, literária. Apesar de sermos um concelho do interior do país, é um concelho que tem muitas oportunidades e tem feito das adversidades a sua solução para poder vingar neste país, que é um país de futuro, um país europeu onde Sernancelhe quer fazer parte desse futuro.

Sernancelhe é conhecida como a Terra da Castanha. Este produto é o vosso ex-líbris?

Sem dúvida. Agarramo-nos a um produto que é de excelência, a castanha martaínha é dentro das variedades da castanha aquela que tem melhores características e por isso é considerada a rainha da castanha. Embora seja um fruto sazonal, porque em pouco mais de três semanas a castanha cai e é colocada no mercado, e é esta excelência que nos distingue no mundo inteiro. Obviamente agarramo-

Anastácios
queijaria tradicional
Tradição familiar desde 1948

Queijaria Anastácios - Seia - Portugal
Quinta do Seixal - Catraia da Assamaça
Telefone: +351 238 390 335 - Email: geral@anastacios.pt

O melhor queijo de Portugal

Temos mesmo o melhor queijo de Portugal. E não somos nós que o dizemos, é a ANIL (Associação Nacional dos Industriais de Lactícínios), que nos elegeu o melhor queijo curado de ovelha em todo o país. Para nós, este é o reconhecimento pelo saber e sabor preservados por gerações na nossa família.

Os segredos do nosso queijo



prémio
melhor
queijo
ovelha
cura normal
Melhor de Portugal

o processo artesanal para fazer o nosso queijo



Resultado final



QUEIJO "ANASTÁCIOS"

Somos representantes da marca em França

Queijaria
Anastácios
Seia - Serra da Estrela

LUSOCAMPOS
Wines & Spirits

Vendemos - Restaurantes, Empresas, Particulares
0678849951 | 0160554743
info@lusocampos.com - www.lusocampos.com



mo-nos aqui a um produto que é excecional que de certa forma, tem sido à custa de um produto endógeno, o que é estranho, para colocar Sernancelhe num patamar onde ele hoje já está. Temos outras características bem mais antigas e também conhecidas, como é por exemplo o Santuário Nossa Senhora da Lapa, um santuário com mais de 500 anos, que acompanhou os nossos mercadores por este mundo fora e existem dezenas e dezenas de igrejas e espaços de culto dedicados à Nossa Senhora da Lapa espalhados por este mundo fora e também em Portugal que nascem daqui da Senhora da Lapa. Depois também a nossa cultura literária com Aquilino Ribeiro, que é sem dúvida um escritor de grande relevo da literatura portuguesa, com grande influência também em França e no Brasil, mas encontramos na castanha como disse e muito bem, juntando o útil ao agradável, juntando a castanha a Aquilino Ribeiro e ao Santuário da Lapa. Se nós pensarmos bem, Aquilino faz descrições do que seria um castanheiro e, ao mesmo tempo, a própria denominação de origem protegida desta castanha que é Soutos da Lapa, ou seja, há aqui esta tríade que é Lapa, Aquilino e castanha, que de certa forma fazem de nós um território diferente. Claro que eu associo sempre isto à nossa gente. A nossa realidade é hoje uma imagem de marca, não é apenas a realidade de Sernancelhe mas é a realidade de todo o interior do país. O interior do país está na moda e se é verdade que há uns anos atrás se olhava para estas regiões com alguma displicência, com alguma tristeza, com alguma pena, actualmente as mentalidades e esta consciência cívica olham para essas regiões vêem o que realmente têm para oferecer diferente, o alojamento local, o turismo de alojamento rural que atingiu preços bastante interessantes para quem vive disso no interior do país. Hoje a percentagem de turismo que já não quer o turismo de massas e procura turismo rural, tem aumentado significativamente. Isto deve-se a quê? Deve-se à dita ruralidade e à forma como os autarcas, quer os presidentes de junta, quer os presidentes de câmara de todas estas regiões onde obviamente Sernancelhe se inclui, tiveram a sensibilidade de garantir que esta ruralidade fosse incluída na nossa sociedade já de dimensão do século XXI, não quebra e é esta realidade que nos faz obviamente diferentes e permite, como já disse, que Sernancelhe e toda esta região, eu nunca posso falar de Sernancelhe isolado porque nós somos demasiadamente pequenos para podermos assumir



algo sozinhos, afirmar-se. A castanha martaínha não se produz só em Sernancelhe, o Santuário da Lapa hoje não é só nosso, é um santuário do mundo e o Aquilino Ribeiro é um escritor do mundo e, por isso, acho que nós não estamos agarrados a nada que é apenas nosso. Agarramo-nos a uma região, agarramo-nos a um país e é desta forma que obviamente conseguimos singrar e continuar a ter Sernancelhe como imagem de marca neste Portugal.

SÓ VILLAS

Agence 91 : 89, route de Corbeil, 91390 MORSANG-sur-ORGE



CONCEPTION ET RÉALISATION

Tél.: 01 69 51 17 21
Fax: 01 69 51 17 54



Que características tem este território do ponto de vista económico e empresarial?

O concelho de Sernancelhe, incluído nesta região, uma das principais potencialidades da nossa região é o turismo. A nossa paisagem, a nossa ruralidade, mas depois associado a tudo isso, Sernancelhe está muito próximo de vias de comunicação. Nós estamos a cerca de 35/40 minutos da autoestrada em Viseu, estamos a 22 km do IP2 que é a autoestrada que liga à A25 que é a principal saída para a Europa, em Vilar Formoso. Estamos aqui a cerca de 22 km de Trancoso do IP2, e estamos também a cerca de 35/40 minutos de uma outra grande via que é a A24, ali em Lamego. A nossa centralidade permite-nos poder potenciar um conjunto de iniciativas. Nós criamos há bem pouco tempo um segundo espaço empresarial, cerca de um ano na aldeia de Ferreira. E agora criamos outro há cerca de três anos aqui em Sernancelhe, e está praticamente cheio. É um espaço empresarial moderno, do século XXI, que ostenta um conjunto de investimentos privados, como metalomecânica e empresas de captação de empresas estrangeiras, nomeadamente uma que vem de França, uma multinacional, entre outras que nós temos ali de transformação, diz bem da capacidade que nós temos. A construção civil tem tido uma força enorme no nosso território e depois a agroindústria onde temos a castanha e a maçã como principais produtos de excelência, também temos a batata e a cebola. Eu acho que do grosso e daquilo que já hoje tem uma imagem forte no estrangeiro é a maçã e com toda a certeza a nossa castanha. A agroindústria, nessa matéria, tem muitos postos de trabalho e com toda a certeza contribuímos muito para aquilo que é a balança comercial, com uma percentagem positiva porque são produtos que nós exportamos e muito. Depois, a região onde estamos inseridos administrativamente que é a região demarcada do Douro, a CIM do Douro, que associado ao vinho e à cooperativa de Moimenta da Beira a exportação destes produtos que são produtos da terra,

contribui. Nós somos os grandes contribuintes para uma percentagem positiva daquilo que devia ser a balança comercial portuguesa.

Mas estão abertos ao investimento?

Com certeza que sim. A principal bandeira do concelho de Sernancelhe é, sem dúvida, a economia. Eu acho que se um concelho for vivo, se o concelho tiver a vitalidade suficiente nos seus empresários, se o município tiver esta visão de acompanhar aquilo que é a dinâmica económica, as questões sociais ficam mais resolvidas, há problemas sociais onde há desemprego e nós temos dificuldade, em ter gente para trabalhar nas empresas aqui sedeadas. Nós estamos a desenvolver um projeto juntamente com uma empresa especializada para captação de trabalhadores para Sernancelhe, com um conjunto de iniciativas que muito em breve irei divulgar, estamos primeiro a preparar regulamentos e a criar a componente legal para esse tipo de apoios, para quem queira vir trabalhar para Sernancelhe, apoios à habitação, apoios sociais, apoios na escola para quem tiver filhos, estamos a criar um número significativo de apoios para captar pessoas para viver em Sernancelhe. Nós temos de tudo, não há nada que a cidade tenha, a não ser mais carros e mais prédios de 20 e 30 andares, do que nós temos aqui. Nós temos as mesmas coisas que eles têm, mas não na mesma dimensão. Por isso é fácil poder viver no interior. Haverá aqui uma ou outra lacuna que é preciso resolver, nomeadamente na questão das telecomunicações que são fundamentais para um conjunto de empresas e profissões, mas é certo que esse caminho há-de ser feito agora com a instalação do 5G. Acho que a componente económica é para o município de Sernancelhe, para o executivo que eu tenho a honra de presidir, a componente mais importante e aquela onde nós temos dedicado grande parte do nosso orçamento e, obviamente, nós não nos temos arrependido. Eu acho que tem superado as expectativas e que enquanto pudermos apostar na componente económica estamos, de certa forma, a desviar um conjunto de problemas sociais que podiam existir e assim não existem, porque havendo trabalho há economia e havendo economia as famílias vivem razoavelmente bem. Precisaríamos que as pessoas ganhassem mais, o país não tem condições para tal, mas que no mínimo vivam felizes.

Sendo também um concelho de emigrantes, deixe uma mensagem de Natal dirigida às comunidades portuguesas.

Quero desejar a todos eles um Natal feliz, tendo em conta as circunstâncias que nós estamos a viver. Se cada um de nós transportar dentro de si, no seu coração, aquilo que são os nossos familiares, os nossos amigos no momento em que estamos a partilhar a mesa apenas com as pessoas mais próximas da casa, se os conseguirmos envolver no nosso pensamento, no nosso coração acho que estamos a fazer o suficiente para viver o Natal minimamente feliz nestas circunstâncias excepcionais. Acima de tudo quero passar uma mensagem de esperança. Eu acho que essa é a parte mais importante e



que saibamos, como sempre soubemos nestas alturas, fazendo este exame de consciência e dizer que nós vivemos sempre de dificuldades, tivemos sempre grandes adversidades e foi através das dificuldades e das adversidades que o povo português arranhou sempre grandes oportunidades e de muito sucesso. E o que eu espero para este Natal, para todos eles, é uma mensagem de paz, uma mensagem de harmonia, de solidariedade, mas, acima de tudo, de esperança de ultrapassarmos este vírus que nos invadiu a todos, mas que eu espero que no Natal de 2021 possamos abraçar as nossas famílias e provar o maravilhoso bacalhau cozido com batata cozida e couve à volta de todos, com saúde, que é o mais importante. Muito obrigado a todos e um feliz Natal.

Venda online de castanha foi um sucesso

Depois do presidente Carlos Silva Santiago, a Lusopress conversou com o vereador Armando Mateus sobre uma iniciativa de grande sucesso que o concelho de Sernancelhe desenvolveu.

Este ano a Festa da Castanha foi diferente. Por causa das restrições da pandemia, que limitam os eventos tradicionais, surgiu a oportunidade de inovar, de fazer diferente, mantendo a essência do certame, o seu reconhecido sentido cultural, a valorização dos produtos, dos produtores e da marca Sernancelhe Terra da Castanha.

Como surgiu o projeto da venda online de castanha?

Este ano, pela força da pandemia, e pela dificuldade em realizar este evento presencialmente, tivemos que nos reinventar e pensar numa solução que pudesse ajudar, assim como evento físico, a escoar o nosso produto, que é a castanha martaíinha, e também ajudar os produtores de castanha. A festa presencial tem mais de 100 expositores e a não realização do certame que recebe mais de 50 mil visitantes era um problema não só económico, mas também social e de ausência de cultura.

Como tal, em parceria com os CTT que nos apresentou esta proposta e este formato de feira digital, este showroom digital, que trabalha em articulação com uma grande plataforma digital nacional que é a Dott.pt. A feira digital passou por conceber uma embalagem completamente personalizada, que valorizasse o produto, com a denominação da Terra da Castanha, onde era colocado um saco com castanhas na versão de 5 ou 2 kg. Comodamente chegavam a casa das pessoas as castanhas calibradas, de qualidade máxima e no interior era colocado um livro com todo o histórico do concelho e com indicação de onde dormir, onde fazer uma refeição, o que visitar, que percursos existem e um voucher com desconto de 10% na restauração e hotelaria e uma prova degustativa na Loja Interativa de Turismo. Isto é para quem receber a embalagem em casa que fique com vontade de outra oportunidade de visitar o concelho e disfrutar de todas estas oportunidades e ofertas.

Quando abrimos a campanha e começamos a publicitar, as vendas de pré-compra dispararam automaticamente e fomos avisados que em 24 horas tínhamos vendido uma tonelada de castanhas. Isto antecipava algum sucesso. No final da campanha, que durou cerca de três semanas, atingimos a venda de 15 toneladas de castanha. Vendemos praticamente a mesma quantidade de castanhas que venderíamos numa feira física, presencial, com os tais 50 mil visitantes. Com esta plataforma conseguimos preencher uma lacuna que ia ficar nos produtores e valorizamos uma marca e o produto.

Este produto só foi comercializado para Portugal e ilhas. Chegou a todos os cantos de Portugal. Quanto mais distanciados mais procura existia, muito nos centros urbanos, mas também onde se encontrou maior número de clientes virtuais foi na região de Lisboa. Temos uma comunidade muito presente em Lisboa, naturais de Sernancelhe com família em Lisboa, e isso justifica um pouco. Não houve a possibilidade de comercializar para o estrangeiro, para os nossos



Armando Mateus, vereador da Câmara Municipal de Sernancelhe



mercados da saudade, mas as mensagens eram imensas porque queriam também receber. Tivemos de arranjar uma solução com empresas armazenistas e empresas de transporte que efetuavam essas vendas. Para o ano vamos criar a solução para expedir este produto para o estrangeiro. Este projeto é apoiado pela câmara municipal, mas depois quem o executa é a Associação Sementes da Terra.

Agora o conceito está a ser replicado com outro tipo de produtos?

Temos a plataforma disponível e vamos agora lançar outros produtos para a época de Natal. Temos uma caixa na Dott para a venda de Natal com alguns produtos de excelência que temos. Chamamos caixa premium, de saber e sabores da Terra da Castanha, onde vai incluir duas versões: numa versão tem uma garrafa de vinho tinto produzido em Ferreirim, um frasco de mel de flor de castanheiro e um sabonete da mesma flor de castanheiro. A opção dois é em vez do vinho uma garrafa de azeite, tão típico na noite de Natal. A campanha vai ter um propósito que é o Natal, vamos depois validar o tempo que irá ficar online, consoante a procura. **L**



Magical Garden ilumina o Jardim Botânico Tropical de Belém

O espectáculo luminoso que tomou as noites do Jardim Botânico Tropical, junto ao Palácio Nacional de Belém, em Lisboa, está em exibição até 10 de Janeiro.



São “mais de 20 experiências de luz, ambientes sonoros, projecções de video mapping e até um mundo de dinossauros iluminados”. É um pequeno resumo para tanta luz: o show do atelier OCubo tornou o lisboeta Jardim Botânico Tropical um Jardim Mágico junto aos jardins do Palácio Nacional de Belém. Anunciado como “uma volta ao mundo sensorial e interactiva”, oficialmente baptizado de Magical Garden, o espectáculo estará em cena até 10 de Janeiro. O percurso iluminado prolonga-se por um quilómetro e o trajecto evidencia algumas das espécies bo-

tânicas tropicais que vivem no jardim. Para ajudar ao efeito são usadas “mais de 300 lanternas e milhares de lâmpadas LED, bem como hologramas, esculturas de luz ou até mesmo experiências interactivas”, além de “vários ambientes sonoros temáticos”. Os mais pequenos irão arregalar os olhos com as recriações de dinossauros e outros animais selvagens luminosos, entre elefantes, tigres e leopardos. Na fachada do Palácio dos Condes da Calheta há video mapping, dedicado a evidenciar as espécies do herbário do jardim. **L**



Salle Martins



Profitez d'un lieu de réception exceptionnel, nous serons à votre disposition pour que vous puissiez passer un moment inoubliable avec tous vos convives.

A votre disposition, une grande salle pouvant accueillir confortablement 220 personnes en repas assis. L'espace est modulable et aménageable selon vos désirs pour convenir au mieux à vos attentes grâce à l'installation de tables rondes et d'un espace piste de danse.

Sur place 10 chambres climatisées, un appartement et un studio vous attendent afin que vos convives puissent dormir sur place et profiter du calme des lieux.

Accessible PMR



Facebook @sallemartins

Tel. : 03 26 58 85 05

Port. : 06 76 63 48 35

17 rue de L'église

51700 Baslieux-Sous-Châtillon



“A nossa boa e rica cozinha portuguesa”



Crónica de Victor Ferreira

Para continuar a nossa longa viagem ao reino das especiarias, condimentos e plantas aromáticas, hoje vou falar da Alcaparra.

A Alcaparra (nome científico *Capparis Spinosa*) é um arbusto rasteiro aromático da família das Caparidáceas.

Originário da Ásia, o arbusto foi trazido pelos Gregos para a região mediterrânea e o seu nome vem do árabe Akcabbar.

Introduzido na Península Ibérica entre os séculos XV e XVI, é um arbusto com frutos (bagas carnudas) e talos espinhosos que podem atingir um metro ou mais de comprimento. De folhas grandes e arredondadas nas quais nascem na sua base grandes “estames” com flores de cor branca.

O botão da flor da Alcaparra é conservado em salmoura de vinagre e sal, sendo um ingrediente comum da cozinha mediterrânea.



A Alcaparra na culinária Mundial

Os seus frutos são utilizados na preparação de molhos e avinagrados, pastéis de carne, peixe, Bacalhau e marisco.

O seu uso mais comum é em saladas, pizzas e massas sendo indispensável na preparação do famoso molho tártaro (sauce tartare).

Na cozinha Italiana é um ingrediente muito popular entre os apreciadores do macarrão com molho de anchovas, mais conhecido como (Salsa Puttanesca).

De sabor marcante e aroma inconfundível, ácido e ao mesmo tempo doce.

A alcaparra é um condimento muito apreciado na cozinha mundial em geral e na culinária mediterrânea em particular.

Em França é muito apreciada na preparação de carnes e peixes crus e entra em muitos molhos sendo até servido como aperitivo.

Torradas com molho de Alcaparras

Receita:

Ovo cozido cortado em pequenos cubos, um pouco de mostarda, uma colher de azeite, salsa e alcaparras cortadas misturam tudo bem e servir sobre o pão torrado.



Curiosidades:

Os romanos conservam as Alcaparras em sal e vinagre, e foram eles que a levaram para a Espanha, França, Grécia e para a região da Sicília (Itália).

Na antiguidade, o seu sabor bem característico era utilizado para “mascarar” o sabor rançoso das carnes já passadas.

Em Trás-os-Montes, “Alcaparras” é o nome comum para as azeitonas partidas e destrozadas.

A colheita da Alcaparra é feita de forma manual e a baga (fruto) é exposto ao sol durante um dia inteiro para que perca um pouco da sua água. As bagas mais pequenas são mais apreciadas e o seu valor no mercado é superior.

Para a sua conservação é utilizada uma mistura de vinagre e sal (salmoura) que faz realçar, o seu sabor e os aromas.

A Alcaparra, pode ser utilizada cortada ou inteira e como a maioria



das plantas aromáticas, nunca se deve coloca-la no início do cozinhado, mas sim no final para que o sabor seja mantido.

As propriedades medicinais da Alcaparra

O ácido cáprico é o seu

elemento ativo mais importante e um estimulante para o apetite.

Na antiga Grécia a Alcaparra era utilizada como calmante. As suas virtudes para a saúde são pouco conhecidas dos consumidores, mas ela é um:

- antioxidante, diurético e melhora a circulação sanguínea.
- anti-diabético e anti-ártrico, tem características imunitárias, anti-inflamatórias e anti-cancerosas.

A Cultura da Alcaparra

A Alcaparra é um arbusto rasteiro selvagem que nasce naturalmente em toda a região do Mediterrâneo junto dos silvados (amoras) e rochedos. Prefere os solos áridos e com bastante luz solar, o seu sistema de raízes é profundo como o da Oliveira e suporta temperaturas negativas (-21) e altas (+ 40).

A sua cultura é mais praticada em Espanha e na África, mas outrora o sul da Rússia era um grande produtor e exportador de Alcaparras. Em 2005 os principais países exportadores foram: Marrocos, Espanha e França, mas actualmente a Turquia e Marrocos lideram a produção anual com mais de 50%.

A Espanha, Síria e o Irão em conjunto produzem 30% da produção Mundial total.

A Alcaparra na cozinha portuguesa e francesa

Em Portugal a alcaparra não é bem conhecida como condimento nem muito utilizada na cozinha caseira e tradicional mas existem algumas receitas com peixes onde ela entra para dar o sabor “ácido e doce” como os lombos de bacalhau fresco no forno, o salmão ou a pescada. Mas é no bife-tártaro (carne crua e ovo cru) que ela é um

AGÊNCIA FUNERÁRIA FERNANDO ALVES



Nós temos sido escolhidos por famílias que têm morado cá durante gerações, pessoas como você que têm vindo a conhecer e a confiar em nós ao longo dos últimos 40 anos.

As nossas raízes continuam aqui na comunidade e nós continuaremos a ser ...

« a nossa família a tomar conta da sua ».

✦ **Especialistas em Translações de defuntos para PORTUGAL e para todo o mundo.**

✦ Funerais em Paris, arredores e província .

✦ Tratamento da documentação.

✦ Atendimento 24h/24h

Entreprise Funéraire Générale
18, rue Belgrand – 75020 Paris
Contacto: Elodie Andrade Alves

Tél: 01.46.36.39.31
06.07.78.72.78
06.81.07.95.52
alves7@wanadoo.fr
www.alvesefg.com



dos ingredientes aromáticos principais. Geralmente os portugueses consideram a Alcaparra como um pikles, mas apesar da sua conservação ser idêntica (sal e vinagre) o sabor é inconfundível e pouco tem de comum...

Os franceses são grandes apreciadores desta iguaria que produziram e exportaram em grande quantidade, o seu sabor “aigre-doux” é um dos seus aperitivos preferidos e o condimento fundamental para temperar carnes, peixes crus, saladas e receitas tradicionais.

A Alcaparra é o principal elemento de certos molhos, em particular dos famosos Tártaro e Gribiche.

O segredo para obter o melhor resultado na utilização das alcaparras, está no tamanho das suas (bagas) e na escolha do momento para as introduzir nos alimentos cozinhados, como todas as plantas aromáticas ela suporta mal o calor que a faz perder muitos dos seus aromas, geralmente, é cortada ou inteira crua que a sua ação como condimento obtém os melhores resultados.

Este mês a receita que preparei para os leitores da Lusopress Magazine é a maneira de recordar o que foi um dos grandes clássicos da cozinha francesa Aile de Raie poêlée au beurre noire et câpres (Asa de Raia com molho de manteiga e Alcaparras).



Receita do mês

Asa de Raia com molho de manteiga e alcaparras

Para 4 pessoas.

4 Asas de Raia (médias)
sem a pele negra.
12 Batatas (médias)
250 gr. de Cogumelos
250 gr. de Brócolos
2 Tomates (médios)
100 gr. de manteiga
2 dl de Azeite
1 dl de vinagre de vinho tinto
20 gr de Alcaparras (conserva)
Sal e Pimenta

Preparação:

Corte as asas da Raia em duas, coloque-as dentro de uma caçarola e cubra de água, leve ao lume e deixe até a água ferver. (retire e reserve).

Ponha as batatas sem pele e os brócolos dentro da água onde cozeu a Raia e deixe cozer.

Lave os cogumelos, retire o pé e ponha-os numa frigideira com um fio de azeite até ficarem bem fritos, retire e reserve.

Volte a por um fio de azeite na frigideira, coloque os tomates em rodela até alourar, retire e reserve.

Limpe a frigideira, ponha o Azeite restante e leve ao lume forte.

Coloque a Raia do lado sem pele sobre o azeite quente e deixe alourar bem dos dois lados.

Retire a Raia e disponha-a no prato.

Ponha uma caçarola ao lume com a manteiga e deixe derreter até começar a alourar, junte o vinagre e as alcaparras inteiras mexa bem até a manteiga atingir a cor “café” retire e cubra a Raia com o molho.

Apresentação: (ver foto)

Distribua os cogumelos, brócolos e as batatas em função da forma do prato e decore com um raminho de alecrim em fleur. Acompanhe com o Vinho Maximo's tinto.

Boas festas, sejam felizes e cuidem de vós.
Bom apetite e até à próxima.

Victor Ferreira

COPIADORA

LOCATION - VENTE - MAINTENANCE

Copieurs - Imprimantes - Multifonctions - Scanners - Fax
Intégrateur de solutions d'impression et de gestion documentaire
Solutions d'Archivage - Consommables



**Une équipe professionnelle à l'écoute de vos besoins et qui vous accompagne
dans la nouvelle ère «zéro papier»**

Copiadora, l'expert bureautique à votre image



**CARNEIRO (21/3 a 20/4)**

A Lua entra em sua fase minguante e alguns problemas mal digeridos relacionados à sua carreira começam a ficar mais claros e são deixados para trás. Procure relaxar e espere alguns dias para começar algo novo.

**LEÃO (21/7 a 22/8)**

A Lua Minguante em Capricórnio mostra que algumas questões de trabalho que afligiam você ficam para trás, ou um novo projeto pode mostrar-se inviável. Procure relaxar os próximos dias. Busque o equilíbrio.

**SAGITÁRIO (22/11 a 21/12)**

Vai entrar num período em que pede cuidado com os gastos e controle rígido com suas finanças. Não se envolva em novos investimentos durante este mês. Sentimentos de ciúme e posse tendem a ficar para trás

**TOURO (21/4 a 20/5)**

A Lua situada em Capricórnio e assuntos relacionados a negócios e contatos com o estrangeiro perdem a força. Espere alguns dias para decisões definitivas e apenas observe o caminho que as energias desenharam

**VIRGEM (23/8 a 22/9)**

Neste período começa a equilibrar algumas questões de relacionamento que tiraram seu sono nas últimas semanas. É hora de colocar os pontos nos is de maneira tranquila e com muita conversa.

**CAPRICÓRNIO (22/12 a 20/1)**

A Lua Minguante em seu signo pede que diminua o ritmo e busque momentos de relaxamento. Problemas relacionados ao amor e à carreira devem ser deixados para trás. Não comece nada durante esta altura.

**GÊMEOS (21/5 a 20/6)**

As suas emoções se tornam mais tranquilas, apesar da introspecção e pensamento profundo. A sensação de crise e necessidade de mudanças começa a ficar para trás. Uma sociedade ou parceria pode não ter dado certo.

**BALANÇA (23/9 a 22/10)**

Vai começar a melhorar o stress causado por problemas domésticos nos últimos tempos. Procure relaxar, se possível em sua casa e procure momentos de solidão, sem barulho nem exigências

**AQUÁRIO (21/1 a 19/2)**

Afastese do burburinho social. Momentos de introspecção e reflexão podem ser bastante saudáveis durante este mês. Relaxe. e aproveite para passear o mais que puder.

**CARANGUEJO (21/6 a 20/7)**

Neste mês começa a deixar para trás questões de relacionamentos que desequilibraram sua vida nos últimos dias. O momento é de maior tranquilidade e paz. Não comece nada nos próximos dias.

**ESCORPIÃO (23/10 a 21/11)**

Este mês vai trazer mais paz e sossego especialmente ao seu mundo mental. Procure meditar e fazer exercícios de relaxamento. Descanse se for possível e não se envolva em problemas que não são seus.

**PEIXES (20/2 a 20/3)**

Vai entrar numa altura de amenizar problemas enfrentados em equipes ou grupos. Um projeto pede certo distanciamento de sua parte durante alguns dias. A fase é de introspecção e afastamento da vida social.





FRANCE <-> PORTUGAL

La solution pour vos transports...

A solução para os seus transportes...

Transports journaliers, France / Portugal
Deux sites (au Nord et au Sud de Paris),
espaces de stockage sécurisés
Des solutions logistiques pour vos
transports.



SERVIÇO ESPECIAL EMIGRANTES

A PARTIR DE 10€

Carros • Malas • Cartões • Garrações



FRANCE

65 Avenue de Valenton
94 450 Limeil Brévannes
Téléphone : 01.45.98.91.68
Fax: 01.45.98.21.25
E-mail: exploit@europe-express.fr



PORTUGAL

Rua Cabo das Casas
2150-028 Azinhaga - Golegã
Tel. 249 957 085
Fax 249 957 062
E-mail: geral@europe-express.pt

Disponibile 24h/24h et 7j/7j ■ 24 horas por dia, 365 dias por ano.

PORTUGUÊS NO COLLÈGE

Escolher PORTUGUÊS em 6ème

O **Português** é a escolha que fará a diferença!

Escolher a **bilangue anglais-portugais** permite começar duas línguas em 6ème.

Aprender uma língua é ótimo, aprender duas é ainda melhor!

Votre enfant va entrer au collège ? Il ne sait pas quelle langue choisir ?

*Qu'il n'hésite plus et qu'il prenne la **bilangue anglais-portugais** !*

La bilangue anglais-portugais permet aux élèves de commencer deux langues dès la sixième.

Apprendre une langue, c'est bien, en apprendre deux, c'est mieux ! Alors n'hésitez plus et choisissez la sixième bilangue !

Como fazer

Se no *collège* não há Português ?

- Faça uma **lista de pelo menos 15 alunos** que irão para o mesmo **collège de secteur** e que querem aprender português.
- **Escreva ao Principal** do *collège*, enviando a lista de alunos e pedindo a abertura de uma turma **bilangue inglês-português** e dizendo por que razão é importante, para estes alunos, aprender Português.
- Envie o mesmo pedido com a lista de alunos para o **Directeur Académique da DSDEN** (Inspeção Académica) e para o **inspecteur pédagogique régional en charge du Portugais** (ver contactos no site da Coordenação do Ensino Português: www.epefrance.org)

O **Conselho de Administração do collège** reúne, **antes de dezembro**, para escolher as línguas que vão ser ensinadas no ano seguinte e comunica ao **Rectorat** que decide e estabelece o mapa das línguas do departamento.

Comment faire

si le *collège de secteur* ne propose pas le Portugais ?

Agissez dès maintenant !

- *Préparez une liste d'au moins 15 élèves qui vont dans le même collège de secteur et qui veulent apprendre le Portugais.*
- *Écrivez au Principal du collège pour solliciter l'ouverture d'une bilangue anglais-portugais ! envoyez-lui la liste et présentez-lui les raisons pour lesquelles il est importante pour ces enfants d'apprendre le portugais.*
- *Envoyez une copie de la lettre et de la liste au Directeur Académique du département (DASEN) et à l'Inspecteur pédagogique régional en charge du Portugais (.*

Le **Conseil d'administration** du *collège* fait son choix des langues pour la rentrée suivante **avant décembre** et l'envoie au **Rectorat** qui décide de la carte des langues pour le département.

Coordination de l'Enseignement Portugais en France
6 Passage Dombasle 75015 Paris
Email: cepe.franca@camoes.mne.pt
Tel.: 01.53.68.78.53

CAMÕES
COORDENAÇÃO
DO ENSINO PORTUGUÊS
NO ESTRANGEIRO
PORTUGAL
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS

Os nossos pais e avós apoiam
os Lusitanos de Saint Maur

NÓS TAMBÉM!



FORÇA LUSITANOS

Tiffany Rodrigues
Candidata

Fiona Duran
2ª Dama de Honor 2019

Lidy Alves
Miss Portuguesa 2019



47 Boulevard des Corneilles, 94210 Varenne Saint Hilaire (La)
Tel : +33 1 48 89 22 70
Manuel dos Santos +33 6 11 42 23 71
partenairesac@gmail.com



PRIM LAND
Depuis 1988

Primeur, Traiteur, Boucherie, Epicerie, charcuterie et Cremerie



**Prim'Land, empresa de renome desde 1988 continua a evolir, venha descobrir as nossas novas instalações.
Brevemente...**



  @PrimlandRomainville
 Contact@PrimlandRomainville.fr
 +33 (0) 1 49 88 06 85



88 Boulevard Edouard Branly, 93230 Romainville